

GILCÉA MARIA BORBA COSTA

CRISE DE IDENTIDADE DOCENTE

Orientador: Professor Doutor Manuel Tavares

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Instituto de Educação

Lisboa
2012

GILCÉA BORBA

CRISE DE IDENTIDADE DOCENTE

Dissertação apresentada para a obtenção do Grau de Mestre em Ciências da Educação no Curso de Mestrado em Ciências da Educação, conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Orientador: Prof. Doutor Manuel Tavares.

Co-Orientador: Prof. Doutor Leonardo Rocha.

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Instituto de Educação

Julho 2012

EPÍGRAFE

IDENTIDADES...

RECORDO AINDA

Recordo ainda... e nada mais me importa...
Aqueles dias de uma luz tão mansa
Que me deixavam, sempre, de lembrança,
Algum brinquedo novo à minha porta...

Mas veio um vento de Desesperança
Soprando cinzas pela noite morta!
E eu pendurei na galharia torta
Todos os meus brinquedos de criança...

Estrada fora após segui... Mas, ai,
Embora idade e senso eu aparente,
Não vos iluda o velho que aqui vai:

Eu quero meus brinquedos novamente!
Sou um pobre menino... acreditai...
Que envelheceu, um dia, de repente!...
(Mário Quintana)

JOSÉ

E agora, José?

*A festa acabou,
a luz apagou,
o povo sumiu,
a noite esfriou,
e agora, José?
e agora, você?
você que é sem nome,
que zomba dos outros,
você que faz versos,
que ama protesta,
e agora, José?*

*Está sem mulher,
está sem discurso,
está sem carinho,
já não pode beber,
já não pode fumar,
cuspir já não pode,
a noite esfriou,
o dia não veio,
o bonde não veio,
o riso não veio,
não veio a utopia
e tudo acabou
e tudo fugiu
e tudo mofou,
e agora, José?*

E agora, José?

*Sua doce palavra,
seu instante de febre,
sua gula e jejum,
sua biblioteca,
sua lavra de ouro,*

*seu terno de vidro, sua incoerência,
seu ódio - e agora?*

*Com a chave na mão
quer abrir a porta,
não existe porta;
quer morrer no mar,
mas o mar secou;
quer ir para Minas,
Minas não há mais.
José, e agora?*

*Se você gritasse,
se você gemesse,
se você tocasse
a valsa vienense,
se você dormisse,
se você cansasse,
se você morresse...
Mas você não morre,
você é duro, José!*

*Sozinho no escuro
qual bicho-do-mato,
sem teogonia,
sem parede nua
para se encostar,
sem cavalo preto
que fuja a galope,
você marcha, José!
José, pra onde?*

(Carlos Drummond de Andrade)

DEDICATÓRIA

Aos meus pais,
Pedras angulares na construção da minha identidade.

AGRADECIMENTOS

Um trabalho desta natureza exige agradecimentos muitos; por terem sido vários os colaboradores para que ele se realizasse. Exige também reflexão... É um olhar para trás, saudoso..., aliviado. Foram noites mal dormidas, ansiedades, renúncias, a encontros, passeios e viagens. A conversa com os filhos adiada. Necessidades domésticas por esperar... Os refazer dos erros cometidos, as novas pesquisas, as reescrituras. Tudo objetivando alcançar o velho sonho de alimentar a alma de conhecimentos, de tornar-se um ser mais esclarecido e sensível aos problemas da humanidade. De não apenas passar pelo mundo, mas de por ele deixar um pouco da semente do bem.

O primeiro e especial agradecimento ao meu orientador, o exigente e meigo Doutor Manuel Tavares, pelo seu apoio, precisão e rigor acadêmicos, além de inquestionável competência profissional. Sem ele a me guiar, não haveria o que agradecer.

A Deus, meu incondicional amigo de todas as horas.

Ao meu pai, meu professor das primeiras letras e iniciação à escrita. Hoje meu anjo no cosmos, que sempre amparou sem superproteger, ensinou, com seu exemplo de trabalho e honestidade, que a realização dos sonhos se dá à custa de muita luta.

À mamãe, pelo seu amor e apoio ao meu trabalho.

Ao meu esposo pela compreensão de ter uma mulher, diversas vezes distante das questões triviais familiares, em apoio à mulher pesquisadora.

Aos meus filhos Daniel e Dara, meus diamantes mais raros, pelo incentivo à retomada dos estudos.

Aos colegas da turma “D” guerreiros, trabalhadores, professores, pais, mães, escritores, sindicalistas e eternos estudantes pelo companheirismo.

Aos meus colegas e gestores da Escola Municipal Doutor Rodolfo Aureliano; profissionais que praticam diariamente, com muita seriedade e competência, a boa educação aos filhos da classe popular.

Aos meus colegas da Escola Torquato de Castro, que caminham na busca de um ensino sério e de qualidade para nossos educandos.

Ao meu amigo Abenilzo Dantas pela revisão final do trabalho.

Aos professores que participaram da entrevista, pela sua contribuição e enriquecimento à pesquisa.

Aos meus alunos da Escola Municipal Doutores Rodolfo Aureliano, jovens que me ensinaram a ter um olhar mais educador do que professor. Adolescentes que o mundo tenta “excluir”, mas que representam para mim um motivo de realização e orgulho profissionais.

Enfim a todos que me ajudaram e apoiaram na construção deste trabalho.

RESUMO

Esta pesquisa versa sobre a crise de identidade docente e tem como objetivos averiguar de que maneira o professor do ensino fundamental, na rede pública de ensino, vem ressignificando sua atuação docente, frente a um contexto de profundas mudanças, nos padrões de autoridade estabelecidos pela sociedade; investigar o contexto social da pós-modernidade, relacionando-o à educação e compreender as razões do desprestígio profissional que os professores sofrem na atual conjuntura. Essa temática se insere no debate sobre as identidades presente nas produções nacionais e estrangeiras inseridas nas obras de Nóvoa (1999), Lopes (1999); Sacristán (1999) Dubar (2005, 2006), Hall (1999) entre outros. Para seu desenvolvimento estabelecemos como percurso metodológico a abordagem qualitativa, como técnica de análise de dados a análise do conteúdo, apresentada por Bardin (2011), que oferece seu trabalho como um guia ao pesquisador. Trabalhamos com questionário de identificação dos professores e entrevista, aplicada a oito docentes de duas escolas de cidades e redes de ensino diferentes. Como resultados encontramos, nos depoimentos dos professores, incertezas em relação ao exercício do seu trabalho, angústias nos relacionamentos com os discentes, sentimentos contraditórios em relação à profissão, questionamentos associados à formação docente, dificuldade em transpor as teorias adquiridas nas formações à prática, sensação de impotência perante a atual reputação profissional docente.

PALAVRAS-CHAVE: Professor, Identidade, Crise.

ABSTRACT

This research is about the crisis of teaching identity and aims to ascertain the way that elementary school teacher, in public schools, has been given a new meaning to his/her work in a context of deep changes, in the authority patterns established by society; investigate the post modernity social context related it to education and comprehend the reasons of professional discredit that teachers have in the current conjuncture. This subject is into the debate about identities present in the national and international productions in the studies by Nóvoa (1999), Lopes (1999), Sacristán (1999), Dubar (2005, 2006), Hall (1999), and others. To develop the research we established the qualitative approach, and the content analysis as the technical of data analysis presented by Bardin (2011), who offers his work like a guide to the researcher. We used the questionnaire to identify the teachers and the interview applied to eight teachers from two different schools, cities, and education networks. As results we found, by the teachers' testimony, uncertainties related to the profession, anxieties in relationships with students, contradictory feelings related to profession, questions about teaching formation, difficulties in bringing the theories acquires in the formations to the practice, sensation of powerless before the current reputation of professional teaching.

KEYWORDS: Teacher – Identity – Crisis.

ÍNDICE GERAL

INTRODUÇÃO

CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1. O período pós-moderno e uma identidade em crise.	22
1.1. Características do período Pós-moderno.	22
1.2. Conceitos de identidade.	28
1.3. A identidade sob a visão sociológica.	39
1.4. Reflexões sobre história da crise e identidade do docente.	42
1.5. Alterações de identidade: O caso inglês.	61
1.6. O mal-estar docente e autoconceito profissional.	64
1.7. O Eu e o Nós: identidades presentes nas civilizações.	65
1.8. A realidade educativa atual.	67

CAPÍTULO II - O PERCURSO METODOLÓGICO

2. 1. Considerações e opções metodológicas.	73
2.2. Tipo de estudo.	73
2.3. Os sujeitos da nossa pesquisa.	75
2.4. Contextos de estudo e caracterização geral das escolas.....	78
2.5 Instrumentos para coleta de dados.	84
2.6. O guião de entrevista.....	84
2.7. Procedimentos adotados para a coleta de dados.	85
2.8. Análise dos dados.	86
2.9. Limitações apresentadas pela investigação.....	87

CAPÍTULO III - DESCRIÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

3. Resultados da Análise.	89
3.1. Pós-modernidade.	90
3.2. Motivo de escolha da profissão.	91
3.3. Desafios da profissão.	92
3.4. Importância do trabalho para o professor.	94
3.5. Fatores que motivam e desmotivam o trabalho docente.	95
3.6. Responsabilidade social do professor.	97
3.7. Formação continuada.....	98

3.8. Influência da formação na prática docente.	102
3.9. Profissionalidade docente.	102
3.10. Atividades mais importantes do professor.	103
3.11. Código deontológico.	105
3.12. Culpabilidade atribuída aos professores.	106
3.13. Crise profissional.	108
 CONSIDERAÇÕES FINAIS E CONCLUSÕES.....	 113
 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.	 119
 APÊNDICES.	
 I. Guião de entrevista.	 i
II. Solicitações de autorizações para realizar entrevistas	vi
III. Respostas ao pedido de autorização para entrevista a professores	xii
IV. Relação dos objetivos específicos do trabalho com as questões do guião de entrevista.....	xv
V. Grades de análises das entrevistas.	xviii

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1- Caracterização dos participantes do estudo.....	77
Quadro 2- Caracterização dos participantes do estudo.....	77
Quadro 3- Docentes, estagiários, técnicos e administrativos	79
Quadro 4 - Habilitação do pessoal docente	80
Quadro 5 - Funcionários terceirizados	80
Quadro 6 - Caracterização dos recursos físicos da escola 2	80
Quadro 7 - Caracterização dos funcionários da escola 2	81
Quadro 8 - Habilitação do Pessoal Docente	81
Quadro 9 - Funcionários terceirizados	81
Quadro 10 - Caracterização dos recursos físicos da escola 2	82
Quadro 11 – Categoria e subcategorias de análise da questão 1 da entrevista	90
Quadro 12 – Categoria e subcategorias de análise da questão 2 da entrevista	91
Quadro 13 – Categoria e subcategorias de análise da questão 3 da entrevista	93
Quadro 14 – Categoria e subcategorias de análise da questão 4 da entrevista	95
Quadro 15 – Categoria e subcategorias de análise da questão 5 da entrevista	96
Quadro 16 – Categoria e subcategorias de análise da questão 6 da entrevista	97
Quadro 17 – Categoria e subcategorias de análise da questão 7 da entrevista	99
Quadro 18 – Categoria e subcategorias de análise da questão 8 da entrevista	101
Quadro 19 – Categoria e subcategorias de análise da questão 9 da entrevista.....	102
Quadro 20 – Categoria e subcategorias de análise da questão 10 da entrevista.....	104
Quadro 21 – Categoria e subcategorias de análise da questão 11 da entrevista.....	105
Quadro 22 – Categoria e subcategorias de análise da questão 12 da entrevista	107
Quadro 23 – Categoria e subcategorias de análise das questões 13 e 14 da entrevista	109

“A escola apresenta-se muitas vezes como uma instituição obsoleta aos olhos de agentes e forças culturais que necessitam de uma outra educação e que, portanto, tendem a pôr em causa e legitimidade dos professores, contribuindo para sua desprofissionalização”.

Gimeno Sacristán

INTRODUÇÃO

Este trabalho objetiva averiguar de que maneira o professor da rede pública de ensino, do ensino fundamental, vem significando sua atuação docente, frente a um contexto de profundas mudanças ocorridas na sociedade.

A partir dessa proposta, passamos a refletir não apenas sobre as questões que dizem respeito à identidade docente, iniciando pelo cenário pós-moderno, no qual o nosso objeto de estudo encontra-se inserido, para só posteriormente trabalharmos a crise de identidade.

Ao pensarmos em pós-modernidade, podemos afirmar que depois da revolução de maio de 1968 na França e dos movimentos de quebra com o ‘idealismo’ marxista, o mundo presenciou manifestações coletivas em busca de liberdade e novas concepções sobre o viver. Mulheres, trabalhadores e minorias sociais saíram em busca de seus espaços.

Na época da guerra fria, em que o mundo se dividia em dois blocos opostos e em conflito, havia padrões rígidos no campo político, nas relações sociais, nas relações individuais, nas concepções morais mundiais. Já por da dissolução do bloco do leste europeu, em 1991, as concepções sobre o mundo, no campo científico, econômico, teológico e, inclusive, comportamental, passaram a mudar o seu perfil e tomarem um novo rumo. Observemos o que relata Giddens (2005) sobre o fato:

O mundo em que agora vivemos não se parece muito com aquele que foi previsto, nem o vemos como tal. Em vez de estar cada vez mais dominado por nós, parece totalmente descontrolado – um mundo virado do avesso. Além disso, algumas das razões que levaram o homem a pensar que a vida se tornaria mais estável e previsível, incluindo os progressos da ciência e da tecnologia, tiveram por vezes efeitos totalmente opostos. (p.17).

Raymundo Lira aponta na Revista Espaço Acadêmico (2004) que Saviani, um expoente da filosofia da educação histórico-crítica com fundamentos marxistas, no Brasil,

reconhece no moderno apenas efeitos de um tempo de fragmentação, superficialidade, decadência da cultura, esvaziamento do trabalho pedagógico na escola. É bem verdade que a globalização conseguiu interligar pessoas de diferentes nações, mas não sem socializar a mediocridade e a violência praticadas atualmente.

Hoje se cultua o corpo como os antigos gregos, valorizam-se demasiadamente as aparências, muitos são os narcisistas, persegue-se o sucesso em detrimento das pessoas, teatraliza-se a realidade, vivendo-se a mentira de personagens criados ao vivo no MSN, no Orkut. As famílias se fragmentaram. Precisam-se monitorar pessoas, em estabelecimentos privados e públicos, porque já ‘não são dignas, respeitadas e honestas para viver sem vigilância’. Os jovens parecem não terem mais ideais. O mundo é incomparavelmente mais violento que antes, embora tenhamos mais facilidades tecnológicas e avanços científicos; isso não trouxe mais harmonia interior aos Homens. Hoje a humanidade sofre de novas enfermidades associadas à correria, à compulsão, ao trabalho excessivo, ao consumo de drogas.

Muitas empresas funcionam vinte quatro horas por dia. É preciso vender, é preciso consumir. É preciso “ter” a qualquer custo. Eis a ideologia maior da pós-modernidade.

Há-de se questionar se não seriam os antivalores da pós-modernidade produtos intencionais do capitalismo neoliberalista para neutralizar a capacidade das massas de refletirem sobre sua própria condição, sobre seus problemas.

Conforme anunciado do 2º parágrafo deste texto, o tema identidade surge a partir do objetivo do trabalho: “Averiguar de que maneira o professor do ensino fundamental, na rede pública de ensino, vem ressignificando sua atuação docente, frente a um contexto de profundas mudanças, nos padrões de autoridade estabelecidos pela sociedade”. Trata exatamente da identidade do docente de ensino fundamental.

Para trabalhar com tema identidade, consideremos primeiramente seu conceito extraído do dicionário Eletrônico Houaiss (2007): “Conjunto de características e circunstâncias que distinguem uma pessoa ou uma coisa graças às quais é possível individualizá-la”. Já Lipiansky (apud Aguiar, 2004) diz que a identidade é fenômeno complexo e paradoxal, porque assinala o que é único e diferente, embora semelhante aos outros.

Dubar apresenta uma visão do conceito de identidade que agrupa três posições: a essencialista, a nominalista e a das formas identitárias.

De acordo com a posição essencialista entende-se que o conceito de identidade está ligado às essências, ao que é imutável. Será através das essências que o ser, independentemente das mudanças que ocorram, será o mesmo.

A posição nominalista opõe-se à posição essencialista, porque, como nada é eterno, retomando Heráclito: “não é possível tomar banho duas vezes na mesma água do mesmo rio”; tudo estará sujeito à mudança, incluindo a própria identidade, em contato com grupos diversos. A identidade estará, portanto, sujeita a reações no contato com outras pessoas.

A posição das formas identitárias procura, a nosso ver, estabelecer o equilíbrio entre as posições anteriores. É o paradoxo de que fala Dubar (2005):

Identidade para si e identidade para o outro são ao mesmo tempo inseparáveis e ligadas de maneira emblemática. Inseparáveis uma vez que a identidade para si é correlata ao outro e a seu reconhecimento: nunca sei quem sou a não ser no olhar do outro. (p.135).

A identidade respeitará o que existe de único e o que é partilhado. Estaremos diante da dialética de identidade para si e identidade para os outros.

De acordo com Erikson (apud Lopes, 1999), a identidade não inicia e termina na adolescência. Ela prossegue ao longo da vida. A identidade de alguém passa por transformações, por exemplo, no período de intenso exercer da profissão e transforma-se no período de inatividade profissional. Tais transformações podem ser substanciais com o envelhecimento.

O mesmo autor afirma que o sentimento da continuidade temporal permite ao sujeito utilizar um processo de reflexão e observação, que são simultâneos. As crises são para ele, momentos de particular intensidade na reorganização do indivíduo. Esses momentos trazem perigos de desestruturação da identidade e oportunidade de uma reconfiguração dela com novas expectativas e novos contextos. Crises não têm um sentido negativo, mas nos permitirão evoluir.

As identidades sociais, como são as dos profissionais, são marcadas pelos aspectos do seu tempo, da sua cultura, da história de cada um, entre outros e constroem-se ao longo da sua trajetória profissional.

Percebe-se que as relações de emprego, nas sociedades modernas, têm sido cada vez mais fundamentais como construtor das identidades dos indivíduos.

No que se refere ao tema crise percebemos que vários sinais dela são apresentados como próprios do sujeito. Stuart Hall (2010) afirma que a questão da identidade é tema extensamente discutido na teoria social. Resume que a essência de tal discussão é a seguinte:

As velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. Assim a chamada crise de identidade é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social. (p.7).

As identidades modernas estão sofrendo uma mutação estrutural que está transformando-as, desde o final do século XX. Essas mudanças estão fragmentando panoramas culturais de classe, gênero, etnia e nacionalidade. Esses panoramas culturais, no passado, forneciam solidez para os indivíduos como seres sociais.

Consequentemente, as mudanças sociais afetam as ideias que as pessoas têm sobre si mesmas. Hall (2010) chama de deslocamento ou descentração o duplo deslocamento dos indivíduos, tanto do seu lugar quanto do seu mundo social e cultural, quanto de si mesmos e afirma que esses deslocamentos constituem uma crise de identidade para o sujeito, porque aquilo que ele tinha como certezas passa a constituir dúvidas e inseguranças. Em face de tal comportamento, ele define três tipos de sujeito, de acordo com sua identidade: o sujeito iluminista, o sociológico e o pós-moderno representado pelas seguintes características:

O conceito de sujeito iluminista baseava-se na concepção da pessoa como indivíduo centrado, uno, dotado de capacidades racionais, de consciência e ação. O seu núcleo interior surgia com o nascimento e apesar de desenvolver-se permanecia idêntico;

O sujeito sociológico espelha a complexidade do mundo moderno e a descoberta de que o seu núcleo interior - o “eu”-, não é independente e autossuficiente, mas formado das interações sociais; por isso, pode ser alterado no contato com os outros;

O sujeito pós-moderno está relacionado aos valores da modernidade tardia e da globalização e os impactos que causam sobre a sociedade de mudanças rápidas e constantes. De acordo com Giddens (2002) estas são as características que diferenciam as sociedades tradicionais das modernas.

Estudar/pesquisar sobre identidades tem sido foco de alguns trabalhos, nas últimas décadas. No caso deste trabalho, especificamente, foi necessário investigar: a identidade do

docente, personagem fulcral do processo educativo, o cenário no qual o professor está inserido e a crise que o acomete.

Ao refletirmos sobre as características da sociedade contemporânea, percebemos que a escola hoje espelha características e peculiaridades desta mesma sociedade. Hoje, sem substanciais modificações para conviver com a sociedade transformada, a escola parece obsoleta. Falta-lhe algo que os especialistas em educação não conseguem explicar com precisão o que seja. O fato é que ela não consegue mais atrair/envolver integralmente quem a procura. Seria por acaso a obrigatoriedade do ensino?

No Brasil, por exemplo, em época alguma tivemos tantos alunos matriculados nas escolas como atualmente. Porém, inversamente proporcional a essa procura está o interesse de quem a frequenta. Os índices de evasão e repetência são substanciais, demonstrando que a escola acolhe estudantes, porém não consegue desenvolver um trabalho que proporcione êxito escolar com considerável parte de matriculados.

Miguel Arroyo (2005) afirma no seu livro “Imagens Quebradas”, que os professores buscam, no seu imaginário, alunos ideais, os quais hoje representam imagens quebradas, perdidas no tempo de uma época em que a escola e o educador tinham um tipo de representação social para a comunidade que hoje não possuem mais.

Seria atrevimento nosso cogitar que, se a sociedade com a qual Paulo Freire conviveu na época da ditadura fosse como a atual, sua “Pedagogia do Oprimido” estaria mais relacionada ao professor do que ao aluno: Oprimido pelo sistema globalizado de uma política capitalista e neoliberal, que transforma em adversários aqueles que combatem pelos mesmos ideais. Oprimido pelos alunos, que os ameaçam, agredem, matam. Oprimido ainda por alguns pais, que não reconhecem a necessidade de obediência e respeito dos seus filhos aos educadores. Sacristán apud Nóvoa (1999) escreveu artigo denominado, Consciência e acção sobre a prática como libertação profissional dos professores, levando o leitor a crer que o docente, atualmente preso, precisa de libertação. Steve apud Nóvoa (1999) define:

Presentemente, observamos outra situação, igualmente injusta, em que o aluno pode permitir-se, com bastante impunidade, diversas agressões verbais, físicas e psicológicas aos professores ou aos colegas, sem que na prática funcionem os mecanismos de arbitragem teoricamente existentes. As relações nas escolas mudaram, tornando-se mais conflituosas, e muitos professores não souberam encontrar novos modelos, mais justos e participados, de convivência e disciplina. (p.107).

Os professores, hoje, são alvo de desrespeito pelo poder público através de sua política injusta de salários e exigências profissionais; pela sociedade ignara que desconhece o seu valor e pelo seu aluno, pertencente a “ciber geração”, fruto da sociedade descentrada e fluida que perdeu o referencial do educador como aquele capaz de encaminhá-lo, guiá-lo pela trilha do conhecimento.

A nossa intenção é pesquisar como os professores percebem sua atuação profissional em meio ao cenário já descrito nos parágrafos anteriores, pelo fato de ser um tema pouco explorado no Brasil, além do fato de percebermos nos contatos com diversos professores de diferentes escolas, que o mal-estar docente é real e afeta muito mais colegas do que imaginamos. Em face disso, pareceu-nos pertinente desenvolver um trabalho investigativo que também ouvisse os relatos dos próprios professores sobre si, sobre sua identidade profissional, e suas condições de trabalho, na perspectiva de que o trabalho realizado por eles, de modo consciente, possa colaborar com a história de seu povo e de seu tempo.

A problemática do nosso projeto de pesquisa questiona:

- De que maneira o professor do ensino fundamental, na rede pública de ensino, vem ressignificando sua atuação docente, frente a um contexto de profundas mudanças, nos padrões de autoridade estabelecidos pela sociedade?

Definimos como objetivo geral:

- Averiguar de que maneira o professor do ensino fundamental, na rede pública de ensino, vem ressignificando sua atuação docente, frente a um contexto de profundas mudanças, nos padrões de autoridade estabelecidos pela sociedade.

Como objetivos específicos elencamos:

- Investigar o contexto social da pós-modernidade, relacionando-o à educação.
- Compreender as razões do desprestígio profissional que os professores sofrem na atual conjuntura.

Assim sendo, ao considerarmos a problemática e os objetivos do estudo, pareceu-nos adequada uma abordagem de natureza qualitativa, porque ela se caracteriza, de acordo com Richardson (2009) “como a tentativa de uma compreensão detalhada dos significados e características situacionais apresentadas pelos entrevistados, em lugar de medidas quantitativas de características ou comportamentos”. (p.90).

Para a construção da dissertação utilizamos a organização em capítulos e orientamo-nos também pelo Despacho 101/2009 sobre Atualização de normas para elaboração de teses e dissertações da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

O primeiro capítulo contém o enquadramento teórico, subdividido em oito seções referentes aos esclarecimentos conceituais do tema trabalhado. Que são: (1) O período pós-moderno e uma identidade em crise; (1.1) Características do período Pós-moderno; (1.2) Conceitos de identidade; (1.3) A identidade sob a visão sociológica; (1.4) Reflexões sobre história da crise e identidade do docente (1.5.) Alterações de identidade: O caso inglês; (1.6) O mal-estar docente e autoconceito profissional; (1.7) O Eu e o Nós: identidades presentes nas civilizações; (1.8) A realidade educativa atual.

No segundo capítulo, estão contidas informações sobre a metodologia utilizada. Ele foi subdividido em nove seções assim apresentadas: (2.1) Considerações e opções metodológicas; (2.2) Tipo de estudo; (2.3) Os sujeitos da pesquisa; (2.4) Contextos de estudo e caracterização geral das escolas; (2.5) Instrumentos para coleta de dados; (2.6) Guião de entrevista; (2.7) Procedimentos adotados para coleta de dados; (2.8) Análise dos dados; (2.9) Limitações apresentadas pela investigação.

No terceiro capítulo são apresentados os resultados da análise dos dados das entrevistas, assim como as discussões das subcategorias resultantes das falas dos professores entrevistados. Estão presentes ainda, pequenos quadros, contendo as categorias e subcategorias das entrevistas. As subcategorias são apresentadas numeradas. As numerações de 1 a 8 equivalem à ordem e quantidade de docentes entrevistados. Fazemos observações referentes às respostas, enquanto recorremos aos teóricos trabalhados, a fim de dar mais consistência às nossas análises sobre as respostas dos professores.

O terceiro capítulo igualmente apresenta breves comentários nossos, estabelecendo ligação entre o discurso dos professores entrevistados e os teóricos. Elaboramos quadros, contendo as categorias e subcategorias de análise.

As categorias trabalhadas foram: 1ª Pós-modernidade; 2ª Motivo de escolha da profissão; 3ª Desafios da profissão; 4ª Importância do trabalho para o professor; 5ª Fatores que motivam e desmotivam o trabalho docente; 6ª Responsabilidade social do professor; 7ª Formação continuada; 8ª Influência da formação na prática docente; 9ª Profissionalidade docente; 10ª Atividades mais importantes do professor; 11ª Código deontológico; 12ª Culpabilidade atribuída aos professores; 13ª e 14ª Crise profissional.

As subcategorias, surgidas a partir das questões da entrevista, estão apresentadas, agrupadas em 112 itens. Entretanto vários entrevistados emitiram mais de uma resposta para a mesma questão, fato que eleva o número de subcategorias. O que fizemos foi comentá-las, ora agrupadas, ora individualmente por semelhanças subtemáticas para cada bloco.

Por último são apresentadas as considerações finais e conclusões da investigação, contendo breve esclarecimento sobre a construção textual deste trabalho, estabelecendo-se uma relação com alguns dos teóricos estudados. Igualmente revisamos se houve cumprimento dos objetivos estabelecidos, assim como, se houve resposta à questão em torno da qual versa a pesquisa. Fizemos referência às limitações encontradas para e durante a realização do trabalho; assim como apresentamos nossas intenções quanto aos caminhos iniciados no mestrado e as perspectivas que ele pode abrir. Não deixamos de informar também quais os planos de divulgação deste estudo, além dos planos para futuras pesquisas e projetos.

CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1. O PERÍODO PÓS-MODERNO E UMA IDENTIDADE EM CRISE

“Quanto mais se escreve sobre este tema, mais as palavras instauram uma limitação à volta de uma realidade tão insondável como invasora de todo o espaço”.

Erikson

1.1. Características do período Pós-moderno

Na presente investigação, a nossa pesquisa reside em compreender, a partir dos discursos dos professores, como se constrói a sua identidade profissional num contexto de profundas mudanças sociais e profissionais; entretanto percebemos também a necessidade de contextualizar o referido estudo no período pós-moderno. Constatamos, através da averiguação, que neste período é fato um mal-estar entre os docentes.

O mal-estar seria segundo Lopes (2001) “sinal de uma perda de conteúdo substancial que se trataria de reencontrar a todo custo” (p.137). Nóvoa (1999) e Marques (2003) esclarecem que o mal-estar está ligado a questões que dificultam o exercício profissional do professor; além de favorecerem a desvalorização da categoria.

Quanto ao termo pós-modernidade recebeu denominações diferentes por alguns estudiosos de diferentes áreas como história, comunicação, sociologia ou de educação, entre outras, discordantes desta terminologia, uma vez que ele contempla apenas as sociedades ocidentais.

O sociólogo polonês Zygmund Bauman (1998) chama de “modernidade líquida” o momento histórico contemporâneo, que se foi desenvolvendo paulatinamente desde o surgimento do capitalismo industrial e vem-se tornando mais intenso atualmente, de acordo com o avanço do capitalismo. A lógica capitalista impõe um ritmo à vida das pessoas, dificultando a busca de transformação. Quando utiliza o adjetivo líquida é porque considera um momento inconstante em detrimento da durabilidade. E essa lógica não se restringe apenas à esfera econômica; pelo contrário, se amplia para outras esferas da vida pessoal e social, incluindo nossos relacionamentos.

Muniz Sodré, doutor em comunicação da UFRJ chama-a de “Baixa Modernidade”, enquanto Giddens (2002) a compreende como a 3ª fase do capitalismo ou “Capitalismo Tardio”. Qualquer que seja a denominação, o importante é sabermos que o “Capitalismo Tardio” é uma época de valores e comportamentos diferentes de outras vividas em épocas

anteriores. É uma época de contrastes sociais, epidemias, violência ecológica e humana, considerada ainda a época do contexto da “época das incertezas, das fragmentações, da troca de valores, do vazio, do niilismo, da deserção, do imediatismo, da efemeridade” (Malafaia, 2004. p.2). A sociedade presentemente convive com o aquecimento global e a possibilidade de falta d’água, fato que já ocorre em algumas regiões do mundo; além da preocupação com a provável desertificação do planeta. Fatos que não faziam parte das preocupações das gerações anteriores.

Para os autores Giddens (2002), Beck (2010) e Lash (2010) a expressão utilizada para caracterizar a pós-modernidade é modernidade reflexiva para caracterizar a sociedade pós-moderna ou contemporânea. A ideia de pós-modernidade traz em si uma ambiguidade. De um lado, senso de final de uma época; e de outro, senso de um novo começo. O conceito de reflexividade é primordial para estes autores, que caracterizam essa nova fase como reflexiva. Esse conceito traz uma possibilidade de reinvenção da modernidade e de suas formas industriais. O que a modernização reflexiva carrega é a ideia de que muitas modernidades são possíveis, em oposição à ideia fatalista de que só existe uma forma de modernidade: a da sociedade industrial.

Giddens (2002) defende que nesta nova fase da sociedade industrial, caracterizada pela reflexividade, as condutas e situações cotidianas não são mais moldadas pela tradição. Neste contexto, o indivíduo emerge como ator, planejador e diretor da sua própria vida. Desta forma é no momento de desintegração das certezas e na busca por encontrar e criar novas, que ocorre o processo de individualização.

O sociólogo alemão Beck (2010) aponta o desmoronamento do sistema da sociedade industrializada não como o fim da sociedade industrial moderna, mas como possibilidade de recriação da civilização. A decadência ou crise do sistema da sociedade industrial está relacionada com a emergência do segundo lado da modernização. Até então, a modernidade era sinônimo de progresso, inovação e de esperança de um futuro melhor. Neste momento, os possíveis efeitos e ameaças da industrialização não representavam uma questão problema. No entanto, quando os perigos gerados pela sociedade industrial começam a aparecer, seus aspectos passam a ser vistos como problemáticos. Beck (2010) caracteriza este estágio da modernidade, no qual as ameaças tornam-se explícitas como sociedade de risco.

Para Lash (2010), as comunidades da modernidade seriam profundamente diferentes das comunidades tradicionais por se fundamentarem em estruturas de informação e comunicação. Por não estarem baseadas simplesmente nas estruturas sociais, as comunidades reflexivas seriam essencialmente mais culturais e dificilmente apresentariam componentes irracionais. As novas comunidades ofereceriam oportunidade de reflexividade ainda maiores porque se coloca a necessidade da compreensão das categorias impensadas, das significações compartilhadas, das práticas e significados existentes que seriam, para o sociólogo, as bases da comunidade. As novas comunidades envolveriam, portanto, uma reflexividade hermenêutica.

Fernandes (2004) referindo-se a Giddens apresenta em seu relato que o autor nos convida a identificar as descontinuidades as quais afastam as instituições sociais modernas das ordens sociais clássicas. Trazendo uma inicial aproximação, o autor relata ser a modernidade referente a estilo, costume de vida ou organização social, que emergiram na Europa a partir do século XVII e que depois se passaram a ser mais ou menos mundiais em sua influência. Para ele, este fato atrela a modernidade a um período de tempo e a uma localização geográfica inicial.

Em trabalho realizado em 2002, Giddens emprega o termo modernidade num sentido mais geral, referindo-se às instituições e modos de feudalismo, mas que no século XX se tornaram mundiais em seu impacto, sendo que a modernidade pode ser percebida como quase equivalente ao mundo industrializado, desde que se distinga que o industrialismo não é a sua única dimensão institucional.

Massarão (2004) define pós-modernidade como sendo um novo paradigma que tentava se fingir questionando e desmontando os padrões provenientes da modernidade e que parecia não mais atender à sociedade desiludida onde se punha. Nascida nos anos 60 do século XX, segundo ela, a pós-modernidade possui traços de ceticismo e pessimismo, porque nada traria à luz o passado inatingível, e o futuro não existia, seria um mistério. A existência seria, assim, um constante presente.

Diante de tantas concepções de pós-modernidade resolvemos adotar a expressão “modernidade líquida” utilizada por Bauman (1998), porque reflete a respeito do modo de viver capitalista e de seu apelo consumista, destacando relações efêmeras, superficiais, frágeis, instantâneas e descartáveis tão presentes nos dias atuais. De acordo com Power e

Whitty (2008) esta concepção tem origem teórica no Manifesto do Partido Comunista de Marx e Engels, “o capitalismo tem como uma de suas características principais "derreter", "dissolver", tudo aquilo que é sólido, transformando o novo em caduco antes mesmo que este possa se estabelecer”. (p.3). Esse procedimento de quebra da tradição e construtora de seres neófilos pode trazer desde o óbvio desejo por novas descobertas ao desprezo por instituições clássicas como a escola. Com esse proceder, algumas identidades antes cristalizadas em suas certezas sofrem e necessitam de reconstrução, de revisão e de busca por novos caminhos diante dos desafios.

Hall (2010) define a perda dos antigos paradigmas como deslocamento ou descentração e afirma que esse deslocamento representa crise nos indivíduos:

Esta perda de um "sentido de si" estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento - descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos - constitui uma "crise de identidade" para o indivíduo. (p1).

Santos (2004) utilizou a expressão pós-moderno em meados de 1980, por achar que as ciências sociais regulavam-se por um paradigma epistemológico, que, segundo ele, apresentava-se esgotado, uma vez que esse paradigma separava completamente o conhecimento científico das outras formas de conhecimento. E, sobretudo, porque estabelecia a distinção entre ciências naturais e ciências sociais. Porém, no início da década de 1990 reviu e ampliou o conceito de pós-moderno e de pós-modernidade por causa da crise do capitalismo e do socialismo dos países do Leste europeu. Então por considerar que o conceito, dada a polissemia, gerava mais confusões do que esclarecimentos, pós-modernidade passou indicar não apenas um paradigma epistemológico, assim como um novo paradigma social e político adotou o termo pós-moderno de oposição. Essa mudança de significado deixou claro que o conceito de pós-modernidade proposto então, contemplava apenas a visão ocidental. Em face disso, o autor nomeia-o depois como “pós-modernismo de oposição” (p.5) por considerar violenta e excludente a postura colonizatória do ocidente em relação aos povos colonizados.

A expressão conceitual que substituiu o conceito de pós-moderno de oposição foi o de pós-colonial e, atualmente, os de abissal e pós-abissal, em Santos (2006).

A sociedade em questão, mais informada, elenca e prioriza o conhecimento, bem como o domínio de certas habilidades como prioridade. Ao contrário da sociedade industrial,

baseada na produção material, que destacava as sociedades oriundas dessas produções, como sendo elitizadas, hoje se constata que as pessoas detentoras do conhecimento têm menos chances de serem excluídas no acesso às riquezas. Sobre esta afirmação, Imbernón (2000) acrescenta: “As pessoas que não possuem competência para criar e tratar a informação, ou aqueles conhecimentos que a rede valoriza, ficam excluídas”. (p. 24).

Observam-se relações humanas tornadas tão efêmeras quanto os produtos fabricados pelas indústrias. Tanto em indivíduos mais jovens, quanto nos mais experientes, em muitos casos, percebe-se o imediatismo e a pressa pelo consumo, estimulado pela propaganda das mídias. Ampliam-se os extremos sociais. Constatamos, no Brasil, por exemplo, milhões de seres humanos vivendo abaixo da linha de pobreza, enquanto poucos são detentores de toda a riqueza nacional. Há quem o observe como um período tanto utópico, quanto distópico, porque o que não se pode ignorar são as transformações sociais ocorridas nele, quer estejam atreladas ou não ao neoliberalismo. Sobre o nosso mundo pós-moderno, reflete Bauman (1998):

O caráter fluído, instável e inseguro da situação que se vive passa a atrair pessoas que se deleitam com sempre novas experiências, pessoas que se seduzem pela possibilidade crescente de novas aventuras, pessoas que preferem relacionamentos frágeis e opções abertas, pessoas flexíveis exuberantes, empreendedoras. Nesse contexto, a nova disposição é catalisada pelo mercado, que celebra as procuras do consumidor e intenta mantê-las sempre insatisfeitas. (p.6).

Percebemos, entretanto, como em tudo na vida, a sua outra face. Não podemos negar os avanços tecnológicos e científicos alcançados pelo homem pós-moderno ocidental, sua praticidade no viver, sua forma de se relacionar com outros pares, de fazer política de modo mais universalista. O que não se pode afirmar, na verdade, é se isso representa mais qualidade de vida.

Porém, enquanto há avanço da ciência, novas doenças surgem. Diariamente mais equipamentos tecnológicos são inventados; outros são aprimorados, e junto com eles, mais lixo eletrônico é produzido; fábricas de automóveis escoam seus novos produtos pelo planeta inteiro, gerando uma sociedade de hábitos mais sedentários e emitindo lixo de difícil decomposição, além de produzir gases poluentes, apesar da cobrança mundial pela utilização de combustíveis mais limpos. Atrelados a esses exemplos, existem bilhões de excluídos, pela humanidade, dos bens de consumo criados e produzidos pelo período pós-moderno.

Aos excluídos da pós-modernidade, Moreira (2006) chama-os de estranhos e reflete sobre o seu modo de relacionar com os mais afortunados e sobre a qualidade de vida que para eles inexistente:

Os novos estranhos tendem a ser os consumidores falhos, os que não participam da festa, os marginalizados, os violentos, os que praticam atos tidos como ilegais ou imorais – licenciosidade, promiscuidade, desrespeito, furtos, crimes, vandalismo terrorismo. Esses novos estranhos não batem à porta, arrombam-na. Entram sem serem convidados e não se intimidam, como ocorria com os estranhos da modernidade. Não se satisfazem em não serem ninguém. Ao contrário, questionam a segregação territorial ou funcional, recusam-se a permanecer isolados e violam, “indevidamente”, normas espaços, divisas. (p.6).

Nos relacionamentos interpessoais, constatamos a invenção de novas maneiras de relações matrimoniais, há a aceitação de grupos sociais antes estigmatizados, como homossexuais, pessoas de diferentes etnias e ainda portadores do vírus HIV; como representações de quebras de tabus sociais. Talvez possamos chamar a este fenômeno de destradicionalização e a pós-modernidade como sendo o lugar propiciador do que outras sociedades consideravam transgressões, pensa Massarão (2004).

De acordo com o pensamento de Imbernón (2000) a tecnologia propiciou, além da revolução econômica, a de nossos lares. A democracia não nos remete apenas ao político, mas a totalidade de nossas relações. E mais, a ciência reflexiva dessacralizou também seu próprio conceito, rompendo com a busca de uma verdade absoluta e definitiva.

Ocorre ainda um fenômeno nunca antes visto na história da humanidade: O fenômeno é os jovens, denominados de geração Y, dominando áreas do conhecimento no mundo, posto anteriormente ocupado pelos mais experientes. É o caso do uso de computadores e aparelhos tecnológicos mais modernos, adolescentes e crianças agem de modo tão harmonioso com eles, que chegam a causar certo desconforto, até aos mais velhos mesmo quando não são analfabetos digitais. Jovens são referência de experiência e conhecimento nesse campo, uma vez que já nasceram e convivem com aquela tecnologia.

Tardif (2007) afirma que “no âmbito da cultura da modernidade, o saber foi definido de três maneiras, em função de três “lugares” ou topos: a subjetividade, o julgamento e a argumentação”. (p.193). Definindo a subjetividade como sendo o saber particular; o juízo, como o discurso que afirma, com razão, alguma coisa sobre alguma coisa e a argumentação, como capacidade de determinar por que razão o juízo que se emite sobre algo é verdadeiro.

Para Imbenón (2000) a crise de valores baseia-se num discurso conservador que, além de considerar a imposição da lógica sistêmica, apregoa o desaparecimento dos valores e culpa pela situação determinados coletivos, como exemplo, os jovens. Afirma também que a crise surge pela existência de uma forma única de viver e pensar, porque as tradições têm que se explicar e porque a informação não é um terreno restrito a especialistas.

Constatamos, também, uma tendência a estudos mais inter e multidisciplinares nas escolas e universidades, contraditoriamente opostas à forma de viver individualista das grandes cidades. Atualmente o conhecimento compartimentalizado está em desuso. Exigem-se, nas mais diversas áreas, que os indivíduos sejam capazes de atuar de forma eficiente e atualizando seus conhecimentos constantemente, de modo a atender às exigências capitalistas. É o conhecimento tratado de maneira mais holística.

1.2. Conceitos de identidade

A preocupação com as questões que dizem respeito à crise de identidade docente se insere no movimento de revisão das identidades não apenas individuais, como também as sociais. Identidade perpassa pelo campo das ciências sociais e humanas. As identidades sociais tratam da conduta humana inserida na interação social. São peculiaridades individuais, dialogando com grupos podendo ser eles profissionais ou não.

Podemos acompanhar estudos sobre a temática da identidade através de encontros, fóruns, simpósios congressos, entre outros e do surgimento de produções resultantes de discussões e pesquisas como as que encontramos em Lopes (2001), Nóvoa (1999), Day (2006), Dubar (2005), Erikson (1976), Contreras (2001), entre outros, que estudam o mesmo tema; além do estudo de dissertações de mestrado e doutorado respectivamente, como: “Desafios da formação continuada no processo de construção da identidade profissional” de Kátia Cunha (2005), UFPE e “A formação contínua no docente como elemento de construção de sua identidade” de Maria da Conceição Aguiar (2004), Universidade do Porto.

A noção de identidade é particularmente difícil de definir, devido ao seu caráter polissêmico comprovado em Houaiss (2007) e à riqueza das suas conotações. Esta dificuldade não é puramente linguística e intelectual. Ela decorre das implicações ideológicas que encerra, dos problemas e conflitos individuais ou coletivos que desvenda e pelos valores sociais que representa. Pois ela pode estar atrelada a ideologias políticas, representar características ligadas ao *self* de cada um, ou relações corporativas. As identidades surgem de nossos pertencimentos às culturas nas quais nos inserimos.

Os autores Erikson (1976) e Aguiar (2004) sugerem que a identidade é um processo que está em contínua construção; por isso não pode ser vista como algo fixo, estático. Ela pode se diferenciar, a partir das experiências pessoais, das histórias de vida dos indivíduos.

A respeito da construção de identidades, quando estamos por volta dos cinco anos de idade “estádio fálico-motor”, Laing (1961) afirma que procuramos nos desvencilhar da identidade que nos conferiram e procuramos criar uma própria. Ou, do contrário, nos agarramos e confirmamos a atribuída pelos outros. O processo de construção identitária não acontece sem conflitos, como aponta José Manuel Oliveira Mendes, na obra organizada por Boaventura de Sousa Santos (2011):

As bases e as origens das identidades são os acidentes, as fricções, os erros, o caos, ou seja, o indivíduo forma a sua identidade não da reprodução pelo idêntico oriunda da socialização familiar, do grupo de amigos, etc., mas sim do ruído social, dos conflitos entre os diferentes agentes e lugares de socialização. (p.505).

Acerca das ideias sobre o conceito de identidade apresentadas por Cunha (2005), destacamos a que cita Dubar (2002) “A identidade de alguém é, no entanto, aquilo que se tem de mais valioso. Perdê-la significaria alienação, de sofrimento, de angústia, depressão e até de morte.” (p.13). Embora passemos a vida a construí-la e fazer ajustes na nossa identidade, o fato de perdê-la pode realmente implicar em grande sofrimento. É o exemplo dos seres humanos que são abandonados por suas famílias em hospitais psiquiátricos quando ainda são crianças, sem jamais retornarem aos lares.

A construção identitária inicia-se no seio familiar e continua, nos diferentes grupos sociais dos quais o indivíduo faça parte. O primeiro grupo social do indivíduo é a família. Nas sociedades civilizadas, a escola geralmente é o segundo grupo social. Futuramente já adulto e profissional fará o indivíduo parte do seu grupo de trabalho. Fora os grupos sociais aqui mencionados, os de lazer, religiosos, entre outros, farão parte também da construção da identidade do indivíduo. Todos, portanto, terão sua parcela de contribuição na formação da identitária da pessoa.

Day et al.(2006) declaram que as identidades não são intrinsecamente estáveis, nem intrinsecamente fragmentadas como antes sugere a literatura sobre o tema. Ao contrário, as identidades dos professores podem ser nem totalmente estáveis, nem totalmente fragmentadas. Pode ocorrer variação identitária, dependendo do momento vivido na carreira, muito determinadas também pelas políticas públicas adotadas, em determinados momentos históricos que podem motivar ou desmotivar os professores.

As identidades sociais são várias e estão relacionadas aos vários papéis que desempenham os indivíduos na sua história e trajetória de vida. A identidade situada refere-se à organização das identidades pessoal e social numa determinada situação, que envolve uma ação do indivíduo, necessitando o mesmo se posicionar, decidir e escolher. Entre as dimensões da identidade: pessoal, social e situada, a profissão se situa na dimensão social.

Ao refletirmos sobre socializações fazemos necessário situar, como nos apresenta Aguiar (2005) referindo-se a Mead (1976), que um dos primeiros sociólogos americanos a afirmar que a consciência de si não é pura produção individual, mas resultante das interações sociais, as quais o indivíduo está implicado. Na realidade os indivíduos percebem e internalizam as concepções dos outros, oriundas das trocas nas relações sociais, desenvolvendo sua autoestima.

Lopes (2001) afirma que a socialização é uma construção progressiva do *Self*, enquanto membros de uma comunidade. Vamos vivendo em sociedade, desempenhando vários papéis sociais e com eles vamos solidificando o nosso *Self*, relacionado obviamente às nossas experiências adquiridas nas relações com os outros.

De acordo com a Teoria da Identidade Social (TIS) de que fala Lopes (2001) referindo-se a Tajfel (1982) existem relações competitivas entre grupos sociais. Existe o grupo superior (o privilegiado) e o grupo inferior (o desprivilegiado). Normalmente os grupos privilegiados procuram manter seu status, se os grupos inferiores se submeterem à situação; do contrário, os grupos inferiores podem adotar a estratégia na crença de mobilidade social dos indivíduos ou na mudança social.

Os mesmos autores classificam esse comportamento como típico do individualismo ocidental, o qual se baseia na desidentificação ou na ausência de reconhecimento do grupo subordinado. Isso afeta a identidade do cidadão, uma vez que a dimensão profissional apresenta um grau de importância muito elevado, por ser demasiadamente difícil de conseguir emprego, em alguns países. Na concepção de Dubar (2005) ele é importante porque passou a configurar “um bem raro”, além do mais o emprego condiciona a construção das identidades sociais.

Os seres humanos possuem uma herança genética que lhes é comum, o que os torna uma espécie. A individualidade do ser humano está interligada a uma diversidade, representada pelos outros. Ou seja, cada ser humano é único. Assim sendo, cada indivíduo possui uma identidade pessoal, mas simultaneamente, uma identidade para o outro.

No seu artigo Day et al. (2006) afirmam que Mead no livro “Mente, eu e sociedade” acreditava que o eu era estável, porém está ligado às interações sociais e criado através da linguagem e das experiências sociais. Revelam-nos, também, que Mead aprofundou a discussão que se refere ao eu reflexivo, sugerindo que os indivíduos criam um outro generalizado. Este outro não representa apenas um acúmulo de valores, papéis e identidades, mas a combinação de muitas atitudes próprias. Foi a primeira vez que se sugeriu que o ego, embora fosse estável, poderia assumir diferentes abordagens de diferentes experiências sociais, baseadas no papel específico desempenhado pelo individual.

No que se refere à identidade positiva, os autores destacados no parágrafo anterior informam ser importante que haja manutenção da autoestima e autoeficácia, empenho e paixão pelo ensino, pois se houver vulnerabilidade profissional, haverá uma tendência para a passividade e o conservadorismo.

A autora M.Lopes (2008) com base nos estudos de Hall (2010) defende que de acordo com a época, observamos sujeitos diferentes, influenciados culturalmente pelos contextos dos quais fazem ou fizeram parte na história. Portanto, os conceitos de identidade podem variar dependendo da era. Na época do Iluminismo, século XVIII, o indivíduo era sujeito do Iluminismo. Na era moderna, era industrial, percebe-se o sujeito sociológico e na Modernidade Tardia, o sujeito pós-moderno.

Segundo a autora, o sujeito iluminista baseava-se na concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado de racionalidade, de consciência e de ação; coerentemente ao projeto Iluminista. A partir do nascimento, permanecia com desenvolvimento contínuo, negando conhecimento inato. O centro essencial do EU era a identidade de uma pessoa.

A noção do sujeito sociológico refletia a complexidade do mundo moderno. A consciência de que o núcleo interior do sujeito não era autônomo e autossuficiente, no entanto, era construído na relação com outros pares. Esses pares estabeleciam relações mediadoras de valores, sentidos e símbolos da cultura em que vivia. Nesse período, a identidade era formada pela interação entre o eu e a sociedade. Portanto o aspecto social, assim como suas relações têm grande relevância para o sujeito sociológico. O *self* desse sujeito é formado e modificado através dos diálogos com o mundo e suas culturas/valores.

A identidade na concepção sociológica, apresentada pelos autores mencionados, contempla o mundo pessoal e social, as quais denominam de mundo interior e mundo exterior.

O fenômeno de nos projetarmos, nas identidades culturais, por conta das diversas relações e papéis sociais que desempenhamos faz com que internalizemos seus valores e representações culturais, os quais passam a fazer parte das nossas vidas. Hall (2010) explica que “a identidade costura o sujeito às estruturas”, remetendo-se ao termo médico suturar. Na realidade essa metáfora representa a adesão ou unificação dos sujeitos às estruturas sociais às quais pertencem.

As sociedades apresentam-se, portanto, favoráveis às mudanças. Na Modernidade Tardia, as sociedades são marcadas pelas diferenças e as identidades também se apresentam abertas às trocas e segundo a autora M Lopes (2008) quando nos remete a Laclau, afirmando que se essas sociedades não se desintegram completamente não é pelo fato delas serem unificadas, mas porque seus elementos e identidades podem ser articulados. Essa articulação é sempre parcial; ou seja, a estrutura da identidade permanece sempre aberta, porque se assim não fosse, não haveria nenhuma história.

Pelo fato da identidade ser construída ao longo do percurso da existência, conforme já apontamos anteriormente, nos deparamos com várias possibilidades e sistemas de significações possíveis e influenciáveis da nossa própria identidade. A criança necessita de amor e carinho materno, aceita as normas e as proibições formuladas no interesse da ordem social. A própria satisfação desses interesses do sistema social vai sendo mediada pelos pais com elogios, carinho, sorrisos; com isso as necessidades do sistema social vão se tornando suas próprias necessidades. Por isso influenciemos e somos influenciados pelos colegas, pela família, pela escola, etc. As necessidades sociais passam a serem as nossas próprias necessidades, na maioria das vezes como o consumo, a moda, a cultura.

Na adolescência geralmente permanecem os mesmos grupos sociais da infância; no entanto a influência do grupo de amigos costuma ser bastante forte nesse período. Por representar não apenas o período onde constrói-se, mas também firma-se o caráter, a pertença a novos grupos e a deserção de antigos grupos de amigos também pode ocorrer nesta fase.

Na fase adulta, estima-se que a pessoa já esteja com o caráter consolidado e a escolha profissional definida. Nesta fase os grupos sociais de trabalho, religião (quando for o caso), bem como o familiar, costumam representar pontos significativos de trocas e construção da identidade do indivíduo.

Lopes (2001) defende que a identidade profissional, por fazer parte do grupo social, surge apenas a partir das experiências de empregos e do trabalho. Exatamente do local onde o exercício profissional se desenvolve. Esse tipo de identidade proporciona o desenvolvimento

de identidades especializadas atreladas a saberes relacionados a um a determinada atividade. Cada profissão traz consigo conhecimentos necessários para o seu bom exercício. Dominá-los com proficiência pode garantir uma boa reputação profissional, além de uma construção identitária profissional.

No que concerne especificamente à identidade do professor, a principal contribuição de Nias, segundo Day (2006) foi identificar uma diferença entre os elementos pessoais e profissionais, na vida e identidade dos educadores. O professor possui na sua construção identitária o “*self* substancial e *self* situacional” são conceitos de *self* profissional propostos pela autora:

O *self* substancial, sentido do que realmente se é e se deriva da socialização precoce, coincidente com o núcleo pessoal da pessoa – e numa periferia – o *self* situacional, que se refere aos modos como a pessoa se apresenta em contextos particulares. (p.604).

Ao refletirmos sobre as influências dos grupos sociais, constatamos que entre os grupos profissionais há uma variação entre o conceito de competências de acordo com o que representa saberes para determinada profissão.

Lopes (2001) pensa que se as sociedades fossem estáveis, seria fácil a socialização dos jovens, os quais poderiam resultar em jovens adultos de identidades definitivas. Como isso não ocorre, as sociedades estão sempre em processo de mutação. Assim também o são suas identidades. Entretanto, se ocorresse essa estabilidade prevista das sociedades, o que teríamos seriam gerações sucessivas de pessoas reproduzindo os mesmos conceitos, valores e comportamentos dos ancestrais. O mundo provavelmente pouco evoluiria.

No que se refere às socializações, ocorre uma espécie de embate entre a socialização primária (que aquela resultante relação familiar do indivíduo) e a identidade do indivíduo adulto (já como produto de relações com outros grupos, além do familiar). Porque pode ocorrer de, no decorrer das nossas interações sociais, novas ideologias irem de encontro às do *habitus* familiar, preconizadas desde a infância. As ideologias do grupo familiar primário podem nos acompanhar para o resto das nossas vidas ou serem frontalmente questionadas, no decorrer dela e cabe ao próprio indivíduo decidir qual delas prevalecerá.

Lopes (2001) e Tajfel (1982) afirmam que nas identidades sociais pode acontecer de um indivíduo interiorizar e aprender valores de um grupo que deseja participar; esse seria o grupo de referência o qual deseja pertencer; e que seria interessante que as estruturas sociais oferecessem oportunidades para os cidadãos mudarem socialmente.

É factível que indivíduos inseridos em grupos sociais menos valorizados aspirem pertencer a grupos privilegiados e que se esforcem por atingir seus objetivos. Dificilmente é provável que o contrário ocorra. As estruturas sociais de países subdesenvolvidos normalmente não proporcionam a concretização do sonho de migrar socialmente de muitos cidadãos pobres ou miseráveis. Isso pode gerar frustração, renúncia e busca por reivindicações - conformismo, revolta, desmotivação e insatisfação; elementos que podem representar uma forma de rejeição da própria identidade vivida por essa época.

Ao tratar do tema identidade, Dubar (2006) afirma que há dois processos que concorrem para a produção delas: o biográfico, que é a identidade para e si e o relacional, sistemático ou comunicacional, que trata da identidade para o outro. São processos heterogêneos de conhecimento social.

No processo biográfico da construção identitária estão incluídas as categorias éticas adquiridas desde a infância. Tratam-se das adjetivações atribuídas pelos pares familiares, que vão consolidando a autoimagem do indivíduo. Ou seja, é a matriz de todas as nossas representações, atitudes e comportamentos que tem a tradição como fundamento. Bourdieu apud Setton (2002):

Um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funcionam a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações – e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas. (p.62).

No processo relacional, a identidade muda de acordo com os espaços sociais onde o indivíduo exerce suas relações. No trabalho o indivíduo deve participar de alguma forma das atividades coletivas, assumindo uma posição no jogo dos atores.

Lopes (2001), Tajfel (1982) e Aguiar (2004) escrevem sobre identidade positiva e identidade negativa. A respeito destes conceitos, verificamos que indivíduos viventes em nossas sociedades se esforçam para conseguir uma imagem positiva deles mesmos e consideram que a pertença a grupos sociais pode contribuir positiva ou negativamente para essa identidade.

No discurso sobre identidade Erikson (1976) e Aguiar (2004) destacam que a identidade psicossocial do indivíduo possui uma hierarquia de elementos positivos e negativos. Entretanto, ele é aconselhado a não se tornar aquilo que não intencionava ser, como também a evitar aquilo que é preciso, porque pode desviá-lo dos seus objetivos. Portanto, a identidade

positiva vive de forma conflituosa com o passado que precisa ser esquecido e com o futuro indesejável que precisa ser evitado. Seu modelo de desenvolvimento psicossocial é um esquema cumulativo em que oito estádios se sucedem numa sequência que não varia, abrangendo todo o ciclo de vida.

Concluimos com base nas leituras realizadas em Lopes (2001) e Aguiar (2004) que a identidade negativa, pertence a uma maioria oprimida e explorada, que tem consciência da situação, porém, não pode seguir o exemplo dos privilegiados, mudando sua condição. A identidade negativa encontra-se também entre os adolescentes em crise, na fase de ajustamentos - fase de afirmação do caráter e de sua forma pessoal de estar no mundo - bem como entre presidiários. Estes últimos necessitam reconstruir as suas identidades para serem aceitos e reinseridos na sociedade, caso gozem de liberdade algum dia.

Para que a identidade social seja considerada positiva, o grupo ao qual pertence o indivíduo deverá ser reconhecido positivamente. Caso estejam inseridos em grupos de desprestígio social e se sentirem insatisfeitos. É comum recorrerem a estratégias no sentido de aperfeiçoarem o referido grupo.

A teoria da identidade de Erikson (1976), que Lopes (2001) também defende, tem como finalidade principal a compreensão do normal e sua intensificação, em vez do esclarecimento do patológico. Ele faz do ego o centro da sua teorização. Acredita que os sintomas neuróticos são uma busca da normalidade e que a crise é uma condição necessária à vitalidade humana.

Se tomarmos assertiva como verdadeira e correta e considerarmos a definição de vitalidade apontada por Houaiss (2007) “capacidade de viver, de se desenvolver, força vital, vigor”; concluimos que a crise de identidade, pela qual passam os professores, de acordo com o pensamento de Erikson (1976) e Lopes (2001) poderá ser capaz de contribuir para o desenvolvimento e superação de problemas hoje enfrentados pelos professores.

Comportamentos característicos de quem se encontra em crise são comuns entre professores vitimados pelo desprestígio social da categoria são: uns recorrem à luta por melhores condições de trabalho, ligados aos seus sindicatos; outros se engajam nos projetos educacionais desenvolvidos nas suas escolas, como recurso para melhorar suas identidades profissionais, caso não cedam à crise.

Novos conceitos de identidade foram criados, a partir do fracasso da ordem e da coerência das estruturas sociais. Lopes (2001) e Cunha (2005) apresentam conceitos de identidade individual, pessoal, social e identidade situada.

Defendem que a identidade pessoal coincide com a estrutura do *Self* a imagem, o reconhecimento e o diferenciamento de si mesmo. Seria a descoberta de originalidade/exclusividade de cada um, mesmo num universo diversificado de pessoas. Ela tem um papel fundamental no que diz respeito ao conhecimento de si mesmo; isto é, reconhecer-se e definir-se, e também ao conhecimento que os outros têm sobre si. É necessário esclarecer que esta não é imutável, isto é a identidade pessoal está em constante transformação: a identidade se constrói ao longo da vida, o que implica em mudança.

Pelo fato de ter havido transformações nas estruturas das sociedades modernas, no final do século XX, houve também uma fragmentação nas paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade. Essas diversidades de tipos sociais, no passado, nos tinham fornecido solidez de posições aos indivíduos, enquanto membros sociais.

As identidades sociais são várias e estão relacionadas aos vários papéis que desempenham os indivíduos na sua história e trajetória de vida. A identidade situada refere-se à organização das identidades pessoal e social numa determinada situação, que envolve uma ação do indivíduo, necessitando o mesmo se posicionar, decidir e escolher. Entre as dimensões da identidade: pessoal, social e situada, a profissão se situa na dimensão social.

Ao refletirmos sobre socializações faz-se necessário situar, como nos apresenta Aguiar (2005) referindo-se a Mead (1976), que um dos primeiros sociólogos americanos a afirmar que a consciência de si não é pura produção individual, mas resultante das interações sociais, as quais o indivíduo está implicado. Na realidade, os indivíduos percebem e internalizam as concepções dos outros, oriundas das trocas nas relações sociais, desenvolvendo sua autoestima.

A respeito do Eu Lopes (2001) afirma que a socialização é uma construção progressiva do *Self*, enquanto membros de uma comunidade. Vamos vivendo em sociedade, desempenhando vários papéis sociais e com eles vamos solidificando o nosso *Self*, relacionado obviamente às nossas experiências adquiridas nas relações com os outros.

De acordo com a Teoria da Identidade Social (TIS) de que falam Lopes (2001) e Tajfel (1982) existem relações competitivas entre grupos sociais. Existe o grupo superior (o privilegiado) e o grupo inferior (o desprivilegiado). Normalmente os grupos privilegiados procuram manter seu status, se os grupos inferiores se submeterem à situação; do contrário, os grupos inferiores podem adotar a estratégia na crença de mobilidade social dos indivíduos ou na mudança social.

Os mesmos autores classificam esse comportamento como típico do individualismo ocidental, o qual se baseia na desidentificação ou na ausência de reconhecimento do grupo subordinado. Isso afeta a identidade do cidadão, uma vez que a dimensão profissional apresenta um grau de importância muito elevado, por ser demasiadamente difícil de conseguir emprego, em alguns países. Na concepção de Dubar (2006) ele é importante porque passou a configurar “um bem raro”, além do mais o emprego condiciona a construção das identidades sociais. É através do trabalho que os indivíduos mais pobres, por exemplo, têm a garantia de necessidades vitais e secundárias supridas, bem como a seus familiares, sem haver dependência da caridade alheia ou de benefício do Estado.

A dignidade, a honra e, conseqüentemente a identidade são afetadas, quando o indivíduo está desprovido de trabalho. Ele passa a fazer parte dos que têm identidade negativa, dos excluídos.

Ao analisarmos o parágrafo anterior, constatamos ser possível admitir que a identidade constrói-se como resultado individual e coletivo, ao mesmo tempo provisório e estável, objetivo e subjetivo no percurso das experiências, decisões, escolhas afetivas e valorativas dos indivíduos.

Os autores Day et al. (2006) apresentam um relato sobre pesquisa realizada por Douwe Beijard com 28 professores do ensino secundário na Holanda, esclarecendo que recorre e contribui para as pesquisas de Nias. Relatam que para Beijard o conceito de identidade quer dizer “quem ou o que alguém é, os vários alguéns podem anexar significados para si mesmos ou os significados atribuídos a si mesmo por outros”.(p. 605).

Essa pesquisa analisou a identidade do professor de ensino secundário, informando-nos que, em primeira instância deriva dos próprios professores, das percepções que têm de si próprios como profissionais e das referências com os níveis de comprometimento e envolvimento com o trabalho. Essa distinção ocorre entre os que levam o trabalho a sério e os que têm interesse em outro lugar.

A investigação concluiu ainda que os comportamentos dos alunos podem provocar profundos efeitos sobre o *self* dos professores, que são: insatisfação, absentismo, colapsos nervosos, resignação, entre outros. Fato comum atualmente, porque os paradigmas de alunos e sociedade construídos pelo professores, no decorrer dos tempos, se alterou radicalmente na pós-modernidade.

O sociólogo Dubar (2005) define identidade para si e para o outro como constituinte do processo de socialização é “o resultado a um só tempo estável e provisório, individual e

coletivo, subjetivo e objetivo, biográfico e estrutural dos diversos processos de socialização, que conjuntamente constroem os indivíduos e definem as instituições”. (p.136). Identidade é também, de acordo com o pensamento do mesmo autor na obra citada, é o ponto comum de uma classe, embora de elementos todos diferentes de outro. Neste caso é a pertença comum. Haveria aí um paradoxo nesta definição de identidade: é aquilo que existe de único e ao mesmo tempo é partilhado. A partilha se daria nas trocas entre os sujeitos, quando comuns a um determinado grupo social.

Por se caracterizar como constructo social, a identidade está cheia de sentidos produzidos por outras pessoas; que traz significados aos indivíduos, além interferir nas concepções que ele mesmo tem de si. Essa dualidade que reside nas identidades é apontada Laing citado por Dubar (1997):

Identidade para si e identidade para o outro são inseparáveis e estão ligadas de uma forma problemática. Inseparáveis porque identidade para si é correlativa do Outro. Problemáticas porque a experiência do outro nunca é directamente vivida por si... e tal forma que nos apoiamos nas nossas comunicações para nos informarmos sobre a identidade que o outro nos atribui... e, portanto, para forjarmos a identidade para nós próprios. (p.104).

Se pensarmos na realidade do viver atual e refletirmos sobre a vida de quem mora nos grandes centros, embora ela esteja voltada para o individualismo e distanciamento das relações interpessoais, constatamos que os indivíduos estão a emitir e receber concepções, enquadramentos, rótulos uns dos outros e por mais autossuficiente que possa parecer a pessoa, ela está sujeita às atribuições sugeridas pelo círculo social ao qual pertence.

Acerca dessa questão, observamos que nos estudos de Erikson (1976) e Aguiar (2004) eles percebem o processo de construção das identidades como as relações entre as imagens que o indivíduo faz de si, tendo como referência os seus julgamentos sobre os outros, as imagens dos outros sobre ele próprio, assim como o contexto social no qual se insere.

Portanto, nós somos o que pensamos que somos e somos também o que os outros pensam a nosso respeito. Essa característica da identidade faz com que sejamos influenciados e influenciemos nossos pares nas relações sociais.

Ao refletirmos sobre o contexto educativo brasileiro e sua mudança através dos tempos, verificamos que houve ajustes identitários docentes, quando investigamos Saviani (2008), o qual afirma que, no Brasil, o clima de nacionalismo desenvolvimentista dos anos cinquenta e primeiros anos da década sessenta também chegaram à educação. A escola anteriormente era elitista, feita para pessoas de “boas-famílias” passa, então a receber,

convocados pelos governos estaduais e federal, amparados pela LDBEN ¹, uma legião de brasileiros excluídos do processo educativo. Tanto os “novos” brasileiros, agora frequentadores das unidades educacionais, bem como os professores, peças-chave do processo educativo, não estavam suficientemente preparados para esse encontro de convivência profissional. A escola deveria não apenas acolher a classe popular, como também inseri-la verdadeiramente no processo de aprendizagem. Essa tentativa fracassou, não só com a chegada da ditadura, assim com, pelo isolamento e distanciamento criados pela exclusão social. Acerca deste problema, Moreira (2006) reflete e questiona:

Inquieto, inseguro e insatisfeito, o professor empenha-se no sentido de melhor conhecer quem são esses novos alunos, quem são esses “estranhos”, esses diferentes, que entram sem pedir licença, que transgridem regras e normas e que resistem aos mais agudos apelos de acomodação à ordem vigente. Como lidar com eles, como incluí-los? Como lidar com alunos tão distantes da visão idealizada de estudante que a escola sempre cultuou? Como lidar com alunos portadores de necessidades especiais, com problemas na justiça, com um pé na criminalidade, com dificuldades de aprendizagem, com condutas inesperadas e violentas? Como lidar com alunos pobres, negros, favelados, migrantes, homossexuais, membros de famílias “desajustadas?” Como entendê-los melhor? (p.6).

Segundo Erickson (1968) a formação da identidade constitui-se essencialmente num problema de geração. Existem categorizações socioprofissionais que permitem classificar o grupo de indivíduos em grupos de pertença e de posição profissional; porém os sujeitos possuem também suas identidades sociais herdadas dos familiares, as virtuais escolares, adquiridas nos anos iniciais de escolarização e as identidades profissionais possíveis; podendo evoluir ou fazerem encaixes identitários.

1.3. A identidade sob a visão sociológica

Dubar (2005) ao teorizar sociologicamente identidade rejeita a separação entre identidade individual e identidade coletiva. Ele defende a ideia que para se fazer a identidade social um elo entre duas transações que ele chama de interna e externa. A transação interna

¹ Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

corresponde ao próprio indivíduo e a transação externa corresponde ao indivíduo e as instituições com as quais ele interatua.

A definição interna de identidade precisa ser esclarecida, porque segundo o autor, ela apresenta uma dualidade: identidade para si e identidade para o outro são simultaneamente inseparáveis e unidas de modo problemático. Inseparáveis porque é correspondente ao que o outro pensa sobre o sujeito em questão. Na realidade as opiniões dos outros sobre nós nos fazem reconhecer quem somos, embora algumas vezes discordemos ou reajamos contra a identidade que o outro queira nos atribuir. O fato de ser problemática é porque ninguém pode viver a experiência do outro. É por isso que ficamos sujeitos aos diálogos entre vários sujeitos para desvendarmos o que os pensam ao nosso respeito.

Esse fenômeno de estarmos atrelados a opinião alheia sobre quem somos marca as relações de incertezas, uma vez que jamais sabemos o que os outros pensam sobre nós realmente. O mesmo acontece de forma inversa. O que pode suceder é de identidades para os sujeitos representarem uma coisa e para seus pares representar outra diferente. Ou seja, podemos rejeitar as opiniões sobre nossa identidade atribuídas pelos outros.

Como as identidades não são herdadas são construídas e reconstruídas o vaivém de opiniões pessoais contribui inevitavelmente na constituição delas nos indivíduos. É por essa razão que a identidade pode ser abordada sociologicamente. Caso não se leve consideração somente uma abordagem das relações interindividuais ou psicanalítica.

O motivo pelo qual a abordagem psicanalítica ou das relações individuais não se enquadrarem numa análise sociológica sobre estudo das identidades é que a concepção psicanalítica considera o Ego um elemento pertencente a um sistema fechado, de uma dinâmica interna interagindo com o Id e o Superego. Ele transfere para o “entorno” o conjunto das instituições e das relações sociais. De acordo com esse pensamento, nas relações sociais a estrutura é simultaneamente reflexo das estruturas cognitivas e relacionais entre seus membros.

Dubar (2005) e Aguiar (2004) chamam de “atos de atribuição” os atos que as pessoas conferem às identidades umas às outras. Quer dizer a identidade para o outro, enquanto que “atos de pertencimento” são os atos que expressam o tipo de pessoa que queremos ser. São as nossas autoatribuições sobre nós próprios. Não existe necessariamente correlação entre a identidade para si e a identidade para o outro, porque as atribuições feitas pelo próprio indivíduo ou pelos outros podem, conforme já afirmamos anteriormente, ser distintas.

A identidade desviante representa a identidade daqueles que transgridem as normas sociais. Becker apud Lopes (2001) e Dubar (2005) afirmam que não é apenas a transgressão que representa o desvio, mas também a rotulação das pessoas sobre o sujeito da identidade desviada. Como conclusão desta teoria Becker assevera que identidade desviante é o produto de um pacto entre a identificação imposta pelo outro e a subcultura do grupo de desvio.

Existem dois processos heterogêneos de atribuições de identidade de algumas teorias sociológicas que são: primeiro o de atribuição da identidade pelas instituições e pelas pessoas que estão em contato direto com os indivíduos e o segundo, é o da interiorização ativa; ou seja, é a incorporação da identidade pelos próprios sujeitos. Cada um define-se a si próprio. Segundo Gofman apud Lopes (2001) essa última constitui a identidade social real. A identidade social virtual é aquela atribuída pelas outras pessoas.

Observamos que frequentemente há dissonância entre a identidade social real e a identidade social virtual. Quando isso acontece podem ocorrer estratégias identitárias, tentando diminuir a distância entre as duas. Isso não acontece sem conflitos, pois quando o indivíduo enxerga-se rotulado por características sobre si das quais ele discorda, ou não as percebe como tal, Gofman diz que ele pode recorrer a transações externas ou internas.

As transações externas, também chamadas objetivas por Dubar (2005) e Gofman apud Lopes (2001) são aquelas que acontecem entre os indivíduos e os outros pares; enquanto nas transações internas, denominada subjetiva pelos mesmos autores, ocorre a vontade de preservar parte de suas transações identitárias antecedentes (as herdadas) mais o desejo de construir para si novas identidades para o futuro (identidades visadas).

Dubar (2005) defende que o processo biográfico e o processo relacional, apesar de serem heterogêneos concorrem para a produção de identidades. Ora, constatamos que eles utilizam categorias particulares e estas servem tanto para identificar os outros, quanto para nos autoidentificar e elas podem variar tanto de acordo como os espaços sociais como de acordo com o tempo pessoal do indivíduo e histórico da sociedade.

As categorias que nós utilizamos para identificarmos a nós mesmos, no decorrer da nossa vida, podem não continuar as mesmas e pode acontecer de não serem possíveis de comparações entre si: uma é a identidade quando somos adolescentes, sonhando com o futuro para o ingresso numa universidade de nossa futura profissão; e outra é a nossa identidade, no decorrer da nossa jornada já como profissional e depois de alguns anos de trabalho.

Dubar (2005) acredita que os indivíduos de cada geração devem construir suas identidades sociais “reais” a partir “das identidades sociais herdadas da geração anterior”,

“das identidades virtuais adquiridas durante a socialização individual e das identidades possíveis”. (p.145).

De acordo com o pensamento de Dubar (2005) e Aguiar (2004), para a identidade social, um dos acontecimentos mais importantes na identidade do indivíduo é a saída do sistema escolar e a entrada no mercado de trabalho. Esse momento é essencial para a construção de uma identidade independente.

No caso de estudantes universitários recém-formados, por exemplo, percebem que é no confronto com a realidade, nos espaços de desenvolvimento profissional, através de sua identificação ou desidentificação com o trabalho, que o sujeito constrói sua identidade profissional, portanto social. As bases teóricas oferecidas pelos estudos servirão de suporte profissional, porém sua identidade de trabalhador será construída com o decorrer da sua prática.

O nível de escolaridade, a faixa etária, as condições sociais vão colaborar para a busca de empregos mais estáveis, fato que poderá garantir a construção de uma identidade profissional segura, porque a instabilidade profissional sequele o sujeito, além de gerar “fissuras” conforme diz Dubar (2006), nas identidades deles.

Após o indivíduo lançar-se no mercado de trabalho, novas estratégias identitárias serão criadas, a fim de garantir uma imagem positiva de si enquanto trabalhador. Cada sujeito labutará de modo a aperfeiçoar seus dotes profissionais. Dubar (2005) crê que a primeira identidade profissional tem para si, cada vez mais chances de não ser definitiva, pois os anos de experiência e a inserção de novas tecnologias ao trabalho, a formação continuada, entre outros, favorecerão a transformação dessa identidade para si.

Nos processos dos relacionamentos, a construção de identidades para o outro ou identidade virtual elege o trabalho ou a instituição a qual pertence o sujeito, como prioridade e às vezes o único elemento na transformação objetiva do sujeito. Esse tipo de relação pode gerar conflitos diante da expectativa de profissionais, os quais a empresa não pode corresponder. Onde não há, por exemplo, possibilidade de ascensão ou reconhecimento profissional.

1.4. Reflexões sobre história da crise e identidade do docente.

Não foi sempre em crise que viveu a profissão docente. Por esta razão, julgamos pertinente fazer uma retomada histórica do surgimento e evolução da carreira do professor ao longo dos séculos. Identidades em crise têm sido tema, fonte de estudos/pesquisas e de

preocupações em diversas nações, nas últimas décadas porque vão além da questão pessoal; envolvem as identidades sociais das quais o trabalho faz parte. Pesquisas são realizadas, objetivando compreender não apenas o que se sucede, assim como encontrar caminhos para dirimir a crise.

O sociólogo Dubar (2006) define crises de identidade como sendo semelhantes às crises econômicas do seguinte modo:

As crises de identidades podem ser pensadas como perturbações de relações relativamente estáveis entre elementos estruturantes da actividade (produção, consumo, investimentos e resultados, etc.). A actividade aqui posta em causa é a identificação, isto é, o facto de categorizar os outros e a si próprio. (p.14).

Segundo Nóvoa (1999), no século XVIII, por toda a Europa, procurava-se esboçar a representação do professor ideal. Definir qual seria o seu perfil? Se ser leigo ou religioso? Se deve agir individualmente ou pertencer a um corpo? Os processos educativos, elaborados sob a tutela da Igreja, passaram a ser selecionados pelas autoridades estatais.

O processo de estatização do ensino consiste, sobretudo, na substituição de um corpo de professores religiosos (ou sob o controlo da Igreja) por um corpo de professores laicos (ou sob o controlo do Estado), sem que, no entanto, tenha havido mudanças significativas nas motivações, nas normas e nos valores originais da profissão docente: o modelo do professor continua muito próximo ao modelo do padre. (Julia, 1981).

No início, a função docente surgiu como atividade secundária, de pessoas religiosas ou leigas. Foram os jesuitas e oratorianos, ao longo dos séculos, que construíram um corpo de saberes e técnicas, assim como um conjunto de normas e valores específicos da profissão docente, embora já houvesse, no início do século XVIII, grupos diversos que faziam do ensino sua ocupação principal. É o que afirma Nóvoa (1999).

O autor citado explica que foi com a intervenção do Estado que ocorreu a homogeneização, unificação e hierarquização dos grupos de professores como corpo profissional e não como concepção corporativa do ofício. A partir do final do século XVIII, não se podia ministrar aula sem licença ou autorização do Estado. A instituição dessa licença representou um momento decisivo na profissionalização da atividade docente.

Segundo Lopes (2001) os professores primários enfrentam o dilema do controle e do amor; necessitando controlar seus alunos em nome da ordem, e garantir-lhes um ensino de qualidade. Além disso, quando tentam fazer valer o “*self* substancial”, e não são bem sucedidos, adotam o distanciamento e procuraram outros grupos externos de índole

profissional ou não. Recusam o grupo de pertença como defesa do seu *self*. Este é o dilema enfrentado pelos professores. É corriqueiro encontrarmos educadores desambientados, nas escolas as quais trabalham. Isso representa uma quase dissociação do grupo a que pertence. Apesar de fazerem parte fisicamente do corpo escolar, sentem-se excluídos daquele grupo. Por isso é comum que se afastem dele.

É a própria expressão da crise: a crise é também pessoal caracterizada pela discrepância entre ideais demasiado idealizados (sob o signo do “amor às crianças”) e uma realidade demasiado real (que se mantém, pela organização da escola, sob o signo do controle). (p. 137).

Foi no século XIX que ocorreu uma expansão escolar devido à procura social cada vez maior. Iniciam as reivindicações da categoria docente, sob a alegação do carácter especializado da sua atividade e a relevância social do trabalho. A criação de instituições de ensino, projeto antigo, concretiza-se, também neste século:

As escolas normais representam uma conquista importante do professorado, que não mais deixará de se bater pela dignificação e prestígio desses estabelecimentos: maiores exigências na entrada, prolongamento do currículo e melhoria do nível académico são algumas das reivindicações inscritas nas lutas associativas dos séculos XIX e XX. As escolas normais estão na origem de uma verdadeira mutação sociológica do corpo docente: O “velho” mestre-escola é definitivamente substituído pelo “novo” professor de instrução primária. (Nóvoa, 1999.p. 18).

O autor anteriormente citado afirma que a segunda metade do século XIX representa um momento importante para se compreender o que ele considera ambiguidade do estatuto dos professores. Fixa-se uma imagem intermediária dos professores: nem são burgueses nem são do povo. Não devem ser intelectuais, mas devem ter um acervo de conhecimentos. Não são notáveis, mas têm boa influência nas comunidades. Devem manter relações com vários grupos sociais, sem privilegiar nenhum. Não podem ter uma vida miserável, mas devem evitar ostentação. Não exercem o trabalho com total independência, mas devem ter autonomia.

Sobre danos profissionais, tanto Lopes (2001) quanto Nóvoa (1999) acreditam que a classe de professores enfrenta o desgaste, frustração e a desilusão, há pelo menos duas décadas, não apenas no Brasil, como em outros países também da Europa. Observam-se docentes visivelmente desmotivados e desiludidos, ansiando por transformações que possam ressarcir a dignidade e o respeito do profissional. Portanto tornarem a ter uma identidade que

goze de maior prestígio. José M. Steve apud Nóvoa (1999) também faz reflexões sobre danos e injustiças aos professores:

Presentemente, observamos outra situação, igualmente injusta em que o aluno pode permitir-se, com bastante impunidade, diversas agressões verbais, físicas e psicológicas aos professores ou aos colegas, sem que na prática funcionem os mecanismos de arbitragem teoricamente existentes. (p. 107).

Identificamos alguns fatores como sendo responsáveis por esse retrato: baixos salários pagos, somados ao excesso de atribuições e tarefas, a falta de recursos para desenvolver projetos/ atividades e baixo prestígio social. Atualmente professores são submetidos a uma extensa carga horária, além de lidarem com problemas de ordem física nas escolas, somados à convivência com uma sociedade violenta e em crise. Mesmo apesar das reformas realizadas pela melhoria da educação. Esses fatos geraram não apenas desgaste emocional, como também problemas de saúde, como apresenta Codo:

Em uma mostra nacional de quase 39.000 trabalhadores em educação foram identificados 31,9% apresentando baixo nível de envolvimento emocional com a tarefa, 25,1% apresentando exaustão emocional, e 10,7% com despersonalização. (1999, p.250).

Afirmamos no decorrer deste trabalho ao definir identidade, a crença de Erikson (1976) e Lopes (2001) em que os sintomas neuróticos são uma busca da normalidade e que a crise é uma condição necessária da vitalidade humana. Também que é comum aos indivíduos buscarem melhorias do grupo de pertença. Constatamos em referência a esta afirmação esse tipo de comportamento entre professores vitimados pelo desprestígio social da categoria. Uns recorrem à luta por melhores condições de trabalho, ligados aos seus sindicatos; outros se engajam nos projetos educacionais desenvolvidos nas suas escolas, como recurso para melhorar suas identidades profissionais, caso não cedam à crise.

Com a adesão feminina à profissão, Nóvoa (1999) afirma que se acentuam as ambiguidades, além de se introduzir um novo dilema entre imagens masculinas e femininas da profissão. Este fato é gerador de um reforço solidário entre o corpo docente.

No início do século XX, acreditava-se nas potencialidades da escola, bem como na sua projeção social. Como os professores eram os agentes das escolas, também passaram a ter prestígio social, esclarece o autor já citado no parágrafo anterior:

A profissão docente exerce-se a partir da adesão colectiva (implícita ou explícita) a um conjunto de normas e valores. No princípio do século XX,

este “fundo comum” é alimentado pela crença generalizada nas potencialidades da escola e na sua expansão ao conjunto da sociedade. Os protagonistas deste desígnio são os professores, que vão ser investidos de um importante poder simbólico. A escola e a instrução encarnam o progresso: os professores são seus agentes. A época de glória do modelo escolar é também o período de ouro da profissão docente. (p.19).

Saviani (2008) afirma que o Movimento da Escola Nova, durante os anos vinte, ilustrou a conjugação de projetos culturais científicos e profissionais, embora não sem contradições. A Escola Nova representou uma lenta evolução cultural que impôs socialmente a ideia de escola e o produto de afirmação das “novas” ciências sociais e humanas, porém representou um contributo valioso à configuração do modelo do professor profissional.

Arroyo (2004) apresenta argumentos históricos, quando reflete sobre a organização escolar e os seus objetivos, em relação ao trabalho do professor. Afirma que a introdução de classes e séries escolares, a divisão sistemática dos tempos vem desde as origens da constituição dos modernos sistemas de ensino do século XVI. Como ocorre o sequenciamento dos conteúdos, a separação dos alunos por idade, etapa de estudos e conteúdos, o trabalho docente vai acompanhando a sequenciação temporal de classes, idades e estudos. O autor cita Thompson na sua obra, “O tempo, a disciplina do trabalho e o capitalismo”, demonstram que a escola é uma das instituições formadoras da cultura do nosso tempo. Diz que além da fábrica, a escola, bem como seu regime e organização, objetivam criar hábitos de trabalho e valorizar o tempo.

Há, contudo, além dessa questão defendida por Arroyo (2004) e do conhecimento individualizado, o conhecimento surgido com intercâmbio de outros docentes. Porém a competência profissional refere-se também aos recursos intelectuais que se dispõe. Contreras (2001) defende que “a análise e a reflexão sobre a prática profissional que se realiza constitui um valor e um elemento básico para a profissionalidade dos professores”. (p.84).

No Brasil ocorre uma tendência de responsabilizar os professores pela má educação escolar. Há o reconhecimento, no meio universitário, de que a formação profissional precisa ser constante, a fim de que o professor não se torne obsoleto. A formação não se encerra no curso de professores.

O investimento na formação profissional é ponto de partida que aponta para a possibilidade de melhoria da profissionalidade, profissionalização e consequentemente possibilita uma ressignificação de sua identidade. Guimarães (2004) considera os problemas de formação de professor uma das pedras de toque para a melhoria da profissionalidade

profissionalização docente, embora considere que nas duas últimas décadas os problemas referentes à formação do professor permanecem praticamente inalterados.

No meio acadêmico, especialmente, a defesa da profissionalização em geral vem acompanhada do alerta em relação a possíveis enganos. Portanto abordar a profissionalidade e profissionalização do professor no Brasil, hoje, passou a envolver também a discussão entre temas interligados, como a questão da docência como profissão, proletarização, autonomia, saberes profissionais e questões de gênero, entre outros. Ainda que haja propostas de operacionalização e criação de um código deontológico para a profissão docente, este não é o foco principal das discussões.

O mais importante instrumento jurídico internacional sobre a condição pessoal do docente é A Recomendação sobre Condição pessoal Docente da UNESCO datada de 1996 e afirma que o ensino deveria ser considerado uma profissão. Ele contém um título sobre direitos e deveres dos professores. Acerca de deontologia² Reis Monteiro (2005) defende:

A abordagem deontológica da função docente deve começar pela problematização da sua identidade profissional (ou profissionalismo ou profissionalidade), que é fraca. A citada Recomendação de 1966 diz que «o ensino deveria ser considerado como uma profissão cujos membros asseguram um serviço público» (ponto 6), mas a doutrina pedagógica utiliza expressões como “semi-profissão”, “quase-profissão”, “em vias de profissionalização”, “profissionalismo aberto”, “desprofissionalização”, “reprofissionalização”, “novo profissionalismo”.(p.2).

Na década de 80 houve novas reformas de peso nas escolas públicas brasileiras, entre elas destacamos: a adequação de fluxo escolar, criação de ciclos de aprendizagem, reorganização da rede física das escolas, criação de parcerias de escolas com ONGS, repasse de verbas diretamente para as unidades educacionais, implementação de projetos, criação de salas-ambiente, criação do cargo de educador de apoio. Todo esse aparato, antes inexistente, tentou corrigir ou, ao menos, amenizar os conflitos gerados entre uma escola, que ainda

²Alguns profissionais da educação têm feito essa discussão, embora nem sempre ela seja publicada. Dentre os poucos trabalhos publicados recentemente sobre a implantação de um código de ética para a profissão, informa Guimarães (2004), estão os trabalhos de Ilma Passos, Os caminhos da Profissionalização Docente (1998) e Maria Isabel Cunha, Profissionalização Docente: Contradições e perspectivas(1999), e Agostinho Reis Monteiro (2005), Para uma deontologia pedagógica.

funciona nos moldes do início do século XX, para uma sociedade com valores ausentes e modos de vida completamente discutíveis. Enfim, pós-moderna.

As reformas pelas quais passaram as escolas foram vistas com certa desconfiança pelos docentes, talvez pelo fato de eles não terem sido chamados para discutir as ideias que preconizaram tais transformações, acusadas por alguns, como formas de controle do trabalho docente e isso gerou impacto sobre os professores. Esses procedimentos por parte dos idealizadores dos projetos de reformas atingem não apenas o estado de Pernambuco, assim como outros estados brasileiros, estendendo-se a esferas internacionais. Acerca deste aspecto, afirma Lawn (2000):

As tentativas do Estado para criar novos tipos de professores para as novas orientações da política educativa, originadas em diferentes períodos deste século, têm sido as principais formas pelas quais a identidade do professor tem sido construída e mantida. (p120).

Day et al. (2002) afirmam que nos EUA, por exemplo, um regime de testes foi estabelecido com o objetivo de garantir que as escolas se envolvessem num processo de melhoria, que o Estado propunha para todos os alunos, a fim de atender um determinado nível de desempenho em testes autorizados pelo Estado. A mensagem era clara: as escolas ou melhorariam, ou seriam adotadas ou ainda fechadas.

Os autores referidos anteriormente esclarecem que na Noruega também, agora, há exames nacionais. Há medidas nacionais para julgar a qualidade das escolas e o aumento da concorrência entre elas é incentivado e Citando Apple (1986) revelam que os professores, na maioria dos países do mundo, estão enfrentando governos parecidos e intervenções sob a forma de currículos nacionais, exames nacionais, critérios de medição da qualidade das escolas e ainda a publicação de testes na internet, a fim de aumentar normas e promover a escolha mais parental.

Informam também que na Inglaterra, houve a "nomeação" e "descrédito" das escolas que são classificados como estando em necessidade de "medidas especiais". Algumas escolas foram fechadas. Já às escolas de sucesso, têm sido atribuídos status de 'especialistas', 'Farol' ou 'Beacon' e essas recebem mais recursos. E para as escolas com uma avaliação negativa, acompanhamento e procedimentos foram instalados, colocando mais pressão sobre os professores. Entre as consequências negativas dessas medidas foi um aumento no tempo de trabalho dos professores, o moral baixo, e uma crise contínua no recrutamento de professores e retenção, especialmente nas escolas que estão, em que há desafiadores contextos socioeconômicos.

Vale salientar que os papéis educativos e das políticas educacionais atualmente refletem o desejo de aumento da competitividade econômica, através das aptidões que a escola pode desenvolver. Esta ideia é defendida por Ball (2004):

Cada vez mais, as políticas sociais e educacionais estão sendo articuladas e legitimadas explicita, direta e, muitas vezes, exclusivamente em função do seu papel em aumentar a competitividade econômica por meio do desenvolvimento das habilidades, capacidades e disposições exigidas pelas novas formas econômicas da alta modernidade. (p.4).

Obviamente como as sociedades e seus valores sofreram mudanças, sua forma de se relacionar com os professores modificou-se radicalmente. Mudamos de escolas tradicionais, onde o ensino girava em torno da figura do professor para escolas nas quais todo o trabalho passa a ter o educando como foco principal. O diálogo na sala de aula, atualmente, tem sido objeto de preocupação de diferentes autores, segundo Moreira (2006):

Ora é concebido como uma relação pedagógica comunicativa, na qual se confrontam atitudes, opiniões, crenças e valores conscientes, ora como um espaço de descontinuidades, de desajustes, em que necessariamente o inconsciente se faz presente, tornando os resultados imprevisíveis e impossibilitando o ensino tal com é comumente entendido. Em qualquer hipótese, não cabe supervalorizar nem romantizar o diálogo. As condições para desenvolvê-lo são assimétricas. (p.27)

Ao docente, coube absorver a nova proposta de trabalho do mundo globalizado. Adaptar-se, revisar suas concepções, atualizar seus conhecimentos e criar mecanismos de adaptação para tornar-se ainda eficiente, em meio a tantas exigências feitas pelo novo mercado de trabalho. No momento pós-moderno, o conhecimento é o agente de dominação mundial. Cada vez mais empresas, escolas e universidades exigem titulações para a ocupação de cargos. Os títulos, no entanto, são desvalorizados, dependendo da instituição na qual se formou.

Em estudo feito sobre o pensamento de Bourdieu, Gonçalves (2010) discorre sobre o pensamento avaliativo das instituições, de acordo com a realidade da educação na França. Nele constata-se que ao falar de miséria e exclusão parece que a humanidade se iguala, rompendo fronteiras entre nações e continentes.

Um dos efeitos mais paradoxais deste processo – a propósito do qual se falou, com um pouco de precipitação e muito preconceito, de “democratização” foi a descoberta, entre os mais despossuídos, das funções da escola “libertadora. (Gonçalves 2010, p.85).

Inferimos que tanto na França quanto no Brasil, há “currículos inferiores” e uma busca pelo conhecimento que parece não se acabar nunca, nem haver um reconhecimento de suposta competência. Seria uma maneira de garantir a distinção entre classes. É o que Bourdieu apud Gonçalves (2010) chama de classificações sociais reconhecidas e irreconhecidas e a tentativa de reproduzir esse modelo social para a escola.

No seu trabalho, Lopes (2001) informa que na modernidade tardia o caráter mutável das sociedades obriga a uma problematização das socializações e identidades adultas e seu desenvolvimento. Construir relações sociais pouco conflituosas, solidificar e desenvolver identidades adultas torna-se complicado numa sociedade que se apresenta inconstante além de indiferente às normas sociais de épocas anteriores. Defende que o poder público tirou o saber emancipatório dos professores e os “(em) formou”. O discurso da modernização tende a oferecer uma falsa solução para o problema e que é preciso desenvolver uma perspectiva teórica que redefina a natureza da crise educativa e formule uma base para o ponto de reestruturação da formação do trabalho do professor.

As exigências feitas aos educadores por parte das gestões, como elemento do processo de controle de qualidade das escolas, através da política mercantilista do ensino refletem diretamente no *self* dos professores e com isso provoca conflitos. É o que acredita Ball (2004):

O ato de ensinar e a subjetividade do professor ambos sofrem profundas mudanças com o novo panopticismo da gestão (de qualidade e excelência) e as novas formas de controle empresarial (por meio do marketing e da concorrência). Esse processo provoca dois efeitos aparentemente conflituosos: uma individualização crescente, que inclui a destruição das solidariedades baseadas numa identidade profissional comum; e a filiação a sindicatos, como uma forma de se opor à construção de novas formas de filiações institucionais e "comunitárias", baseadas na cultura da empresa. (2004.p.12).

De acordo com a concepção de Lopes (2001) o dilema profissional sofrido pelo professor primário, por exemplo, de optar mais pelo amor, no trabalho docente, representa uma desconstrução das linhas mestras da primeira modernidade. Esta opção implicaria em optar pelas realizações de promessas generosas na questão da emancipação, porém carece de ressignificar a própria emancipação. O amor às crianças foi referência fundamental nos discursos pedagógicos da década de 70. Optar pelo amor em detrimento do controle traz

implicações às quais não se pode evitar na escola. A ênfase no controle dos alunos prevalece na manutenção da organização escolar clássica.

No que se refere ao compromisso dos professores com o trabalho, por exemplo, Day et al. (2006) afirmam que ele produziu um paradoxo, que foi o de que os professores deveriam estar disponíveis para investirem cada vez mais na profissão e no seu desempenho. Fato que resultou na redução de satisfação, quando às exigências feitas ao profissional não poderiam ser satisfeitas. Os autores esclarecem que a segunda chave de contribuição investigativa de Nias (1985) foi de apresentar a diferença entre causa compromisso e o desempenho e motivação dos professores.

Sobre as tensões e contradições ocorridas, no papel de professor primário, os mesmos autores chamam a atenção, fundamentando-se na terceira área de investigação de Nias, que refere-se são o impulso e a necessidade de controle, o conflito entre os valores do ensino individual e do ensino como indivíduos e as obrigações que eles têm referentes às mudanças institucionais. Concluiu ser impossível aos professores satisfazer suas próprias consciências ao mesmo tempo em que sentem-se sob pressão e culpados pelo fracasso do ensino.

Nos espaços de trabalho, quando os professores constatarem possuir ideias diferentes das que prevalecem numa escola, começam a tentar o debate. Entretanto ao verificarem que este se torna impossível, devido à incompatibilidade de valores, o debate é cancelado e eles procuram grupos de referência fora da escola e optam pelo investimento em sua categoria. Lopes (2001) afirma que os professores primários não toleram conflitos.

Lopes (2001) também, no seu estudo remete-nos à grelha do conhecimento educacional em Durkheim, que considerava a pedagogia como atividade mental intermediária entre a ciência e a arte, feita de combinações teóricas que dirigem a ação. No contexto em que surgiu, a grelha durkheimiana provocou a divisão do trabalho entre cientistas e práticos. Esta atitude precisamente excluiu os professores da construção do saber da sua própria profissão. Informa também que Gillet (1987) e Lesne (1984) consideram que o conhecimento acadêmico tem pouca influência na prática dos professores. Para os autores mencionados, o conhecimento dos professores práticos é uma espécie de receituário, o que objetiva evitar problemas de controle e organização. Elliott (1990) afirma que o conhecimento profissional dos professores é feito de conceitos do senso comum, os quais são sensibilizadores, diferentemente dos definidores da ciência. Segundo Elliott (1990) esses conceitos “não são pertinentes do ponto de vista da racionalidade científica dominante, são-no na ação educativa”. (p.377).

A construção de categorias sociais passou a ser muito valorizada devido à busca por empregos. Com a crise que se formou no fim dos anos 60, a procura por trabalho, como também a formação do indivíduo passa a afetar aqueles que ingressaram no mercado profissional, na segunda metade dos anos setenta, como também as gerações subsequentes.

Considerando a evolução das políticas de gestão do emprego ao longo dos anos 80, tudo se passa como se o conjunto dos activos, incluindo os da geração precedente, passasse a estar afectado por este movimento: “a formação” tornou-se uma componente cada vez mais valorizada não somente ao acesso aos empregos, mas também nas trajetórias de empregos e nos abandonos de emprego. Se o emprego é cada vez mais central nos processos identitários (Scnapper, 1989), a formação está cada vez mais estreitamente a ele ligada. (Dubar 2005.p.112).

A saída do sistema escolar e o ingresso no mercado de trabalho, bem como nos conflitos proporcionados por ele representa um dos acontecimentos mais importantes da identidade social, na construção de uma identidade autônoma; porém, é no conflito do mercado de trabalho que reside o maior desafio identitário do indivíduo da geração em crise.

Ao refletir sobre as concepções de Dubar, constatamos que a identidade biográfica dos professores vai-se transformando de acordo com sua experiência com outros pares, de acordo, também, com os estudos complementares e experiência de ensino-aprendizagem acumuladas no decorrer dos anos de trabalho.

Defende Lopes (2001) que a construção de novas normas de trabalho é o ponto de chegada, sempre revisível, da construção atual de novas identidades profissionais para tornar óbvia a crise da normalidade. Segundo ela, a organização clássica da escola representa um obstáculo à socialização profissional de professores, uma vez que este modo de organização não favorece o encontro nem a “subjetividade emancipatória” e sim, o a “subjetividade da conformidade”.

As escolas, enquanto lugares de dimensão e ocupação aceitáveis para favorecer interações construtoras, surgem como lugares da construção social de uma nova pertinência social para a profissão: alastrando o pedagógico à escola e fazendo depender as decisões - dada a cada vez maior heterogeneidade do sistema educativo – do inter-conhecimento localizado. (Lopes, 2001.p.397.)

Em relação à mudança de identidade do professor, esta se processa a partir do proceder profissional ou do engajamento corporativo dele em questões relativas ao exercício de sua profissão, bem como na sua atuação, quando militante de sua categoria. É quando ele

deixa de proceder de modo individualista e passa a atuar de forma mais dedicada com afinco, à sua classe.

Contreras (2001) o explica o uso do termo profissionalidade, afirmando que neste caso as exigências feitas ao trabalhador são as do posto de trabalho, mais as específicas da tarefa educativa, além da formação. Porém esclarece que alguns autores optaram pelo termo profissionalidade como forma de resgate do que há de positivo na ideia de profissional, no contexto das funções inerentes ao trabalho do professor. Destaca o conceito elaborado por Gimeno (1990, p. 2) “a expressão da especificidade de atuação de professores na prática, ou seja, o conjunto de atuações, habilidades, conhecimentos e valores ligados a elas, que constituem a prática específica do professor”. Estas habilidades não estão claramente objetivadas em nenhum contrato trabalhista e alguns critérios sobre a profissionalidade podem ser diferentes, dependendo do contexto histórico, por exemplo.

Para Contreras (2001) “falar de profissionalidade significa não só descrever o desempenho do trabalho de ensinar, como também expressar valores e pretensões que se pretende alcançar e desenvolver nesta profissão”. (p.74).

O conceito acima contempla as preocupações docentes com a qualidade do ensino. Entretanto a atuação profissional do professor não é um produto da decisão apenas do profissional, conforme afirma Gimeno (1990) citado por Contreras (2001): “O Ensino é um jogo de “práticas aninhadas”, onde fatores históricos, culturais, sociais, institucionais e trabalhistas tomam parte, junto com os individuais”. (p. 75). O autor em questão apresenta também três dimensões da profissionalidade que estão relacionadas à autonomia docente: a obrigação moral, o compromisso com a comunidade e a competência profissional.

Pelo fato de ter ocorrido transformações nas estruturas das sociedades modernas, no final do século XX, houve também uma fragmentação nas paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade. Essas diversidades de tipos sociais, no passado, nos tinham fornecido solidez de posições aos indivíduos, enquanto membros sociais.

Estas transformações estão também mudando as identidades pessoais dos sujeitos, estremecendo a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Fazendo-nos rever papéis buscar caminhos e soluções para os novos e inusitados desafios.

Se considerarmos a contemporaneidade, os tempos passados e nossa experiência profissional verificaram que os jovens, de modo geral, dedicam-se cada vez menos aos estudos, devido às diferentes opções de entretenimento oferecidas atualmente. Com isso, a violenta sociedade pós-moderna requisita das escolas mais tempo de docência e permanência

de seus filhos. É o que explica Arroyo (2004): “Recentemente diante do clima de violência do tráfico, de insegurança a que é exposta a infância e adolescência populares a luta por mais tempo de escola aumentou”. (p.190). Isso poderia, por outro lado, representar a possibilidade de uma política mais justa de emprego, através do sistema de dedicação exclusiva e melhor remuneração para o professor.

Hall (2010) define a perda dos antigos paradigmas como deslocamento ou descentração e afirma que esse deslocamento representa crise nos indivíduos:

Esta perda de um "sentido de si" estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento - descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos - constitui uma "crise de identidade" para o indivíduo (p.1).

Acima das conquistas acadêmicas, informa Contreras (2001), existe o comprometimento moral do educador com seus alunos e alunas, no seu desenvolvimento como pessoas, mesmo que essa atitude gere tensões e dilemas: “É preciso atender o avanço na aprendizagem de seus alunos, enquanto que não se pode esquecer das necessidades e do reconhecimento do valor que, como pessoas, lhe merece todo alunado” (p.76) .

Por sua vez, aprendizagem vem sendo mensurada, de modo mais frequente, de forma contínua; entretanto ocorrem ainda as mensurações bimestrais. Há o tempo de recuperações, o tempo de ministrar cada disciplina e talvez o tempo mais condicionante de todos seja o tempo cronometrado de uma aula a outra, que varia entre 45 ou 50 minutos, nos ensinos Fundamental II e Médio. O professor, frequentemente, muda de uma sala para outra, saindo, às vezes, de uma turma inicial do Ensino Fundamental para ministrar aula numa turma terminal do Ensino Médio. Como devem se comportar o raciocínio e a linguagem do educador, diante de tão diferentes contextos, separados por um espaço temporal de poucos minutos? - que é o tempo médio do deslocamento de uma sala para outra. Como reagem as emoções desse profissional diante de realidades e faixas etárias tão distintas e níveis de interesse tão diversificados? Sobre este ponto, afirma Arroyo (2004):

Não percebemos que muitos dos problemas de nossos trabalhos têm sua origem na lógica temporal a que está submetida nossa docência. Se nossos tempos fossem organizados de outra maneira não seríamos mais livres? Não seriam tão parcelados e não gastaríamos tantas energias. Somos as primeiras vítimas. (p.195).

Embora muitos professores não tenham uma intenção moral consciente a respeito seu trabalho, o que fazem tem um caráter moralizante e que está ligado ao currículo oculto: o cuidar, orientar, exemplificar com atitudes. As atitudes tomadas pelo professor na sua sala de aula podem levar seus alunos a serem cidadãos conscientes ou conformados. Aliás, o trabalho educativo desenvolvido pode, de acordo com Bernstein apud Power e Whitty (2008), seguir a ordem expressiva ou a ordem instrumental. Cada uma delas vai favorecer aos alunos aquisições de habilidades com características diferentes: A ordem expressiva trata do conjunto de comportamentos e atividades que são relacionadas ao procedimento, estilo e costumes. A ordem instrumental trata da conquista de habilidades peculiares e corpos de conhecimento. Existem de acordo com Power e Whitty (2008) muitas tensões entre essas duas ordens.

Bernstein afirma que a ordem expressiva e a ordem instrumental tendem a ser abertas ou fechadas. Fato que desencadeia a constituição de relações sociais dentro da escola, as quais são respectivamente diferenciadas ou estratificadas.

O compromisso com a prática ética exige juízos profissionais permanentes, os quais podem ser modificados, uma vez que as situações, circunstâncias, alunos, escolas, contextos, enfim, podem ser variados.

O compromisso com o bem-estar do aluno ou por suas relações com colegas e famílias, obedece a uma ética profissional que só acontece com estabelecimentos de relações afetivas, que devem ser compreendidos e avaliados. Contreras (2001) afirma que:

O contexto institucional, os mandatos administrativos ou as características trabalhistas do professor contradigam ou dificultem a realização de seus valores, as tensões e dilemas e que isto origina só podem ser interpretados como dilemas morais. (p.77).

A segunda dimensão da profissionalidade apontada pelo autor do parágrafo anterior é o compromisso com a comunidade. Questão que implica no conhecimento e envolvimento do profissional com sua clientela.

Como o trabalho docente tem implicações éticas muito importantes, não se constitui a moralidade um fato isolado, afirma Contreras (2001):

Mas, ao contrário, um fenômeno social, produto de nossa vida em comunidade na qual é preciso resolver problemas, que afetam a vida das pessoas e seu desenvolvimento e que precisam elucidar o que é moralmente adequado para cada caso. (p.79).

Para Day et al. (2006) citando Etzioni (1969) e Larson (1977), ser profissional ainda é visto como uma expectativa depositada sobre os professores, que os diferencia de outros grupos de trabalhadores. Profissionalismo, para o educador, tem sido associado com uma forte técnica de conhecimento básico (cultura), ética de serviço (compromisso de servir às necessidades dos clientes), compromisso e autonomia profissional (controle sobre a prática em sala de aula).

Contreras (2001) defende que a educação é um ato social e não um problema da vida privada dos professores. É uma ocupação socialmente encomendada e responsabilizada publicamente. Assertiva que nos remete às atribuições sociais do trabalho docente.

Existe a responsabilidade pública com o ensino. O professor só pode assumir seu compromisso moral a partir da autonomia e não da obediência. O mesmo autor afirma que isso é uma fonte de incoerências e conflitos entre os educadores e a comunidade, que se costuma apresentar como uma desordem entre a autoridade dos profissionais e a da sociedade.

Parte da profissionalidade dos professores consiste também em mediar conflitos entre as expectativas da comunidade, sem ser o centro das contradições ou simplesmente ceder às pressões externas. A resolução de conflitos, portanto, faz parte da tarefa docente, segundo Contreras (2001):

Se a educação for entendida como assunto que não se reduz apenas às salas de aula, mas que tem uma clara dimensão social e política, a profissionalidade pode significar uma análise e uma forma de intervir nos problemas sociopolíticos que competem o trabalho de ensinar. (p.81).

O mesmo autor nos repassa uma visão do professor não apenas individualizado na sala de aula, porém da ação coletiva e organizada e da intervenção nos lugares que restringem o reconhecimento das consequências sociais e políticas do exercício profissional do ensino.

“A obrigação moral e o compromisso com a comunidade requerem uma competência profissional coerentes com ambos” afirma Contreras (2001, p.82). Acerca da competência do professor, conforme qualquer outra profissão é necessária no trabalho docente. O domínio de habilidades técnicas e recursos para a ação didática. Além disso, devem-se conhecer aspectos culturais e do conhecimento constituintes daquele com quem se pretende trabalhar. Seria um relacionamento entre a competência técnica e a consciência libertadora de quem educa.

A profissionalidade explicitada por Contreras (2001) exige dos professores um modelo diferente do paradigma masculino que costuma imperar nas concepções profissionais: racionalistas, centrados na tarefa, com abstração nos contextos, em oposição às características das professoras: cuidado, apoio emocional, centrado na pessoa, focado no contexto.

Enquanto as reformas anteriores na educação enfatizavam bem mais as questões dos sistemas ou da organização curricular, verifica-se atualmente, uma ênfase maior na profissão docente, e também na formação dos educadores, bem como na organização do seu trabalho. Acerca desta temática, afirma Tardif (2007): “Exige-se, cada vez, que os professores se tornem profissionais da pedagogia, capazes de lidar com os inúmeros desafios suscitados pela escolarização de massa em todos os níveis do sistema de ensino”. (p.114).

Tal como não se pode desligar obrigação moral do componente emocional em educação, não se pode reduzir a competência profissional apenas à racionalidade é o que defende Contreras (2001):

Também faz parte das competências profissionais e modo em que se criam e se sustentam vínculos com as pessoas, em que a cumplicidade, o afeto e a sensibilidade se integram e se desenvolvem nas formas de viver a profissão, de tal modo que compressão e implicação se vinculem. A intuição, a improvisação e a orientação entre os sentimentos próprios e alheios também são parte das competências complexas requeridas pela profissionalidade didática, tanto dentro, como fora da sala de aula. (p 90).

O autor citado no parágrafo anterior conclui afirmando que a obrigação moral, o compromisso com a comunidade e a competência profissional podem ser concebidas de maneiras diferentes e dependem da forma como se entenda o ensino e que estas concepções darão lugar a diferentes formas de entender a autonomia profissional dos professores.

Apesar de tantas atribuições delegadas ao educador, no Brasil, no que se refere ao do ensino fundamental e médio, contraditoriamente é evidente o desprestígio social no qual eles vivem; embora, de acordo com a visão de Nóvoa (1999) o prestígio da profissão docente continua intocável. Inferimos que a profissão de professor, de acordo com o autor, ainda goza de prestígio, enquanto que seus profissionais estão vivenciando uma crise:

Mas é preciso contar também o outro lado da história, verificando com alguma surpresa que, apesar de tudo, o prestígio da profissão docente permanece intacto. A confirmação deste facto é dada por sondagens publicadas com alguma frequência na imprensa e por relatórios diversos sobre a situação dos professores: nuns e noutros casos a imagem da profissão docente é bastante positiva, nomeadamente no confronto com outras actividades profissionais. Por outro lado, é inegável que as sociedades contemporâneas já compreenderam que o desenvolvimento sustentável exige a realização de importantes investimentos na educação. (p.22).

Esta afirmação é bastante pertinente para o contexto português. Entretanto, no Brasil, a profissão docente não goza do mesmo prestígio.

Nas escolas, a gestão administra o tempo e carga horária dos professores, também considerando aquela “ética” que faz parte da maioria das escolas: os professores novatos submetem-se aos horários disponíveis, a partir das escolhas das aulas e turmas dos mais antigos, no local de trabalho. O professor pode ter muitos anos de docência, porém se ele transfere-se para outra escola, passa a ser considerado novato. Ocorre ainda de distribuírem os horários a partir das matérias que gozam de “maior prestígio”. Arroyo (2004) informa: “As professoras e os professores novatos (as) ainda se queixavam de ter de ceder a melhores horários para os que têm mais tempo na escola. Alguns lembravam que os melhores horários para os que têm mais tempo na escola”. (p. 189).

Outro ponto de questionamento feito por Arroyo (2004) discorre sobre as imagens construídas, por parte dos professores, a respeito dos alunos que não correspondem ao que os docentes têm como paradigma ideal. Afirma também sobre as mudanças de posturas dos educadores, nas últimas décadas. Se este fato parece, segundo o autor, positivo aos profissionais, por que tanto nos incomodam as transformações dos jovens?

O desencanto é com a perda das imagens que povoam nossa docência, a educação e as escolas. Colocamos a pergunta: que olhares projetamos sobre alunos? Que imagens carregamos da infância, adolescência e juventude? “Os alunos (as) não são mais os mesmos” cabem nessas imagens? Não nos incomodam exatamente porque quebraram essas imagens? Vivenciar essas inseguranças pode ser positivamente amedrontador. (p. 35).

A barbárie na qual vivem muitas sociedades exige jovens desmascarados que agredem e chocam professores. Educandos que perderam docilidade, inocência, e sonhos são os adolescentes que convivemos hoje.

Alguns docentes defendem o ponto de vista de que a infância e adolescência atuais são reais e que os estudantes sonhadores de outras épocas nunca foram autênticos. Foram os professores quem fingiram, por muito tempo, não perceberem este fato. É o que afirma Arroyo (2004):

A perda das imagens sonhadas de infância, adolescência e juventude vinham se perdendo faz tempo. Dissimulamos por muitos anos não percebê-lo, quando reconhecemos que nem nós mesmos vivemos essas imagens a gente se comporta de maneira diferente frente às condutas dos alunos. Estes mostram a coragem que nós não tivemos: reconhecer que aquelas imagens

tenham se perdido ou nunca existiram. Por que tanta resistência docente a reconhecer a perda daquelas imagens românticas e sonhadoras? Talvez porque sem elas o cotidiano escolar seja será insuportável. Mas até quando é suportável viver na ilusão? (p. 49).

Em referência às identidades geracionais, elas se processam de maneira que cada indivíduo deve construir a sua, a partir da sua identidade social e dos valores pertinentes à sua época.

Contreras (2001) apresenta reflexões, argumentando que existem valores considerados típicos como profissionais- portanto construtores da identidade profissional - entretanto são merecedores de serem analisados, no contexto de dimensões próprias do trabalho docente. Analisa como o termo profissionalização, por exemplo, pode encerrar um argumento corporativista, que identifica autonomia com o isolamento. Tal prática pode tentar obter a colaboração e obediência dos docentes.

Também se reivindica maior e melhor formação, capacidade para enfrentar novas situações, preocupação por aspectos educativos que não podem ser descritos em normas, integridade pessoal, responsabilidade naquilo que faz sensibilidade diante de situações delicadas, compromisso com a comunidade etc.(p73).

Segundo Arroyo (2004) o atual momento de crise pela qual passam a escola, a educação básica e os profissionais não devem ser vistos apenas como decepcionantes, mas haveremos de considerar fértil a perda de imagens prefabricadas no passado. Defende ainda, que isso traz motivos para repensarmo-nos, superando imagens que não nos permitiam enxergar o real. Conviver com a aspereza desconcertante dos jovens faz com que interroguemo-nos, assim como ao conjunto do qual fazemos parte.

Há mais um motivo para a esperança: os alunos, as alunas ocuparam as escolas, se instalaram como legítimos habitantes ocuparam os espaços e hoje suas condutas, até agressivas, desconcertantes, são os detalhes que interrogam o conjunto. Tracem novos questionamentos e conseqüentemente novas luminosidades que possam substituir a luz apagada das utopias e sonhos que em outros tempos iluminaram nossas viagens. (p. 51).

Ainda, o pensamento do mesmo autor revela que, desde o final dos anos 70 do século XX, a categoria vem-se construindo, à base de muita luta por uma imagem social e política. Depois da década de 70, houve um deslocamento para situações concretas de trabalho e ainda

mais recentemente, para situações em que produzem sua docência diante das trajetórias humanas dos educandos. Hoje o educador se preocupa não apenas com situações trabalhistas, padrões ou governos, preocupa-se com o educando, com sua aprendizagem e suas posturas diante das propostas de trabalho. “Apegar-se a essas situações, tempos, processos e rotinas é apegar-se à identidade formada pelo trabalho”. (p.175).

Arroyo (2004) destaca propostas de trabalho, produções dos professores e projetos desenvolvidos nas escolas. Menciona também a educação através de ciclos de aprendizagem adotada por algumas prefeituras no Brasil, defendendo que propostas de trabalho desse tipo amedrontam, porque representam ameaça à identidade construída até então. Os professores percebem que alterando-se processos e situações de trabalho se alteram com eles os processos de sua formação e identificação como docentes, como humanos .

Os embates entre mestres-alunos incluem os clássicos problemas de aprendizagem dos saberes escolares, porém vão além dos impasses se dão no campo mais totalizante de seus aprendizados sociais, culturais, humanos, o que exige mais trabalho. Exige outras trajetórias docentes (p.178)

A lógica social que aí está e as mudanças educativas demandadas pelos educandos, de acordo com Arroyo (2004), ameaçam os docentes, porque mexem com seu controle e com seus saberes, pelo novo perfil de crianças e adolescentes que chegam às salas de aula.

Os sentimentos contraditórios que acometem os professores, segundo Fernandes e Veiga em artigo que trata dos medos dos docentes em contexto escolar, afirmam que os educadores sentem medos relacionados à utilização das máquinas.

A respeito do comportamento dos professores em relação ao seu trabalho Nóvoa (1999) afirma:

Os professores há muito tempo, vêm sofrendo de uma situação de mal-estar na profissão, que causa desmotivação pessoal com a docência, abandono, insatisfação, indisposição, desinvestimento e ausência de reflexão crítica, entre outros sintomas que demonstram uma autodepreciação do professor. Esta situação abarca a crise da profissão docente, que vem sendo bastante analisada e discutida pelos teóricos contemporâneos. (p.22).

Além desse medo, sentem o de lidar com alunos especiais em turmas regulares, medos ligados aos colegas (devido ao acúmulo de experiências negativas), medo de se reunirem com os pais, medos ligados à interdisciplinaridade, à educação multicultural e intercultural, à educação sexual, às diferenças socioculturais e econômicas dos alunos e ao aumento de dificuldades ao longo da vida profissional.

Pesquisar a crise identitária da categoria docente diante de um contexto social tão heterogêneo e adverso ao mesmo tempo - quanto é a pós-modernidade ou modernidade tardia, ou modernidade líquida, conforme a preferência permite enxergar mais de perto as dificuldades que os professores enfrentam como também refletir e compreender, não apenas sobre a questão das identidades individuais, bem como sobre as identidades sociais.

1.5. Alterações de identidade: O caso inglês

Martin Lawn (2000) escreveu um artigo que teve como objetivo refletir sobre as alterações de identidade dos professores, a partir da análise de um caso inglês. Nele o autor afirma que as mudanças identitárias docentes são manobradas pelo discurso do Estado, o qual se transforma num sofisticado método de controle e numa forma eficiente de gerir mudança: “Os professores podem aparecer invisíveis em descrições dos sistemas educativos, ou surgirem apenas como “elementos neutros”, uma massa imutável e indiferenciada que permanece constante ao longo do tempo e do espaço”. (p.118).

Ainda segundo Lawn (2000) “professores agem como parte necessária da proposta educativa, embora surjam, nessa mesma proposta, como sombras, representantes ou sujeitos”. (p.118). No entanto, quando ocorre um pânico moral relacionado à sociedade ou às crianças, eles aparecem em primeiro plano, “escrutinados e reprovados”.

Percebe-se que, com a consolidação gradativa da escola das massas, o Estado passou a investir na produção de uma identidade de docentes fiel à nova proposta de trabalho. Com esse tipo de procedimento, constata-se que a identidade do professor apresenta-se como inadequada e sempre sujeita a alterações.

O autor em questão explica que na Inglaterra nas primeiras décadas do século XX, as ideias e políticas sobre o professor, informavam a respeito do perigo social que eles representavam ao “status quo” geraram vários pânicos, bem como os professores que não se enquadram às identidades oficiais.

O projeto modernista inglês de professor ideal recorria a atributos e qualidade morais e sociais, que se ajustassem ao projeto estatal. É o que esclarece Lawn (2000):

A identidade também estava ligada ao projeto nacional e tal como este, necessitava de criar uma “comunidade-para-nós próprios”. Neste sentido, uma comunidade imaginada (Anderson, 1983) de professores foi inventada, recorrendo a um espectro de referências relativas ao tipo de professor que se ajustaria ao projeto nacional, as suas qualidades morais e sociais, as suas virtudes e capacidades. (p.121).

A identidade nacional e o profissionalismo inglês, em meados do século XX, estavam unidos. Entretanto existe um defasamento entre o poder real dos professores exercido nas escolas e o poder que eles parecem apresentar na sociedade, afirma o autor referido no parágrafo anterior.

Lawn (2000) afirma também que a identidade pode ser construída contra ou a favor de algo e ainda, que uma alternativa da produção da identidade de ensino é o envolvimento dos professores em movimentos sociais. Percebemos que no caso específico docente houve quase uma desconstrução da imagem dos professores ao longo dos tempos. Passaram de referências sociais a culpados pelos fracassos da educação.

A Inglaterra, historicamente falando, tem dois exemplos de conexão de professores com movimentos sociais, afirma Lawn (2000): um é a relação entre os professores e o movimento trabalhista no início do século XX e o outro é entre as professoras e o movimento feminista: “Pelo menos uma geração de professoras, no início dos anos 20, era sindicalizada, através do sindicato feminista de professores ou de alguma ala significativa de um sindicato principal”. (p.124).

A classe dos professores tem duas áreas para a prática política, defende Bagguley, (1992): o sindicalismo profissional e a sociedade civil, onde eles atuam como um recurso para os movimentos sociais sejam eles conservadores ou progressistas.

Professores engajados política e socialmente representavam motivo para não conseguirem emprego e ainda assim, quando o conseguiam eram motivo de ofensa para a elite governante, explica Lawn (2000).

Os professores dos anos 20, foram esvaziados das suas crenças políticas o que, num período em que se registrava desemprego, terá sido eficaz para reduzir a idéia de professores políticos a uma questão de vida privada. Nos anos 40 e início dos anos 50 houve uma expulsão por causa da filiação de professores no Partido Comunista, em zonas de Londres em que o partido nunca tinha sido ilegal, estando mesmo representado no Parlamento. Em décadas mais recentes, foi a pertença a sindicatos que foi vista como um sinal de forças externas, em termos simbólicos e práticos, interferindo nas naturais reações entre empregador e empregado. (p.125).

Durante o período da guerra, houve elogios ao desempenho profissional docente, por ter alargado o papel para a promoção do bem-estar social. Com isso, a identidade do professor foi alterada, explica Lawn (2000):

A nova identidade coletiva tinha como suporte um objetivo comum, uma cultura de trabalho comum e uma emergente e atingível sociedade igualitária. Este poderoso discurso da responsabilidade profissional estava dependente das descrições da qualidade do professor, mas estas também foram modificadas. Uma vez que o bem-estar social tinha emergido como característica significativa do sistema nacional, o “elevado caráter social” do ensino foi promovido. (p. 127).

O autor citado afirma que foram exigidas do professor novas qualidades essenciais, como a maturidade, entusiasmo, experiência e personalidade. Tudo isso deveria ser ajustado aos novos tipos de escolas e figuravam como componentes-chave da identidade, que também mudou de gênero: do professor, no masculino, para a mulher amadurecida e reflexiva sobre o papel pastoral e de bem-estar do novo sistema de ensino.

Lawn (2000), entretanto, adverte que houve um silenciamento, provavelmente intencional, sobre a responsabilidade profissional e trabalho dos professores, (que trabalhavam em fracas e difíceis condições) o qual só começou a ser quebrado, nos anos 60.

Nos anos 80, afirma Lawn (2000), “a identidade do professor estava tranquilamente limitada pelas paredes da sala de aula” (p.127) e hoje a eficiência docente é julgada pela capacidade de se manter dentro das paredes simbólicas da sala de aula e de não se comprometer com valores do mundo alargado. “O professor é um trabalhador da escola, com deveres para além da sala de aula, sobre os quais serão inspecionados”. (p.128). Esta afirmação destaca exatamente a profissionalidade a que nos referimos quando mencionamos o autor Contreras (2001).

O autor em pauta afirma que o novo “professor profissional” inglês, no final dos anos 90, precisa ter as seguintes competências:

Esperar sucesso, por parte dos alunos; assumir responsabilidade pessoal pelo seu próprio desenvolvimento no trabalho e avaliar sua própria prática (em comparação com os outros); trabalhar sob forte liderança; estabelecer rede com outros professores e trabalhar com pais e empresas. (p. 128).

As atitudes adequadas exigidas ao professor atualmente são traduzidas por competências, afirma Lawn (2000). E o discurso baseado na competência disfarça a “obrigatoriedade” que o docente tem de ser condizente com a identidade. O trabalho em equipe deve fazer parte da nova identidade, além de ser apresentado e acompanhado.

1.6. O mal-estar docente e autoconceito profissional

Um estudo de Anabela Teixeira Marques (2003) tece reflexões a respeito do mal-estar docente, afirmando que o posicionamento do professor, face ao seu trabalho, foi bastante influenciado pela massificação e reforma do ensino. Assevera que não é apenas o sistema educacional que sofre uma crise. Também a sofre a própria sociedade. As mudanças sociais e culturais observadas nas duas últimas décadas têm perturbado profundamente o próprio grupo social. São as já constatadas quando refletimos sobre a era pós-moderna.

Marques (2003) define o mal-estar docente como estando associado a conceitos como *stress*, fadiga-exaustão, além de ser uma das manifestações que mais preocupam os investigadores da função docente. Afirma, também, que a expressão mal-estar seria a mais inclusiva das expressões para definir os efeitos negativos, os quais afetam a personalidade do professor, como resultado das condições psicossociais, nas quais exerce a docência. Apreciemos as reflexões de José M. Steve apud Nóvoa (1999) sobre a crise dos professores e o seu mal-estar:

Os professores enfrentam circunstâncias de mudança que os obrigam a fazer mal o seu trabalho, tendo de suportar a crítica generalizada, que, sem analisar essas circunstâncias, os considera como responsáveis imediatos pelas falhas do sistema de ensino. A expressão mal-estar docente aparece como um conceito da literatura pedagógica que pretende resumir o conjunto de reacções dos professores como grupo profissional desajustado devido à mudança social. (p.97)

Veiga et al. (2003) escreveram um estudo sobre o autoconceito profissional dos professores, onde trabalhou com uma amostra de 342 professores: “A aplicação da EAPP (Escala de autoconceito Profissional dos professores) construída com 36 itens, incidiu numa amostra de 342 professores, de diferentes escolas de ensino básico e desenvolvimento da sua carreira e com tipos de formação profissional”. (p. 101). No referido estudo, informam que o autoconceito surge, na psicologia, como parte importante da consciência que cada indivíduo tem do seu comportamento. O autoconceito organiza-se a partir de cada crença e imagem que o indivíduo tem de si e estrutura-se de modo hierarquizado, onde essas concepções que faz sobre si, têm o seu valor, seja ele positivo ou negativo. De acordo com os autores, a compreensão que o indivíduo tem do autoconceito profissional pode contribuir positivamente para a promoção de outras dimensões da personalidade tais como suas relações consigo mesmo e com outros pares. Percebemos com isso que Veiga et al (2003) enxergam aspectos positivos e favoráveis à docência e ao docente com o entendimento do próprio indivíduo:

Assim, o estudo do autoconceito dos professores em contexto laboral tem como base o suposto de que a sua compreensão pode facilitar a promoção profissional dos professores, bem como a promoção dos alunos, o relacionamento interpessoal, o sentimento de pertença e cooperatividade, de segurança, de reconhecimento profissional em contexto laboral e a satisfação. (p.102).

Na verdade, há um material abundante de produção de investigação sobre o autoconceito, porém, no que se refere ao autoconceito profissional, pouco existe. Não apenas sobre os professores, como também no que se refere a outros profissionais, afirmam Veiga et al.(2003). No estudo realizado por eles, os resultados provaram a existência de correlações entre a imagem que os professores fazem de si mesmos profissionalmente e o mal-estar docente, informando que as correlações são altamente significativas e negativas.

Após observarmos as concepções dos autores acima, concluímos que um caminho pertinente também para o conhecimento sobre identidades docentes é o de pesquisar, junto ao professor, como ele se vê e se sente, junto às exigências atuais da profissionalidade, de experiência, em meio a questões temporais e humanas e do mundo pós-moderno.

1.7. O Eu e o Nós: identidades presentes nas civilizações.

Pesquisas mostram que o surgimento do ser humano deu-se na África. Posteriormente houve ocupação de outros continentes. Inicialmente os humanos eram grupos de coletores. Mais tarde eles desenvolveram a agricultura e passaram a se fixar. Neto e Tasinafo (2006) afirmam que a partir da fixação da humanidade, houve o aumento das complexidades das relações sociais. O desenvolvimento de habilidades e individualidade se encontra, segundo Aranha e Martins (2005), “na íntima relação com a socialização pela qual o ser humano se apropria dos resultados da experiência histórica da sociedade em que nasceu”. (p.30).

Estudos realizados por Claude Dubar (2006) oferecem, entre outros, esclarecimentos a respeito da fórmula de Norbert Elias sobre as identidades. Elias defende que “Não há identidade do eu sem identidade do nós”.(p.21).Ou seja, para ele a identidade individual depende das relações sociais para poder existir.

Ao investigar essa teoria percebe-se que para interpretar o processo histórico das transformações sociais ou das civilizações, busca-se um equilíbrio na relação entre o Nós-Eu; no entanto constata-se também uma predominância do Eu sobre o Nós. Aranha e Martins (2005) defendem “Será essa dialética entre o social e o pessoal que irá orientar o tempo todo o percurso humano”. (p. 30).

O egocentrismo humano é o que prevalece nas relações sociais atualmente; especialmente nas sociedades urbanas, as quais são organizadas de modo predominantemente individualista. Há delimitações territoriais bastante definidas e radicalizadas, como moradia em edifícios e condomínios ou relações entre vizinhos, geralmente separados por muros altos, cercas eletrificadas, portões eletrônicos, evitando a comunicação entre si. Evitando o olhar do e para o outro. Aranha e Martins (2005) refletem:

A capacidade inventiva do ser humano tende a desalojá-lo do “já feito” em direção ao que “ainda não é”. É também um ser histórico capaz de compreender o passado e projetar o futuro. Embora situado em um contexto, pode aprender a discernir entre o pessoal e o social. O desafio humano é saber aliar tradição e mudança, continuidade e ruptura, interdição e transgressão, para construir uma sociedade melhor. (p.31).

Apesar de haver essa tendência mais individualista do viver atualmente, Dubar (2006) informa que Elias acredita que indivíduos e sociedade parecem inseparáveis no processo histórico das civilizações. Por essa razão torna-se difícil identificar ou isolar histórias individuais das coletivas. É por isso que Elias apud Dubar (2006) apresenta uma justaposição do conceito de Nós a um conceito de Eu e não os define de modo exato, deixando ao leitor supor a existência duma definição única do Nós, representando o polo social, enquanto o Eu representa o polo individual.

O referido estudo deixa claro que no início da história da humanidade encontraríamos bandos, tribos nômades, posteriormente clãs e grupos étnicos. Nesses grupos a identidade do O Nós, ou seja, o grupo prevalecia sobre a identidade do Eu, ou identidade individual. Certamente isso ocorria devido à necessidade de sobrevivência e os sentimentos de proteção e segurança que as pessoas têm. O fato de não terem instalações seguras para viver e terem que diariamente conseguir alimento, além de estarem sujeitos a ataques de animais representava aspectos principais da valorização das identidades coletivas apontadas por Elias.

É por isso que, durante muito tempo, vários sociólogos consideraram que os indivíduos das sociedades primitivas eram como se fossem desprovidos de qualquer consciência individual.

Os primitivos, para Durkheim, eram completamente identificados com seu papéis sociais além de completamente dependentes do Nós para sobreviverem materialmente e identificarem-se como pessoas. Este fato ocorre atualmente entre tribos indígenas da Amazônia ou do Xingu. Na Amazônia, por exemplo, ainda existem grupos que não tiveram ou estabeleceram raros contatos com o mundo civilizado e permanecem dependendo das

relações com sua tribo. Lá a sobrevivência depende da união do grupo, da divisão das tarefas e da fartura oferecida pela floresta.

Podemos inferir através das reflexões anteriormente apresentadas, que a espécie humana foi, ao longo do desenvolvimento de suas civilizações, aprendendo progressivamente a lidar com suas peculiaridades, suas identidades individuais, embora inicialmente prevalecessem as identidades sociais. Dubar (2006) retomando a teoria de Elias chama esta característica de “aprendizagem progressiva do autocontrole” e “processo de individualização”. (p. 22).

Apesar de não haver relatos escritos das sociedades primitivas, os etnólogos se intrigam pelo fato de constatarem que entre os subgrupos da época havia relações de dominação: entre velhos sobre jovens e entre homens sobre mulheres, por exemplo. O que pode nos levar à conclusão de que o embate identitário, quer individual quer em grupo sempre existiu desde o começo das civilizações. A necessidade de impor a predominância de sua identidade parece uma característica humana.

1.8 A realidade educativa atual

Carlos Alberto Torres em “Globalização e Educação” de António Teodoro (2009) afirma que este novo milênio está marcado pelas contradições da globalização e que ela impacta profundamente o mundo, a cultura e a educação. Portanto os “seus vários rostos” ou múltiplas manifestações defendidas pelo autor não dissociam países dos mandos internacionais da política neoliberal capitalista americana.

O Brasil, por exemplo, na última década, vem consolidando uma política de acessibilidade dos brasileiros à educação e à escola. No entanto, ainda enfrenta metas a serem alcançadas. Um dos maiores avanços e desafios educativos atuais é a questão da formação básica do jovem, devido à dificuldade de sua permanência na escola por motivos vários: desinteresse, necessidade de trabalhar, mudança de endereço, ingresso na marginalidade, problemas familiares, entre outros. Entretanto os principais problemas para a garantia de acesso e permanência à educação básica no Brasil são as desigualdades regionais, a formação dos professores e as relações de financiamentos para a educação. Na região Nordeste, por exemplo, a taxa de analfabetismo chega a 19,1% da população³. Devido à existência de tais

³Dados do último censo do país realizado pelo IBGE, em 2010, revelam que a taxa de analfabetismo da população adulta é de 19,1%, embora o analfabetismo tenha diminuído em todas as regiões do Brasil.

problemas, os resultados de discussões, congressos e conferências, etc., realizados no país refletem a preocupação com a possibilidade de corrigir tais lacunas.

A mais recente constituição brasileira, a de 1988, previa a educação obrigatória e gratuita dos seis aos quatorze anos. Em 2009 ela recebeu uma emenda conhecida como Emenda constitucional 59/09 que prevê a universalização da educação obrigatória e gratuita dos quatro aos dezessete anos, reduzindo a idade de entrada e aumentando a faixa etária prevista para o tempo de saída. Esta emenda é de suma importância, porque aumenta a responsabilidade da União com a educação básica e estende ao estudante o acesso a programas de todas as etapas do ensino obrigatório, incluindo a Educação Infantil, embora a oferta deste nível educacional ainda seja elementar, caso consideremos os indicadores educacionais referentes à creche (de zero a três anos) é o que afirma Regina Vinhares, em entrevista à Revista Retratos da Escola, publicada pela CNTE, em 2007:

Uma das maiores conquistas educacionais dos últimos anos, foi certamente, a aprovação da EC 59/2009, que trouxe significativos avanços para o desenvolvimento da educação brasileira. Além da ampliação da gratuidade e obrigatoriedade da educação e do alargamento da responsabilidade da União para com a educação básica e da extensão do acesso a programas suplementares por todas as etapas do ensino obrigatório. (pp.185/186).

A Conferência Nacional de Educação realizada em 2010 enfatizou a necessidade de que o Brasil tem de avançar nas políticas de Estado para a educação e a importância da participação da sociedade civil organizada na luta e acompanhamento das políticas por uma educação democrática de qualidade. A aprovação do FUNDEB ⁴ já foi um avanço. Entretanto em relação à creche, o país não cumpriu a meta do PNE ⁵ em vigor. O governo federal tem ajudado os municípios através do Programa Pró-Infância de construção de creches, já que foi promessa de campanha da presidenta Dilma; no entanto essas ainda são em número bastante inferiores às necessidades nacionais. A mudança etária para o ingresso de crianças, no ensino

³ O Jornal Diário de Pernambuco de 17-11-2011 revelou que o número de pessoas com 10 ou mais anos que não sabem ler e escrever hoje, é de 14,6 milhões.

⁴ .Corresponde ao fundo para toda a educação básica, da creche ao ensino médio.

⁵ Plano Nacional de Educação.

fundamental representa um desafio, de acordo com a avaliação de Doutora Lisete Arelaro⁶, na revista Retratos da Escola:

Este é um dos desafios mais complexos para a próxima década. Primeiro, porque foi precipitada a inclusão das crianças de seis anos no ensino fundamental. Tínhamos experiências exitosas em relação à educação infantil na faixa de quatro a seis anos, que não poderiam ter sido desprezadas. O Brasil tinha muito a ensinar a muitos países europeus nesta área. A segunda questão é que, sem uma justificativa consistente, separamos a faixa etária de zero a três, das de quatro a seis, desprezando, novamente, boas experiências de educação de crianças de zero a cinco/seis anos de idade. Uma boa formação inicial de professoras para os anos iniciais e a realização de pesquisas que estudem mais e melhor as crianças pequenas brasileiras serão boas estratégias. (p.192).

A obrigatoriedade do ensino fundamental de nove anos, a partir de 2010, é uma conquista, bem sabemos; porém as demandas e desafios educativos ainda são grandes para seu efetivo êxito. Mais um entre eles, está a preparação de professores para atuarem com crianças de seis anos, no ensino fundamental; também a questão do material escolar, incluindo livros didáticos; as desigualdades econômicas, sociais, regionais e a distinção de ensino entre as redes estadual e municipal – o Estado trabalha com séries de ensino e muitos municípios com ciclos de aprendizagem.

No país existe outra falta grave educativa: é uma dissociação entre o ensino médio e a educação profissional, que não contribui ao acesso para essa etapa da educação básica. São necessárias ações e políticas para garantirem a universalização dessa etapa com qualidade. O governo Lula revogou decretos que praticamente impediam a profissionalização do ensino médio e de cursá-lo integrado à educação profissional. Isso representou um avanço, porque a Rede Federal expandiu-se através dos institutos federais de educação.

Foi criado também o programa “Brasil Profissionalizante”, do governo federal junto às redes estaduais, para que se tenha ensino médio profissionalizante também nas redes estaduais. Além de haver uma proposta do governo federal junto às redes estaduais para a transformação de qualidade do ensino médio. A expansão do ensino profissionalizante garante ao cidadão, que não ingressam no ensino superior, mais chances no campo profissional. Doutora Lisete Arelaro, em Retratos da Escola (2007) comenta:

⁶ Doutora em Educação. Diretora da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP); é conselheira do Conselho Técnico Científico (CTC-EB) da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

A garantia de universalização do ensino médio não depende diretamente da área educacional, pois, se não houver um projeto de desenvolvimento nacional consistente que possibilite aos jovens brasileiros investir tempo e suor na sua formação, com perspectivas de bons empregos no mercado de trabalho, os números não se alterarão substantivamente. Não por acaso, os dados estatísticos do MEC mostram uma relativa estagnação nos números de matrículas nesta etapa de ensino, não necessariamente por falta de vagas, mas por falta de perspectiva futura dos jovens. (p.193).

Se houver mais investimentos financeiros por parte do poder público, deverá ocorrer a elevação dos níveis de aprendizagem nacionais. Assim como forem dadas oportunidades e respeito para grupos de estudantes antes excluídos como deficientes, quilombolas, indígenas, camponeses, afro-descendentes e aqueles que apresentam distorção de idade-série. Fato que já vem recebendo um olhar diferenciado do governo, conforme explicita Regina Vinhares em Retratos da Escola (2007):

As políticas de inclusão e diversidade, além da Seed/MEC, ganharam novos espaços institucionais, tanto no MEC com a Secad, como nas secretarias de educação. Com isso foi possível a inclusão de pessoas portadoras de deficiências nas escolas da rede pública como a implantação de inúmeros projetos para as escolas do campo, quilombolas e de educação escolar indígena, com especial atenção aos programas de relações étnico raciais, de gênero e diversidade sexual de crianças, adolescentes e jovens em situação de risco; e de educação ambiental.(p.189).

Em 2011, aconteceu uma discussão sobre um novo Plano Nacional de Educação. O governo propôs vinte mudanças no atual. Sabemos que metas precisam ser afirmadas para garantir a educação gratuita e obrigatória proposta pela nação. Uma das novidades propostas é que, daqui a dez anos, possamos medir o índice de qualidade nos níveis fundamental e médio e que também são necessários planos estaduais e municipais para garantir as metas nacionais.

Toda a melhoria que se preze, na área de educação, não pode desprezar as questões que envolvem o professor. Atualmente, a classe luta ainda pelo piso salarial, que não é respeitado em todo o país. Este tema pode representar o desinteresse ou desestímulo de novos estudantes das áreas de licenciaturas pela profissão. A formação inicial precisa ser de boa qualidade e a formação continuada deve permanecer em toda a carreira do docente. Insatisfação profissional ou despreparo do professor também são fatores que comprometem o nível educativo de qualquer nação.

Se houver viabilização de tais medidas, provavelmente daqui a dez anos poderemos comemorar o possível sucesso da educação brasileira e certamente o país vislumbrará avanços proporcionados por uma nação constituída por pessoas menos despreparadas intelectualmente.

No capítulo a seguir, trataremos da metodologia aplicada ao trabalho ou o caminho percorrido para sua execução.

CAPÍTULO II - METODOLOGIA

2. O PERCURSO METODOLÓGICO

“Transgredir foi a saída encontrada pelos professores diante do legalismo autoritário, do controle e do trato infantilizado sofrido nas últimas décadas”.

Miguel Arroyo

2.1. Considerações e opções metodológicas

Neste capítulo traçamos o caminho teórico-metodológico de nossa pesquisa que objetiva conhecer mais de perto as concepções e avaliações dos professores sobre si, sobre sua identidade profissional, e suas condições de trabalho. Além de investigar o cenário da pós-modernidade, relacionando-o à educação e compreender a crise de identidade que vitima os professores. Com objetivo de responder às questões proferidas, elencamos como objetivo geral:

- Averiguar de que maneira o professor do ensino fundamental, na rede pública de ensino, vem ressignificando sua atuação docente, frente a um contexto de profundas mudanças, nos padrões de autoridade estabelecidos pela sociedade.

Determinamos como objetivos específicos:

- Investigar o contexto social da pós-modernidade, relacionando-o à educação.
- Compreender as razões do desprestígio profissional que os professores sofrem na atual conjuntura.

A fim de atingir os objetivos propostos acima, trabalhamos o aporte teórico-metodológico da Análise do Conteúdo na perspectiva de Lawrence Bardin (2011). Esta autora afirma que “não existe coisa pronta, em análise do conteúdo, mas somente algumas regras de base, por vezes dificilmente transponíveis. É um método muito empírico, dependente do tipo de “fala” a que se dedica e do tipo de interpretação que se pretende como objetivo”. (p.36).

2.2. Tipo de Estudo

Este capítulo está estruturado em sete seções que apresentam: o tipo de estudo, os sujeitos da pesquisa, contextos de estudo e caracterização geral das escolas, instrumentos para coleta de dados, o guião de entrevista, procedimentos adotados para a coleta de dados e limitações da investigação.

Neste estudo a natureza da pesquisa é de cunho qualitativo. O termo qualitativo, de acordo com Chizzoti (2003.p.221) “sugere uma forte partilha com pessoas, fatos, locais e objetos que constituem objeto de pesquisa”. É a partir desse convívio que o pesquisador poderá retirar significados apenas perceptíveis a uma atenção mais apurada. O autor acima citado considera imprópria a denominação leve “*soft*” atribuída à pesquisa qualitativa, como sendo oposta às ciências que se autodenominam duras “*hard*”, que optam pela pesquisa quantitativa e veem com certa desconfiança a pesquisa qualitativa.

Bardin (2011) afirma que, “nos anos 1950, houve um apaixonante debate entre ‘procedimentos quantitativos’ e qualitativos” (p.144). As opiniões se dividiam entre a defesa de uma ou de outra metodologia. O debate iniciado na época (até a primeira metade do século XX) estabeleceu uma revisão na concepção de análise do conteúdo, que antes era marcado pelo rigor da quantificação. No plano metodológico, segundo a autora, as diferenças são as seguintes:

Na análise quantitativa o que serve de informação é a frequência com que surgem certas características do conteúdo. Na análise qualitativa é a presença ou a ausência de uma característica de conteúdo ou de um conjunto ou de conjunto de características num determinado fragmento de mensagem que é tomada em consideração. (p.27).

A pesquisa qualitativa adquiriu mais respeitabilidade por parte da comunidade científica, apesar de muitos pesquisadores qualitativos considerem mais pertinentes as convicções subjetivas das pessoas, em detrimento do conhecimento teórico do investigador. É o que explica Richardson (2009).

Ainda de acordo com Chizzotti (2003, p.222), a pesquisa qualitativa pode tomar “formas textuais originais” e apresentar de forma inovadora os resultados da investigação. Também é denominada de naturalística, de acordo com Lincoln e Guba (1985) enquanto o pesquisador partilha *in loco* do ambiente natural.

Richardson (2009) conceitua pesquisa como sendo “A tentativa de uma compreensão mais detalhada dos significados e características situacionais apresentadas pelos entrevistados, em lugar da produção de medidas quantitativas de características e comportamentos”. (p.90).

Bardin (2011) informa que a análise qualitativa apresenta certas peculiaridades:

Corresponde a um procedimento intuitivo, mas também mais maleável e mais adaptável a índices não previstos, ou à evolução das hipóteses. Pode funcionar sobre corpus reduzidos e estabelecer categorias mais

discriminantes. Não rejeita toda e qualquer forma de quantificação (p.145, 146).

Assim sendo, ao considerar os objetivos deste estudo, em consonância com a problemática apresentada, por estarmos trabalhando com seres humanos e queremos identificar se há presenças ou ausências de determinadas características, nas suas vidas e no seu trabalho, decidimos optar pelo método qualitativo de pesquisa.

2.3. Os sujeitos da nossa pesquisa

O texto que se segue consiste em uma análise de um conjunto de dados referente à pesquisa que escutou professores em duas escolas públicas do Estado de Pernambuco: uma da rede municipal do Recife e outra da rede estadual de Camaragibe, situada na região Metropolitana do Recife. Ambas as escolas são de ensino fundamental, escolhidas por sua conveniente acessibilidade.

Elencamos para participar da nossa pesquisa professores do ensino fundamental I e II; todos em exercício do magistério. Vale salientar que uma das entrevistadas atualmente exerce também a função de coordenadora pedagógica, enquanto dois professores entrevistados trabalham em outras unidades de ensino, lecionando no ensino médio.

Como critérios para a escolha dos docentes entrevistados selecionamos:

- (i) Aqueles em exercício do magistério atuantes no ensino fundamental, embora lecionem em mais de um nível de ensino;
- (ii) Os atuantes nas duas escolas selecionadas para a entrevista;
- (iii) Que representassem diversificados tempos de serviço. Desde o início, até o meio e fim de carreira (até 5 anos de carreira; de 6 a 10 anos de ofício; de 11 a 20 anos e a partir dos 20 anos de trabalho);
- (iv) Os pertencentes a diversas áreas do conhecimento;
- (v) Professores que apresentassem disponibilidade para participar da pesquisa.

Existem diversos estudos com intenção de apresentar as diferenças entre os percursos profissionais dos professores. Há autores que consideram o início do desenvolvimento profissional docente antes do ingresso na prática profissional, conforme afirmam Jesus (2004) e Santos (2006).

Ao considerar a existência de ciclos profissionais foi que escolhemos realizar entrevista com professores de diferentes faixas etárias e diferentes tempos de serviço. A respeito dos ciclos profissionais, os autores citados no parágrafo anterior esclarecem que uma das investigações mais referenciadas sobre estudo do desenvolvimento dos professores pertence a

Huberman (1989). Ele define fases comuns aos docentes em suas carreiras profissionais. Nelas esse autor procurou analisar a existência de etapas comuns aos educadores. Os melhores e piores momentos do ciclo profissional, assim como a extensão dos acontecimentos na vida pessoal acerca da vida profissional.

As etapas definidas por Huberman (1989) são: “sobrevivência” ou “choque com o real”, “descoberta”, “estabilização”, “diversificação”, “pôr-se em questão”, “serenidade” e “distanciamento afetivo”, “conservadorismo e lamentações” e “desinvestimento”. É pertinente ressaltar ser possível que os professores possam se localizar em mais de uma etapa ao mesmo tempo.

Em artigo Sotero Pereira et al (2009) analisam as fases apontadas por Huberman (1989) e as explicam do modo apresentado a seguir.

Na etapa “sobrevivência ou choque com o real” despontam ânimo, incertezas medos dos professores iniciantes, tais sentimentos são oriundos do confronto inicial com a realidade profissional complexa.

Acerca da fase “descoberta”, comentam que é paralela à sobrevivência. Ela traduz o entusiasmo inicial e o docente pode experimentar sentimentos de motivação ou frustração;

Em relação à “estabilização”, classificam-na como momento decisivo, porque revela a escolha de uma identidade profissional, independência, autonomia.

O momento “diversificação” representa a experimentação e diferenciação de práticas educativas associadas a maior certeza para realizar mudanças institucionais.

Na etapa “pôr-se em questão” revela-se dúvida relacionada à continuidade na carreira docente, trata-se de um momento de crise;

Em “serenidade” e “distanciamento afetivo” existe a calma em relação ao trabalho, proveniente da experiência e segurança conquistadas.

“Conservadorismo e lamentações” experienciada por professores em final de carreira tem como características maior rigidez, dogmatismo e conservadorismo, no que se refere a seus saberes e sua prática.

Finalmente o “desinvestimento” representa a fase de liberação das atividades relacionadas ao trabalho docente, a fim de dedicarem-se a si mesmos. O desinvestimento pode-se dar também na esfera pessoal.

A seguir apresentaremos quadros de identificação dos professores entrevistados.

Nos quadros 1 e 2 apresentamos a caracterização dos participantes do estudo.

Núm de ordem	Gênero	Estado civil	Filhos idade	Tempo docência	Vínculo	Número de turmas	Nível em que atua
1	F	C	2	11	Efetivo	3	Fund. II
2	M	C	2	34	Efetivo	19	Fund. II
3	F	C	15 e 17	26	Efetivo	1	Fund I e II
4	M	C	21	19	Efetivo	14	Fund II e médio
5	M	S	-----	5	Efetivo	8	Fund II
6	F	S	-----	12	Efetivo	2	Fund. I
7	F	C	2 e 4	10	Efetivo	5	Fund II e médio
8	F	S	17	5	Efetivo	10	Fund II

Quadro 2 -

Professor	Idade	Formação superior inicial e função que exerce na escola	Formação complementar
1	32	Letras – Professor regente de português	Lit. infante juvenil – Especialização Literatura e cultura – Mestrado
2	54	História – Professor regente de história	Ensino de história – Especialização
3	50	Pedagogia – Coordenadora pedagógica	Educação pré-escolar – Especialização
4	49	Matemática – Professor regente de matemática	Educ. matemática e estatística – Especialização
5	28	Matemática – Professor regente de matemática	Curso em andamento
6	29	Pedagogia – Professor regente de fundamental I	Recursos humanos em espaço escolar e não escolar – Especialização
7	29	Letras- Professor regente de português	Linguística aplicada à prática discursiva – Especialização
8	38	Ciências – Professor regente de ciências e matemática	Educação ambiental – Especialização

2.4 Contextos de estudo e caracterização geral das escolas

Conforme já informado, para seleção e dados desta pesquisa elencamos duas escolas públicas do Estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil: Uma na cidade do Recife, capital do Estado; outra na cidade de Camaragibe, região metropolitana do Recife por questão de acessibilidade.

A escola municipal escolhida, a do Recife, desenvolvia seus trabalhos através dos sistemas de ciclos de aprendizagem, até 2011 atuando nos ensinos fundamental I e II, incluindo a EJA. O fundamental I correspondia a 1º e 2º ciclos e o fundamental II corresponde a 3º e 4º ciclos. Atualmente trabalha com o ensino fundamental de nove anos, porém sem atribuir notas aos estudantes. Os resultados das avaliações são descritivos e qualitativos.

A escola estadual, a de Camaragibe, desenvolve seus trabalhos através de séries e anos de ensino. Em 2011 iniciaram turmas de 6ºs anos pelo sistema de ensino fundamental de 9 anos. E as demais continuaram com o mesmo sistema de 2010 e de anos anteriores.

As escolas escolhidas apresentam similaridade quanto à realidade sócio-cultural: possuem estudantes das classes popular e média. Estudantes da classe alta inexistem em ambas.

A escola, neste trabalho denominada número um, surgiu de uma unificação de duas escolas municipais. A primeira escola foi inaugurada em 1982, atendia até a 4ª série. A segunda foi criada em 1961. Era uma escola profissionalizante da prefeitura com cursos de marcenaria, serralharia, corte e costura, cabeleireiro, manicure e arte culinária. Nela funcionou também o antigo MCP (Movimento de Cultura Popular). Ela ganhou nova estrutura física para atender ao ensino fundamental completo. O nome da Escola foi escolhido por votação entre os alunos da época, que optaram entre um dos dois dos nomes das duas escolas anteriores.

Apesar de não possuir instalações ideais, pois as salas de aula são relativamente pequenas, quentes e atende a um considerável número de estudantes, ela desenvolve bons programas como: “Mais educação” (atende jovens em horário integral). “Escola Aberta” (funcionando nos finais de semana com atividades artísticas e esportivas). “Com vida” (comissão de meio ambiente e qualidade de vida) e “alfabetramento” (oferece reforço de leitura e escrita a alunos com deficiência de alfabetização). Realiza um trabalho reconhecido pela comunidade e pelo poder público, quando avalia os resultados de testes realizados pelos seus estudantes em nível estadual ou federal.

A escola que denominamos número 2 é resultante do desmembramento de outra, que passou a ser de referência em ensino médio. Funcionou de 2008 a junho de 2011 em um galpão quente e desconfortável, sem área de lazer e que foi dividido em oito partes transformadas em salas de aula por paredes de gesso. Funcionava em 4 quatro turnos: manhã, intermediário, tarde e noite (por decisão da comunidade) embora fosse em horários reduzidos para que os alunos interessados tivessem a oportunidade de frequentá-la. O prédio atual começou a funcionar em 22 de julho de 2010. Ainda não foi oficialmente inaugurado. Agora a estrutura física é ideal, porém o corpo docente e discente possui de hábitos, costumes e práticas educativas resultantes da antiga forma de trabalhar. Em seis meses, até dezembro de 2011, não desenvolveu nenhum projeto educativo e muitos dos estudantes apresentam desinteresse pelas aulas, apesar das instalações serem ideais.

Caracterização dos funcionários da escola 1

Quadro 3 - Docentes, estagiários, técnicos e administrativos⁷

Gestora	1
Gestor adjunto	1
Professores efetivos	34
Professores temporários (contratados)	6
Professores estagiários	24
Professores de alfa letramento	3
Mediadores de leitura	2
Professores do Projeto da Paz	3
Promotores do projeto Com vida	1
Técnicos de Informática	2
Bibliotecários	1
Secretária	0
Agentes administrativos	2
Estagiários administrativos	6
Coordenador pedagógico	2

⁷ A direção da escola determinou quem, dentre os auxiliares de serviços gerais, trabalharia no cargo de merendeira.

Quadro 4 - Habilitação do pessoal docente

Graduados	Especialistas	Mestres	Doutores	Pós-doutores
8	23	3	0	0

Quadro 5 - Funcionários terceirizados

Porteiros	6
Auxiliares de serviço geral	9

A escola 1 apresenta no seu PPP , juntamente à secretaria que a rege, o desejo de assegurar em suas ações uma educação escolar com qualidade social. A educação é entendida como um direito social básico e tem com princípios éticos a solidariedade, a liberdade, participação e justiça social. Desta forma, ela busca se pautar nestes princípios onde busca assegurar a permanência, a defesa da inclusão, contemplando a diversidade em diversos níveis, constituindo uma identidade cidadã.

Apresenta como objetivos (i) elevar o desempenho acadêmico dos estudantes e (ii) assegurar a participação coletiva integrada na gestão escolar.

Suas metas são: (i) elevar de 0% para 5% o índice de competências construídas no 1º e no 2º ciclos; (ii) elevar de 5% para 10% o índice de competências construídas no 3º e no 4º ciclos; (iii) implantar um programa de atividades dinamizadoras da gestão em todos os segmentos.

Quadro 6 - Caracterização dos recursos físicos da escola 2

BLOCO A	Secretaria 1 Sala de arquivo 1 Sanitários 2 Antessala do gabinete da direção 1 Gabinete da direção 1 Almoxarifado 1 Cozinha 1 Depósito de merenda 1 Pátio 1 Laboratório de Matemática 1 Biblioteca 1 Salas de aula 1
---------	---

BLOCO B	Sala de professores 1 Sanitários para professores 2 Sanitários para alunos 2 Sala de multimídia 1 Laboratório de Informática 1 Salas de aula 4
BLOCO C	Quadra localizada a duas ruas de distância do prédio da escola

Quadro 7 - Caracterização dos funcionários da escola 2

Gestora	1
Gestora adjunta	1
Secretária	1
Professores efetivos	29
Professores contratados	1
Técnicos educacionais	2
Educador de Apoio	1
Agentes administrativos	3
Técnicos de Informática	0
Bibliotecário	2

Quadro 8 - Habilitação do Pessoal Docente

Graduados	Especialistas	Mestres	Doutores	Pós-doutores
3	25	2	0	0

Quadro 9 - Funcionários Terceirizados

Porteiros	1
Auxiliares de serviço geral	2
Merendeiros	2

Quadro 10 - Caracterização dos recursos físicos da escola 2

BLOCO A TÉRREO	Secretaria 1 Sala de arquivo 1 Sanitários para funcionários 2 Antessala do gabinete da direção 1 Gabinete da direção 1 Sala de técnicos e educador de apoio 1 Almoxarifado 1 Sala de espera 1 Sala de professores 1 Biblioteca 1
BLOCO A 1º ANDAR	Salas de aula 3 Laboratório de informática 1 Auditório 1 Escadaria e rampa de acesso
BLOCO B TÉRREO	Sanitários para deficientes 2 Sanitários para alunos/as 2 Pátio para refeições 1 1 cozinha 2 depósitos para merenda Sanitário para merendeiros 1 Laboratório de Ciências 1 Quartinho para guardar materiais de limpeza 1
BLOCO B 1º ANDAR	Sanitários para alunos/as 2 Sanitários para deficientes 2 Salas de aula 4
BLOCO B 2º ANDAR	Salas de aula 5
BLOCO C	Quadra poliesportiva 1 Quiosques 4

A escola 2 defende no seu PPP que busca garantir o sucesso do ensino-aprendizagem e a democratização de sua gestão, a partir do estreitamento de relações entre a comunidade e a participação de todos os seus segmentos nas suas decisões.

Apresenta como objetivos: (i) elevação do padrão de qualidade do ensino-aprendizagem e do reconhecimento público do trabalho educativo realizado; (ii) desenvolvimento de uma pedagogia fundamentada no processo de interação entre o sujeito cognoscente e o objeto cognoscível, proporcionando condições ao educando de constuir seu próprio conhecimento ; (iii) intensificar a participação de todos os segmentos nas atividades realizadas pela escola para que haja articulação e integração na comunidade escolar; (iv) possibilitar a busca da construção do aluno-cidadão.

Reconhece como seus problemas: ausência dos participantes em capacitações, evasão escolar porque antes não havia transporte escolar, depredação do patrimônio público, baixo rendimento em português e matemática, desvalorização do professor e carência de pessoal qualificado para trabalhar em vários cargos na escola.

O referido documento apresenta metas referentes a quatro dimensões: pedagógica, de gestão, organizacional e orçamentária. Além de apresentar como plano de ações os seguintes itens que visam corrigir seus problemas: (i) organizar debates e reflexões com os docentes das diversas áreas do conhecimento e promover um planejamento integrado entre eles; (ii) elaborar e executar projetos de melhoria nas disciplinas em que os alunos apresentam mais dificuldades; (iii) promover integração entre os docentes para troca de experiências e diagnóstico das possíveis dificuldades dos discentes para o novo ano letivo; (iv) articular-se com a Seduc na seleção de matrícula (critérios para alunos desistentes e para a redução do número de alunos por sala); (v) promover competições esportivas e atividades extraclasse; (vi) articular-se com a Seduc para promover a divulgação de cursos, seminários, fóruns e palestras aos docentes, funcionários administrativos e técnicos pedagógicos; (vii) articular-se com a Seduc para o repasse de verbas destinadas à compra de materiais didático-pedagógicos para os docentes e discentes; (viii) colaborar com a criação de um grêmio escolar; (ix) elaborar e executar junto à secretaria de educação treinamento específico aos funcionários; (x) realizar ciclos de palestras e cursos junto à comunidade; (xi) comunicar à comunidade escolar, através de reuniões semestrais, as ações realizadas pela equipe da gestão escolar e o corpo docente; (xii) elaborar informativos semestrais com os alunos; (xiii) elaborar diagnóstico de avaliação do PPP junto a todos os segmentos da escola; (xiv) realizar quatro reuniões administrativo-pedagógicas anualmente entre todos os segmentos da escola; (xv) promover um referencial de avaliação pessoal do desempenho dos funcionários da escola, um a cada bimestre; (xvi) elaborar gráficos demonstrativos dos serviços prestados pela escola para toda comunidade escolar; (xvii) solicitar à secretaria pessoal especializado para o trabalho com

biblioteca, língua espanhola e informática; (xviii) promover ciclo de palestras para a preservação do patrimônio público e do meio ambiente.

2.5. Instrumentos para coleta de dados

Em consonância com o tema deste trabalho, compreendemos ser a entrevista uma eficiente forma de coleta de dados dos participantes, em face da subjetividade do tema escolhido, uma vez que essa técnica permite uma interação “face a face” conforme define Richardson (2009): “pois tem o caráter inquestionável, de proximidade entre as pessoas, que proporciona as melhores possibilidades de penetrar na mente, vida e definição dos indivíduos”. (p.207).

Por se tratar de uma comunicação bilateral permite uma estreita relação entre as pessoas; no caso o entrevistado e o entrevistador. A entrevista foi aqui utilizada com a intenção de coletar aspectos mais relevantes da problemática identitária docente na atualidade. Por meio dela puderam-se utilizar dados qualitativos referentes ao fazer pedagógico e sentimentos do professor entrevistado sobre seu trabalho.

Ainda de acordo com o tema, objetivos propostos pelo trabalho e orientações teóricas de Richardson (2009) optamos pela entrevista semiestruturada “por considerar os aspectos mais relevantes de um determinado problema: as suas descrições de uma situação em estudo”. (p. 208).

Em face dos argumentos supracitados, elaboramos um guião de entrevista, que contempla as treze categorias explicitadas no item guião de entrevista. Este guião permite ao entrevistado relatar o que pensa sobre sua profissão de maneira espontânea e livre, pois conforme o pensamento de Richardson (2009): “o entrevistador, nesse tipo de trabalho, desempenha apenas função de orientação e estimulação”. (p.209).

2.6. O guião de entrevista

Para realização da entrevista semiestruturada elaboramos um guião de entrevista e um questionário de identificação dos participantes. O guião contém 14 questões que atendem a treze categorias de análise. Para sua elaboração, consideramos o fato que sugere Richardson (2009):

O pesquisador deve tentar colocar-se na situação do entrevistado. Se existem temas delicados para tratar, devem ser formulados ao final da entrevista, supondo-se que exista melhor comunicação entre o entrevistador e o entrevistado no transcurso da entrevista. (p.213).

Por causa dessa orientação de Richardson (2009), deixamos os temas mais problemáticos, como a crise propriamente, para o final da entrevista.

Selecionamos primeiramente as questões formuladas por temas, na seguinte ordem: 1ª Pós-modernidade; 2ª Motivo de escolha da profissão; 3ª Desafios da profissão; 4ª Importância do trabalho para o professor; 5ª Fatores que motivam e desmotivam o trabalho docente; 6ª Responsabilidade social do professor; 7ª Formação continuada; 8ª Influência da formação na prática docente; 9ª Profissionalidade docente; 10ª Atividades mais importantes do professor; 11ª Código deontológico; 12ª Culpabilidade atribuída aos professores; 13ª e 14ª Crise profissional.

A fim de garantir sua legitimação, solicitamos autorização às diretorias das escolas, bem como às secretarias de educação do município do Recife e do governo do Estado de Pernambuco para realizar a entrevista.

Esclarecemos aos entrevistados o problema a ser tratado, os objetivos do trabalho, a necessidade da sua voluntariedade da sua participação, a confidencialidade da identidade do entrevistado. Informamos também que a entrevista seria gravada em áudio e posteriormente, seria transcrita. Finalmente agradecemos a participação e colaboração do participante.

2.7. Procedimentos adotados para a coleta de dados

Primeiramente, solicitamos às diretorias das escolas autorização para entrevistar os docentes.

Em segundo, solicitamos também às respectivas secretarias de educação (do município de Recife e do governo do Estado de Pernambuco) que regem as escolas escolhidas para a realização do trabalho, autorização para adentrar e entrevistar docentes, por meio de uma carta de anuência emitida pela faculdade.

Posteriormente apresentamos os objetivos da pesquisa aos docentes, informando-lhes sobre o caráter voluntário da sua participação, assim como sobre o sigilo da sua identidade.

As entrevistas aconteceram de acordo com a disponibilidade dos entrevistados: quatro foram realizadas na escola um; três na escola dois e uma na residência da entrevistada.

Procuramos criar um clima amigável e confiante, deixando o entrevistado à vontade para responder às questões, pensar e responder com calma ou solicitar que a pergunta fosse repetida, caso necessitasse para sua melhor compreensão. Observamos que apesar de termos utilizado essa estratégia, os entrevistados pareciam meio inibidos, no início da entrevista. Alguns mostravam-se meio reticentes ao responderem as primeiras questões. Posteriormente

demonstraram-se mais à vontade para se expressarem em relação às questões e falarem de seus sentimentos, em alguns casos sob forte dose de emotividade.

2.8. Análise dos dados

Para análise dos dados utilizamos o método da análise do conteúdo, fundamentado teoricamente na obra “Análise do conteúdo” de Lawrence Bardin (2011).

A análise do conteúdo é de acordo com Bardin apud Richardson (2009):

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando obter, através de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam inferir conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens. (p.223).

Esse tipo de análise vem-se aperfeiçoando e modificando através do tempo. A natureza da análise do conteúdo apresenta como características metodológicas: objetividade, sistematização e inferência de acordo com Richardson (2009).

Trabalhar este tipo de análise não significa percorrer um caminho predefinido, sem experimentos, traçado e mapeado e de fácil acesso. A dura jornada do pesquisador, neste caso, é bem definida por Bardin (2011):

Cada investigador tem repugnância em descrever a sua hesitante alquimia, contentando-se com a exposição rigorosa dos resultados finais, evitando assim explicitar as hesitações, os cozinhados que os procederam, com grande prejuízo para os participantes que não encontram modelos, receitas acabadas, logo que se dedicam a análises que, pelo seu material ou pelo seu objetivo, se afastam, por pouco que seja, das vias tradicionais. (p.38).

No caso desta pesquisa, os dados foram trabalhados em cinco níveis: a unidade de registro, a unidade de significação, categorias, subcategorias e comentários do pesquisador.

Para a construção da unidade de registro precedeu a audição repetitiva das entrevistas; depois foi feita a transcrição, na íntegra, das falas dos entrevistados por ser a unidade de base.

A unidade de significação foi transcrita, eliminando-se as recorrências, as hesitações, os lapsos, os ilogismos, os marcadores conversacionais; enfim, foram retirados do corpus da entrevista os enunciados que não comprometeram a lógica e a semântica textuais proferidas pelos entrevistados.

Na terceira codificação, apontamos as categorias de análise presentes nos discursos dos entrevistados.

A quarta codificação é composta por subcategorias. Foi necessário, entretanto, reduzi-las devido ao número elevado delas, de modo a reorganizá-las e inseri-las em outras que sendo mais genéricas, contemplassem suas ideias.

Finalmente trabalhamos com os comentários do pesquisador, os quais expõem o que houve nas falas associado às categorias de análise. Espelha, também, as concepções dos professores a respeito dos problemas postos em pauta, relacionados ao seu trabalho.

2.9. Limitações apresentadas pela investigação

Investigar pressupõe procura, descoberta, perseguição de objetivos, busca por respostas... Este tipo de trabalho proporciona o prazer da descoberta, porém descortina também as limitações de tempo, as incompatibilidades de horários, as necessidades de novos estudos, as surpresas das falhas tecnológicas, às vezes mudança de rumo do trabalho; enfim apresenta um leque de instabilidades que vão-se abrindo e dificultando a sua conclusão em tempo hábil.

O fato de se trabalhar com a análise qualitativa pressupõe a escuta dos discursos, a sua não interrupção, bem como o respeito às falas dos entrevistados. Esse proceder permitiu-nos perceber o sofrimento profissional dos colegas entrevistados, suas angústias, insatisfações, inseguranças e, infelizmente, demonstrou a nossa incapacidade de intervir positivamente nessa realidade. Embora se trabalhe com seriedade e isenção o “status quo” encontra-se muito bem definido e dificilmente abalável. Isso promove a sensação de que os nossos achados nos proporcionaram tão somente maior conhecimento sobre a crise que afeta os docentes do mundo inteiro e a necessidade de buscar caminhos para modificar esta situação.

No decorrer deste capítulo, procedemos sobre a metodologia, os sujeitos envolvidos e procedimentos adotados na pesquisa. No capítulo que se segue, apresentamos a análise e discussão dos resultados encontrados na investigação.

CAPÍTULO III – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

“A docência é um trabalho de limites imprecisos e variáveis de acordo com os indivíduos e as circunstâncias, e também segundo os estabelecimentos e os quarteirões e localidades”.

Maurice Tardif

3. Resultados da Análise

Neste capítulo apresentaremos os resultados da análise dos dados das entrevistas, cujos procedimentos já foram enunciados no capítulo anterior. Seu objetivo é de expor o pensamento dos professores sobre sua identidade profissional, considerando-se as opiniões dos docentes entrevistados.

Dessa maneira, a apresentação e discussão dos dados serão feitas a partir dos objetivos definidos. O geral:

- Averiguar de que maneira o professor do ensino fundamental, na rede pública de ensino, vem ressignificando sua atuação docente, frente a um contexto de profundas mudanças, nos padrões de autoridade estabelecidos pela sociedade.

Os específicos:

- Investigar o contexto social da pós-modernidade, relacionando-o à educação;
- Compreender as razões do desprestígio profissional que os professores sofrem na atual conjuntura.

Na descrição das análises trabalhamos com: unidade de registro, unidade de significação, categorias, subcategorias e comentários.

Na unidade de registro, apresentamos textos literais referentes às falas dos entrevistados. Em unidade de significação selecionamos os aspectos mais relevantes das falas dos entrevistados, enquadrados o discurso dos entrevistados em categorias previamente definidas. Em subcategorias, observamos mais uma vez suas falas, reduzindo-as a pequenos temas. Finalmente, nos comentários, apresentamos uma espécie de paráfrase dos discursos dos professores.

Os quadros abaixo estão organizados por ordem das questões apresentadas, informando qual é a categoria de cada uma com suas respectivas subcategorias. Os números de 1 a 8 representam, respectivamente, a ordem dos professores entrevistados e pelos quais serão aqui denominados.

3.1. Pós-modernidade

Na análise do quadro 11 apresentaremos as subcategorias extraídas das falas dos entrevistados para a categoria **pós-modernidade**, a qual corresponde à primeira questão da entrevista.

Quadro 11 – Categoria e subcategorias de análise da questão 1 da entrevista.

Categoria- Pós-modernidade	Subcategorias apresentadas por entrevistados do 1º a 8º
	1. Influência das mídias e desestrutura das famílias.
	2. Globalização, mudança de comportamento, quebra de tradição, do respeito, imediatismo, ausência de valores, mudanças políticas e econômicas.
	3. Interesse do jovem pelas informações via internet e celular.
	4. Imediatismo da sociedade.
	5. Influencia a família
	6. Mudança e ausência de valores. Falta de perspectivas. Consumismo e solidão.
	7. Anseio por bens de consumo. Mudança na relação professor-aluno. Nova ordem social.
	8. Excesso de direitos. Falta de interesse dos alunos.

Os entrevistados revelaram-nos que no período pós-moderno as mídias influenciam as famílias, que por sua vez são, em grande parte dos casos, desestruturadas. Constatamos jovens alienados pelo poder e influência dos meios de comunicação e dos padrões por eles estabelecidos. Observemos o depoimento da sexta entrevistada:

Influencia positivamente e negativamente. E prejudica a partir do momento que alguns valores foram modificados; e pior, alguns foram esquecidos. Eu acho que hoje em dia o jovem tem acesso a uma possibilidade tão grande de recursos; uma possibilidade extensa tão variada, mas eu acho que não tá sendo feito o devido uso. O uso positivo da coisa. Percebo que nessa escola de dez anos pra cá, que há uma modificação de comportamento, de atitude, de visão de mundo. Infelizmente eu consigo perceber a falta de perspectiva. Eu vejo os jovens muito consumistas da roupa, ou do celular, ou do tênis; mas eu não vejo ele com perspectiva de planejar o futuro, de aperfeiçoamento profissional ou então de dedicação a estudo. Eu não vejo dessa forma. Eu acho que a gente tá ficando cada vez mais solitário, cada vez mais sozinho, menos colaborador.

A globalização propiciou o encurtamento das distâncias continentais, assim como a mudança de comportamentos e hábitos e valores, que quebraram a tradição, o respeito, que havia entre pessoas de gerações diferentes. João Arriscado Nunes apud Santos (2011) define essa época: “Pós-modernidade, globalização e transição paradigmática são os nomes que designam a condição emergente destas dinâmicas e as transformações epistemológicas e sociais que lhes são associadas”. (p.309).

Observa-se o interesse excessivo dos jovens por toda novidade tecnológica, afirma o entrevistado três. Enquanto que a sociedade caminha no ritmo desenfreado da era digital. É uma sociedade imediatista.

Antigos valores foram tão revertidos que chegaram a desaparecer. Percebe-se falta de perspectivas, de planejamento para o futuro, além do consumismo excessivo oriundo do apelo capitalista neoliberal. Vivem-se as falsas relações virtuais, enquanto no mundo real predomina isolamento e solidão.

Todos esses comportamentos apontados afetam diretamente o trabalho do professor, conforme afirma nosso sétimo entrevistado:

A gente vê esse anseio por roupas de marca; o uso do celular é constante em sala de aula; que afeta a concentração deles. O próprio relacionamento, a relação professor-aluno, que se deve um pouco a essa ordem social nova, também sofreu muitas alterações.

3.2. Motivo de escolha da profissão

Na análise do quadro 12 apresentaremos as subcategorias referentes às falas dos entrevistados para a categoria **motivo de escolha da profissão**, que corresponde à segunda questão da entrevista.

Quadro 12 – Categoria e subcategorias de análise da questão 2 da entrevista.

Categoria- Motivo de escolha da profissão	Subcategorias apresentadas por entrevistados do 1º ao 8º.
	<ol style="list-style-type: none">1. Fato de gostar/ identificação com o trabalho.2. Influência familiar.3. Vocação.4. Por acaso.5. Fez opção.6. Imposição.7. Influência familiar e vocação.8. Gostar de biologia.

O gosto pelo trabalho, identificação pela profissão e influência familiar são fatores que influenciaram alguns entrevistados na escolha pelo trabalho docente.

Embora já se conteste há muito tempo a questão vocacional para o desempenho profissional, uma entrevistada alegou ter sido esse o motivo de sua escolha profissional:

Tem a ver com a família; eu sou de uma família de professores de português. Eu acredito que a gente tem que estudar muito mesmo pra ser professor; mas tem alguma coisinha a mais. Tem vocação. Tem que ter. (Entrev. 7)

O habitus familiar e o gosto pela leitura motivaram o segundo entrevistado a escolher ser professor: “Eu tenho uma influência familiar. É minha mãe foi professora. Eu sempre gostei muito de ler. Os mistérios da história sempre me fascinaram”.

O acaso foi o responsável pelo ingresso do nosso quarto entrevistado na profissão, segundo ele mesmo relata: “... por acaso, porque antes eu tinha intenção de fazer engenharia; comecei a cursar engenharia e por motivos pessoais... e também por gostar de ensino, ah... me tornei professor”.

O acaso, a opção pessoal, a imposição e preferência por uma disciplina específica também são fatores que levaram alguns, que hoje são profissionais da educação a ingressarem e permanecerem na carreira, colaborando para que a escola atinja seus fins. Tardif e Lessard (2008) esclarecem sobre o trabalho do professor:

...é graças a seu trabalho que a escola consegue atingir seus fins; eles estão, assim, no centro das transações entre a organização escolar e seus principais “clientes”, os alunos. Desse modo espera-se uma certa convergência entre os fins da escola e o mandato dos professores.(p.197).

3.3. Desafios da profissão

A análise do quadro 13 traz as subcategorias referentes às respostas dos educadores para a categoria **desafios da profissão**, que corresponde à terceira questão da entrevista

Quadro 13 – Categoria e subcategorias de análise da questão 3 da entrevista.

Categoria - Desafios da profissão.	Subcategorias apresentadas por entrevistados do 1º a 8º. 1. Descompromisso das famílias com os filhos afeta o trabalho. 2. Baixa remuneração. Desvalorização. Superlotação das salas de aula. Falta de equipamentos nas escolas. Desinteresse dos alunos. Desmotivação do professor. Cansaço do professor. 3. Desrespeito. Desvalorização da educação pela família. 4. Desinteresse do jovem. Desvalorização do estudo. 5. Alunado e políticas governamentais. 6. Fator salarial. Realidade dos alunos. 7. Formação. Questão salarial. 8. Desinteresse dos alunos.
---	---

Para ser professor, na atualidade, muitos são os desafios enfrentados pelos docentes. Eles não iniciam e findam no espaço da sala de aula. Há fatores materiais, concretos, assim como fatores imateriais que constituem provas diárias para o exercício profissional. Estas foram algumas das percepções demonstradas pelos professores entrevistados.

Eles destacaram, em relação à responsabilidade da comunidade: o descompromisso com os filhos, o desinteresse pelo estudo, a realidade de vida dos educandos, desrespeito dos alunos e desvalorização da educação pelas famílias.

Dos fatores materiais apontados como representantes de desafios ao trabalho diário pelos entrevistados estão: a superlotação das salas de aula e a falta de equipamentos nas escolas. A respeito da superlotação refletem Tardif e Lessard (2008):

Em todo lugar, duas variáveis – o tempo de ensino e o tamanho das turmas – são objeto de discussões, negociações e regulamentações, pois, com os salários pagos ao pessoal da educação, elas constituem os parâmetros básicos a partir dos quais se estimam os custos da educação e se avalia a carga de trabalho dos professores. Estima-se também que elas têm efeitos sobre a educação dada às crianças, efeitos que nem sempre são simples, diretos e lineares. (p.115).

Em relação a questões trabalhistas, os entrevistados destacaram as falhas das políticas governamentais e a baixa remuneração.

No que concerne à responsabilidade individual docente um professor mencionou à má formação profissional.

Os conjuntos de desafios apresentados associam-se, contribuindo para o cansaço, a desmotivação do professor e sua consequente desvalorização enquanto profissional. É o que analisa o entrevistado 2:

A baixa remuneração é a principal, porque influi na qualidade do nosso trabalho e na qualidade de vida da gente. Então isso é um aspecto fundamental. A desvalorização. A gente se sente desvalorizado tanto em esfera federal, como em esfera estadual. Vive em brigas constantes com o estado por conta das questões salariais; o desinteresse das autoridades em resolver os problemas dos professores; as salas de aula superlotadas, onde fica muito difícil de trabalhar com os jovens. A falta de equipamentos nas escolas; às vezes tem até uma certa tecnologia, mas talvez devido ao grande uso, ao número de alunos quebra muito fácil, rápido. O próprio desinteresse do aluno, a desmotivação do professor por conta já do seu cansaço; no meu caso já de tantos anos de magistério. E essa desmotivação passa também por não se sentir valorizado, são aspectos que atrapalham, que prejudicam o trabalho da gente.

O descompromisso das famílias com seus filhos, o excesso de atribuições pertencentes aos professores e a necessidade permanente de estudo são os maiores desafios da profissão docente, de acordo com a primeira entrevistada:

A dificuldade que eu acho maior é a falta de compromisso das famílias com os filhos... Além da questão do tempo que a gente como professor também precisa se organizar pra fazer muitas coisas/ atividades; os nossos estudos. Professor não pode parar de estudar em momento algum é outra dificuldade também.

Já a entrevistada sete aponta limitações ligadas à sua formação e o fator salarial como maiores desafios do trabalho como professora:

A minha formação foi muito falha. Eu fiz pouquíssimas cadeiras de didática, de ensino, de estágio. Então eu sinto essa lacuna na minha formação. A gente aprende mais os conteúdos da disciplina que a gente vai trabalhar do que a transposição didática; de como o aluno aprende. Eu sinto falta disso. A questão salarial que, a gente sabe que é gritante.

3.4. Importância do trabalho para o professor

O exame do quadro 14 apresenta subcategorias referentes às respostas dos entrevistados para a categoria **importância do trabalho para o professor**, que corresponde à quarta questão da entrevista.

Quadro 14 – Categoria e subcategorias de análise da questão 4 da entrevista.

Categoria - Importância do trabalho para o professor.	Subcategorias apresentadas por entrevistados do 1º a 8º. 1. Indefinível. Muito importante. 2. A docência é de importância fundamental, porque propõe formar cidadãos, pessoas conscientes que participam da vida política e geral do país, buscando a construção de uma sociedade nova, diferente da que está aí: injusta e desigual. 3. Relevância do trabalho. 4. Docência profissão. Transformação social. 5. Orgulho de ser professor. 6. Grande importância. Gratificante. Merece respeito e reconhecimento. 7. Quarto lugar. 8. Importância total.
--	---

Todos os entrevistados expressaram-se classificando o trabalho docente como de grande importância pelo fato de propor a formação de cidadãos. Tardif (2007) trata dos objetivos do ensino escolar como sendo de caráter geral e não operativo: “Nesse sentido, eles exigem dos professores uma adaptação constante às circunstâncias particulares das situações de trabalho, especialmente em sala de aula com os alunos, como também na preparação das aulas e das avaliações”. (p.126).

Houve um entrevistado, o quinto, que expressou seu orgulho em ser professor e outro, o sexto, destacou que o trabalho do docente merece respeito e reconhecimento:

“Para mim, ser professor vai muito mais além do que uma relação de emprego. É uma relação mais completa. Apesar de que precisa de fato ser visto como uma profissão de extrema importância e que merece o devido respeito”. (Entrev. 6).

A entrevistada sete deixou claro que o trabalho ocupa uma posição secundária na sua vida, embora goste do seu trabalho. Classificou-o em quarto lugar, ordenando-o atrás de papéis identitários individuais.

3.5- Fatores que motivam e desmotivam o trabalho docente.

O exame do quadro 15 apresenta subcategorias referentes às respostas dos professores para a categoria **fatores que motivam o trabalho docente**, que corresponde à quinta questão da entrevista.

Na realidade poderíamos traduzir estar motivado ou desmotivado profissionalmente por encantos ou desencantos da profissão de professor.

Quadro 15 – Categoria e subcategorias de análise da questão 5 da entrevista.

Categoria - Fatores que motivam e desmotivam o trabalho docente.	Subcategorias apresentadas por entrevistados do 1º a 8º. 1. Progresso do aluno. Desmotivação e o desinteresse dos alunos. 2. Existirem alunos interessados. Desinteresse de alguns alunos. 3. Satisfação pelo trabalho alfabetizador. Desvalorização do trabalho docente. 4. Trabalhar com o que gosta. Desvalorização como um todo. 5. Progresso das pessoas. Burocracia. 6. Acompanhar sucesso do aluno. Falta de reconhecimento profissional. Agressão a professores. 7. Ver progresso do aluno. Desmotivação do aluno. 8. Existirem alunos interessados. Desinteresse de alguns alunos.
---	--

Contreras (2002) informa que “o profissionalismo tanto como descrição ou expressão de desejo constitui, um debate vivo no seio da comunidade educativa” (p. 33) e afirma que outro tema controverso é da perda das qualidades que faziam dos professores profissionais ou ainda da degradação das condições de trabalho que os professores depositavam suas esperanças de alcançar status. Esse processo chama-se, segundo ele, proletarização dos professores.

Observamos que a maioria dos entrevistados na questão cinco, sete deles relacionam seu grau de motivação profissional com o interesse e progresso dos alunos. Nenhum deles, entretanto, relacionou sua satisfação em realizar o trabalho, atrelada a realizações pessoais ou de ordem financeira, por exemplo. Sobre este ponto de vista Tardif e Lessard (2008) afirmam:

Todo trabalho sobre e com seres humanos faz retornar sobre si a humanidade de seu objeto: o trabalhador pode assumir ou negar essa humanidade de mil maneiras, mas ela é incontornável para ele, pelo simples fato de interrogar sua própria humanidade. O tratamento reservado ao objeto, assim, não pode mais se reduzir à sua transformação objetiva, técnica, instrumental; ele levanta as questões complexas de poder, da afetividade e da ética, que são inerentes à interação humana, à relação com o outro. (p.30).

Em relação à desmotivação para o trabalho estão associadas às ideias de desinteresse dos alunos pelos estudos, a burocracia das escolas, a falta de reconhecimento profissional e agressão a professores.

Eu acho que essa questão de deixar satisfeito eu falei é você ver o resultado de um trabalho. E exatamente o contrário é que nos desmotiva, nos deixa triste, insatisfeito. Eu tive casos de alunos que vi no jornal como traficante, como bandidos alunos meus, ex-alunos mortos, por conta da violência e por conta de ter se envolvido numa vida de crimes e isso nos dá uma sensação de

fracasso; se a gente se sente vitorioso por um lado por outro a gente se sente fracassado, porque a gente não conseguir encaminhar aquele jovem ou se ele já estava nesse processo, de resgatá-lo Então isso é um motivo de frustração muito grande; creio que não só pra mim, pra todo professor”. (Entrev. 2).

3.6. Responsabilidade social do professor

O quadro 16 apresenta subcategorias referentes às respostas dos entrevistados para a categoria **responsabilidade social dos professores**, que corresponde à sexta questão da entrevista. Nele estão presentes os depoimentos que comprovam os sentimentos dos professores frente a este tema polêmico: como percebem a responsabilidade do seu trabalho perante a sociedade.

Quadro 16 – Categoria e subcategorias de análise da questão 6 da entrevista.

Categoria- Responsabilidade social do professor.	Subcategorias apresentadas por entrevistados do 1º a 8º. 1. Responsabilidade total. 2. É importantíssima a participação do professor na formação do jovem, na construção de uma sociedade ética. 3. Essencialidade do trabalho docente. Importância do professor. 4. Professor profissional de nível superior. Tratado como um menor. 5. Responsabilidade profissional. 6 Importância do professor. Lidar com o conhecimento. 7. Promover leitura mais crítica do aluno. Discurso de contra ideologia. Dar acesso à fala, dar aceso a bens simbólicos. 8. Total.
---	---

Tardif e Lessard (2008) afirmam que “o ensino no meio escolar consiste em perseguir objetivos, ao mesmo tempo, de socialização e instrução, num contexto de interação como os alunos, servindo-se de alguns “instrumentos” de trabalho”. (p.196).

Quando refletimos sobre a questão da socialização, percebemos a inquestionável responsabilidade social do docente perante as comunidades escolares. Além das responsabilidades curriculares, há as incluídas no currículo oculto, como também os compromissos perante a justiça, principalmente depois da criação do Estatuto da Criança e do Adolescente, em 1990 (Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990). Nenhum professor pode se omitir diante do conhecimento de maus tratos ou abandono por parte das famílias, por exemplo.

Nossos entrevistados responderam por unanimidade que a responsabilidade social do professor é grande, principalmente para a construção de uma sociedade ética e também por possuir o poder de influenciar a sociedade. Além disso, destacaram a essencialidade do

trabalho do professor: “A importância do docente é total. Ele tem todo o poder de influenciar uma sociedade”. (Entrev. 1).

Além da responsabilidade social fizeram questão de destacar a importância do professor, por lidar com o conhecimento e ser capaz de promover uma leitura mais crítica do mundo:

A gente tem esse meio papel mesmo de contra ideologia, principalmente porque a gente trabalha com uma classe social que é historicamente dominada; não tem voz esse acesso à voz, dar esse acesso à fala, dar acesso a esses bens que são simbólicos. Não só os bens materiais. (Entrev. 7).

Objetivos das escolas e responsabilidade social dos professores dificilmente se dissociam. Bidwell apud Tardif e Lessard (2008) afirma que:

O objetivo geral das escolas é a socialização técnica e moral dos jovens. Elas visam a preparar os jovens para a vida adulta, formando-se para os saberes e as habilidades necessárias à vida profissional, educando-os moralmente em função das orientações básicas do status de adultos. Em suma, são organizações orientadas a uma dupla missão: educar e instruir, socializar e formar. (p.198).

Um dos professores entrevistados refletindo sobre a responsabilidade docente pontuou que “o professor é um profissional de nível superior tratado como um menor”. (Entrev. 4). Esta afirmação permite-nos perceber sua mágoa em relação ao desprestígio social do docente. José M. Steve apud Nóvoa (1999) também reflete a respeito deste tema: “A sociedade parece que deixou de acreditar na educação como promessa de um futuro melhor; os professores enfrentaram a sua profissão com uma atitude de desilusão e de renúncia, que se foi desenvolvendo em paralelo com a degradação da sua imagem social”. (p. 95).

3.7. Formação continuada

O quadro 17 apresenta subcategorias referentes às respostas dos docentes para a categoria, **formação continuada**, a qual corresponde à sétima questão da entrevista.

Perguntar a opinião dos professores sobre cursos de formação continuada permitiu que eles fizessem reflexão, avaliação e crítica aos cursos propostos para os docentes. Observemos o pensamento deles, então:

Quadro 17 – Categoria e subcategorias de análise da questão 7 da entrevista.

Categoria- Formação continuada.	Subcategorias apresentadas por entrevistados do 1º a 8º. 1. Bons cursos. Entrave na divulgação. 2. A formação deve ser voltada para dois lados: o estritamente didático e o ético. 3. Formação permanente. Grupos próximos da escola. 4. Importância da formação continuada. Formação docente mais rigorosa 5. Participação constante. 6. Bons e maus cursos de formação continuada. 7. Relevância da formação continuada. Considerar a realidade escolar. 8 Proporcionar maior participação docente.
--	--

Avaliaram que há bons cursos, porém opinam que ocorrem às vezes, entraves na sua divulgação. Houve entrevistado que pontuou sobre a necessidade de formação voltada não apenas para o pedagógico, como também que contemplasse a questão ética.

A formação tem que ter dois momentos: ela tem que ser voltada pra o lado, estritamente, didático e o outro lado, que é importante é também é, essa preocupação em relação com a questão da ética. Eu acho que isso deve estar sempre voltado pras formações. A formação moral e a formação profissional da pessoa. (Entrev. 2).

O quarto professor defendeu mais rigor para a formação docente; fato que demonstra sua consciência sobre as falhas nos cursos de formação de professores. “Formação continuada é muito importante. E a formação do professor, eu acho que tá passando por um momento muito delicado. Não sei se é pela proliferação de instituições, mas eu acho que a formação do professor deveria ser mais rigorosa”.

As entrevistadas 3 e 7 defendem que a formação continuada precisa considerar a realidade escolar:

Formação que eu acredito que dá certo é aquela em que se reúne um grupo menor, de preferência por escola, ou por escolas próximas, em que o professor, ele possa trocar experiências, construir novos conhecimentos e com o pé na realidade. Formação que eu acredito que dá certo é aquela em que se reúne um grupo menor; de preferência por escola, ou por escolas próximas, em que o professor, ele possa trocar experiências, construir novos conhecimentos e com o pé na realidade dele. Esse tipo de formação, eu acredito que dê mais resultados. Ou na escola ou com grupos menores de professores. (Entrev. 3).

Esta opinião apresentada pela professora coincide com a de Imbernón (2009): “Mesmo sabendo o discurso já antigo (de meados dos anos 1980), a formação deve aproximar-se à

escola e partir de situações problemáticas dos professores, mas não é isso que acontece, a formação e os projetos nos centros continuam sendo uma eterna reivindicação”. (p.35).

De acordo com a opinião do sexto entrevistado, existem bons e maus cursos de formação para professor:

Tem curso de formação que você faz e sai extremamente satisfeito. Boa parte dos cursos de formação que a gente recebe, não atinge o objetivo. Existem os bons cursos de formação continuada; mas existem também, acho a maioria, infelizmente, não atinge a o objetivo a que se propõe. Às vezes o tempo é curto ou o espaço não é conveniente ou então a própria programação, a própria proposta do curso não é suficiente e às vezes eu tenho impressão de que muitos dos cursos de formação continuada... é mais porque tem obrigação de fazer. Não porque de fato foi feita uma análise aprofundada do que as escolas tão precisando. Qual é a carência do professor.

Quanto às afirmações da sexta entrevistada, constatamos estarem de acordo com as de Imbenón (2009):

Muitos países lançam, literalmente, os poucos recursos destinados à capacitação do professorado ao grande lixo da inutilidade. Paradoxalmente, há muita formação e poucas mudanças. Talvez seja porque ainda predominem políticas e formadores que praticam com afinco e entusiasmo uma formação transmissora e uniforme, com um predomínio de uma teoria descontextualizada, válida para todos, estejam onde estiverem distante dos problemas práticos reais, com base num professor médio que não existe. (pp.34.35).

M.Steve apud Nóvoa (1999) reflete sobre a mudança dos conteúdos curriculares, afirmando que se há um bom funcionamento da formação continuada dos docentes, isso deve garantir uma compreensão apropriada dos alvos e das mudanças curriculares, impedindo com um número satisfatório de cursos de reciclagem, o desconhecimento e insegurança da parte dos docentes diante das mudanças que ainda estão por vir.

3.8. Influência da formação na prática docente

O quadro 18 apresenta subcategorias referentes às respostas dos entrevistados para a categoria, **influência da formação na prática docente**, a qual corresponde à oitava questão da entrevista.

Quadro 18 – Categoria e subcategorias de análise da questão 8 da entrevista.

Categoria - Influência da formação na prática pedagógica.	Subcategorias apresentadas por entrevistados do 1º a 8. 1. Trabalhar com debates e discussões. 2. Tentar utilizar estratégias que tentem ter sucesso. 3. Incorporar informações relevantes. Excluir ou modificar informações irrelevantes. 4. Relacionar conhecimento adquirido com o cotidiano. 5. Pouca aplicabilidade. Caráter muito subjetivo. 6. Práticas diferenciadas. Adaptações necessárias. 7. Relevância da formação continuada. Considerar a realidade escolar. 8. Forma prática.
--	--

Percebemos que houve entrevistados que não conseguiram responder com objetividade a questão oito. Por vezes apresentando descrição de sua prática, mas sem justificar que influência ela recebe das formações continuadas. Criticaram a pouca aplicabilidade dos cursos de formação, assim como seu caráter subjetivo.

O de número cinco destacou a pouca aplicabilidade e subjetividade dos cursos, diferentemente da realidade na qual ele convive nas escolas onde leciona: “Primeiro que os conhecimentos adquiridos na formação e a prática são muito distintas e então eu não consigo aplicar quase nada do que eu vejo na formação, porque as coisas de lá são muito subjetivas e quando chega aqui a realidade é bem diferente”.(Entrev 5).

Os entrevistados três e sete reconheceram a importância dos cursos de formação, entretanto destacaram a necessidade de se fazerem adaptações, considerando a realidade das escolas. A entrevistada sete expressou sua dificuldade em traduzir os conhecimentos adquiridos na formação à sua prática.

Acho tão difícil fazer isso, porque eu acho vi isso tão pouco. Não tive uma cadeira de avaliação, por exemplo. Tive uma cadeira de didática tão superficial! É muito fácil ensinar pra quem quer aprender, pra quem não vem sem muitas lacunas de aprendizagem. Mas pra esse aluno cheio de dificuldades, que é a nossa massa, consigo fazer não. Se eu conseguisse, eles estavam tudo avançando, aprendendo bem muito. Consigo não. (Entrev. 7).

Entre as dificuldades dos professores entrevistados e as críticas feitas por eles às limitações dos cursos de formação encontramos as previsões de Imbernón (2009) sobre a maneira como será a formação permanente no futuro:

A mudança no futuro da formação permanente não deve ser a predominante, mas aquela que o professorado assuma ser sujeito da formação, compartilhando seus significados com a consciência de que somos sujeitos

quando nos diferenciamos trabalhando juntos e desenvolvendo uma identidade profissional (o “eu” pessoal e coletivo que nos permite ser, agir e analisar o que fazemos) e não um mero instrumento na mão de outros. (p.74).

3.9. Profissionalidade docente

O quadro 19 vem representar as subcategorias referentes às respostas dos oito entrevistados para a categoria, **profissionalidade docente**, a qual corresponde à nona questão da entrevista.

O termo profissionalidade corresponde às atribuições das atividades profissionais que não rezam nos contratos trabalhistas nem são especificadas em normas internas das empresas. Segundo Contreras (2001) a responsabilidade pública com o ensino é uma realidade. Ele acredita que o docente só poderá assumir compromisso moral se ele tiver autonomia, conforme já foi afirmado, no capítulo 1 deste trabalho.

Sacristán apud Nóvoa (1999) expõe que:

Entendemos por profissionalidade a afirmação do que é específico na acção docente, isto é, o conjunto de comportamentos, conhecimentos, destrezas, atitudes e valores que constituem a especificidade de ser professor. (p.65).

Quadro 19 – Categoria e subcategorias de análise da questão 9 da entrevista.

Categoria- Profissionalidade docente.	Subcategorias apresentadas por entrevistados do 1º a 8º. 1. Preparo. Dedicção. Amor à profissão e ao conhecimento. Estudar e se atualizar. 2. Uma boa formação acadêmica; conhecer os desafios da profissão, boas leituras e tem que ter vontade de se capacitar e levar isso para a prática. 3. Ser paciente para estar em educação. 4. Paciência. Considerar os aspectos sociais da clientela. 5. Vontade de ser professor. Gosto pelo trabalho. Conhecimento. Formação de qualidade. 6. Ideologia. Propósito. Disposição para abraçar a causa. 7. Dedicção exclusiva. Planejar. Avaliar Boa formação. Salário digno. Explorar espaços oferecidos pela escola. 8. Vocação
--	--

Ainda sobre o mesmo tema, nossos entrevistados expuseram suas concepções, de acordo com sua práxis e sua experiência profissional.

Apontaram preparo atualização, estudo, conhecimento, boa formação acadêmica ou formação de qualidade, boas leituras e vontade de se capacitar como aspectos ligados ao **cognitivo** ligados à profissionalidade.

Dedicação ao trabalho, planeamento de aula, avaliação, exploração os espaços físicos oferecidos pelas escolas, ter dedicação exclusiva foram os **aspectos práticos** do cotidiano apontado por eles.

Os aspectos **emocionais ou imateriais** declarados pelos docentes estão: amor à profissão e ao conhecimento, ser paciente, sentir vontade de ser professor, considerar os aspectos sociais da clientela, ter conhecimento dos desafios da profissão, gostar do trabalho, ter ideologia e vocação.

Contreras (2010) defende que parte da profissionalidade dos professores consiste, também, em mediar conflitos entre as expectativas da comunidade, sem ser o estopim das contradições ou simplesmente ceder às pressões externas. A resolução de conflitos, portanto, faz parte da tarefa docente.

Vejamos o que afirmou um dos nossos entrevistados: “Ele tem que querer ser professor. Tem que gostar do que faz. Tem que saber trabalhar; precisa também de uma formação decente”. (Entrev. 5).

José M. Steve no quarto capítulo de Nóvoa (1999) comenta sobre profissionalidade:

Há um autêntico processo histórico de aumento das exigências que se faz ao professor, pedindo-lhe que assuma um número cada vez maior de responsabilidades. No momento actual, o professor não pode afirmar que sua tarefa se reduz apenas ao domínio cognitivo. Para além de saber a matéria que lecciona, pede-se ao professor que seja facilitador da aprendizagem, pedagogo eficaz, organizador do trabalho de grupo, e que, para além do ensino, cuide do equilíbrio psicológico e afectivo dos alunos, da integração social e da educação sexual, etc.; a tudo isto pode somar-se a atenção aos alunos especiais integrados na turma. (p.100).

Ao retomar as opiniões dos nossos entrevistados, constatamos que apenas a delas, a sétima, apontou a questão salarial como relativa à profissionalidade, revelando que os docentes entrevistados privilegiaram questões educativas, práticas, do fazer pedagógico e emocionais acima da questão da sobrevivência.

3.10 Atividades mais importantes do professor

O quadro 20 apresenta as subcategorias referentes às respostas dos oito entrevistados para a categoria, **atividades mais importantes do professor**, que corresponde à décima questão da entrevista. Sacristán apud Nóvoa (1999) afirma que “o ofício de quem ensina,

consiste basicamente na disponibilidade e utilização, em determinadas situações, de esquemas práticos para construir a acção. São rotinas orientadas para a prática”. (p.79).

A categoria atividades mais importantes do professor revela o que os docentes entrevistados vislumbram como o que há de mais relevante no seu trabalho.

Quadro 20 – Categoria e subcategorias de análise da questão 10 da entrevista.

Categoria – Atividades mais importantes do professor	Subcategorias apresentadas por entrevistados do 1º a 8º. 1. Preparo. Vontade de se atualizar. 2. Preparar o jovem para formação ética e vida profissional. 3. Relevante é o papel de ensinar. Conhecer como ocorre a aprendizagem. 4. Transmissão do conhecimento. Postura profissional. Exemplo de cidadania. 5. Ser formador. Ser educador. 6. Relacionar o aprender, o ensinar, o trocar. 7. Planejar e avaliar aulas. 8. Compromisso. Cumprimento do dever.
--	--

Nossos entrevistados categorizaram como relevantes, no universo de suas atividades profissionais o preparo para si e para jovem com quem ele trabalha. A exemplo do entrevistado abaixo:

Outra questão que eu acho que, que é de relevância é preparar o jovem; primeiro eu já disse, a ética prepara para o mundo; e segundo preparar o jovem para a vida profissional. Pra, não pra uma profissão específica, mas preparar o jovem pra que ele se sinta capacitado a enfrentar o mercado de trabalho. Você associa uma coisa à outra, porque uma pessoa vai agir com dignidade e vai manter sempre essa dignidade, vai manter sempre essa ética, se eles têm essas condições, práticas na vida dele. (Entrev. 2).

Houve entrevistados que destacaram aspectos relacionados ao fazer pedagógico como atividades mais relevantes do professor: ensinar, conhecer processos de aprendizagem, transmitir conhecimentos, relacionar o aprender e o ensinar, avaliar, planejar aulas; conforme ilustra a entrevistada a seguir:

Todas que coloca pra o professor ser o assistente social, o psicólogo, o médico, elas não são relevantes. O professor precisa perceber o aluno como um todo e tentar partir daí trabalhar. Mas o essencial é ele conhecer como o aluno aprende, de que forma se aprende; e como ele pode ensinar dentro do processo do aluno. Isso é o papel relevante do professor. (Entrev. 3).

Steve apud Nóvoa (1999) refere-se à Merazzi que defendeu a seguinte tese: “nas circunstâncias actuais, um dos aspectos mais importantes da competência social dos docentes é a capacidade de enfrentar situações conflituosas”. (p.100).

Observamos que aspectos atitudinais dos docentes também foram destacados por alguns entrevistados desta pesquisa, tais como a postura profissional, o exemplo de cidadania, o fato de ser formador/educador, o compromisso com o trabalho e cumprimento do dever.

3.11. Código deontológico

O quadro 21 apresenta subcategorias referentes às respostas dos entrevistados para a categoria, **código deontológico**, a qual corresponde à décima primeira questão da entrevista.

A atividade docente exige posturas dos profissionais que normalmente não são previamente estabelecidas para o seu exercício. Entretanto, por força da tradição da profissão ou dos anos de experiência - somados aos anos como estudantes nas escolas e posteriormente como profissionais - professores percebem que existem atitudes/comportamentos relativos à categoria que são considerados positivos e outros que são considerados negativos, apesar de não termos um código de ética que reja a profissão docente.

Quadro 21 – Categoria e subcategorias de análise da questão 11 da entrevista

Categoria - Código deontológico	Subcategorias apresentadas por entrevistados do 1º a 8º. 1. Eficaz. Professor, direção, corpo técnico. 2. É primordial. O conjunto, a sociedade como um todo, o estado e professores, representantes de todos os segmentos da sociedade deveriam elaborar o código. 3. Importância de um código deontológico. Elaboração do código pelo conjunto de professores, sindicatos e núcleos de representação docente. 4. Ética é fundamental. Conselho nacional. Sindicatos. Congresso. 5. Importância do código deontológico. Professores responsáveis pela elaboração do código. 6. Elaborado por professores práticos. 7. Importantíssimo. Profissionais docentes. Sindicatos. Órgãos representativos. 8. Um profissional da secretaria de educação.
---------------------------------	--

Todos os nossos entrevistados afirmaram nunca terem ouvido falar em código deontológico na profissão de professor, além de que não tinham pensado nessa possibilidade; porém refletiram um pouco e emitiram suas opiniões sobre este tema proposto na questão onze. A exemplo da entrevistada 3: “Eu acredito que do próprio conjunto de professores; dos sindicatos ou núcleos que o represente; não amadureci a ideia em relação a isso, mas acredito que seria muito bom ter um código de ética para professor”.

Nossos entrevistados também foram unânimes quanto à opinião sobre a possibilidade da criação de um código deontológico para a profissão; eles o classificaram como: eficaz, primordial, importante, importantíssimo e fundamental. Abaixo apresentamos a opinião do entrevistado 4:

Como toda a categoria profissional, ética é fundamental; é importante, né? Pra criar uma forma uma forma de conduta, de balizar o comportamento e quem deveria fazer isso, acho que seria o conselho na nacional de educação, juntamente com os sindicatos, e obviamente também o congresso nacional.

Em relação à responsabilidade da elaboração do futuro código deontológico para a profissão docente as opiniões foram bastante variadas. Defenderam: desde os próprios professores, (a entrevistada seis enfatizou os professores práticos) depois, direção, corpo técnico, a sociedade como um todo, sindicatos, núcleos de representação docente, Conselho Nacional de Educação, o Congresso Nacional e finalmente, um profissional da secretaria de educação.

Segundo Silva (2005) a possibilidade da criação de um código de ética para a profissão tem sido objeto de discussão e argumentos que representam opiniões a favor e contra sua criação por instituições ligadas ao docente. Continua difícil, porque essa classe rege-se por regras e procedimentos próprios. Caso sua elaboração torne-se fato, os professores e os administradores públicos terão um papel importante ao assumirem responsabilidade por meio de um dele.

3.12. Culpabilidade atribuída aos professores

Verificamos que o quadro 22 apresenta subcategorias referentes às respostas dos entrevistados para a categoria, **culpabilidade atribuída aos professores**, que corresponde à décima segunda questão da entrevista. Sobre este tema M.Steve apud Nóvoa comenta:

Grande parte da sociedade, alguns meios de comunicação e também alguns governantes chegaram à conclusão simplista e linear de que os professores como responsáveis directos pelo sistema de ensino, são também os responsáveis directos de todas as lacunas, fracassos, imperfeições e males que neles existem. (p.104).

Em relação à questão doze, observamos que alguns colegas apresentaram um pouco de dificuldade na sua compreensão. Por conta deste fato, houve solicitação para que ocorresse sua repetição durante a entrevista.

Quadro 22 – Categoria e subcategorias de análise da questão 12 da entrevista

<p>Categoria– Culpabilidade atribuída aos professores</p>	<p>Subcategorias apresentadas por entrevistados do 1º a 8º.</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Equivocada. 2. Refletir sobre problemas. Buscar soluções em conferências, congressos ou reuniões menores. 3. Responsabilidade de conhecer os processos de aprendizagem. Trabalhar para a aprendizagem do aluno. 4. Culpar professores é natural. 5. Incapacidade de estabelecer mudanças sozinho. Fracasso escolar. Sociedade violenta. 6. Professor sobrecarregado. Responsabilidades da família ou estado. 7. Discurso midiático. Família, ambiente de letramento, contexto social, político, econômico. 8. Soluções para as críticas.
---	---

Dos oito docentes entrevistados, apenas um considerou natural responsabilizar professores pelos problemas das escolas da educação e da sociedade. Observemos seu depoimento: “Essa atribuição, eu acho de uma certa forma natural; devido que os professores são os profissionais que lidam diretamente com a com a juventude, com as crianças; então eu acho que natural, embora não concorde, eu vejo que é natural essa relação”.(Entrev.4).

Outros apresentaram as seguintes opiniões: que essa é uma ideia equivocada, que os professores devem ter responsabilidades por conhecer os aspectos de aprendizagem e devem trabalhar para a aprendizagem do aluno. Observemos o pensamento do quinto professor entrevistado:

Os problemas dados aos professores são imensos, porque o governo, a sociedade em geral, pensa que a gente vai mudar o mundo somente com o quadro e um lápis na mão. E a gente não consegue fazer isso, tanto não consegue, que o resultado tá aí: fracasso escolar e a sociedade extremamente violenta do jeito que está. (Entrev. 5).

Percebemos que dois dos entrevistados não conseguiram ser objetivos e coerentes em relação à questão formulada. Entretanto os docentes de números 5, 6 e 7 informaram que o professor é incapaz sozinho de promover mudanças. Relacionaram os problemas da educação, das escolas e da sociedade à família, ao estado ao contexto social, político e econômico.

Então esse discurso da mídia do professor como um grande ou o único; às vezes o único responsável pelo fracasso escolar, acho que ele tá tão defasado já. E as pessoas acreditam. Faz parte do senso comum. Ele é reproduzido; ele é legitimado pelas estatísticas. Tem a ver com a família. Com o ambiente de letramento, por exemplo. De alfabetização. Ele nem é o único responsável nem pelo sucesso nem pelo fracasso. (Entrev. 7).

A respeito dos papéis e culpabilização exercida sobre os professores, destacamos a observação de Sacristán apud Nóvoa (1999):

O debate em torno do professorado é um dos pólos de referência do pensamento sobre a educação, objecto obrigatório da investigação educativa e pedra angular dos processos de reforma dos sistemas educativos. Grande parte dos problemas e dos temas educativos conduzem a uma implicação dos professores, exigindo-lhes determinadas actuações, desenhando ou projectando sobre a sua figura uma série de aspirações que se assumem como uma condição para a melhoria da qualidade da educação. (p.64).

3.13. Crise profissional

O quadro 23 contemplará as questões 13 e 14 da entrevista, porque ambas trabalham com a categoria crise profissional.

A questão treze instiga os professores a pensarem em pontos que envolvem sentimentos negativos, problemas, doenças em relação ao trabalho docente. Constatamos que todos os nossos entrevistados possuem suas queixas a fazer, embora nem todos tenham conseguido expressar de que fatores a crise resulta. Acerca desse mal-estar presente na categoria julgamos pertinente apresentar a definição de Marques (2003) referindo-se a Esteve, do que ele vem a ser e de como os professores podem gerir tal sentimento:

O conceito de mal-estar docente traduz uma realidade actual composta por diversos indicadores, como sejam a insatisfação profissional, o stress, o absentismo, o baixo empenho profissional, o desejo de abandono da profissão. Todavia os professores devem tentar gerir o seu próprio mal-estar, isto é utilizar estratégias que diminuam a sensação de mal-estar. Essas estratégias que utilizam são denominadas de estratégias de coping, que passam pelas actividades de lazer, de ocupação de tempos livres. (p. 2).

Quadro 23 – Categoria e subcategorias de análise das questões 13 e 14 da entrevista

Categoria – crise profissional	Subcategorias apresentadas por entrevistados do 1º a 8º. <ol style="list-style-type: none"> 1. Teve perda de emprego por questão de saúde. 2. Sentimento de desvalorização. Falta de empenho do poder público. Sofrimento do professor. 3. Transferir-se de escola por fechamento de turma. Lutar diariamente contra o desejo de abandonar a escola. 4. Existem aborrecimentos. Desejo de abandonar. 5. Professor pressionado. 6. Tomar antidepressivo. Professores com tendinite. Síndrome de Burnout. 7. Redução de carga horária. Problemas de saúde relacionados à profissão. 8. Stress.
Categoria – crise profissional	Subcategorias apresentadas por entrevistados do 1º a 8º. <ol style="list-style-type: none"> 1. Degradação social. Ausência de regras. 2. Má formação de professores. Crise na universidade. 3. Discurso da desvalorização do professor. Governantes não elencam educação como prioridade. 4. Crise resultante da massificação da categoria. Falta de recursos. 5. Descaso governamental. Educação não é prioridade no país. 6. Lidar com a massa. Descaso dos governantes municipais, estaduais ou federais. 7. Olhar crítico sobre a realidade. Contra-hegemonia. Contrapoder. 8. Reconhecimento da importância do professor.

Percebemos durante o trabalho realizado nas entrevistas, uma expressão de emotividade sincera proveniente de alguns entrevistados: silêncios, olhares interrogativos, às vezes de olhos marejados, como se o revisar do tema aflorasse os dissabores profissionais⁸. Observemos o depoimento da entrevistada 7, uma professora jovem :

Nossa voz, por exemplo... Eu já tive problema de voz. E reduzi minha carga horária, porque não tava aguentando. Já tive dores de cabeça bem, bem fortes assim. Geralmente eu tenho no final de semestre. As dorzinhas. Já tive também. De mão, de ombro, de articulação. Não tive pânico ainda não.

Sobre o relato de sentimentos negativos relacionados à experiência como docente, nossos entrevistados elencaram: o fato de não poder assumir emprego após concurso por causa do resultado do exame de saúde, fechamento de turma e transferência de escola sem direito à escolha, além de redução de carga horária por problema na voz.

Observemos agora o depoimento do 2º entrevistado, um professor com mais anos de experiência:

Às vezes a gente se sente maltratado, se sente desvalorizado. A questão salarial, que é uma questão importante que você não vê melhora, não vê empenho do poder público, em melhorar sua vida. Isso desmotiva. É uma

⁸ Bardin (2011) classifica esses sinais não verbais como “elementos formais atípicos”. (p.219).

coisa negativa. O excesso de alunos leva a gente a doenças. Você tem doenças das articulações, vocais, tem doença de coluna. Isso mexe, cansa.

Já M. Esteve apud Nóvoa (1999) reflete:

A comparação contínua entre sua prática cotidiana e os ideais que desejariam alcançar levam-nos a esquemas de ansiedade; por vezes, os professores agem de forma hiperativa, procurando compensar com o seu esforço individual os males endêmicos do ensino. As manifestações depressivas surgem quando o professor chega ao menosprezo de si próprio, culpabilizando-se pela incapacidade de levar à prática os seus ideais pedagógicos. (p. 110).

Os professores entrevistados também relataram problemas consigo e com colegas de trabalho, tais como: sentimento de desvalorização que lhes toma; os aborrecimentos diários; a pressão sofrida, que é exercida pelas comunidades escolares e pelos governos. Também apontaram casos de doenças que normalmente acometem os docentes a exemplo de stress, tendinite e Síndrome de Burnout. Sobre os problemas apontados pelos entrevistados José M. Esteve apud Nóvoa (1999) apresenta reflexão metafórica do mal-estar docente:

A situação dos professores perante a mudança social é comparável à de um grupo de actores, vestidos com traje de determinada época, a quem sem prévio aviso se muda o cenário, em metade do palco, desenrolando um novo pano de fundo, no cenário anterior. Uma nova encenação pós-moderna, colorida e fluorescente, oculta a anterior, clássica e severa. (p.97).

A questão quatorze investiga de que fatores resultam a crise da profissão docente. Ao que nossos entrevistados responderam no que se refere às responsabilidades sociais. Resulta da degradação social; ausência de regras, do descaso governamental e o fato de educação não ser prioridade no país. Massificação da categoria e também por representar um contrapoder por e despertar um olhar crítico sobre a realidade das massas com as quais trabalham os docentes. A respeito do papel conscientizador dos professores seria interessante destacar Hill (2003):

Os professores são perigosos porque eles estão intimamente ligados à produção social da força de trabalho, fornecendo aos estudantes técnicas, competências, habilidades conhecimentos e atitudes e qualidades pessoais que podem ser expressas e utilizadas no processo de trabalho capitalista. Os professores são os guardiões da qualidade da força de trabalho! Este potencial, este poder latente que têm os professores é a razão pela qual os representantes do Estado perdem o sono preocupando-se sobre seu papel em assegurar que os futuros trabalhadores sejam entregues aos locais de trabalho

pelo capital nacional e que disponham da mais alta qualidade possível.
(p.27).

Houve entrevistados que destacaram como responsáveis pela crise aspectos que acusam o professor, independentemente de prévias questões político-sociais. São elas: a má formação docente, crise na universidade e o discurso da desvalorização do professor.

Para entender um pouco sobre a desvalorização da profissão docente, destacamos Hoyle apud Nóvoa (1999) ao analisar seis fatores que originam o prestígio da profissão docente:

1)A origem social do grupo,que provém das classes média e baixa.2) O tamanho do grupo profissional que, por ser numeroso, dificulta a melhoria substancial do salário. 3) A proporção de mulheres, manifestação de uma seleção indirecta, na medida em que as mulheres são um grupo socialmente discriminado. 4) A qualificação académica de acesso, que é de nível médio para os professores dos ensino infantil e primário.5) O status dos clientes. 6) A relação com os clientes, que não é voluntária, mas sim baseada na obrigatoriedade do consumo do ensino”.(pp.66.67).

Encerrada a análise das categorias e subcategorias provenientes das questões formuladas na entrevista, julgamos pertinente esclarecer, em resposta ao objetivo geral proposto como os professores em questão estão ressignificando sua atuação no seu trabalho.

Os docentes tentam contornar os problemas gerados pelos antivalores sociais contemporâneos, pelas mudanças de comportamento de seus alunos, pela influência das mídias, assim como da política neoliberal excludente e persistem, embora dando sinais de cansaço, a desenvolver seu trabalho juntamente com os valores que eles trazem consigo. Muito embora tenham pleno conhecimento dos vários desafios que compõem o trabalho do professor.

Inicialmente exercem enquanto cidadãos conscientes da sua condição, a crítica sobre as dificuldades encontradas para o exercício do seu trabalho.

Não apenas percebem, assim como creem na importância do trabalho do professor para a formação da cidadania de muitos, para o sonho da construção de uma nova sociedade, devido a seu poder de conscientização; portanto de transformação.

Também ressignificam sua atuação, refletindo sobre aspectos motivacionais do seu trabalho, normalmente atrelados ao progresso dos discentes, ainda que reconheçam e apontem os desencantos da profissão.

Assumem para si responsabilidades educativas perante a sociedade pelo fato de lidarem com o conhecimento e serem influenciadores das identidades dos seus alunos.

Reconhecem a necessidade de estudos e cursos de formação permanentes para o bom nível e desempenho do seu trabalho, quanto bem contextualizados ou adaptados à realidade escolar.

Estabelecem reflexão sobre os requisitos necessários para ser professor, na qual eles alegam características de ordem afetiva e emocional, além dos atributos cognitivos.

Avaliam quais são as atividades docentes mais importantes, em meio a gama de responsabilidades que lhes são confiadas.

Admitem a necessidade e importância de um código deontológico que reja o trabalho docente.

Exercem sua crítica acerca do julgamento da sociedade, que atribui aos professores as culpas pelo fracasso da educação.

Refletem, embora vitimados pelo desprestígio profissional, sobre sua condição de profissional, sobre os problemas que afetam o bom exercício do trabalho e os docentes, de modo geral.

Diante das possibilidades de ressignificação do trabalho do professor demonstradas pelos depoimentos dos entrevistados, inferimos que muitos deles passaram por experiências amargas durante a sua vida profissional. Experiências essas, que são construtoras de sua identidade, obviamente, porém que deixam marcas e um sentimento de desconforto e, às vezes, frustração aos educadores.

No capítulo que se segue apresentaremos considerações finais e conclusões obtidas com esta pesquisa.

“A identidade do eu só é possível graças à
identidade do outro que me reconhece; identidade
essa que depende do meu próprio
reconhecimento”.

Hegel

CONSIDERAÇÕES FINAIS E CONCLUSÕES

Durante o desenvolvimento desta pesquisa contextualizamos o cenário pós-moderno como sua referência temporal para só posteriormente conceituarmos identidade, embasados pelos teóricos escolhidos e, finalmente, expusemos o estudo do que vem a ser a crise que acomete os professores.

Apresentamos como proposta geral averiguar de que maneira o professor do ensino fundamental, na rede pública de ensino vem ressignificando sua atuação docente, frente a um contexto de profundas mudanças estabelecidas, nos padrões de autoridade estabelecidos pela sociedade. Para atingir esta meta, traçamos como objetivos específicos investigar o contexto social da pós-modernidade, relacionando-o à educação, a fim de compreender as razões do desprestígio profissional que os professores sofrem na atual conjuntura.

Partimos então, para a investigação do cenário pós-moderno e só após a realização dela, apresentar os conceitos de identidade oferecidos pela literatura selecionada, a fim de compreendermos porque uma profissão que gozou de prestígio durante tanto tempo, assim como seus profissionais, atualmente está em crise.

Sobre a terminologia pós-modernidade constatamos não ser a preferência de todos os teóricos, pelo fato de alguns enxergarem que a modernidade ainda não acabou ou pelo fato de verem o atual momento como mais uma etapa do capitalismo, e por ser uma terminologia, que contempla apenas o viver ocidental; resumindo, há muitos nomes para definirem o mesmo período. Nossa pesquisa foi buscar suporte para este estudo em Giddens (2002), Beck (2010), Imbernón (2000), Bauman (1978), Moreira (2006), entre de outros que não mencionamos agora.

Acerca dos conceitos de identidade percorremos o caminho da visão sociológica referendados por Dubar (2005 e 2006), destacamos o caso inglês de alterações de identidade, sob o aporte teórico de Lawn (2000). Trabalhamos com o autoconceito profissional com os teóricos Marques (2003), Steve apud Nóvoa (1999), Veiga et al (2003), como também com as identidades individuais e coletivas presentes através das civilizações sob as teorias de Neto e Tasinafo (2006), Dubar (2005 e 2006), Aranha e Martins (2006). E finalizando, fizemos uma

breve exposição da realidade educativa brasileira atual pesquisando em Teodoro (2009), Constituição brasileira (1988), Revista Retratos da Escola (2007), enfatizando o que se refere ou aponta para o docente, nosso objeto de estudo.

Quanto ao tema crise, refletimos sobre a história da crise de identidade e trabalhamos com os conceitos e consequências do mal-estar docente, utilizando como referenciais teóricos Nóvoa (1999), Dubar (2006), Lopes (2001), Steve apud Nóvoa (1999), Codo (1999) Erikson apud Lopes (2001), Saviani (2008), Arroyo (2004), Contreras (2001), Guimarães (2004), Day et al (2006), entre outros.

Selecionamos para fazerem parte deste trabalho professores diferentes de faixas etárias e tempo de docência, tomando como referência os ciclos profissionais trabalhados por Huberman (1989), fim de que pudéssemos obter uma espécie de radiografia da situação, com sujeitos distintos, diferenciados cronologicamente no tempo e pela experiência de ensino.

Após o trabalho de campo, concluímos que o professor do ensino fundamental, atualmente, sente seu fazer pedagógico afetado pelas questões sociais decorrentes do período pós-moderno. Os depoimentos dos docentes revelaram insatisfação com a educação familiar que os jovens trazem consigo. O desrespeito e descaso do estudante pelo professor e excessivo interesse pelas mídias e desinteresse pela escola. Portanto isto é fato que dificulta a transformação da sua condição. Bauman (1998), por exemplo, prevê que a lógica capitalista, através do ritmo que ela impõe, dificulta a busca da transformação. Ele reflete que essa lógica se estende a várias esferas da vida das pessoas. Não apenas a econômica, afetando sua vida pessoal e social.

Enquanto que Lash (2010) afirma que as comunidades da modernidade apresentam-se profundamente diferentes das comunidades tradicionais por se fundamentarem em estruturas de informação e comunicação. É fato constatado pelos professores, ao referirem-se aos interesses dos estudantes pelas mídias.

Apesar dos problemas que a categoria enfrenta na atual conjuntura, a maior parte dos docentes está na profissão por livre escolha foi a conclusão a que chegamos com o grupo entrevistado. Apenas uma iniciou na carreira por imposição familiar, porém declarou que hoje gosta do seu trabalho. Essas declarações dos entrevistados nos levaram à reflexão sobre a contradição que isso representa: sofrer com o seu trabalho e gostar dele.

A respeito das maiores dificuldades da profissão, a pesquisa comprovou, através de seus entrevistados, que as de ordem emocional afetam mais a sua identidade como professor, pois apareceram em número maior do que as de ordem física e financeira. Os resultados do

trabalho pedagógico, o conhecimento do aluno, bem como seu progresso intelectual receberam destaque. A maioria apontou a grande importância da identidade profissional nas suas vidas devido ao caráter formativo da educação.

Concluímos que os encantos do trabalho docente, para o grupo entrevistado, estão diretamente relacionados ao progresso, futuro e desenvolvimento intelectual dos estudantes. Enquanto que os desencantos estão relacionados à rejeição ao trabalho do professor pelos educandos, ao ingresso dos alunos na marginalidade, ao descaso governamental e burocracia presente nas escolas. Ao refletir sobre desencanto, remtemo-nos a Tardif e Lessard (2005) quando explicam a existência da carga mental do trabalho dos professores, por causa das exigências as quais lhes são feitas. (p.114).

No que se refere à responsabilidade social do trabalho docente, a pesquisa comprovou que o grupo entrevistado crê nesse poder de alcance do seu trabalho, porque ele pode influenciar a sociedade através do jovem, por lidar com o conhecimento, pelo fato do professor ser responsável pela formação de todas as profissões e por ter um papel contra-hegemônico. O que verificamos aqui é a confiança dos professores no poder do seu trabalho e necessidade de reconhecimento dele. O sociólogo Dubar (2005) afirma que “o reconhecimento recíproco é ponto de chegada possível, e não ponto de partida obrigatório, da socialização”. (p.100). Esteve apud Nóvoa (1999) explica que a consideração social pelo professor também modificou-se. (p.105).

Em relação ao tema formação continuada, a pesquisa concluiu que os professores consideram-na importante, embora foram feitas críticas ao formato e a qualidade de diversos cursos de formação, além de contestadas a sua aplicabilidade na sala de aula. Houve um entrevistado que defendeu a formação ética, além da didática para a categoria. Steve apud Nóvoa (1999) acerca de formação esclarece: “o processo de formação permanente tem menos importância do que uma acção preventiva no âmbito da formação inicial”. (p.119).

A articulação entre os cursos de formação e a prática diária escolar, aos olhos dos nossos entrevistados, acontece fazendo-se adaptações à realidade da comunidade com a qual se trabalha. Conteúdos distantes da realidade do professor e dos alunos são deixados de lado. Há uma professora, entretanto, que não consegue fazer a transposição didática, devido às suas deficiências de formação profissional, segundo suas próprias declarações, e ao fato de trabalhar com quem não quer aprender. Concluímos, portanto, que os cursos de formação necessitam de ajustes à realidade do docente e do grupo com o qual ele trabalha.

Amor à profissão e ao conhecimento, preparo, disponibilidade para o estudo, gosto pelo trabalho, capacitação, boa formação acadêmica, boas leituras, disposição para abraçar a causa, paciência, ter propósito, ideologia, querer ser professor, gostar do que faz, aprender a planejar, aprender a avaliar, formação continuada decente, vocação foi o que esta pesquisa concluiu como elementos presentes na profissionalidade docente definidos pelos entrevistados. Bernstein apud Nóvoa (1999) afirma que “a evolução da sociedade tende a afectar à escola um conjunto cada vez mais alargado de funções; as aspirações educativas a que o professor deve dar resposta crescem à medida em que se tornam de dia para dia mais etéreas ou invisíveis”.(p.67).

Após definidos os aspectos da profissionalidade, os docentes entrevistados apontaram como atividades mais importantes dos professores: o preparo profissional, preparação do jovem para o mundo e para a vida profissional; o conhecimento de como o aluno aprende, de que forma se aprende; a transmissão do conhecimento; o papel de formador. Estabelecer a relação entre o aprender e o ensinar; planejar aulas e avaliar; ter compromisso.

Identificamos nesses depoimentos, alguns fatores que não representam atividades dos professores, conforme lhes foi solicitado, mas posturas éticas deles, tais como: o preparo profissional, o conhecimento sobre o aluno, o compromisso com seu trabalho. Em relação às atividades escolares Tardif e Lessard (2008) informam: “o ensino no meio escolar consiste em perseguir objetivos, ao mesmo tempo, de socialização de instrução, num contexto de interação com os alunos, servindo-se de alguns “instrumentos” de trabalho”. (p.196).

Sobre o tema ou categoria código deontológico esta pesquisa concluiu que os professores, apesar de não terem refletido anteriormente sobre este tema, o percebem como importante e necessário à profissão do professor, porém em face de não terem cogitado antes a possibilidade de sua existência, não apresentaram um consenso quanto à responsabilidade por sua possível elaboração: se professor, direção, corpo técnico, o conjunto da sociedade como um todo, o estado, representantes de todos os segmentos da sociedade, sindicatos, núcleos de representação do docente, conselho nacional, congresso, professores práticos e um profissional da secretaria de educação. Quem finalmente deve elaborar o código.

Acerca dos sentimentos negativos, problemas, doenças relacionados à experiência como professor investigados nesta pesquisa concluímos que há frustração por aprovação em 1º lugar em concurso e as cordas vocais impedirem a posse. Dificuldade de exercer o ensino por haver excesso de alunos. Existem doenças nas articulações, na coluna. Ocorre tristeza por fechamento de turma e houve obrigação da professora procurar nova escola, após dezoito

anos de permanência na unidade. Há aborrecimentos e vontade de não entrar em determinadas salas de aula. Acontece dificuldade de trabalhar por causa de pressão. Consta-se reconhecimento de sintomas de *Burnout* em si mesma. Houve redução de carga horária por problema de voz, dores de cabeça pontuais em fins de semestre, além de dores articulares de mão, de ombro. Ocorre desenvolvimento de stress por constatação do desinteresse dos alunos em aprender.

Quais são os fatores responsáveis pela crise do trabalho do professor? Embora dois dos entrevistados tenham apontado consequências da crise como causa dela (desvalorização do professor e baixos salários) esta pesquisa comprovou o pensamento dos professores entrevistados em relação aos fatores responsáveis pela crise.

Apontaram os motivos com a propriedade de quem tem a vivência do problema, sem renunciar à profissão: A degradação da sociedade, ausência de regras e falta de apoio dos familiares dos estudantes. Má formação dos professores. Carga horária elevada do docente. Vida agitada da sociedade. Desinteresse do aluno pelo conhecimento. Falta de regulamentação da profissão. Responsabilização de todas as funções educativas ao professor. Autodesvalorização do professor, crescimento e popularização da categoria. Atribuição de pouca importância à educação pela classe política. Força ideológica do trabalho docente e criticidade do trabalho do professor.

Chegada a esta etapa da pesquisa, podemos afirmar que atingimos o objetivo de investigar o contexto social da pós-modernidade, relacionando-o à educação, porém estamos a finalizá-la sem clareza exata de como os docentes em questão, estão ressignificando sua atuação diante do cenário pós-moderno.

Constatamos que as afirmações dos vários teóricos se confirmam nas vidas profissionais dos professores entrevistados, no que se referem aos sentimentos, frustrações, excessos de atribuições, problemas de saúde, prejuízos morais, aspectos da profissionalidade, influência do contexto histórico, formação continuada, entre outras assertivas teóricas. Mas de como eles construirão novos modelos de atuação profissional até aqui não encontramos resposta, embora começamos a entender porque existe o desprestígio profissional. O que encontramos e constatamos impotentes diante do quadro, foi o sofrimento dos colegas vitimados pela sociedade, desrespeitados pela comunidade escolar em geral e esquecidos pelo poder público. As iniciativas dos governantes, no que se referem à justiça profissional com os docentes ainda são muito incipientes. Enquanto isso os professores têm que sonhar e lutar – assumindo para si mais um compromisso - que a justiça com a categoria um dia se faça.

Óbvio que não podemos deixar de referir às nossas limitações enfrentadas no processo de pesquisa: jornada tripla de trabalho durante três dias semanais, dificuldade de acesso a alguns livros, indisponibilidade de mais tempo livre para dedicação à pesquisa, ignorância tecnológica, excesso de compromissos profissionais, o desempenho de vários papéis identitários, limitação temporal para conclusão do trabalho.

Uma vez concluída esta etapa do trabalho, pretendemos divulgá-lo em rede (quando solicitado) à prefeitura do Recife, que nos liberou por meses, durante quatro manhãs na semana, após assinatura de termo de compromisso, concordando em repassar aos colegas, durante formações, os estudos realizados no mestrado. Publicá-lo, porque consideramos tema de grande relevância e interesse para a categoria do professor e gostaríamos de socializá-lo com os colegas. Ingressar no curso de doutorado e dar prosseguimento aos estudos iniciados no mestrado. Continuar a aprofundar os estudos nesta área e aumentar nossa produtividade escrita.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR, M. da Conceição C de. **A formação contínua do docente como elemento na construção de sua identidade.** Tese de Doutorado. Universidade do Porto, 2004.
- APPLE, M. W. (1986). **Os professores e os textos.** A economia política da classe e relação de gênero na educação. London: Routledge.
- ARANHA e MARTINS, **Temas da Filosofia/** Maria Lúcia Arruda Aranha, Maria Helena Pires Martins. - 3 ed. Ver. – São Paulo: Moderna, 2005.
- ARROYO, Miguel G. **Imagens Quebradas: trajetórias e tempos de alunos e mestres.** Petrópolis RJ, Vozes, 2004.
- BALL, Stephen J. **Globalização e educação: precarização do trabalho docente – II** Performatividade, privatização e o pós-Estado do Bem-Estar. Instituto de Educação da Universidade de Londres. 2004.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** Laurence Bardin; tradução Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. – São Paulo: Edições 70, 2011.
- BAUMAN, Z (1998). **O mal-estar da pós-modernidade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- CHIZZOTTI, Antonio. **A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios.** Braga/Portugal, 2003.
- CODO, Wanderley. **Educação: carinho e trabalho. Bornout, a síndrome da desistência do educador, que pode levar à falência da educação.** (coordenador) Petrópolis. RJ: Vozes/Brasília. Laboratório de Psicologia do Trabalho, 1999.
- CONTRERAS, José. **A autonomia de professores.** Cortez Editora, 2001.
- CUNHA, Kátia. **A Formação Continuada Stricto Sensu: sentidos construídos pelos docentes do ensino superior privado face às exigências legais,** UFPE, Recife, 2005.
- DAY, Christopher, Alison Kingston, Gordon Stbart, Pam Sammons. **The personal and professional selves of teachers: stable and unstable identities.** University of London, University of Nottingham, 2006.
- DAY, C. **School Reform and Transitions in Teacher Professionalism and Identity.** International Journal of Educational Research 37 (2002) 677–692. Chapter 2. School of Education, Jubilee Campus, University of Nottingham, Nottingham NGB 1BB, UK.

DUBAR, Claude. **A socialização: Construção das identidades sociais e profissionais**. 2005. Porto Editora. (Coleção Ciências da Educação)

_____ **A crise das identidades**. A interpretação de uma mutação. 2006. Edições Afrontamento. Porto. (Coleção Caleidoscópio)

ELLIOTT, J. (1990). **Investigación em El aula- ciencia o sentido común**, in Elliot. J, La investigación-acción em educación, Madrid, Morata, 27-38.

ERIKSON, E. (1976) **Identidade, Juventude e Crise**. Rio de Janeiro. Zahar Editores.

ERIKSON, E.H(1968), **Adolescense et crise. La quête de l' identité**, Paris, Flammarion, trad.1972.

ETZIONI, A. (1969). **The semi-professionals and their organizations**: Teachers, workers, social workers. New York: Free Press.

FERNANDES, C. T. C. **A crítica da modernidade: breves reflexões de Anthony Giddens**. Immanuel Wallerstein, David Harvey, Milton Santos e Edgar Morin. Universitas - Relações Int., Brasília, v. 2, n.2, p. 17-23, jul./dez. 2004.

FERNADES, L., & VEIGA, F. H. **Medos profissionais dos professores em contexto escolar**. Comunicação oral apresentada no XV Colóquio Internacional da AFIRSE/AIPELF “Complexidade: um novo paradigma para investigar e intervir em educação?” Lisboa: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Foucault e a análise do discurso em educação**, UFRS, 197 a 223, Rio Grande do Sul, 2001. Disponível em WWW.scielo.br/HTML acesso em 12-04-2010.

FOUCAULT, M (1986). **A. Arqueologia do saber**, Rio de Janeiro, Forense.

GIDDENS, A (2002). **Modernidade e Identidade**, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.

GIDDENS, A (2005). **O Mundo na Era da Globalização**. Tradução de Saul Barata. Lisboa. 2005. Editorial Presença.

GILLET, P (1987) .**Pour une pédagogie ou l'enseignant praticien**, Paris, PUF.

GOFMAN, E. (1963). **Stigma, Pretice Hall, trad. Fr. Stigmates. Les usages sociaux des handicaps**, Paris, Minuit, 1975(Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada, Rio de Janeiro, Guanabar-koogan, 4ª ed. 1988).

GONÇALVES, Nadia. **G. Pierre Bourdieu: educação para além da reprodução**/Nadia G Gonçalves, Sandro. A.Gonçalves. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. – (Coleção Educação e Conhecimento).

GUIMARÃES, Valter Soares. **Formação de professores: Saberes, identidade e profissão-Campinas**. SP: Papirus, 2004. –(Coleção Entre nós Professores).

HALL. S- **A Identidade em Questão. Artigo: "Identidade Cultural na Pós-modernidade"**. Pós-modernidade, política e educação. 2010. Acessado em 09-10-2011.

HARVEY, L.**Critical social research**. Londres: Unwin Hyman, 1990.

HILL, DAVE. **O Neoliberalismo Global, a Resistência e a Deformação da Educação**. University College Northampton, UK The Institute for Education Policy Studies, UK. Currículo sem fronteiras, v.3, pp.24-59, Jul/Dez 2003. ISSN 1645-1384 (online) www.curriculosemfronteiras.org

HOUAISS – **Dicionário Eletrônico da Língua Portuguesa** – Versão Usuário 2007. Dicionário eletrônico da língua portuguesa. 2007. HOUAISS.

HUBERMAN, M (1989). **Les phases de La Carrier enseignante** – Un essai de description et de unhem.Revue Française de Pédagogie,n.86,p.5-16.IMBERNÓN, F. Formação permanente do professorado: novas tendências / Francisco Imbernón; tradução de Sandra Trabucco Valenzuela. São Paulo: Cortez, 2009.

IMBERNÓN, Francisco. **A educação no século XXI: desafios do futuro imediato**. Organizado por Francisco Imbernón; trad.Ernai Rosa – 2. ed. – Porto Alegre:Artes médicas Sul, 2000.

JESUS, SAUL. N de. **Desenvolvimento Profissional e Motivação dos Professores**. Saul Neves de Jesus &Joana Conduto Vieira Santos. Educação. Porto Alegre – RS, ano XXVII, n. 1 (52), p. 39 – 58, Jan./Abr. 2004.

JÚLIA, Dominique (1981). **Les trois couleurs du tableau noir – Lá revolution**.Paris. Éditions Berlin. *En publicacion: Revista de Ciencias Sociales, no. 15*. DS, Departamento de Sociología, Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de la República, Montevideo, Uruguay:199907975538.Acessoaltexto completo:<http://www.rau.edu.uy/fcs/soc/Publicaciones/Revista/Revista15/Jardim.html>.

- LAING, R D. (1961), **Self and others**, trad française Le soi et les autres ,Paris, Gallimard 1971.
- LARSON, M. S. (1977). **The rise of professionalism: A Sociological analysis**. Berkeley: University of California Press.
- LAWN, Martin. **Os professores e a fabricação das identidades**. Artigo publicado originalmente em Nóvoa, António e Schriewer, Jürgen (orgs).A difusão mundial da escola.Lisboa: Educa.
- LESNE, M(1984), **Trabalho pedagógico e formação de adultos**, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- LINCOLN, Y.S. & GUBA, E.G. (1985).**Naturalistic inquiry**. Beverly Hills, CA: Sage.
- LOPES, Amelia. **Libertar o desejo, regatar a inovação: a construção de identidades profissionais docentes**. 1ª edição, Cap 3 e 6. Lisboa, Instituto de Inovação Educacional. 2001.
- MARQUES, Anabela T. **Aprender a gerir o mal-estar docente**. Estudo apresentado no VII Congresso Galaico-Português de Psicopedagogia, realizado em 24, 25 e 26 de setembro de 2003, pela Universidade do Minho e pela Universidade da Corunha.
- MASSARÃO, Leila M. **Michel de Certeau e a Pós-modernidade: ensaio sobre pós-modernidade, história e impacto acadêmico**. São Paulo, 2004, Disponível em: WWW.klepsida.net. Acesso em 20-05-2010.
- M.LOPES, Silvana. **Identidade Cultural na Pós Modernidade**. Artigo publicado em 11/12/2008 por Silvana Mendonça Lopes. <http://www.webartigos.com>Fonte:
- MEDEIROS, João Bosco. **Redação Científica: a prática de fichamentos, resumos, resenhas/ 11 ed, - São Paulo:Atlas,2009**.
- MONTEIRO A. Reis. **Para uma deontologia pedagógica**. Artigo. Departamento de Educação. Centro de Investigação em Educação. Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. P – 1749-016 Lisboa a.reismonteiro@mail.telepac.pt
- MONTEIRO, A. R. **Deontologia das Profissões da Educação**. 2005. Edições Almedina.
- MORAES J.M Artigo publicado na Revista Veja Mais, Ed Otimismo, Ano 3 n 5 2004.1,Disponível em www.angelfire.com/.../otimismopos-moderno2html. Acesso em 15-05-2010.
- MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa. **Identidades, saberes e práticas**. In: Formação Continuada da Rede Municipal de Ensino, 2006, Recife.

NETO e TASINAFO. **História Geral e do Brasil** / José Alves de Freitas Neto, Célio Ricardo Tasinafo. São Paulo: HARBRA, 2006.

NIAS, J. (1985). **Reference groups in primary teaching: talking, listening and identity**, in Ball, S; Goldman, 1(Eds), *Teacher's Lives and Careers*, London, Falmer Press, 105-119.

NÓVOA, Antonio. **Profissão professor**. NÓVOA, A. (org.). **Profissão professor**. 2ª ed. Porto: Porto Editora, 1999.

POWER S. e WHITTY G. **Bernstein e a classe média**. *Práxis Educativa*, Ponta Grossa. V. 3, n.2, p. 119-128, jul – dez. 2008. Disponível em <HTTP// WWW.uepg.br/praxiseducativa> acessado em 12-09-2011.

PRIMO J. e Mateus D. Normas para a elaboração e apresentação de teses de doutoramento (aplicáveis à dissertações de mestrado). Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.v4.Lisboa.Maio 2008.Acessado em 03-03-2012.

QUINTANA Mário. 1906-1994. Melhores poemas de Mário Quintana/ seleção Fausto Cunha. – 17ª ed. São Paulo: Global, 2005.

REVISTA ESPAÇO ACADÊMICO, 2004. LIRA Raymundo de Lima. **Para entender o pós-modernismo**. Nº 35- Abril. Mensal. ISSN 1519.6186.

REVISTA RETRATOS DA ESCOLA. Escola de formação da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (Esforce) – v.4, n. 7, jul./dez.2010 – Semestral ISSN 1982-131X. Brasília: CNTE, 2007.

RICHARDSON, R.J. **Pesquisa Social: métodos e técnicas**/Roberto Jarry Richardson; colaboradores José Augusto de Souza Peres... (ET AL.) – 3ª, Ed. – 10.reimpr. – São Paulo: Atlas, 2009.

SANTOS, B.S e TAVARES, M. Em **torno de um novo paradigma sócio-epistemológico**. *Revista Lusófona de Educação*. 10.2007. p.p 131-137. *Revista Portuguesa de Educação*, 2003.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **CONFERÊNCIA DE ABERTURA DO VIII CONGRESSO LUSO-AFRO-BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**, 16 a18 de setembro, 2004, Coimbra.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Gramática do Tempo**. Para uma nova cultura política. Porto. Afrontamento. 2006.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Globalização e as Ciências Sociais**. (org.). – 4ª. ed. – São Paulo – Cortez, 2011

SAVIANI, D. 1994 – **Educação brasileira: Estrutura e Sistema**/Demerval Saviani. – 4 ed. – São Paulo: Saraiva 1981.

_____. **História das ideias pedagógicas no Brasil**/ Demerval Saviani. – 2. ed. Ver. E ampl. – Campinas, SP: Autores associados, 2008. –(Coleção memória da educação).

SETTON, M. da Graça Jacinto – **A Teoria do Habitus em Pierre Bourdieu: Uma Leitura Contemporânea**. Revista Brasileira de Educação. Maio/Jun/Jul/Ago 2002. Nº20. Acessado em 06-03-2012.

SILVA, Agostinho Neves da. **Educação Ética Deontológica Profissional.Proposta de Código Deontológico a Professores do Ensino Básico e Secundário**.Universidade Católica Portuguesa. Centro Regional das Beiras. Polo de Viseu. 2005.

SIQUEIRA, S.S. Pós-modernidade, política e educação. Disponível em WWW.angelfire.com/sk/holgonsi. Acesso em 15-05-2010.

SOTERO PEREIRA, A. Et. AL. Ana Sotero, Mariana Diniz, Maria José Pinho, Silvana Monteiro, Verônico Neves. **Identidade Profissional Docente: Satisfação e Insatisfação em Relação à Carreira**. Artigo da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação. Universidade do Porto. (1-23) 2009.

TAJFEL, H.(1982). **Grupos Humanos e categorias sociais**, Lisboa Livros Horizonte, Vol 1.

_____(1983). **Grupos Humanos e categorias sociais**, Lisboa Livros Horizonte, Vol 2.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Maurice Tardif. 8ª. ed. – Petrópolis, RJ:Vozes, 2007.

TARDIF & LESSARD. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. Maurice Tardif e, Claude Lessard; tradução de João Batista Kreuch. 4. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

TEODORO, A. et al. **Educando o cidadão global:Globalização, educação e novos modos de governação**.Coleção:Ciências da educação, série E. Books. Edições Universitárias Lusófonas & Autores, 2009.

VEIGA Et Al. Feliciano Veiga, Paula Roque, Teresa M. Guerra, Luísa Fernandes, Júlia Fernandes. Autoconceito profissional dos professores: Construção de uma escala de avaliação. Repositório da Universidade de Lisboa. Faculdade de Ciências. Departamento de

Educação. Centro de Investigação em educação. GI Educação, Desenvolvimento e Formação. <http://hdl.handle.net/10451/4674>. 2003.

VONK, J.H. C, J.H. C (1988). **L'évolution professionnelle des enseignants debutants et ses repercussions sur la formation initiale et continue.** Recherche et Formation, n.3 (3), 47-60.

APÊNDICE I – GUIÃO DE ENTREVISTA

UNIVERSIDADE LUSÓFONA DE HUMANIDADES E TECNOLOGIAS

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

INVESTIGAÇÃO DE MESTRADO

CRISE DE IDENTIDADE DOCENTE

MESTRANDA: GILCÉA MARIA BORBA COSTA

Orientador: Professor Doutor Manuel Tavares

Co-orientador: Professor Doutor Leonardo Rocha

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO

IDENTIFICAÇÃO PESSOAL E PROFISSIONAL (A ser aplicado por escrito)

Nome do entrevistado: _____

Data da entrevista: _____

Local da entrevista: _____

Gênero: _____

Idade: _____

Estado Civil:

a) Solteiro/a/

d) Divorciado/a/

b) Casado/a/

e) Separado/a/

c) Viúvo/a/

f) Convivência marital

Filhos _____

a) Número de filhos _____

b) Idade dos filhos _____

Nível de ensino em que trabalha:

a) Educação Infantil

d) Ensino Médio

b) Ensino Fundamental I

e) Educação Especial

c) Ensino Fundamental II

Disciplinas que leciona:

Função que exerce atualmente:

Vínculo empregatício

a) Professor efetivo

b) Professor contratado

c) Professor substituto

Tempo de serviço no magistério: _____

Número de turmas que leciona: _____

Formação acadêmica inicial: _____

Ano de conclusão do curso: _____

Formação Acadêmica complementar:

a) Especialização

b) Mestrado

c) Doutorado

d) Pós-doutorado

Área da formação complementar _____

UNIVERSIDADE LUSÓFONA DE HUMANIDADES E TECNOLOGIAS

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

INVESTIGAÇÃO DE MESTRADO

CRISE DE IDENTIDADE DOCENTE

MESTRANDA: GILCÉA MARIA BORBA COSTA

Orientador: Professor Doutor Manuel Tavares

Co-orientador: Professor Doutor Leonardo Rocha

ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA PROFESSORES

1. De que maneira a atual e consumista sociedade, com sua mudança de paradigmas de comportamentos sociais, tão influenciadora do comportamento dos jovens, prejudica/afeta/atinge o seu trabalho?
2. Explique por que se tornou professor/a.
3. Informe quais são maiores dificuldades que você encontra para ser professor/a.
4. Defina o grau de importância do trabalho/docência na sua vida.
5. Explique o que o/a deixa mais satisfeito(a) na profissão e o que o/a deixa mais desmotivado(a) no trabalho como docente.
6. Informe como você avalia a responsabilidade profissional docente perante a sociedade.
7. Apresente sua opinião/avaliação sobre cursos de formação continuada para professores e explique como pensa que deveria ser a formação docente.
8. Explique de que forma você articula os conhecimentos adquiridos durante a sua formação à sua prática.
9. De acordo com a sua concepção, exponha o que seria necessário para ser professor hoje.

10.Descreva as atribuições exigidas aos professores, quais você considera como relevantes e justifique os motivos.

11.Qual a sua opinião sobre a possibilidade da criação de um código deontológico(ou código de ética) para a profissão? E quem deveria se responsabilizar por sua elaboração?

12.Apresente sua avaliação a respeito da atribuição de responsabilidades aos professores sobre os problemas das escolas, da educação e da sociedade.

13. Relate casos consigo de sentimentos negativos/problemas/doenças relacionados à sua experiência como professor/a.

14.A categoria de professores atualmente sofre com o desprestígio social, baixo salários, entre outras coisas. De acordo com sua experiência,exponha de que fatores resultam a crise da profissão docente.

APÊNDICES II

SOLICITAÇÕES DE AUTORIZAÇÕES PARA REALIZAR DE ENTREVISTAS

Solicitação de autorização à diretora escolar para entrevistar professores

Ilustríssima Diretora,

Por meio desta, solicito sua autorização, por escrito, enquanto primeira representante da Escola Estadual Torquato de Castro, em Camaragibe, PE, para entrevistar docentes dessa escola, a fim de participarem da pesquisa “Crise de Identidade Docente” do Curso de mestrado em Ciências da Educação da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, do qual sou mestranda.

Certa da sua compreensão e cooperação a esta solicitação, antecipadamente agradeço.

Cordialmente,

Gilcéa Maria Borba Costa

(Pesquisadora Responsável)

À Ilm^a Senhora,

Ilma de Alencar Sampaio Cerqueir

MD: Diretora da Escola Estadual Torquato de Castro

Solicitação de autorização à diretora escolar para entrevistar professores

Ilustríssima Diretora,

Por meio desta, solicito sua autorização, por escrito, enquanto primeira representante da Municipal Doutor Rodolfo Aureliano, em Recife, PE para entrevistar docentes dessa escola, a fim de participarem da pesquisa “Crise de Identidade Docente” do Curso de mestrado em Ciências da Educação da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, do qual sou mestranda.

Certa da sua compreensão e cooperação a esta solicitação, antecipadamente agra
Cordialmente,

Gilcéa Maria Borba Costa

(Pesquisadora Responsável)

À Ilm^a Senhora,

Wilma Moraes da Silva

MD: Diretora da Escola Municipal Doutor Rodolfo Aureliano

Solicitação de autorização à Secretaria de Educação do Recife

Camaragibe, 1 de setembro de 2011.

Prezada Senhora,

Por meio desta, solicito uma autorização escrita dessa secretaria para entrevistar professores da Escola Municipal Doutor Rodolfo Aureliano(RPA 04) na Várzea, da qual sou professora efetiva, sob matrícula 70.600-6, com objetivo de complementar/enriquecer minha pesquisa de mestrado intitulada “Crise de Identidade Docente” pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, em Lisboa.

Julgo pertinente, entretanto, informar que já fui autorizada, também através de documento, pela direção da mencionada escola, por meio da pessoa da senhora Wilma Moraes, conforme comprova xerox anexo.

Aguardo portanto, tão somente a sua autorização como cumprimento protocolar de uma instância superior à escola, por exigência dos procedimentos legais do curso de mestrado.

Aproveito esta oportunidade para agradecer antecipadamente a sua compreensão e solicitude.

Atenciosamente,

A Senhora Ivone Caetano

MD: Secretária de Educação do Recife

Solicitação de autorização à Secretaria de Educação do Recife

Camaragibe, 1 de setembro de 2011.

Prezado Senhor,

Por meio desta, solicito uma autorização escrita dessa secretaria para entrevistar professores da Escola Estadual Torquato de Castro, Camaragibe, da qual sou secretária, sob matrícula 154.519.1, com objetivo de complementar/ enriquecer minha pesquisa de mestrado intitulada “Crise de Identidade Docente” pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, em Lisboa.

Julgo pertinente, entretanto, informar que já fui autorizada, também através de documento, pela direção da mencionada escola, por meio da pessoa da senhora Ilma de Alencar Sampaio Cerqueira, conforme comprovante anexo.

Aguardo portanto, tão somente a sua autorização como cumprimento protocolar de uma instância superior à escola, por exigência dos procedimentos legais do curso de mestrado.

Aproveito esta oportunidade para agradecer antecipadamente a sua compreensão e solicitude.

Atenciosamente Ao Senhor

MD: Secretário de Educação de Pernambuco

Informação ao entrevistado: termo de consentimento

Ilmo (a) Senhor (a) Professor (a),

Está convidado a colaborar com o estudo “Crise de Identidade Docente”, o qual envolve a participação de professores de diferentes áreas do conhecimento, do ensino fundamental.

Antes da decisão de participar, deve considerar os dados cedidos pelo(a) senhor(a) serão gravados em áudio e posteriormente, registrados; primeiramente em cd e posteriormente em papel.

A sua participação é inteiramente voluntária.

O objetivo de tal estudo é averiguar de que maneira o professor do ensino fundamental, na rede pública de ensino, vem significando sua atuação docente, frente a um contexto de profundas mudanças nos padrões de autoridade estabelecidos pela sociedade.

A importância da sua colaboração ocorre pelo fato de possuir rica experiência sobre o fenômeno pesquisado neste estudo, consistindo grande valia para os dados da investigação.

Os dados opinativos sobre categorias e subcategorias relacionados à crise de identidade do professor serão obtidos pela técnica da entrevista. O tempo para recolhimento dos dados dela estará de acordo com a sua disponibilidade; por isso poderá interromper o processo, caso necessite.

Garantimos também o anonimato e a confidencialidade dos dados, porque estes ficarão arquivados em local seguro e jamais serão utilizados em outros estudos ou para outros fins.

Por estar de acordo em participar, por sua livre vontade, da investigação para o mestrado em Ciências da Educação – com o tema crise de Identidade Docente, desenvolvida pela mestranda Gilcéa Maria Borba Costa, foi informado(a) das condições acima expostas e deu seu consentimento.

(Assinatura do participante)

Data: ____/____/____

**APÊNDICES III - RESPOSTAS AO PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO PARA
ENTREVISTA A PROFESSORES**

Resposta ao pedido de autorização para entrevista a professores

Camaragibe, 03 de julho de 2011.

Caríssima Secretária,

Em resposta à sua solicitação de 01 de julho de 2011, delcaramos que está autorizada a entrevistar professores da Escola Estadual Torquato de Castro, para utilizar dados da entrevista como parte do trabalho , na sua pesquisa de mestrado, conforme descreve sua carta de solicitação: “...entrevistar docentes dessa escola, a fim de participarem da pesquisa “Crise de Identidade Docente” do Curso de mestrado em Ciências da Educação...”.

Aproveitamos esta oportunidade para desejar-lhe êxito na realização do trabalho em pauta e renovar nossos votos de estima e consideração

Atenciosamente,

À Secretária Escolar:

Ilm^a Sr^a Professora Gilcéa Maria Borba Costa.

Resposta ao pedido de autorização para entrevista a professores

Camaragibe, 03 de julho de 2011.

Caríssima Professora,

Em resposta à sua solicitação de 01 de julho de 2011, delcaramos que está autorizada a entrevistar professores da Escola Estadual Torquato de Castro, para utilizar dados da entrevista como parte do trabalho , na sua pesquisa de mestrado, conforme descreve sua carta de solicitação: “...entrevistar docentes dessa escola, a fim de participarem da pesquisa “Crise de Identidade Docente” do Curso de mestrado em Ciências da Educação...”.

Aproveitamos esta oportunidade para desejar-lhe êxito na realização do trabalho em pauta e renovar nossos votos de estima e consideração.

Atenciosamente,

À Ilm^a Senhora:

Professora Gilcéa Maria Borba Costa.

APÊNDICES IV –
RELAÇÃO DOS OBJETIVOS ESPECÍFICOS DO TRABALHO COM AS
QUESTÕES DO GUIÃO DE ENTREVISTA

<p>Objetivo 1. Investigar o contexto social da pós-modernidade, relacionando-o à educação.</p>	<p>1. De que maneira a atual e consumista sociedade, com sua mudança de paradigmas de comportamentos sociais, tão influenciadora do comportamento dos jovens, prejudica/afeta/atinge o seu trabalho?</p> <p>2. Explique por que se tornou professor/a.</p> <p>3. Informe quais são maiores dificuldades que você encontra para ser professor/a.</p>
<p>Objetivo 2. Compreender as razões do desprestígio profissional que os professores sofrem na atual conjuntura</p>	<p>4. Defina o grau de importância do trabalho/docência na sua vida.</p> <p>5. Explique o que o/a deixa mais satisfeito(a) na profissão e o que o/a deixa mais desmotivado(a) no trabalho como docente.</p> <p>6. Informe como você avalia a responsabilidade profissional docente perante a sociedade.</p> <p>7. Apresente sua opinião/avaliação sobre cursos de formação continuada para professores e explique como pensa que deveria ser a formação docente.</p> <p>8. Explique de que forma você articula os conhecimentos adquiridos durante a sua formação à sua prática.</p> <p>9. De acordo com a sua concepção, exponha o que seria necessário para ser professor hoje.</p> <p>10. Descreva das atribuições exigidas aos professores, quais você considera como relevantes e justifique os motivos.</p> <p>11. Qual a sua opinião sobre a possibilidade da criação de um código deontológico (ou código de ética) para a profissão? E quem deveria se responsabilizar por sua elaboração?</p> <p>12. Apresente sua avaliação a respeito da atribuição de responsabilidades aos professores sobre os problemas das escolas, da educação e da sociedade.</p> <p>13. Relate casos consigo de sentimentos negativos/problemas/doenças relacionados à sua experiência como professor/a.</p> <p>14. A categoria de professores atualmente sofre com o desprestígio social, baixos salários, entre outras coisas. De acordo com sua experiência, exponha de que fatores resultam a crise da profissão docente.</p>

**APÊNDICES V –
GRADES DE ANÁLISES DAS ENTREVISTAS**

GRADE DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS – ENTREVISTADO 1

Unidade de Registro	Unidade de Significação	Categorias	Subcategorias	Comentários
<p>Questão 1.</p> <p>De que maneira a atual e consumista sociedade, com sua mudança de paradigmas de comportamentos sociais, tão influenciadora do comportamento dos jovens, prejudica/afeta/atinge o seu trabalho.</p> <p>?De forma bem negativa... na maioria das vezes. Até porque esses jovens..., como eles passam muito mais tempo fora da escola do que dentro, recebem influência não só das mídias ..., dos meios de comunicação, mas também das próprias famílias ..., que não têm essa base pra dar uma boa orientação ...pra os filhos... Então... tem o mundo todo que o cerca, nos horários que eles estão fora da escola, e aquele pequeno tempo só que a gente, enquanto professor tem pra dedicar... Então é como se a gente remasse contra a maré.</p>	<p>Questão 1.</p> <p>De que maneira a atual e consumista sociedade, com sua mudança de paradigmas de comportamentos sociais, tão influenciadora do comportamento dos jovens, prejudica/afeta/atinge o seu trabalho?</p> <p>De forma bem negativa... Até porque esses jovens..., como eles passam muito mais tempo fora da escola do que dentro, recebem influência não só das mídias ..., dos meios de comunicação, mas também das próprias famílias ...</p>	<p>Questão 1.</p> <p>Pós-modernidade.</p>	<p>Questão 1.</p> <p>Influência das mídias e desestrutura das famílias.</p>	<p>Questão 1.</p> <p>Aponta os efeitos negativos do cenário pós-moderno sobre os meios de comunicação e sobre as famílias dos jovens.</p>
<p>Questão 2. Explique por que se tornou professor/a.</p> <p>Porque sempre gostei de... ler, de aprender mais coisas e... me sentia bastante contente, quando eu conseguia passar isso de alguma forma ,inicialmente pros meus colegas ... de sala e depois eu vi como isso era bom e fui gostando e... quando foi na hora de escolher a profissão, no vestibular, de escolher o curso, eu... pensei em juntar ... a área de ensino com algo que eu também gostasse de fazer, que era ler e escrever; e também eu trabalho com idiomas ... influenciou muito nessa escolha. O fato de gostar de ler, de escrever, e de traduzir músicas em inglês também direcionou muito a escolha pra esse... pra essa questão... pra esse curso.</p>	<p>Questão 2.</p> <p>.Explique por que se tornou professor/a.</p> <p>Quando foi na hora de escolher a profissão, no vestibular, de escolher o curso, eu... pensei em juntar ... a área de ensino com algo que eu também gostasse de fazer, que era ler e escrever; e também eu trabalho com idiomas ... influenciou muito nessa escolha.</p>	<p>Questão 2.</p> <p>Motivo de escolha da profissão.</p>	<p>Questão 2.</p> <p>Fato de gostar/ identificação com o trabalho.</p>	<p>Questão 2.</p> <p>A escolha da profissão surgiu da identificação com o ato de ensinar. Portanto sua construção identitária profissional iniciou-se a partir do gosto pessoal.</p>

GRADE DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS – ENTREVISTADO 1

Unidade de Registro	Unidade de Significação	Categorias	Subcategorias	Comentários
<p>Questão 3. Informe quais são as maiores dificuldades que você encontra para ser professor. A dificuldade que eu acho maior é a falta de...compromisso das famílias com os filhos, porque eu acho que pra a gente fazer um trabalho de qualidade... um trabalho bom mesmo como realmente tem que ser feito, a gente não faz sozinho...a primeira coisa que eu acho que teria... que ser... corrigida... a primeira falha que eu acho é exatamente o fazer das famílias. Elas teriam que tá mais dentro da escola; participar mais da vida dos filhos. A gente não vê essa participação. Além da questão do tempo... que a gente como professor também, precisa se organizar pra fazer muitas coisas atividades; os nossos estudos... professor não pode parar de estudar em momento algum... é outra dificuldade também.</p>	<p>Questão 3. Informe quais são as maiores dificuldades que você encontra para ser professor. A dificuldade que eu acho maior é a falta de... compromisso das famílias com os filhos,...Além da questão do tempo ... que a gente como professor também, precisa se organizar pra fazer muitas coisas atividades; os nossos estudos... professor não pode parar de estudar em momento algum... é outra dificuldade também.</p>	<p>Questão 3 Desafios da profissão.</p>	<p>Questão 3 . Descompromisso das famílias com os filhos afeta o trabalho.</p>	<p>Questão 3. Apresenta como maior dificuldade para ser professor o descompromisso das famílias como os filhos e o pouco tempo e muitas tarefas às quais um professor se submete no seu exercício profissional.</p>

GRADE DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS – ENTREVISTADO 1

Unidade de Registro	Unidade de Significação	Categorias	Subcategorias	Comentários
Questão 4. Defina o grau de importância do trabalho/docência na sua vida. Eu não tenho como definir... de tão importante que eu acho ...não só pelo aspecto da inf ... influência que a gente exerce sobre esses meninos ... mas... eu teria que fazer uma comparação: é como se a gente fosse mãe em tempo integral..., porque além do conhecimento, a gente também tem de orientar, todo esse pessoal porque a gente também é responsável..., não é ... então ... eles ... se são bem sucedidos na vida, nós também temos a nossa parte nisso. Também se eles são mal sucedidos..., a gente tem a nossa parcela de culpa, talvez... né? E... Acho que isso aí seria... né, a grande importância... da nossa profissão; a influência que a gente exerce sobre os nossos alunos.	Questão 4. Defina o grau de importância do trabalho/docência na sua vida. Eu não tenho como definir... de tão importante que eu acho ...não só pelo aspecto da influência que a gente exerce sobre esses meninos ...	Questão 4. Importância do trabalho para o professor.	Questão 4. Indefinível. Muito importante.	Questão 4. Classifica como indefinível de tão grande a importância atribuída ao seu trabalho. Sua identidade profissional tem grande peso na sua vida.
Questão 5. Explique o que o/a deixa mais satisfeito(a) na profissão e o que o deixa mais desmotivado(a) no trabalho como docente. O que me deixa mais satisfeita é ver que aquele conhecimento que a gente... conseguiu ... fazer com que os alunos ... utilizassem, eles utilizam de uma forma boa...Por exemplo, se de repente a gente ...trabalha algum texto com eles ,na sala de aula, algum texto ..., independentemente do gênero ou do tipo, e... depois eles se deparam com aquela situação e vê que ele sabe lidar com a situação que aconteceu no texto, decorrente de uma debate... que teve na sala de aula, de uma discussão sobre o texto que ocorreu na sala de aula sobre o texto e de uma ideia, que de repente o professor... deu pra esse aluno. Isso aí é muito gratificante... eu acho que é a parte melhor... e claro, ver os alunos bem sucedidos também depois ... e quem qual é o professor que não gosta de ouvir que o aluno, professora, eu passei num concurso, ou então estou na faculdade, estou indo muito bem; suas aulas me ajudaram muito seus conselhos, não	Questão 5. Explique o que o/a deixa mais satisfeito(a) na profissão e o que o deixa mais desmotivado(a) no trabalho como docente. O que me deixa mais satisfeita é ver que aquele conhecimento que a gente conseguiu fazer com que os alunos utilizassem, eles utilizam de uma forma boa. Não é a gente não vai fazer o milagre sozinho e é realmente desestimulante ver que eles não têm esse entusiasmo, essa vontade esse querer que a gente enquanto profissional tem.	Questão 5. O que motiva e desmotiva o trabalho docente.	Questão 5. Progresso do aluno. Desmotivação e o desinteresse dos alunos.	Questão 5. O que mais satisfaz o profissional é presenciar a utilização de seus ensinamentos de modo positivo; assim como progresso dos alunos. O motivo de maior insatisfação é o desinteresse dos alunos em relação ao seu trabalho.

<p>é? Qual é o professor que não fica contente... com isso? E ao mesmo tempo que me deixa mais... insatisfeita é a desmotivação da maioria desses meninos...que a gente vê tanto potencial... tanto que a gente poderia ... , exigir deles, tanto que a gente podia querer que eles fizessem e... esse interesse de tudo tem que partir deles também. Não é a gente não vai fazer o milagre sozinho e... é... exat... é realmente desestimulante... ver que eles não têm ... esse entusiasmo, essa vontade esse querer que a gente enquanto profissional tem.</p>				
<p>Questão 6. Informe como você avalia a responsabilidade profissional docente perante a sociedade. Total responsabilidade... Se esses alunos que a gente tem hoje... são a sociedade do futuro ou ou do presente,que eles querendo ou não já atuam na sociedade, cada um da sua forma, e o professor como orientador...como mentor desses meninos...certo... muitas vezes até como amigo, independente ... da situação... é quem guia de qualquer forma ... é quem dá uma palavra de apoio ... é o exemplo também que eles têm ,muitos não têm o exemplo em casa, vão seguir o exemplo do professor.Então... a importância do docente aí ... é total...Ele tem todo o poder de influenciar uma sociedade.</p>	<p>Questão 6. Informe como você avalia a responsabilidade profissional docente perante a sociedade. Total responsabilidade. Então a importância do docente aí é total. Ele tem todo o poder de influenciar uma sociedade.</p>	<p>Questão 6.Responsabilidade social do professor.</p>	<p>Questão 6. Responsabilidade total.</p>	<p>Questão 6. Crê na responsabilidade total do seu exercício profissional. Define o professor como orientador e exemplo para os alunos.</p>

GRADE DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS – ENTREVISTADO 1

Unidade de Registro	Unidade de Significação	Categorias	Subcategorias	Comentários
<p>Questão 7. Apresente sua opinião/avaliação sobre cursos de formação continuada para professores e explique como pensa que deveria ser a formação docente. Eu creio que... inicialmente poderia ser mais divulgado, pelo menos em âmbito de escola, em âmbito de secretaria, isso aí deveria ser muito... mais divulgados, porque... temos algumas oportunidades de fazer cursos de formação continuada, cursos bons, inclusive, mas muitas vezes, mas muitas vezes a gente não toma conhecimento ... desses cursos, embora eles sejam oferecidos no horário que nós temos disponíveis; seria, na hora das aulas-atividades, mas ... quando nós ficamos sabendo, ou é no dia que começa o curso a gente nunca tem oportunidade de fazer por conta dissoné/ São cursos bons, que eu ouço colegas que fazem elogiar esses cursos, mas infelizmente, eles não chegam até nós. É um grande... uma grande dificuldade que existe aí pra poder se começar a fazer, mas em termos de conteúdo, eu creio que eles ajudam realmente na formação docente... na organização dos conteúdos, o contato também com outros professores, é outro fator que realmente contribui pra esses cursos serem da qualidade que são.</p>	<p>Questão 7. Apresente sua opinião/avaliação sobre cursos de formação continuada para professores e explique como pensa que deveria ser a formação docente É um grande uma grande dificuldade que existe aí pra poder se começar a fazer, mas em termos de conteúdo, eu creio que eles ajudam realmente na formação docente na organização dos conteúdos, o contato também com outros professores, é outro fator que realmente contribui pra esses cursos serem da qualidade que são.</p>	<p>Questão 7. Formação continuada.</p>	<p>Questão 7. Bons cursos. Entrave na divulgação.</p>	<p>Questão 7. Pensa nos entraves da comunicação para participar de cursos de formação continuada. Reconhece sua importância na formação do professor.</p>

GRADE DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS – ENTREVISTADO 1

Unidade de Registro	Unidade de Significação	Categorias	Subcategorias	Comentários
<p>Questão 8. Explique de que forma você articula os conhecimentos adquiridos durante sua formação à sua prática. Eu gosto muito de trabalhar com debates e discussões de textos; então... eu costumo levar o texto para a sala de aula, mas ... antes de levar, de começar a trabalhar com algum tema, eu procuro trabalhar temas que estão relacionados. Por exemplo, não adianta a gente trabalhar sobre a questão do racismo..., por exemplo como eu estou trabalhando agora com as oitavas séries, se a gente não trabalha o que é respeito,... se a gente não trabalha a importância de um respeitar a individualidade do outro. Exemplo, não adianta a gente trabalhar sobre a questão do racismo..., por exemplo como eu estou trabalhando agora com as oitavas séries, se a gente não trabalha o que é respeito,... se a gente não trabalha a importância de um respeitar a individualidade do outro; de respeitar até o espaço físico do outro, das pessoas saberem que... não se pode ficar ouvindo som alto, que é uma invasão de espaço, invasão de privacidade. Então, são questões pequenas que a gente vai abordando no dia a dia... deles... pra depois se chegar ao tema que vai ser trabalhado nos textos. E aí em cima desse texto, claro, que não podemos deixar de lado a questão da norma, do uso da norma, da gramática e tantas outras... peculiaridades que podem ser trabalhadas também.</p>	<p>Questão 8. Explique de que forma você articula os conhecimentos adquiridos durante sua formação à sua prática. Eu gosto muito de trabalhar com debates e discussões de textos;</p>	<p>Questão 8. Influência da formação na prática pedagógica.</p>	<p>Questão 8. Trabalhar com debates e discussões.</p>	<p>Questão 8. Articula o que aprendeu com a prática através de debates e discussões de textos.</p>

GRADE DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS – ENTREVISTADO 1

Unidade de Registro	Unidade de Significação	Categorias	Subcategorias	Comentários
<p>Questão 9. De acordo com sua concepção, exponha o seria necessário para ser professor hoje. Primeiro muito preparo, que é algo que ainda, por mais que o professor diga que tem amor à profissão,não é... o amor só num faz o bom professor, o profissional tem que ter disponibilidade para estar sempre estudando, sempre se atualizando;...também é um fator que influencia ... na atividade desse professor...O gosto pelo trabalho, ... apesar dos... percalços. Que realmente pra ser professor hoje em dia, a pessoa precisa ter muito amor pelo que faz; não é a questão financeira... todos nós, quando entramos na profissão, sabemos que a questão financeira, não é uma boa profissão para se escolher.Então... o que ... de fato é necessário; além do preparo é ... o empenho, a dedicação, o amor mesmo à profissão e ao conhecimento.</p>	<p>Questão 9. De acordo com sua concepção, exponha o seria necessário para ser professor hoje. Primeiro muito preparo, que é algo que ainda, por mais que o professor diga que tem amor à profissão,não é o amor só num faz o bom professor, o profissional tem que ter disponibilidade para estar sempre estudando, sempre se atualizando.Gosto pelo trabalho,apesar dos percalços. Além do preparo é o empenho, a dedicação, o amor mesmo à profissão, e ao conhecimento.</p>	<p>Questão 9. Profissionalidade docente.</p>	<p>Questão 9. Preparo. Dedicação. Amor à profissão e ao conhecimento. Estudar e se atualizar.</p>	<p>Questão 9. Põe como maior relevância da profissionalidade docente o preparo e a vontade de se atualizar. Em seguida vem o gosto pelo trabalho e a dedicação.</p>

GRADE DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS – ENTREVISTADO 1

Unidade de Registro	Unidade de Significação	Categorias	Subcategorias	Comentários
<p>Questão 10.</p> <p>Descreva das atribuições exigidas aos professores, quais você considera como relevantes e justifique os motivos.</p> <p>...Bom, como eu já falei, o preparo profissional, a vontade de querer se atualizar eu considero importante é exatamente por isso que eu falei, que para a gente ter um bom profissional, pra exercer um bom trabalho, a gente realmente precisa estar sempre se atualizando, sempre estudando ... a gente também tem que estar sempre antenado no que acontece ao nosso redor. Não adianta a gente ficar somente preso nos livros, ou nas formações acadêmicas se a gente não assistir a um jornal, a gente não ouve um rádio. Muitos professores falam de mim, porque quando eu ligo o rádio do meu carro às sete horas da noite, de segunda à sexta, dizem... você é a única pessoa que eu conheço que escuta “A Voz do Brasil”.E eu digo: não é pra escutar? Não é para ouvir? Isso faz também parte do preparo. Não é verdade?Faz parte da... de conhecer o mundo.Faz parte do conteúdo que a gente trabalha.Quem trabalha com língua português ou inglês é necessário a gente saber o que acontecendo a nossa volta.E a gente ... se a gente não souber,... o que é que a gente vai transmitir pra esses alunos além dos textos? E as ideias?Que eles vão começar a construir, a partir das ideias que a gente transmite pra eles. Como é que fica? Essa é uma das atribuições que eu considero mais relevantes.</p>	<p>Questão 10.</p> <p>Descreva das atribuições exigidas aos professores, quais você considera como relevantes e justifique os motivos.</p> <p>O preparo profissional, a vontade de querer se atualizar eu considero importante é exatamente por isso que eu falei que para a gente ter um bom profissional, pra exercer um bom trabalho, a gente realmente precisa estar sempre se atualizando, sempre estudando.</p>	<p>Questão 10.</p> <p>Atividades mais importantes dos professores.</p>	<p>Questão 10.</p> <p>Preparo.Vontade de se atualizar .</p>	<p>Questão 10.</p> <p>Apresenta como atributo mais relevante da profissão o conhecimento profissional.</p>

GRADE DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS – ENTREVISTADO 1

Unidade de Registro	Unidade de Significação	Categorias	Subcategorias	Comentários
<p>Questão 11.</p> <p>Qual a sua opinião sobre a possibilidade da criação de um código deontológico (ou código de ética) para a profissão docente? E quem deveria se responsabilizar por sua elaboração? ... Acho que essa ideia seria... muito... eficaz... se realmente soubesse como aplicar, como elaborar ... creio que não somente professor, direção, corpo técnico deveria ser responsável por isso.As famílias, a comunidade,.... também deveriam ser convocadas para dar sua opinião... e eu creio ... se caso existisse,... muita coisa iria se modificar ...Tanto dentro da escola, como fora na sociedade.</p>	<p>Questão 11.</p> <p>Qual a sua opinião sobre a possibilidade da criação de um código deontológico (ou código de ética) para a profissão docente? E quem deveria se responsabilizar por sua elaboração? Acho que essa ideia seria muito eficaz se realmente soubesse como aplicar, como elaborar creio que não somente professor, direção, corpo técnico deveria ser responsável por isso. As famílias, a comunidade, também.</p>	<p>Questão 11.</p> <p>Código deontológico</p>	<p>Questão 11.</p> <p>Eficaz.</p> <p>Professor, direção, corpo técnico.</p>	<p>Questão 11.</p> <p>Classifica como eficaz a possibilidade de existência de um código de ética e sugere como responsáveis pela sua possível elaboração, professores, direção, corpo técnico e familiares dos estudantes.</p>
<p>Questão 12. Apresente sua avaliação a respeito da atribuição de responsabilidades aos professores sobre os problemas das escolas, da educação e da sociedade.</p> <p>Essa atribuição é... equivocada...porque as pessoas esquecem que sociedade é formada por todos nós.Não é somente professor, não é somente educador de apoio, não é somente... a direção... a sociedade inteira é responsável pelo que está acontecendo.Então acho que é muito injusto botar a culpa somente em cima do professor, ou das pessoas que trabalham na escola.É muito fácil eu trabalhar o dia todo, chegar em casa cansada, num procurar saber o que foi que meu filho, minha filha fez na escola,num chegar pra conversar e eu chegar no fim do ano, dizendo pro professor e dizer que ele foi o culpado pela reprovação da minha filha ou do meu filho.Por isso que a sociedade toda deveria estar envolvida nesse processo de elaboração desse código de ética. E como eu falei, seria muito útil, e iria modificar bastante a vida de todos nós.</p>	<p>Questão 12. Apresente sua avaliação a respeito da atribuição de responsabilidades aos professores sobre os problemas das escolas, da educação e da sociedade. Então acho que é muito injusto botar a culpa somente em cima do professor, ou das pessoas que trabalham na escola.</p>	<p>Questão 12.</p> <p>Culpabilidade atribuída aos professores.</p>	<p>Questão 12.</p> <p>Equivocada.</p>	<p>Questão 12.</p> <p>Avalia como injusta e equivocada a atribuição da culpa pelos fracassos da educação aos professores ou demais funcionários das escolas.</p>

GRADE DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS – ENTREVISTADO 1

Unidade de Registro	Unidade de Significação	Categorias	Subcategorias	Comentários
<p>Questão 13. Relate casos consigo de sentimentos negativos/problemas/doenças relacionados à sua experiência como professor/a. Há pouco tempo... eu fiz um concurso público ... para ... um órgão do estado para professora, consegui uma aprovação excelente, inclusive que eu nunca tinha conseguido antes em concurso algum, passei em primeiro lugar, e através do exame médico, eu descobri que estava com uma fenda nas cordas vocais. E por conta dessa fenda... por sinal é bem discreta. Já comecei tratamento fonológico e tudo eu fui impedida de assumir a função de professora. Então, fiquei me perguntando se eu já exerço essa função há tanto tempo, agora que foi detectado esse plo... esse problema, eu vou poder continuar exercendo? Então eu vou ter que pedir aposentadoria por causa disso? Além de outros fatos.... do não reconhecimento dos pais ... de muitos coordenadores, muitos chefes avaliarem a nossa prática como.. “a isso não vai dar certo. Isso que você faz com seus meninos é só brincadeira. Eles não levam a sério o que você faz” comentários desse tipo que realmente a gente é obrigado a ouvir, várias vezes e ao mesmo tempo acho que a gente não se deve deixar abater por isso não. Acho que... da mesma forma que a gente escolheu a nossa profissão. Foi com amor, foi com dedicação, foi a gente pensando em a gente dar o melhor da gente; da mesma forma que a gente tem esse empenho de fazer o nosso trabalho, tem também que executar o mesmo empenho em filtrar o que a gente ouve, ... e certas coisas, realmente deixar pra lá. Porque não vão acrescentar nada. Não vão melhorar em nada nossa prática, não vão ter resultado positivo nenhum, no final das contas. Não vão melhorar em nada nossa prática, não vão ter resultado positivo nenhum, no final das contas.</p>	<p>Questão 13. Relate casos consigo de sentimentos negativos/problemas/doenças relacionados à sua experiência como professor/a. Há pouco tempo eu fiz um concurso público para um órgão do estado para professora, consegui uma aprovação excelente, inclusive que eu nunca tinha conseguido antes em concurso algum, passei em primeiro lugar, e através do exame médico, eu descobri que estava com uma fenda nas cordas vocais. E por conta dessa fenda por sinal é bem discreta, já comecei tratamento fonológico e tudo, eu fui impedida de assumir a função de professora.</p>	<p>Questão 13. Crise profissional.</p>	<p>Questão 13. Teve perda de emprego por questão de saúde.</p>	<p>Questão 13. Relatou frustração de ter sido aprovada em concurso e não poder assumir por questão de saúde; apesar de já exercer a função de professor em outras redes.</p>

GRADE DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS – ENTREVISTADO 1

Unidade de Registro	Unidade de Significação	Categorias	Subcategorias	Comentários
<p>Questão 14.</p> <p>A categoria de professores atualmente sofre com o desprestígio social, baixos salários, entre outras coisas. De acordo com sua experiência, exponha de que fatores resultam a crise da profissão docente. A própria degradação da sociedade. Essa questão de não existirem mais regras, de tudo ser permitido... é a primeira coisa. Então o que é permitido pra mim, ... o que eu posso fazer,... a consequência não importa. É o que passa pela cabeça da maioria das pessoas. Então, por isso... muitas pessoas se ligam nessa responsabilidade que têm ... com os próprios filhos, inclusive, pra atribuir essa responsabilidade a outra pessoa. E como não encontram alguém na família ou na vizinhança pra atribuir responsabilidade, acabam atribuindo também pra o professor e aí... creio que seja uma dificuldade grande que a gente enfrenta, que ... acho pouco provável que seja superada logo; por isso mesmo que eu falei, quando você me perguntou sobre a importância da sociedade, do professor na sociedade. É importantíssimo, agora não vai adiantar nada se a sociedade também não reconhecer que tem esse compromisso. Que tem que valorizar o professor, que o professor não tá sozinho na função de educar hoje os alunos. Ele precisa também ... precisa dos alunos, é claro, mas também precisa dos pais.</p>	<p>Questão 14.</p> <p>A categoria de professores atualmente sofre com o desprestígio social, baixos salários, entre outras coisas. De acordo com sua experiência, exponha de que fatores resultam a crise da profissão docente. A própria degradação da sociedade. Essa questão de não existirem mais regras, de tudo ser permitido é a primeira coisa. Que tem que valorizar o professor, que o professor não tá sozinho na função de educar hoje os alunos. Ele precisa também dos alunos, é claro, mas também precisa dos pais.</p>	<p>Questão 14. Crise profissional.</p>	<p>Questão 14. Degradação social. Ausência de regras.</p>	<p>Questão 14. Apontou como fatores responsáveis pela crise da profissão a própria degradação da sociedade e ausência de regras.</p>

GRADE DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS – ENTREVISTADO 2

Unidade de Registro	Unidade de Significação	Categorias	Subcategorias	Comentários
<p>Questão 1. De que maneira a atual e consumista sociedade, com sua mudança de paradigmas de comportamentos sociais, tão influenciadora do comportamento dos jovens, prejudica/afeta/atinge o seu trabalho?</p> <p>É Gilcéa, veja,... é a gente vive um momento de ... de transição, não é? Essas questões, por exemplo, da globalização, não é? Das mudanças políticas, das mudanças econômicas, não é? Os avanços tecnológicos, eles têm, isso tem influenciado muito na vida das pessoas. Na minha sala de aula, por exemplo, o o que assim me vem assim à lembrança de imediato,que prejudica muito o meu trabalho, é, por exemplo, a questão de uso do celular, que é uma tecnologia nova, recente, né?, E que é uma coisa de fácil acesso é, e o aluno fica tirando fotografia, fica conversando na hora da aula, não é? Eu acho que nesse aspecto aí atrapalha. O comporta... a mudança de comportamento também é... o jovem, o jovem hoje, ele se acha mais independente; ele não tem mais aquela dependência dos pais, então quebrou-se aquela tradição, aquele respeito, que se tinham pelas pessoas mais velhas e às vezes eles, assim... atuam de uma forma agressiva, não é? Não tão muito interessados no... em...em conhecer, e aprender. Aí a gente se angustia, porque a gente quer o resultado, a gente quer é... a formação de um cidadão e isso preju, acho que esses aspectos dos que eu me lembre aqui no momento aqui agora são os que mais prejudicam.</p>	<p>Questão 1.</p> <p>De que maneira a atual e consumista sociedade, com sua mudança de paradigmas de comportamentos sociais, tão influenciadora do comportamento dos jovens, prejudica/afeta/atinge o seu trabalho?</p> <p>A gente vive um momento de transição. Essas questões, por exemplo, da globalização, das mudanças políticas, das mudanças econômicas, os avanços tecnológicos, eles têm, influenciado muito na vida das pessoas. A mudança de comportamento também. O jovem hoje, ele se acha mais independente; ele não tem mais aquela dependência dos pais, então se quebrou aquela tradição, aquele respeito, que se tinham pelas pessoas mais velhas e às vezes eles, atuam de uma forma agressiva.</p>	<p>Questão 1.</p> <p>Pós-modernidade.</p>	<p>Questão 1.</p> <p>Globalização, mudança de comportamento, quebra de tradição, do respeito, imediatismo, ausência de valores, mudanças políticas e econômicas.</p>	<p>Questão 1.</p> <p>O professor aponta o momento de transição atribuindo, à globalização, às mudanças políticas, às mudanças econômicas, aos avanços tecnológicos como sendo responsáveis pela influência na vida das pessoas e quebra da tradição que prejudica as relações sociais e seu trabalho.</p>

GRADE DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS – ENTREVISTADO 2

Unidade de Registro	Unidade de Significação	Categorias	Subcategorias	Comentários
<p>Questão 2. Explique por que se tornou professor/a. Eu tenho uma influência familiar. É minha mãe foi professora... não é? Eu gostei, sempre gostei muito de ler... não é. É sempre é os mistérios da história sempre me fascinaram, não é. E... sempre acompanhava minha mãe à escola, via minha mãe dar aula, achava uma coisa bonita. Achava uma coisa tão digna, né. Ver minha mãe trabalhando ali... é alfabetizando jovens, não é, minha mãe foi dessa área de alfabetização e ... eu acho que esse assim foi o meu primeiro incentivo pra, pra ir à sala de aula.</p>	<p>Questão 2. Explique por que se tornou professor/a. Eu tenho uma influência familiar. É minha mãe foi professora. Eu sempre gostei muito de ler. Os mistérios da história sempre me fascinaram.</p>	<p>Questão 2. Motivo da escolha da profissão.</p>	<p>Questão 2. Influência familiar.</p>	<p>Questão 2. Tornou-se professor por influencia da mãe. O habitus familiar neste caso também pesou na construção da identidade profissional.</p>

GRADE DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS – ENTREVISTADO 2

Unidade de Registro	Unidade de Significação	Categorias	Subcategorias	Comentários
<p>Questão 3. Informe quais são as maiores dificuldades que você encontra para ser professor/a. São tantas né? A baixa re, remuneração, não é? É a principal, porque influi na qualidade do nosso trabalho e na qualidade de vida da gente, não é? Então isso, esse é um aspecto fundamental. A desvalorização. A gente se sente desvalorizado, não é, tanto em esfera federal, como em esfera estadual, não é? Não pó... ô, desculpe, federal, que eu quis dizer municipal e estadual, que são as esferas onde eu trabalho, né, não posso falar da federal, porque não trabalho nessa esfera, mas a gente se sente desvalorizado, não é? Vive em brigas constantes com com estado, não é? Por conta dessas questões salariais, é, o desinteresse das autoridades em resolver os problemas dos professores... é, não é, as salas de aula superlotadas,... não é, onde fica muito difícil de trabalhar com os jovens. Os jovens são barulhentos, até é da da própria natureza deles... é difícil trabalhar não é; a falta de equipamentos nas escolas, né às vezes tem até o equi... tem até uma certa tecnologia na, de... mas talvez devido ao grande uso, ao número de alunos quebra muito fácil, rápido, né. O próprio desinteresse do aluno, a desmotivação do professor, não é; por conta da do já do seu cansaço; no meu caso de já tantos anos de magistério, né. E essa desmotivação passa também por se não se sentir valorizado, são aspectos que atrapalha que prejudicam o trabalho da gente, né.</p>	<p>Questão 3. Então informe quais são as maiores dificuldades que você encontra para ser professor/a..A baixa remuneração é a principal, porque influi na qualidade do nosso trabalho e na qualidade de vida da gente. Então isso é um aspecto fundamental.A desvalorização.A gente se sente desvalorizado tanto em esfera federal, como em esfera estadual.Vive em brigas constante com o estdao por conta dessas questões salariais; é o desinteresse das autoridades em resolver os problemas dos professores; as salas de aula superlotadas, onde fica muito difícil de trabalhar com os jovens.A falta de equipamentos nas escolas;às vezes até uma certa tecnologia, mas talvez devido ao grande uso, ao número de alunos quebra muito fácil, rápido.O próprio desinteresse do aluno, a desmotivação do professor, por conta do seu cansaço; no meu caso de já tantos anos de magistério.E essa desmotivação passa também por se não se sentir valorizado, são aspectos que atrapalha que prejudicam o trabalho da gente.</p>	<p>Questão 3. Desafios da profissão.</p>	<p>Questão 3. Baixa remuneração. Desvalorização. Superlotação das salas de aula. Falta de equipamentos nas escolas. Desinteresse dos alunos. Desmotivação do professor. Cansaço do professor.</p>	<p>Questão 3. O entrevistado aponta baixa remuneração, a desvalorização profissional, o desinteresse dos alunos e a desmotivação do professor são as maiores dificuldades na realização do trabalho docente.</p>

GRADE DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS - ENTREVISTADO 2

Unidade de Registro	Unidade de Significação	Categorias	Subcategorias	Comentários
<p>Questão 4. Defina o grau de importância do trabalho/docência na sua vida. ...Ah, é de de importância fundamental, po porque é aquilo é é a gente se propõe, quando entra na docência, é, a formar cidadãos,a formar pessoas conscientes que participem da vida política e da vida geral de seu país, né, construindo ou, ou ao menos buscando a construção de uma sociedade nova diferente da que está aí, né, que é uma sociedade injusta, desigual é... e então, a gente ... sente a importância, o papel do professor é fundamental.Eu acho que o papel do professor é fundamental, porque acho que o professor, não é, marca, marca o aluno.Quando você faz o seu trabalho de uma forma séria, quando você leva a sério, marca vida do seu aluno pra sempre, não é.Eu sinto um orgulho tão grande, quando encontro um aluno meu, certo? Cidadão formado, uma pessoa trabalhando honestamente, agindo com ética, não é. Então... essas coisas, nos nos tornam realizadas, nos tornam realizados eeeee.... são de suma importância na vida da gente; é o sentido da nossa vida de de professor, de educador.</p>	<p>Questão 4. Defina o grau de importância do trabalho/docência na sua vida. É de importância fundamental, porque é aquilo é a gente se propõe, quando entra na docência, é, a formar cidadãos, a formar pessoas conscientes que participem da vida política e da vida geral de seu país, construindo ou, ou ao menos buscando a construção de uma sociedade nova diferente da que está aí, que é uma sociedade injusta, desigual; então, a gente sente a importância, o papel do professor é fundamental.</p>	<p>Questão 4. Importância do trabalho do professor.</p>	<p>Questão 4. A docência é de importância fundamental, porque propõe formar cidadãos, pessoas conscientes que participam da vida política e geral do país, buscando a construção de uma sociedade nova, diferente da que está aí: injusta e desigual.</p>	<p>Questão 4. A docência conta com importância fundamental na vida deste professor, porque ele acredita poder formar cidadãos e transformar a realidade com seu trabalho.</p>

GRADE DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS – ENTREVISTADO 2

Unidade de Registro	Unidade de Significação	Categorias	Subcategorias	Comentários
<p>Questão 5. Explique o que o/a deixa mais satisfeito(a) no trabalho na profissão e o que o/a deixa mais desmotivado(a) no trabalho como docente. É eu acho que essa questão de deixar satisfeito eu falei é você ver o resultado de um trabalho; não é? Com... um dia desses entrei num consultório de uma médica ...e quando ... ta estava sendo atendido, reconheci uma aluna minha de de alguns anos atrás ali. Uma jovem médica, não é, competente no seu trabalho, não é; educada... e assim me dá um aprofunda satisfação saber que eu tive uma pequena parcela de contribuição, não é, na formação, não só profissional daquela jovem, até na formação d d do seu caráter, da sua personalidade, não é, e isso é e isso é extremamente gratificante;É esse tipo de coisa que faz a gente continuar com essa profissão, apesar das dificuldades.E exatamente o contrário, não é, é que nos desmotiva, nos deixa triste, insatisfeito. Do mesmo jeito que eu tenho esse caso,eu tive casos de alunos ... que vi no jornal como traficante, como bandidos, não é, alunos meus, ex-alunos mortos, é , por conta da violência e por conta de ter se envolvido numa vida de crimes e isso nos dá a sensação de fracasso, não é, se a gente se sente vitorioso por um lado, por outro a gente se sente fracassado, porque a gente não conseguiu encaminhar aquele jovem ... ou se ele já estava nesse processo, de resgatá-lo.Então isso é um motivo de uma frustração muito grande; creio que não só pra mim, pra todo professor.</p>	<p>Questão 5. Explique o que o/a deixa mais satisfeito(a) no trabalho na profissão e o que o/a deixa mais desmotivado(a) no trabalho como docente. Eu acho que essa questão de deixar satisfeito eu falei é você ver o resultado de um trabalho.E exatamente o contrário é que nos desmotiva, nos deixa triste, insatisfeito. Eu tive casos de alunos que vi no jornal como traficante, como bandidos, não é, alunos meus, ex-alunos mortos, por conta da violência e por conta de ter se envolvido numa vida de crimes e isso nos dá a sensação de fracasso, não é, se a gente se sente vitorioso por um lado, por outro a gente se sente fracassado, porque a gente não conseguiu encaminhar aquele jovem ou se ele já estava nesse processo, de resgatá-lo.Então isso é um motivo de uma frustração muito grande; creio que não só pra mim, pra todo professor.</p>	<p>Questão 5. O que motiva e desmotiva o trabalho docente.</p>	<p>Questão 5. Satisfeito é ver o resultado do trabalho. Insatisfeito é ver alunos no tráfico, bandidos, mortos por causa da violência e vida de crimes. Há sensação de fracasso.</p>	<p>Questão 5. A satisfação profissional provém dos resultados positivos obtidos com os alunos e negativos, quando os alunos se perdem no mundo do crime.</p>

GRADE DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS – ENTREVISTADO 2

Unidade de Registro	Unidade de Significação	Categorias	Subcategorias	Comentários
<p>Questão 6. Informe como você avalia a responsabilidade profissional docente perante a sociedade. É é é... porque assim a na, a nossa fala ela tá sendo até repetitiva nesse aspecto, não é ,mas é a a pergunta tá posta tem que ser respondida. E é importantíssima a nossa,a nossa participação na formação desse jovem, não é. , não é, na formação, na construção de uma sociedade ética. Essa, esse é o nosso grande desafio, né, é é a nossa grande luta pra essa sociedade, não é, e pras vindouras. Pra... pra a juventude que está aí se formando, que vai ser a a a classe trabalhadora de amanhã, a classe empresarial, não é ; a classe dirigente. Então é importante que a gente mude essa.. essa.. esse pensamento da sociedade de hoje, na questão ética, porque se critica muito o governo, se critica muito pessoas aí ...de grandes empresas, mas a ética, ela começa dentro da casa da gente,é é de coisas pequenas, não é? Aquela pessoa que é capaz de tirar... um lápis, uma caneta do seu colega e não devolver, de tirar um livro; um um, qualquer coisa que seja do seu colega, é capaz de amanhã de fazer u u u uma coisa que seja de seu colega, é capa de coisa de nível muito maior também, assim, nesse aspecto negativo.Então eu acho que essa é a pa pa participação de formar uma sociedade ética.</p>	<p>Questão 6. Informe como você avalia a responsabilidade profissional docente perante a sociedade. E é importantíssima a nossa participação na formação desse jovem, na formação, na construção de uma sociedade ética.</p>	<p>Questão 6. Identidade</p>	<p>Questão 6. É importantíssima a participação do professor na formação do jovem, na construção de uma sociedade ética.</p>	<p>Questão 6. Perante a sociedade, considera relevante o papel do professor na formação do jovem e como colaborador para a construção de uma sociedade ética.</p>

GRADE DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS – ENTREVISTADO 2

Unidade de Registro	Unidade de Significação	Categorias	Subcategorias	Comentários
<p>Questão 7. A formação docente, ao meu ver, é inclusive até em algumas formações da prefeitura, isso já vem acontecendo, ela tem que ter dois momentos: ela tem que ser voltada pra o lado, estritamente vamos dizer, didático né ; ô, ô, de como o professor deve vencer esses desafios em sala de aula, de de como fazer, fazer com que seu aluno seja capaz de de atingir as competências e habilidades necessárias; né, então ele deve tá sempre se, se ... é se formando nesse processo; se especializando nesse processo , nessas capacitações; esse é um lado e o outro lado, que é importante, é no que eu insisto, tenho insistido aqui na minha fala sempre é também é, essa preocupação em relação com a questão da ética. Eu acho que isso deve estar sempre voltado pras formações. A formação moral e a formação profissional da pessoa.</p>	<p>Questão 7. A formação tem que ter dois momentos: ela tem que ser voltada pra o lado, estritamente, didático e o outro lado, que é importante é também é, essa preocupação em relação com a questão da ética. Eu acho que isso deve estar sempre voltado pras formações. A formação moral e a formação profissional da pessoa.</p>	<p>Questão 7. Formação</p>	<p>Questão 7. A formação deve ser voltada para dois lados: o estritamente didático e o ético.</p>	<p>Questão 7. Afirma que a formação continuada precisa de dois momentos: o de preocupação didática e o outro de preocupação com a formação ética.</p>
<p>Questão 8. Explique de que forma você articula os conhecimentos adquiridos durante a sua formação à sua prática. A gente tenta é, é, utilizar estratégias, não é, que tentem ter algum sucesso; você, você por exemplo, pode utilizar um texto de um determinado assunto pra você é..... Eu não tô sabendo fazer a colocação, mas pra vocêê repassar aquilo pra o seu aluno, não é vocêê, através de uma, de um filme que você possa escolher você também mostrar os valores; você não só faz a parte prática do ensino, mas a questão acho que você tem que repassar valores, não é. Então você pode usar de várias estratégias. De filme, você pode usar dramatizações, você, você pode usar o livro didático, pode usar um texto, onde você tente repassar, tente fazer essa articulação do que você aprendeu com o que você... com a sua prática pedagógica.</p>	<p>Questão 8. Explique de que forma você articula os conhecimentos adquiridos durante a sua formação à sua prática. Então você pode usar de várias estratégias. De filme, você pode usar dramatizações, pode usar o livro didático, pode usar um texto, onde você tente repassar, tente fazer essa articulação do que você aprendeu com o que você com a sua prática pedagógica.</p>	<p>Questão 8. Formação</p>	<p>Questão 8. Tentar utilizar estratégias que tentem ter sucesso.</p>	<p>Questão 8. Podem-se utilizar várias estratégias para articular os conhecimentos adquiridos durante a formação, utilizando como suportes filmes, dramatizações e livros.</p>

GRADE DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS – ENTREVISTADO 2

Unidade de Registro	Unidade de Significação	Categorias	Subcategoria	Comentários
<p>Questão 9.</p> <p>De acordo com a sua concepção, exponha o que seria necessário para ser professor hoje. Uma boa formação acadêmica;... não é ; conhecer os desafios da profissão, não é; conhecer as desvantagens, não é,... porque, se você , por exemplo, pensa em ser professor pra se dar bem do ponto de vista financeiro, isso é um engano que você tá cometendo, não é; ainda eu não quero dizer que que o professor, que ser professor é ser sacerdote, que eu não me sinto padre (risos) não tenho a menor vocação religiosa (risos), mas... você tem que querer, tem que ter vontade e tem que se capacitar; tem que ter uma, uma, uma boa formação acadêmica, boas leituras e, procurar levar isso pra prática.</p>	<p>Questão 9.</p> <p>De acordo com a sua concepção, exponha o que seria necessário para ser professor hoje. Você tem que querer, tem que ter vontade e tem que se capacitar; tem que ter uma, uma, uma boa formação acadêmica, boas leituras e, procurar levar isso pra prática.</p>	<p>Questão 9.</p> <p>Profissionalidade</p>	<p>Questão 9.</p> <p>Uma boa formação acadêmica; conhecer os desafios da profissão, boas leituras e tem que ter vontade de se capacitar e levar isso para a prática.</p>	<p>Questão 9.</p> <p>Caracteriza como parte da profissionalidade docente a boa formação acadêmica, capacitações, boas leituras e levar à pratica esses conhecimentos.</p>

GRADE DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS – ENTREVISTADO 2

Unidade de Registro	Unidade de Significação	Categorias	Subcategorias	Comentários
<p>Questão 10.Descreva das atribuições exigidas aos professores, quais você considera como relevantes e justifique os motivos. São tantas atribuições, né, são tantas atribuições ... dos professores, deixe ...o que eu poderia colocar em ordem de relevância, né, é ... primeiro eu acho que é a questão do, do , do , dessa formação ética, eu acho que é a de maior relevância é essa; a formação ética desses jovens; principalmente desses jovens aí, filhos de famílias de baixa renda, né; no nosso caso, essa população comunitária, que vive numa série de dificuldades, né não é, e que convive com o crime ,né... e que às vezes até participa, ... então eu acho que é da maior relevância a gente resgatar esses jovens, não é,colocá-los é é num caminho ético, não é, onde ele aja, com, com dignidade; e queele bu, ele busque o interesse pelo conhecimento, porque a gente precisa conscientizar, que o o a única forma de ele se libertar dessa vida, de uma forma decente, de uma forma construtiva é pelo conhecimento; se não for dessa forma, é ... é difícil... Outra questão que eu acho que, que é de relevância é preparar o jovem, não é, primeiro eu já disse, a ética prepara para o mundo,não é, e segundo preparar o jovem para a vida profissional; pra, não pra uma profissão específica,não é, mas preparar o jovem pra que ele se sinta capacitado a ... enfrentar o mercado de trabalho. É porque aí você associa uma coisa a outra, porque uma pessoa, não é, vai agir com dignidade e vai manter sempre essa dignidade, vai manter sempre essa ética, se eles têm essas condições, né, práticas na vida dele.Se ele tem o trabalho, ele vai poder aplicar isso na sua vida, no seu dia a dia.</p>	<p>Questão 10. Descreva das atribuições exigidas aos professores, quais você considera como relevantes e justifique os motivos. Outra questão que eu acho que, que é de relevância é preparar o jovem; primeiro eu já disse, a ética prepara para o mundo; e segundo preparar o jovem para a vida profissional; pra, não pra uma profissão específica, mas preparar o jovem pra que ele se sinta capacitado a enfrentar o mercado de trabalho. Você associa uma coisa a outra, porque uma pessoa vai agir com dignidade e vai manter sempre essa dignidade, vai manter sempre essa ética, se eles têm essas condições, práticas na vida dele.</p>	<p>Questão 10. Profissional idade</p>	<p>Questão 10. Preparar o jovem para formação ética e vida profissional.</p>	<p>Questão 10. Afirma que a mais importante característica da profissionalidade docente a preparação do jovem para a vida e para as profissões.</p>

GRADE DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS – ENTREVISTADO 2

Unidade de Registro	Unidade de Significação	Categorias	Subcategorias	Comentários
Questão 11. Qual a sua opinião sobre a possibilidade da criação de um código deontológico (ou código de ética) para a profissão? E quem deveria se responsabilizar por sua elaboração? É de suma importância; você vê que eu, eu tenho insistido sempre nessa questão de ética; não é? É... é primordial um código de ética pra as pessoas. Quem deveria elaborar seria o conjunto, a, a, a sociedade como um todo; aí o estado, não é, os professores, não é, os interessados nesse aspecto. Representantes de todos os segmentos da sociedade. Eu acho que não seja é, é é, algo pra apenas um segmento pensar não; acho que tem que ser pen..acho que deve ser discutido, pensado e elaborado pela sociedade como um todo.	Questão 11. Qual a sua opinião sobre a possibilidade da criação de um código deontológico (ou código de ética) para a profissão? É primordial um código de ética pra as pessoas. Quem deveria elaborar seria o conjunto, a sociedade como um todo; o estado, os professores, os interessados nesse aspecto.	Questão 11. Código deontológico	Questão 11. É primordial. O conjunto, a sociedade como um todo, o estado e professores, representantes de todos os segmentos da sociedade deveriam elaborar o código.	Questão 11. Define como primordial a criação de um código de ética e defende que sua elaboração seja de responsabilidade do conjunto da sociedade, do estado e dos professores.

GRADE DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS – ENTREVISTADO 2

Unidade de Registro	Unidade de Significação	Categorias	Subcategorias	Comentários
<p>Questão 12. Explique por que se tornou professor/a. Olhe os professores, em boa parte, eles têm se esforçado, não é, para fazer valer essas atribuições, não é; mas eles encontram obstáculos e é, é, dentro da própria escola às vezes você encontra um obstáculo do seu trabalho da direção, da direção de uma escola, que não é o caso da nossa, não é, por uma questão de uma mal querência, não é, às vezes você encontra um colega seu é, é, agindo fora de um padrão ético, que você tem dificuldade pra, pra, pra conviver com essa pessoa, certo, você ,deixa eu pensar aqui um poucoAs questões da educação,não é, é um esforço coletivo do corpo docente de uma escola; é um esforço coletivo também de quem vai participar, a gestão política onde a gente deve tá, onde a gente deve sempre refletir sobre esses problemas e buscar soluções, não é, seja em ,em,conferências, seja em congressos, não é, ou seja te em reuniões menores, não é, mas a gente está sempre em busca disso aí. E também e procurar fazer esse trabalho em conjunto com a família, não é.Quando entra aí a parte da sociedade é muito importante o papel da família; trazer a família pra escola, fazer com que a família seja mais participativa, não é, inclusive , também é além do aluno, fazer com que o pai ou a mãe que viva numa situação aí só, na marginalidade também é é resgatar essas pessoas também, porque acho que há um importante aí; resgatando os pais vai ter uma ajuda muito grande no resgate dos filhos.</p>	<p>Questão 12. Explique por que se tornou professor/a. Às vezes você encontra um colega seu agindo fora de um padrão ético, que você tem dificuldade pra conviver com essa pessoa. As questões da educação é um esforço coletivo do corpo docente de uma escola; é um esforço coletivo também de quem vai participar, a gestão política onde a gente deve tá, onde a gente deve sempre refletir sobre esses problemas e buscar soluções, seja em conferências, seja em congressos ou seja te em reuniões menores; mas a gente está sempre em busca disso aí.</p>	<p>Questão 12. Culpabilida de atribuída aos professores.</p>	<p>Questão 12. Refletir sobre problemas. Buscar soluções em conferências, congressos ou reuniões menores.</p>	<p>Questão 12. Crê que as pessoas devem refletir sobre os problemas e buscar soluções em conjunto através de debates e reuniões acerca dos problemas.</p>

GRADE DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS – ENTREVISTADO 2

Unidade de Registro	Unidade de Significação	Categorias	Subcategorias	Comentários
<p>Questão 13. Relate casos consigo de sentimentos negativos/problemas/doenças relacionados à sua experiência como professor/a. Olhe é... durante esses anos de magistério, não é, o que eu podia falar de de coisas negativas, às vezes algumas questões do, desrespeito dos alunos, senão é ? Às vezes a gente se sente maltratado, se sente desvalorizado, não é, certo? Eu, graças a Deus, eu nunca tive muit... já passei por alguns, que todo mundo passa, mas nunca tive muitos desses problemas não; não é? A questão, o problema, a questão do, do salarial, que é uma questão importante que você não vê melhora, não vê empenho do, do, poder público, em melhorar sua vida. Isso desmotiva; é uma coisa negativa, não é? O excesso de, como eu já falei em outras questões, o excesso de alunos leva a gente a doenças, né? Você tem doenças das articulações, não é? Vocaís. Você ...tem doença de coluna não é? Isso mexe, cansa. Não é? Vo Você tem sempre aquela vontade dentro do coração, aquela coisa de continuar, mas às vezes a você cansa também. Não, não, isso não significa que seja o... o fim, a vontade de parar de vez não a gente ainda tem uma chamazinha acesa, mas às vezes ela fica tremulando.... Não é?</p>	<p>Questão 13. Relate casos consigo de sentimentos negativos/problemas/doenças relacionados à sua experiência como professor/a. Às vezes a gente se sente maltratado, se sente desvalorizado. A questão salarial, que é uma questão importante que você não vê melhora, não vê empenho do poder público, em melhorar sua vida. Isso desmotiva; é uma coisa negativa. O excesso de alunos leva a gente a doenças. Você tem doenças das articulações, vocais, tem doença de coluna. Isso mexe, cansa.</p>	<p>Questão 13. Crise profissional.</p>	<p>Questão 13. Sentimento de desvalorização. Falta de empenho do poder público. Sofrimento do professor.</p>	<p>Questão 13. Afirma às vezes se sentir desvalorizado e maltratado. Sente-se desmotivado em relação ao descaso das autoridades em relação aos salários dos professores e do excesso de alunos. Relata doenças nas articulações, vocais, de coluna além de sentir-se cansado.</p>

GRADE DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS – ENTREVISTADO 2

Unidade de Registro	Unidade de Significação	Categorias	Subcategorias	Comentários
<p>Questão 14.</p> <p>A categoria de professores atualmente sofre com o desprestígio social, baixos salários, entre outras coisas. De acordo com sua experiência, exponha de que fatores resultam a crise da profissão docente. Olhe, além desses fatores que estão colocados na questão e que já foram aqui explanadas, né, muitos deles, a... a má formação dos professores... não é, eu sei... você vê ... existe uma Crise na universidade também, quando vai fazer esses ex, exames nacionais é um “Deus nos acuda” ... não é, você vê, por exemplo aí falar de outra profissão, a OAB que fracasso foi a questão da OAB; então quando existe uma avaliação dessa forma, a gente vai vendo o fracasso que tá aí. Essa má formação dos professores, a desvalorização, o corre-corre, o grande número de, de de carga horária. Eu sou um professor que dou quinze horas de aula dias, não é. E que tenho que correr da rede municipal pra rede estadual e vice-versa. Isso é cansativo; isso tira o o ... isso cansa a gente, não é; a qualid, eu quis dizer, tira a qualidade do nosso trabalho, porque, olhe, uma aula que eu dou pela manhã numa escola, eu não consigo repetir, com a mesma eficiência à noite, à noite. Eu já to cansado, já já não sou mais uma criança, é... desses aspectos, das doenças. A desmotivação criada, essa pelo aluno, pelo desinteresse do aluno, pelo pouco caso e pelo desrespeito do aluno com o professor são fatores dessa crise. Não é essa é... é... que é... uma crise que tá... cada vez mais se tornando uma bola de neve é... E outra questão é, por exemplo, a nossa profissão, ela não é regulamentada, como outras profissões. Qualquer pessoa pode chegar, entrar numa sala de aula e dar aula e ganhar como professor. Então isso também é uma forma de desvalorizar, desvalorização, né. Qualquer advogado pode</p>	<p>Questão 14.</p> <p>A categoria de professores atualmente sofre com o desprestígio social, baixos salários, entre outras coisas. De acordo com sua experiência, exponha de que fatores resultam a crise da profissão docente. A má formação dos professores. Você vê existe uma crise na universidade também. Essa má formação dos professores, a desvalorização, o corre-corre, o grande número de carga horária. A desmotivação criada, essa pelo aluno, pelo desinteresse do aluno, pelo pouco caso e pelo desrespeito do aluno com o professor são fatores dessa crise. E outra questão é, por exemplo, a nossa profissão não é regulamentada, como outras profissões. Qualquer pessoa pode chegar, entrar numa sala de aula e dar aula e ganhar como professor.</p>	<p>Questão 14.</p> <p>Crise profissional.</p>	<p>Questão 14.</p> <p>Má formação de professores.</p> <p>Crise na universidade.</p>	<p>Questão 14.</p> <p>Atribui a responsabilidade da crise à má formação docente, à agitação diária, ao excesso de trabalho, ao desinteressado aluno e falta de regulamentação profissional.</p>

chegar, entrar numa sala de aula e dar aulas de português; qualquer engenheiro pode dar aula de matemática é... ou seja, um professor é um professor que é, tem uma formação que é o professor de história, minha formação acadêmica é e história, mas pra completar carga horária, eu sou obrigado a trabalhar com geografia, às religião, já trabalhei com religião, sociologia. A gente faz; busca fazer bem, até por conta da experiência de trabalho e de vida da gente, mas isso não é legal, isso não é... isso não contribui, ... muito pelo contrário; mas a necessidade obriga ... a gente a fazer... De nada e sempre pode contar com a gente , não é, está sempre disposto a colaborar, naquilo que for possível e desculpe aí as minhas falhas, né. Minhas falhas e repetições. Eu sei que eu fui repetitivo, mas é tanta coisa. Já desligasse?				
--	--	--	--	--

GRADE DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS – ENTREVISTADO 3

Unidade de Registro	Unidade de Significação	Categorias	Subcategorias	Comentários
1.De que maneira a atual e consumista sociedade, com sua mudança de paradigmas de comportamentos sociais, tão influenciadora do comportamento dos jovens, prejudica/afeta/atinge o seu trabalho? É, hoje eu vejo que os jovens, eles hoje não estão mais interessados na escola que hoje se apresenta. Nem tudo, o quadro, o livro didático... tudo é muito ... rápido pro jovem, ele está mais interessado nas informações via internet, via celular e o professor com a sua aula ainda né...antiga, não consegue mais é ...motivar esse jovem pra o ensino, pra educação.	1.De que maneira a atual e consumista sociedade, com sua mudança de paradigmas de comportamentos sociais, tão influenciadora do comportamento dos jovens, prejudica/afeta/atinge o seu trabalho? É, hoje eu vejo que os jovens, eles hoje não estão mais interessados na escola que hoje se apresenta. Ele está mais interessado nas informações via internet, via celular e o professor com a sua aula ainda né...antiga, não consegue mais é ...motivar esse jovem pra o ensino, pra educação.	Questão 1. Pós-modernidade.	Questão 1. Interesse do jovem pelas informações via internet e celular.	Questão 1. A sociedade afeta o seu trabalho através do desinteresse dos alunos pela escola nos moldes atuais e grande interesse pela multimídia.
Questão 2. Explique por que se tornou professor/a. ...Por vocação. Eu sempre gostei de... de ensinar.É desde pequena eu gostava de de dar aulas, de ensinar aos ma... aos menores e aí eu optei mesmo por vocação.	Questão 2. Explique por que se tornou professor/a. ...Por vocação. Eu sempre gostei de... de ensinar.	Questão 2. Motivo de escolha da profissão.	Questão 2. Vocação	Questão 2. A professora defende sua vocação para a escolha da profissão.

<p>Questão 3. Informe quais são as maiores dificuldades que você encontra para ser professor/a.</p> <p>Hoje a maior dificuldade tem sido é... a falta do respeito do aluno para com o professor; não valorização do da educação mesmo formal, né. Nem é valorizado pela família, não é valorizado pelo aluno. Então a gente fica como... que não está fazendo nada, né. A escola parece que perdeu o sentido. Hoje os alunos vão à escola por conta de um bolsa escola, não querendo aprender. Então o ensino não vale nada pra os alunos, então pra mim isso tem sido muito difícil.</p>	<p>Questão 3. Informe quais são as maiores dificuldades que você encontra para ser professor/a.</p> <p>Hoje a maior dificuldade tem sido a falta do respeito do aluno para com o professor; não valorização do da educação mesmo formal. Nem é valorizado pela família, não é valorizado pelo aluno.</p>	<p>Questão 3. Desafios da profissão.</p>	<p>Questão 3. Desrespeito. Desvalorização da educação pela família.</p>	<p>Questão 3. Classifica como maiores dificuldades para o exercício profissional o desrespeito do aluno, na sua relação com professores e a desvalorização do docente diante do estudante e da família.</p>
---	--	--	---	---

GRADE DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS – ENTREVISTADO 3

Unidade de Registro	Unidade de Significação	Categorias	Subcategorias	Comentários
Questão 4. Defina o grau de importância do trabalho/docência na sua vida. A docência foi a minha vida toda, né... é eu... assim, o o tra trabalho é tão importante, porque eu passei a minha vida toda só ensinando, em três expedientes; então é a minha vida. Eu não vejo, não me vejo fazendo outra coisa, não me vejo fora de uma escola. Então a importância é... tudo o que eu investi na minha formação profissional e e... pessoal foi é, em prol do trabalho docente.	Questão 4. Defina o grau de importância do trabalho/ docência na sua vida. Eu não me vejo fazendo outra coisa; não me vejo fora de uma escola. Então a importância é tudo o que eu investi na minha formação profissional e pessoal foi é, em prol do trabalho docente.	Questão 4. Importância do trabalho para o professor.	Questão 4. Relevância do trabalho.	Questão 4. A importância da profissão para ela é vital; portanto sua identidade profissional aparece como prioridade na sua vida.
Questão 5. Explique o/a deixa mais satisfeito(a) na profissão e o que o/a deixa mais desmotivado(a) no trabalho como docente. Mais satisfeita é quando eu pego uma criança que... inicia o ano sem nem conhecer as letras e no final do ano, essa criança está lendo. Ou ... quando eu encontro depois de um tempo um ex-aluno e chega pra mim agradecendo, dizendo que está bem que está na faculdade, que tá bem encaminhado. Então isso dá uma satisfação imensa. É ver que... valeu a pena o trabalho que eu investi; o trabalho que eu fiz. E o que me deixa mais insatisfeita... é justamente essa não valorização hoje, do jovem, em querer aprender. Então você investe, você faz tudo e não vê resultado. Isso dá uma grande insatisfação.	Questão 5. Explique o/a deixa mais satisfeito(a) na profissão e o que o/a deixa mais desmotivado(a) no trabalho como docente. Mais satisfeita é quando eu pego uma criança que inicia o ano sem nem conhecer as letras e no final do ano, essa criança está lendo. E o que me deixa mais insatisfeita é justamente essa não valorização hoje, do jovem, em querer aprender. Então você investe; você faz tudo e não vê resultado. Isso dá uma grande insatisfação.	. Questão 5. Fatores que motivam e desmotivam o trabalho docente.	Questão 5. Progresso das pessoas. Burocracia.	Questão 5. Sua satisfação profissional provém da crença de que contribui para a melhoria de vida social e sua insatisfação está relacionada ao caráter burocrático da educação que dificulta o trabalho do professor.

GRADE DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS – ENTREVISTADO 3

Unidade de Registro	Unidade de Significação	Categorias	Subcategorias	Comentários
<p>Questão 6. Informe como você avalia a responsabilidade profissional docente perante a sociedade.</p> <p>O trabalho do docente, ele é essencial; é porque todas as profissões... passam por um professor. Mas, infelizmente a sociedade, ela não, ainda não acordou pra esse valor; então o professor, apesar de ser tão importante na formação do cidadão, ele não é valorizado pela sociedade, de modo geral. Então, o professor é ... qualquer coisa ... não, não, não se dá o devido valor, apesar de, de sermos tão importantes, na na formação do cidadão; porque se se desse o devido valor ao professor e ele tivesse de fato, consciência da importância que ele tem, muita coisa, hoje, estaria mudada na sociedade.</p>	<p>Questão 6. Informe como você avalia a responsabilidade profissional docente perante a sociedade.</p> <p>O trabalho do docente, ele é essencial; é porque todas as profissões passam por um professor. Mas, infelizmente a sociedade, ela não acordou pra esse valor.</p>	<p>Questão 6. Responsabilidade social do professor.</p>	<p>Questão 6. Essencialidade do trabalho docente. Importância do professor.</p>	<p>Questão 6. Avalia o trabalho docente como essencial, alegando que todos os profissionais passam por professores durante sua formação.</p>

GRADE DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS – ENTREVISTADO 3

Unidade de Registro	Unidade de Significação	Categorias	Subcategorias	Comentários
<p>Questão 7.</p> <p>Apresente sua opinião/avaliação sobre cursos de formação continuada para professores e explique como pensa que deveria ser a formação docente. ...A formação docente, ela tem que ser permanente, né; e sempre com o pé na realidade. Muitas das formações, é... elas são, assim, pra um público muito grande, trazendo pessoas de fora daquele contexto em que ... o professor trabalha, e acaba sendo ... um dia qualquer de encontro com colegas, de ... passeio, de estar fora da sala. Não acho que funcione esse tipo de formação. Formação que eu acredito que dá certo, é aquela em que se reúne um grupo menor; de preferência por escola, ou por por escolas próximas, em que o professor, ele possa ... é trocar experiências, construir novos conhecimentos, ... e com o pé na realidade dele. Esse tipo de formação, eu acho que dê, eu acredito que dê mais resultados. O na escola ou com grupos menores de professores.</p>	<p>Questão 7.</p> <p>Apresente sua opinião/avaliação sobre cursos de formação continuada para professores e explique como pensa que deveria ser a formação docente. A formação docente, ela tem que ser permanente e sempre com o pé na realidade.</p> <p>Formação que eu acredito que dá certo é aquela em que se reúne um grupo menor; de preferência por escola, ou por escolas próximas, em que o professor, ele possa trocar experiências, construir novos conhecimentos e com o pé na realidade dele. Esse tipo de formação, eu acredito que dê mais resultados. Ou na escola ou com grupos menores de professores.</p>	<p>Questão 7.</p> <p>Formação continuada.</p>	<p>Questão 7.</p> <p>Formação permanente.</p> <p>Grupos próximos da escola.</p>	<p>Questão 7.</p> <p>Defende que a formação docente precisa ser permanente e associada à realidade escolar.</p>

GRADE DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS – ENTREVISTADO 3

Unidade de Registro	Unidade de Significação	Categorias	Subcategorias	Comentários
<p>Questão 8.</p> <p>Explique de que forma você articula os conhecimentos adquiridos durante a sua formação à sua prática.</p> <p>Toda formação que eu vou, eu tento fazer... é... uma seleção, né; o que serve pra minha prática, eu aproveito, eu incorporo e o que não serve, eu deleto, não é... ou modifico. Nem tudo o que a gente vê em formação são aplicáveis, são possíveis; mas tem coisas que você pode aproveitar, modificar, né... e aí eu sempre faço isso, eu sempre procuro fazer essa relação; do que é possível aplicar na sala de aula.</p>	<p>Questão 8.</p> <p>Explique de que forma você articula os conhecimentos adquiridos durante a sua formação à sua prática.</p> <p>Toda formação que eu vou, eu tento fazer uma seleção; o que serve pra minha prática, eu aproveito, eu incorporo e o que não serve, eu deleto ou modifico.</p>	<p>Questão 8.</p> <p>Influência da formação na prática pedagógica.</p>	<p>Questão 8.</p> <p>Incorporar informações relevantes. Excluir ou modificar informações relevantes.</p>	<p>Questão 8.</p> <p>Os conhecimentos adquiridos durante a formação são articulados à prática após seleção. Alguns são aproveitados ou adaptados; os desinteressantes são desprezados.</p>
<p>Questão 9.</p> <p>De acordo com a sua concepção, exponha o que seria necessário para ser professor hoje.</p> <p>... Paciência, paciência e paciência para lidar com o jovem hoje, pra lidar com a família, com toda a carga que a escola tem que, que dar conta, eu acho que hoje... mmmais do que nunca, a gente precisa ter muita paciência, pra, pra estar em educação.</p>	<p>Questão 9.</p> <p>De acordo com a sua concepção, exponha o que seria necessário para ser professor hoje. Paciência, paciência e paciência para lidar com o jovem hoje, pra lidar com a família, com toda a carga que a escola tem que, que dar conta</p>	<p>Questão 9.</p> <p>Profissional idade docente</p>	<p>Questão 9.</p> <p>Ser paciente para estar em educação.</p>	<p>Questão 9.</p> <p>Defende a paciência para lidar com o jovem e as famílias como elemento principal da profissionalidade do professor.</p>
<p>Questão 10.</p> <p>Descreva das atribuições exigidas aos professores, quais você considera como relevantes e justifique.</p> <p>...repita, por favor... Eu acho que a mais relevante é o papel dele ensinar; fazer com que o aluno aprenda; Esta deveria ser... a a tarefa essencial do professor. Todas as outras, né, que coloca pra o professor ser o assistente social, o</p>	<p>Questão 10.</p> <p>Descreva das atribuições exigidas aos professores, quais você considera como relevantes e justifique.</p> <p>Todas as outras que coloca pra o professor ser o assistente</p>	<p>Questão 10</p> <p>Atividades mais importantes dos professores.</p>	<p>Questão 10</p> <p>Relevante é o papel de ensinar. Conhecer como ocorre a aprendizagem.</p>	<p>Questão 10.</p> <p>Conhecer de que maneira o aluno aprende e ensinar, consciente desse conhecimento, é o atributo mais relevante do professor, porque as outras tarefas atribuídas a ele não são</p>

psicólogo, o médico,... não é, elas não são relevantes... são importantes. O professor precisa perceber o aluno como um todo e tentar partir daí trabalhar; mas o essencial é ele conhecer como o aluno aprende, de que forma se aprende; e como ele pode ensinar dentro do processo do aluno. Isso é o papel relevante do professor.	social, o psicólogo, o médico, elas não são relevantes. O professor precisa perceber o aluno como um todo e tentar partir daí trabalhar; mas o essencial é ele conhecer como o aluno aprende, de que forma se aprende; e como ele pode ensinar dentro do processo do aluno. Isso é o papel relevante do professor.			relevantes.
Questão 11. Qual a sua opinião sobre a possibilidade da criação de um código deontológico (ou código de ética) para a profissão?E quem deveria se responsabilizar por sua elaboração?	Questão 11. Qual a sua opinião sobre a possibilidade da criação de um código deontológico (ou código de ética) para a profissão?E quem deveria se responsabilizar por sua elaboração?	Questão 11. Código deontológico	Questão 11. Importância de um código deontológico. Elaboração do código pelo conjunto de professores, sindicatos e núcleos de representação docente.	Questão 11. Apesar de não ter amadurecido a ideia, avalia como boa a criação de um código de ética e defende que professores, seus representantes e sindicatos é quem deveriam elaborá-lo.

GRADE DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS – ENTREVISTADO 3

Unidade de Registro	Unidade de Significação	Categorias	Subcategorias	Comentários
Questão 12. Apresente sua avaliação a respeito da atribuição de responsabilidades aos professores sobre os problemas das escolas, da educação e da sociedade. Muita coisa que acontece na escola, de fato é de responsabilidade do professor, não é, o aluno que, que tá fora da sala, o aluno que ainda não consegue aprender é atribuição do professor tentar descobrir como fazer e como trabalhar esse aluno pra conseguir alcançar objetivo; mas hoje se culpa o professor de muita coisa, né. Ele tem que dar conta do aluno porque ele tá indisciplinado; porque o aluno não quer nada; é é ... o professor tem que dar conta do aluno que usa droga, do aluno que tá marginalizado. Isso aí não é a escola que tem que responder; é a sociedade como um todo. Então eu acho que, que... ao professor cabe a responsabilidade de: conhecer os processos de aprendizagem; a a partir daí trabalhar pra que esse aluno aprenda, se integre na escola, construa seu conhecimento e seja de fato um cidadão; essa é a tarefa do professor; todas as outras que colocam pra ele, eu acredito que não são relevantes e não, não pre... devem ser do professor e sim de outras instâncias.	Questão 12. Apresente sua avaliação a respeito da atribuição de responsabilidades aos professores sobre os problemas das escolas, da educação e da sociedade. Hoje se culpa o professor muita coisa. Ele tem que dar conta do aluno porque ele tá indisciplinado; porque o aluno não quer nada; tem que dar conta do aluno que usa droga, do aluno que tá marginalizado. Isso aí não é a escola que tem que responder; é a sociedade como um todo.	Questão 12. Culpabilidade atribuída aos professores.	Questão 12. Responsabilidade de conhecer os processos de aprendizagem . Trabalhar para a aprendizagem do aluno.	Questão 12. Afirma que atualmente atribui-se culpa de muita coisa, na escola, ao professor. Questões como as do uso de drogas e a marginalização de alguns não são tarefas da escola e nem do professor.

GRADE DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS – ENTREVISTADO 3- Questão 13

Unidade de Registro	Unidade de Significação	Categorias	Subcategorias	Comentários
<p>Questão 13. Relate casos consigo se sentimentos negativos/problemas/doenças relacionados à sua experiência como professor/a.</p> <p>O caso mais recente foi eu ter que trocar de escola por fechamento de turma. Eu deixei de trabalhar numa turma que eu já estava bem acostumada, que era jovens e adultos... e fui obrigada a mudar de escola; ir para uma escola em que eu não conhecia; com alunos com problemas disciplinares sérios, com problemas de aprendizagem sério; ... e eu assim, não consegui dar conta, inicialmente, daquela situação em que, que eu me via. Era uma situação que eu não queria estar; fui obrigada a estar e eu não consegui dar conta disso. Então pra mim foi, assim ... muito ... negativo o sentimento de ... impotência, de não conseguir dar conta daquilo ali foi muito grande; ... e principalmente no momento da transferência, não se levou em conta nada, nenhum trabalho que eu tinha realizado, ao longo de dezoito anos, em uma escola. Então isso acontece muito com os professores; é ... você pode fazer um excelente trabalho e... não é muito valorizado. E no momento que querem lhe descartar, lhe descarta, bonitinho. Então isso assim é ... foi algo que me marcou muito é no, no último ano, né. E... nesta mesma sala, é ... a não valorização, dos pais dos alunos, dos alunos, pela figura do professor. Então você é qualquer coisa e ... não se valoriza; então você trabalhar com essa, essa realidade é muito difícil. Você tem que todo dia lutar contra a vontade de ficar em casa e não voltar mais à escola, né. E o que me faz, o que me motiva é a vocação mesmo e a responsabilidade que eu tenho com aqueles alunos.</p>	<p>Questão 13. Relate casos consigo de sentimentos negativos/problemas/doenças como professor/a.</p> <p>O caso mais recente foi eu ter que trocar de escola por fechamento de turma. Então pra mim foi muito negativo o sentimento de impotência, de não conseguir dar conta daquilo ali foi muito grande; e principalmente no momento da transferência, não se levou em conta nada, nenhum trabalho que eu tinha realizado, ao longo de dezoito anos, em uma escola.</p>	<p>Questão 13. Crise profissional</p>	<p>Questão 13. Transferir-se de escola por fechamento de turma. Lutar diariamente contra o desejo de abandonar.</p>	<p>Questão 13. Sua experiência negativa recente foi mudar de escola sem direito à escolha por fechamento. Afirma que diariamente convive com o desejo de abandonar a escola.</p>

GRADES DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS – ENTREVISTADO 3

Unidade de Registro	Unidade de Significação	Categorias	Subcategorias	Comentários
<p>Questão 14.</p> <p>A categoria de professores atualmente sofre o desprestígio social, baixos salários, entre outras coisas. De acordo com sua experiência, exponha de que fatores resultam a crise da profissão docente. ...Eu acho que muita gente procura a profissão, sem de fato querer ensinar; e aí... o próprio professor, eu acho que é o primeiro que se desvaloriza. O, o ... o discurso do professor, eu vejo muito como o coitadinho; aquele que num ... num pode nada, que não faz nada, que não é valorizado, o próprio professor tem o discurso da valorização e consequentemente se você não se valoriza, os outros também não valorizam, não é. Hoje ... quem procura ... educação são aquelas pessoas que parece que não tem mais nada pra fazer e vai ser educador; e enche as escolas de pessoas que estão descomprometidas e quando você ... não realiza um bom trabalho, você não tem como exigir ... é ... boa valorização. Além de que ... os próprios governantes, eles não veem a educação como prioridade; então ... é ... não pagar um bom salário a um professor, atribuir aos professores todas as funções; é ... faz parte mesmo da estratégia do político, né... não quer um aluno educado, não quer um povo educado... e ... e... assim vai, né. Eu acho que ... o professor, próprio, ele se desvaloriza.</p>	<p>Questão 14.</p> <p>A categoria de professores atualmente sofre o desprestígio social, baixos salários, entre outras coisas. De acordo com sua experiência, exponha de que fatores resultam a crise da profissão docente. Quando você não realiza um bom trabalho, você não tem como exigir boa valorização. Além de que os próprios governantes, eles não veem a educação como prioridade; então pagar um bom salário a um professor, atribuir aos professores todas as funções faz parte mesmo da estratégia do político; não quer um aluno educado e assim vai. Eu acho que o professor, próprio, ele se desvaloriza.</p>	<p>Questão 14.</p> <p>Crise profissional.</p>	<p>Questão 14.</p> <p>Discurso da desvalorização do professor. Governantes não elencam educação como prioridade.</p>	<p>Questão 14.</p> <p>Crê que alguns professores não realizam um bom trabalho; fato que desvaloriza a categoria e atribui a responsabilidade sobre a crise também à classe política, que não tem interesse em um povo educado, consciente. Afirma que o próprio professor tem o discurso da desvalorização.</p>

GRADE DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS – ENTREVISTADO 4

Unidade de Registro	Unidade de Significação	Categorias	Subcategorias	Comentários
<p>Questão 1.</p> <p>De que maneira a atual e consumista sociedade, com sua mudança de paradigmas de comportamentos sociais, tão influenciadora do comportamento dos jovens, prejudica/afeta/atinge o seu trabalho? Bom, atinge na medida em que... a... causa aquela influência do imediatismo, né em detrimento de uma questão de buscar um esforço, uma dedicação; então acho que afeta di, di dessa questão. Buscar as coisas muito rapidamente, de modo fácil, e ah.... questão da, do próprio esforço como falei anteriormente. Acho que é isso.</p>	<p>Questão 1.</p> <p>De que maneira a atual e consumista sociedade, com sua mudança de paradigmas de comportamentos sociais, tão influenciadora do comportamento dos jovens, prejudica/afeta/atinge o seu trabalho?</p> <p>Atinge na medida em que causa aquela influência do imediatismo, né em detrimento de uma questão de buscar um esforço, uma dedicação.</p>	<p>Questão 1.</p> <p>Pós-modernidade</p>	<p>Questão 1.</p> <p>Imediatismo da sociedade.</p>	<p>Questão 1.</p> <p>Comenta que o imediatismo presente na sociedade atual afeta seu trabalho, porque os jovens não buscam soluções para os problemas por si sós.</p>
<p>Questão 2.</p> <p>Explique por que se tornou professor/a. Bom, foi por acaso, porque antes eu tinha intenção de fazer engenharia; comecei a cursar engenharia e por motivos pessoais... e também por gostar de ensino, ah.... me tornei professor.</p>	<p>Questão 2.</p> <p>Explique por que se tornou professor/a.</p> <p>Foi por acaso, porque antes eu tinha intenção de fazer engenharia.</p>	<p>Questão 2.</p> <p>Motivo de escolha da profissão.</p>	<p>Questão 2.</p> <p>Por acaso.</p>	<p>Questão 2.</p> <p>Tornou-se professor por acaso; na verdade pretendia ser engenheiro.</p>
<p>Questão 3.</p> <p>Informe quais são as maiores dificuldades que você encontra para ser professor. Olhe, dificuldades... é a ... pronto; a principal, a maior dificuldade pra mim, é a questão da, da.... do interesse da, da, da da, o valor ... ao estudo...; não a formação pessoal, o crescimento pessoal; a busca do conhecimento; então, eu percebo que tem uma maior, uma grande parte da da juventude, tá deixando isso de lado. Se deixando se influenciar por outros valores, não é? Que a sociedade tá sendo bombardeada aí pela mídia, principalmente.</p>	<p>Questão 3.</p> <p>Informe quais são as maiores dificuldades que você encontra para ser professor.</p> <p>A maior dificuldade pra mim é a questão do interesse; dar o valor ao estudo.</p>	<p>Questão 3.</p> <p>Desafios da profissão.</p>	<p>Questão 3.</p> <p>Desinteresse do jovem.</p> <p>Desvalorização do estudo.</p>	<p>Questão 3.</p> <p>Informa o desinteresse dos alunos representa o maior entrave para o seu exercício profissional.</p>

GRADE DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS – ENTREVISTADO 4

Unidade de Registro	Unidade de significação	Categorias	Subcategorias	Comentários
Questão 4. Defina o grau de importância do trabalho/docência na sua vida. ...A, a, a, importante principalmente porque é minha profissão, né? E... também porque, eu acho que a questão da, do trabalho com educação, faz com que o trabalho transformador da sociedade. A importância maior.	Questão 4. Defina o grau de importância do trabalho/docência na sua vida. Importante principalmente porque é minha profissão. E também porque, eu acho que a questão do trabalho com educação, faz com que o trabalho transformador da sociedade.	Questão 4. Importância do trabalho para o professor.	Questão 4. Docência profissão. Transformação social.	Questão 4. Afirma da importância do trabalho docente por se tratar de sua profissão e por se tratar de um trabalho transformador social.
Questão 5. Explique o que o/a deixa mais satisfeito(a) na profissão e o que o/a deixa mais desmotivado(a) no trabalho como docente. ...Satisfeito porque eu trabalho com aquilo que eu gosto. Me satisfaz nesse aspecto. Mas insatisfeito é a, a falta de interesse da da valorização como um todo, mas principalmente o interesse ... do aluno, do estudante.	Questão 5. Explique o que o/a deixa mais satisfeito(a) na profissão e o que o/a deixa mais desmotivado(a) no trabalho como docente. Satisfeito porque eu trabalho com aquilo que eu gosto. Me satisfaz nesse aspecto. Mas insatisfeito é a falta de interesse, da valorização como um todo, mas principalmente o interesse do aluno, do estudante.	Questão 5. Fatores que motivam e desmotivam o trabalho docente.	Questão 5. Trabalhar com o que gosta. Desvalorização como um todo.	Questão 5. Sente-se satisfeito por gostar do trabalho que desenvolve e insatisfeito por causa da desvalorização da profissão, especialmente quando provém do aluno.

GRADE DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS – ENTREVISTADO 4

Unidade de Registro	Unidade de Significação	Categorias	Subcategorias	Comentários
Questão 6. Informe como você avalia a responsabilidade profissional docente perante a sociedade. Perante a sociedade ... é ..., houve, nos últimos anos, uma grande de desvalorização, perda (celular toca, risos) no status, né; o professor hoje é secundário; é um profissional de nível superior, mas que é tratado de forma... como se fosse um profissional menor, uma categoria menor, me, menor, menos importante. Eu acho que é por conta também da questão salarial, dentre outros aspectos.	Questão 6. Informe como você avalia a responsabilidade profissional docente perante a sociedade. Perante a sociedade é houve, nos últimos anos, uma grande de desvalorização. O professor hoje é secundário;	Questão 6. Responsabilidade social do professor.	Questão 6. Professor profissional de nível superior. Tratado como um menor.	Questão 6. Declara que o professor hoje é secundário e tratado como um profissional menor. Acredita que a questão salarial, entre outras coisas contribui para este quadro.
Questão 7. Apresente sua opinião/avaliação sobre cursos de formação continuada para professores e explique como pensa que deveria ser a formação docente. Formação continuada é muito importante... embora tenha muitas, né, que já participei, que não que, acrescentou muito na minha vida profissional; mas eu acho de fundamental importância. E a formação do professor, eu acho que... tá passando por um momento muito delicada;... não sei se é pela pro, proliferação de ... instituições; mas eu acho que a formação do professor deveria ser mais rigorosa; tanto assim no aspecto técnico; quanto no aspecto humano também. Então é... pronto é.	Questão 7. Apresente sua opinião/avaliação sobre cursos de formação continuada para professores e explique como pensa que deveria ser a formação docente. Formação continuada é muito importante. E a formação do professor, eu acho que tá passando por um momento muito delicada. Não sei se é pela proliferação de instituições; mas eu acho que a formação do professor deveria ser mais rigorosa.	Questão 7. Formação continuada.	Questão 7. Importância da formação continuada. Formação docente mais rigorosa.	Questão 7. Considera os cursos de formação continuada muito importantes para o professor. Defende que a formação docente deveria ser mais rigorosa.

GRADE DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS –ENTREVISTADO 4

Unidade de Registro	Unidade de Significação	Categorias	Subcategorias	Comentários
<p>Questão 8.</p> <p>Explique de que forma você articula os conhecimentos adquiridos durante a sua formação à sua prática. Oh, tento relacionar os conhecimentos com o o uso no dia a dia, no cotidiano; trazendo pra realidade né ...a ...a aplicação, né na sociedade, né. Como no caso de matemática, né, busco sempre isso: é trabalhar em cima da resolução de problemas, fazendo essa correlação entre o conteúdo aprendido, trabalhado e o uso prático, né, o uso para o trabalho; visando isso.... dando um significado para ...a do conhecimento, né. Não só ficando apenas no aspecto teórico. (Durante esta altura da entrevista, houve toques de um do meu aparelho celular, no qual realizei a entrevista. Como ele estava ligado, não podia bloquear a ligação. Assim entendia o meu conhecimento sobre aparelhos telefônicos; além disso, um garotinho-aluno de aproximadamente 8 anos, abriu a porta e entrou correndo na sala em que a entrevista ocorria; ficou quase até o final na sala; tive que sinalizar para que se mantivesse quieto e silencioso, enquanto o professor respondia as questões; por esses motivos pulamos as questões 8 e 10 e voltamos posteriormente à escola para concluir a entrevista.)</p>	<p>Questão 8.</p> <p>Explique de que forma você articula os conhecimentos adquiridos durante a sua formação à sua prática. Tento relacionar os conhecimentos com o no cotidiano; trazendo pra realidade a aplicação, na sociedade. Como no caso de matemática, busco sempre isso: trabalhar em cima da resolução de problemas, fazendo essa correlação entre o conteúdo aprendido, trabalhado e o uso prático, o uso para o trabalho; visando isso; dando um significado para o conhecimento. Não só ficando apenas no aspecto teórico.</p>	<p>Questão 8.</p> <p>Influência da formação na prática pedagógica.</p>	<p>Questão 8.</p> <p>Relacionar conhecimento adquirido com o cotidiano.</p>	<p>Questão 8.</p> <p>Relaciona os conhecimentos obtidos durante os cursos de formação, trazendo-os para a realidade da sua turma, de modo mais prático, não apenas teórico.</p>
<p>Questão 9.</p> <p>De acordo com a sua concepção, exponha o que seria necessário para ser professor hoje. Pra ser professor hoje, em primeiro lugar, a gente tem que ter muita paciência e levar em conta os aspectos so, sociais que dão, pelo menos na clientela que eu trabalho. É principalmente isso: é paciência e entender a situação, so sócia, principalmente da.... formação técnica .</p>	<p>Questão 9. De acordo com a sua concepção, exponha o que seria necessário para ser professor hoje. Pra ser professor hoje, em primeiro lugar, a gente tem que ter muita paciência e levar em conta os aspectos so, sociais que dão, pelo menos na clientela que eu trabalho.</p>	<p>Questão 9.</p> <p>Profissional idade docente.</p>	<p>Questão 9.</p> <p>Paciência. Considerar os aspectos sociais da clientela.</p>	<p>Questão 9.</p> <p>Destaca como mais importantes atributos da profissionalidade docente a paciência e o fato de considerarmos aspectos sociais da vida dos alunos.</p>

GRADE DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS – ENTREVISTADO 4

Unidade de Registro	Unidade de Significação	Categorias	Subcategorias	Comentários
Questão 10. Descreva das atribuições exigidas aos professores, quais você considera como relevantes e justifique os motivos. Bom, pra mim a quest.. a , a, as atribuições relevantes é a questão da transmissão de conhecimentos. Mas também a questão da... o do exemplo dentro da postura do modelo, né da... da cidadania também;mas acho que, principalmente, na minha concepção, a questão da do conhecimento.É ... pra mim é o ponto mais importante.	Questão 10. Descreva das atribuições exigidas aos professores, quais você considera como relevantes e justifique os motivos. Bom, pra mim as atribuições relevantes é a questão da transmissão de conhecimentos.	Questão 10. Atividades mais importantes dos professores.	Questão 10. Transmissão do conhecimento. Postura profissional. Exemplo de cidadania.	Questão 10. Avalia como maior atribuição do trabalho do professor a transmissão de conhecimentos.
Questão 11. Qual a sua opinião sobre a possibilidade da criação de um código deontológico (ou código de ética) para a profissão? E quem deveria se responsabilizar por sua elaboração? Como toda a categoria profissional, ética é fundamental; é importante, né? Pra criar uma forma ond uma forma de conduta, de balizar o comportamento e quem deveria fazer issoo... acho que seria o conselho na nacional de educação, juntamente com os sindicatos,né (risos) e obviamente também o congresso nacional também .	Questão 11. Qual a sua opinião sobre a possibilidade da criação de um código deontológico (ou código de ética) para a profissão? E quem deveria se responsabilizar por sua elaboração? Como toda a categoria profissional, ética é fundamental; é importante, né? Pra criar uma forma uma forma de conduta, de balizar o comportamento e quem deveria fazer isso, acho que seria o conselho na nacional de educação, juntamente com os sindicatos, e obviamente também o congresso nacional.	Questão 11. Código deontológico.	Questão 11. Ética é fundamental. Conselho nacional. Sindicatos. Congresso.	Questão 11. Classifica ética como fundamental na profissão, defendendo que os elaboradores do código de ética para a profissão docente deveriam ser o conselho nacional de educação, os sindicatos e o congresso nacional.

GRADE DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS – ENTREVISTADO 4

Unidade de Registro	Unidade de Significação	Categorias	Subcategorias	Comentários
Questão 12. Apresente sua avaliação a respeito da atribuição de responsabilidades aos professores sobre os problemas das escolas, da educação e da sociedade. Bom, essa atribuição, eu acho de uma certa forma natural; devido a...que os professores... são os profissionais que lidam diretamente com a... o....com a juventude, com as crianças,na então eu acho que natural, embora não concorde, mas eu vejo que é natural esse, essa relação.	Questão 12. Apresente sua avaliação a respeito da atribuição de responsabilidades aos professores sobre os problemas das escolas, da educação e da sociedade. Essa atribuição, eu acho de uma certa forma natural; devido que os professores são os profissionais que lidam diretamente com a com a juventude, com as crianças;então eu acho que natural, embora não concorde, eu vejo que é natural essa relação.	Questão 12. Culpabilidade dos professores.	Questão 12. Culpar professores é natural.	Questão 12. Pensa ser natural, de certo modo, que a sociedade atribua responsabilidades aos professores sobre os problemas da educação, uma vez que são eles que lidam com os jovens; entretanto explica que não concorda com esta concepção.
Questão 13. Relate casos consigo de sentimentos negativos /problemas/doenças relacionados à sua experiência como professor/a. Doenças mesmo assim, n... até então não tenho nenhum relato.Agora claro, que tem aborrecimento, assim; às vezes um certo desestímulo...às vezes uma vontade de não entrar em determinadas salas de aula, né.... Então, agora doenças mesmo assim mesmo mais séria, relacionada à voz... ou depressão isso essas coisas comigo ainda, pelo menos aos dezenove anos de docência... não me sinto afetado, não.	Questão 13. Relate casos consigo de sentimentos negativos /problemas/doenças relacionados à sua experiência como professor/a. Agora claro, que tem aborrecimento, às vezes um certo desestímulo às vezes uma vontade de não entrar em determinadas salas de aula.	Questão 13. Crise profissional.	Existem aborrecimentos. Professor sente-se desestimulado.	Questão 13. Afirma sentir aborrecimento; às vezes desestímulo e vontade de não entrar em determinadas salas de aula.

GRADE DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS – ENTREVISTADO 4

Unidade de Registro	Unidade de Significação	Categorias	Subcategorias	Comentários
Questão 14. A categoria de professores atualmente sofre com o desprestígio social, baixos salários, entre outras coisas. De acordo com sua experiência, exponha de que fatores resultam a crise da profissão docente. Um dos fatores... é a própria questão da... massificação ,obviamente, a categoria cresceu muito; isso tem um lado positivo; também a questão governamental, que eu acho que ... algumas... algumas situações, ah.... a falta de recursos mesmo, outras vezes desvios né.... eu acho que a categoria cresceu duma certa forma tanto, que... eu acho que fez contribuir ... com que houvesse uma queda... no nível salarial e também na...no prestígio so social, porque houve realmente uma popularização da categoria, né.(Risos)	Questão 14. A categoria de professores atualmente sofre com o desprestígio social, baixos salários, entre outras coisas. De acordo com sua experiência, exponha de que fatores resultam a crise da profissão docente. Eu acho que a categoria cresceu duma certa forma tanto, que fez contribuir com que houvesse uma queda no nível salarial e também no prestígio so social, porque há popularização da categoria.	Questão 14. Crise profissional.	Questão 14. Crise resultante da massificação da categoria. Falta de recursos.	Questão 14. Responsabiliza a popularização da categoria pela queda do nível salarial e prestígio social do professor.

GRADE DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS - ENTREVISTADO 5

Unidade de Registro	Unidade de Significação	Categorias	Subcategorias	Comentários
<p>Questão 1.</p> <p>De que maneira a atual e consumista sociedade, com sua mudança de paradigmas de comportamentos sociais, tão influenciadora do comportamento dos jovens, prejudica/afeta/atinge o seu trabalho? Bom dia. Eu acho que a sociedade atinge muito o meu trabalho, principalmente no tocante à família,... né quee... nessa esfera familiar,né? Ela não é muito bem... muito bem trabalhada perante o aluno e isso influi diretamente no nosso trabalho.</p>	<p>Questão 1.</p> <p>De que maneira a atual e consumista sociedade, com sua mudança de paradigmas de comportamentos sociais, tão influenciadora do comportamento dos jovens, prejudica/afeta/atinge o seu trabalho?</p> <p>Eu acho que a sociedade atinge muito o meu trabalho, principalmente no tocante à família.</p>	<p>Questão 1.</p> <p>Pós-modernidade</p>	<p>Questão 1.</p> <p>Influencia a família.</p>	<p>Questão 1.</p> <p>Declara que a sociedade afeta o seu trabalho, no que concerne à família e que, por sua vez, reflete-se em sala de aula.</p>
<p>Questão 2.</p> <p>Explique por que se tornou professor/a. Eu me tornei professor por opção, né. Ao contrário do que muitos pensam, que só quem faz licenciatura é quem tira nota baixa no vestibular, quando eu fiz vestibular, eu tirei a nota boa que dava pa entrar em qualquer outro curso: em qualquer engenharia, em ciências contábeis; mas eu entrei nessa por opção mesmo.</p>	<p>Questão 2.</p> <p>Explique por que se tornou professor/a. Eu me tornei professor por opção.</p>	<p>Questão 2.</p> <p>Motivo de escolha da profissão.</p>	<p>Questão 2.</p> <p>Fez opção.</p>	<p>Questão 2.</p> <p>Tornou-se professor por opção e livre escolha.</p>

GRADE DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS – ENTREVISTADO 5

Unidade de Registro	Unidade de Significação	Categorias	Subcategorias	Comentários
<p>Questão 3.</p> <p>Informe como você avalia a responsabilidade profissional docente perante a sociedade. A maior dificuldade que eu enfrento é em relação à, a... primeiro em relação a alunado, né, que a gente trabalha com o alunado muito difícil por causa dessa desestrutura da família, não é? E isso influencia o nosso trabalho. Segundo que eu acho também, é as políticas governamentais, né, que eu acho que não lhe dá subsídio algum pra fazer esse pessoal aprender alguma coisa, não é? E que sirva mais na frente.</p>	<p>Questão 3.</p> <p>Informe como você avalia a responsabilidade profissional docente perante a sociedade. A maior dificuldade que eu enfrento é em relação a alunado, que a gente trabalha com o alunado muito difícil por causa dessa desestrutura da família. Segundo que eu acho também, é as políticas governamentais, que não lhe dá subsídio algum pra fazer esse pessoal aprender alguma coisa.</p>	<p>Questão 3.</p> <p>Desafios da profissão.</p>	<p>Questão 3.</p> <p>Alunado e políticas governamentais.</p>	<p>Questão 3.</p> <p>Afirma que as maiores dificuldades para ser professor são o tipo de aluno que se tem, proveniente de famílias desestruturadas e as políticas governamentais que não oferecem subsídios ao professor.</p>
<p>Questão 4. Defina o grau de importância do trabalho/docência na sua vida. O trabalho docente tem uma importância muito grande, né, tanto na vida profissional, quanto pessoal. Profissional porque o nosso trabalho, ele é fundamental para a sociedade, visto que a gente tá formando pessoas e pessoal, porque eu sempre quis trabalhar nessa área, né. Foi uma escolha minha apesar do pessoal, de muitas pessoas acharem ser professor... às vezes a gente escolhe por falta de opção, né? E na no meu caso, não foi, né? Então no lado pessoal, né, eu tenho muito orgulho de ser professor, não é? Gosto muito de fazer o que eu faço e profissional, feito eu falei no começo, a importância que eu acho é de você formar cidadãos, né? Críticos que podem atuar no dia a dia.</p>	<p>Questão 4.</p> <p>Defina o grau de importância do trabalho/ docência na sua vida. O trabalho docente tem uma importância muito grande, né, tanto na vida profissional, quanto pessoal. Profissional porque o nosso trabalho é fundamental para a sociedade, visto que a gente tá formando pessoas. A importância que eu acho é de você formar cidadãos críticos que podem atuar no dia a dia.</p>	<p>Questão 4.</p> <p>Importância do trabalho para o professor.</p>	<p>Questão 4.</p> <p>Orgulho de ser professor.</p>	<p>Questão 4.</p> <p>Defende a importância do trabalho docente na sua vida pessoal e profissional. E acrescenta que sua profissão forma cidadãos críticos. Sente orgulho em ser professor.</p>

GRADE DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS- ENTREVISTADO 5

Unidade de Registro	Unidade de Significação	Categorias	Subcategorias	Comentários
<p>Questão 5. Explique o que o/a deixa mais desmotivado(a) no trabalho como docente. O que me deixa mais satisfeito é saber que eu tenho uma possibilidade de fazer pessoas melhorarem de vida; né, de fazer as pessoas progredirem. E o que me deixa mais insatisfeito é essa burocracia, é essa importância dada à burocracia, que só faz emperrar o trabalho do professor, além de outra, né.</p>	<p>Questão 5. Explique o que o/a deixa mais desmotivado(a) no trabalho como docente. O que me deixa mais satisfeito é saber que eu tenho uma possibilidade de fazer pessoas melhorarem de vida; né, de fazer as pessoas progredirem. E o que me deixa mais insatisfeito é essa burocracia, é essa importância dada à burocracia, que só faz emperrar o trabalho do professor.</p>	<p>Questão 5. Fatores que motivam e desmotivam o trabalho docente.</p>	<p>Questão 5. Progresso das pessoas. Burocracia.</p>	<p>Questão 5. Sua satisfação profissional provém da crença de que contribui para a melhoria de vida social e sua insatisfação está relacionada ao caráter burocrático da educação que dificulta o trabalho do professor.</p>
<p>Questão 6. Informe como você avalia a responsabilidade profissional docente perante a sociedade. A responsabilidade profissional, ela é muito grande, não é? Porque é como eu falei na outra pergunta, nós temos a capacidade de fazer o aluno progredir, de fazer ele pensar... de fazer suas escolhas, não é? ... Mas só queee atualmente, a gente tá impotente perante a isso, porque êê a sociedade oferece, oferece... é muitos outros atributos, né maiores do que o nosso trabalho; então são muitas as... como é que eu posso dizer? As escolhas dos alunos; muitos os empecilhos que nós temos, porque a vida tá aí, né? É cheia de coisas... que chamam mais a atenção dos alunos, né? Do que o nosso próprio trabalho.</p>	<p>Questão 6. Informe como você avalia a responsabilidade profissional docente perante a sociedade. A responsabilidade profissional é muito grande, porque nós temos a capacidade de fazer o aluno progredir, de fazer ele pensar de fazer suas escolhas.</p>	<p>Questão 6. Responsabilidade social do professor.</p>	<p>Questão 6. Responsabilidade profissional.</p>	<p>Questão 6. Crê que a responsabilidade profissional docente é muito grande, porque seu trabalho pode fazer o aluno progredir e levá-lo a pensar em suas escolhas.</p>

GRADE DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS – ENTREVISTADO 5

Unidade de Registro	Unidade de Significação	Categorias	Subcategorias	Comentários
<p>Questão 7.</p> <p>Apresente sua opinião/avaliação sobre cursos de formação continuada para professores e explique como pensa que deveria ser a formação docente. Eu acho que curso de formação continuada tem que acontecer sempre, pra qualquer professor; seja ele novo..., velho..., intermediário; pra qualquer nível; mas só que a gente tem que ter em mente que essas formações têm que acrescentar ao professor. Têm que acrescentar, porque se, atualmente as formações não acrescentam em quase nada, porque são coisas prontas, que momento nenhum é levada em consideração a realidade da sala de aula.</p>	<p>Questão 7.</p> <p>Apresente sua opinião/avaliação sobre cursos de formação continuada para professores e explique como pensa que deveria ser a formação docente. Eu acho que curso de formação continuada tem que acontecer sempre, pra qualquer professor; seja ele novo, velho, intermediário; pra qualquer nível; mas só que a gente tem que ter em mente que essas formações têm que acrescentar ao professor.</p>	<p>Questão 7.</p> <p>Formação continuada.</p>	<p>Questão 7.</p> <p>Participação constante.</p>	<p>Questão 7.</p> <p>Reflete que os cursos de formação continuada precisam acontecer sempre, contemplando professores com qualquer tempo de docência. Porém destaca que as formações precisam trazer contribuições ao professor.</p>
<p>Questão 8.</p> <p>Explique de que forma você articula os conhecimentos adquiridos durante a sua formação à sua prática. Primeiro que os conhecimentos adquiridos na formação e... a prática são muito distintas e então eu não consigo aplicar quase nada do que eu vejo na formação, porque as coisas lá são muito subjetivas, e quando chega aqui a realidade é totalmente diferente.</p>	<p>Questão 8.</p> <p>Explique de que forma você articula os conhecimentos adquiridos durante a sua formação à sua prática. Primeiro que os conhecimentos adquiridos na formação e... a prática são muito distintas e então eu não consigo aplicar quase nada do que eu vejo na formação, porque as coisas lá são muito subjetivas, e quando chega aqui a realidade é totalmente diferente.</p>	<p>Questão 8.</p> <p>Influência da formação na prática pedagógica.</p>	<p>Questão 8.</p> <p>Pouca aplicabilidade. Caráter muito subjetivo.</p>	<p>Questão 8.</p> <p>Pontua a existência de diferenças entre as teorias dos cursos de formação e a prática diária do trabalho; afirmando que consegue aplicar pouca coisa do que é apresentado nos cursos à sua prática.</p>

GRADE DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS – ENTREVISTADO 5

Unidade de Registro	Unidade de Significação	Categorias	Subcategorias	Comentários
<p>Questão 9.</p> <p>De acordo com sua concepção, exponha o que seria necessário para ser professor hoje. É eu acho que primeiro lugar, ele tem que... querer ser professor, né. Depois que... que ele deseja, eu acho que ele tem que gostar do que ele faz, porque tem que gostar muito pra encarar essa profissão, né, por causa de vários motivos, que eu já falei das outras vezes. Então além de querer, né ser professor, eu acho que ele também... tem que saber, tem que saber, não é, tem que saber trabalhar; eu acho que ele precisa também de uma formação decente. Então de tudo isso a gente precisa, né, pra gente ser professor. Então resumindo tudo, eu acho que pra ser professor você tem que gostar muito do que faz, não é porqueeee outra coisa que eu digo muito, que não adianta de nada você também querer, você ter um monte de conhecimentos e não saber repassar aos alunos, não é. A gente vai cair igual na faculdade que tem um monte de professor doutor, mas não sabe dar uma aula. Além de querer, a gente tem que saber, certo.</p>	<p>Questão 9.</p> <p>De acordo com sua concepção, exponha o que seria necessário para ser professor hoje. Ele tem que querer ser professor. Tem que gostar do que faz. Tem que saber trabalhar; precisa também de uma formação decente.</p>	<p>Questão 9.</p> <p>Profissionalidade docente.</p>	<p>Questão 9.</p> <p>Vontade de ser professor. Gosto pelo trabalho. Conhecimento. Formação de qualidade.</p>	<p>Questão 9.</p> <p>Para ser professor, o entrevistado informa ser necessário querer, gostar do trabalho, conhecê-lo e ter uma boa formação.</p>
<p>Questão 10.</p> <p>Descreva das atribuições exigidas aos professores, quais você considera como relevantes e justifique os motivos. Eu acho que tem várias atribuições do professor; acho que pra mim a de mais relevante é a de formador e de educador, né,... Eu acho a de educador importante, porque essa palavra educador, ela tem um peso muito grande, perante a sociedade, não é? E de formador, porque tem a capacidade de formar um aluno né?... Seja em que matéria for né? Formar ele para o mundo e isso é de grande importância, né?</p>	<p>Questão 10.</p> <p>Descreva das atribuições exigidas aos professores, quais você considera como relevantes e justifique os motivos. Eu acho que tem várias atribuições do professor; acho que pra mim a mais relevante é a de formador e de educador.</p>	<p>Questão 10.</p> <p>Atividades mais importantes dos professores.</p>	<p>Questão 10.</p> <p>Ser formador. Ser educador.</p>	<p>Questão 10.</p> <p>Aponta como mais relevante aspecto da função docente o caráter formador e educador.</p>

GRADE DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS – ENTREVISTADO 5

Unidade de Registro	Unidade de Significação	Categorias	Subcategorias	Comentários
<p>Questão 11.</p> <p>Qual a sua opinião sobre a possibilidade da criação de um código deontológico (ou código de ética) para a profissão? E quem deveria se responsabilizar por sua elaboração?</p> <p>Eu acho que código de ética, ele é importante pra qualquer profissão; na nossa não existe, não é... não existe. Isso às vezes prejudica um pouco. Eu acho que isso deveria partir de baixo pra cima, né; deveria partir do professores, das suas relações de trabalho.</p>	<p>Questão 11.</p> <p>Qual a sua opinião sobre a possibilidade da criação de um código deontológico (ou código de ética) para a profissão? E quem deveria se responsabilizar por sua elaboração?</p> <p>Eu acho que código de ética é importante pra qualquer profissão; na nossa não existe. Isso às vezes prejudica um pouco. Eu acho que isso deveria partir de baixo pra cima; deveria partir do professores, das suas relações de trabalho.</p>	<p>Questão 11.</p> <p>Código deontológico</p>	<p>Questão 11.</p> <p>Importância do código deontológico.</p> <p>Professores responsáveis pela elaboração do código.</p>	<p>Questão 11.</p> <p>Acredita na importância de um código de ética para professores, defendendo que sua elaboração deve surgir dos professores e de suas relações de trabalho.</p>
<p>Questão 12.</p> <p>Apresente sua avaliação a respeito da atribuição de responsabilidades aos professores sobre os problemas das escolas, da educação e da sociedade. É... é... Os problemas é... dados aos professores são imensos, não é? Porque... o governo, a sociedade em geral, pensa que a gente vai mudar o mundo somente com o quadro e ... um lápis na mão, né? E a gente não consegue fazer isso, tanto não consegue, que o resultado tá aí: fracasso escolar e a sociedade extremamente violenta do jeito que está.</p>	<p>Questão 12.</p> <p>Apresente sua avaliação a respeito da atribuição de responsabilidades aos professores sobre os problemas das escolas, da educação e da sociedade. Os problemas dados aos professores são imensos, porque o governo, a sociedade em geral, pensa que a gente vai mudar o mundo somente com o quadro e um lápis na mão. E a gente não consegue fazer isso, tanto não consegue, que o resultado tá aí: fracasso escolar e a sociedade extremamente violenta do jeito que está.</p>	<p>Questão 12.</p> <p>Culpabilidade e atribuída aos professores.</p>	<p>Questão 12.</p> <p>Incapacidade de estabelecer mudanças sozinho.</p> <p>Fracasso escolar.</p> <p>Sociedade violenta.</p>	<p>Questão 12.</p> <p>Defende a categoria de professores ao afirmar que o docente é incapaz de transformar o mundo sozinho; chama a atenção à responsabilidade das políticas públicas. Aponta como frutos do descaso o fracasso escolar e a violência social.</p>

GRADE DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS – ENTREVISTADO 5

Unidade de Registro	Unidade de Significação	Categorias	Subcategorias	Comentários
<p>Questão 13. Relate casos consigo de sentimentos negativos/problemas/doenças relacionados à sua experiência como professora. Bom, no tocante à saúde, até agora, nunca ative problema algum, né? Acho que é porque tô no início de carreira; mas em relação ao trabalho em si, né como já disse também, a dificuldade é imensa;... seja por causa de aluno ... por conta da pressão que é muito grande, porque a pressão ela é muito grande, mas ele não nos dá, nós não temos subsídios para responder, né? Então a pressão ela deve ser... exercida, concordo, desde que nos dê condições pra isso.</p>	<p>Questão 13. Relate casos consigo de sentimentos negativos/problemas/doenças relacionados à sua experiência como professora. Acho que é porque tô no início de carreira; mas em relação ao trabalho em si, a dificuldade é imensa; seja por causa de aluno por conta da pressão que é muito grande.</p>	<p>Questão 13. Crise profissional</p>	<p>Questão 13. Professor pressionado.</p>	<p>Questão 13. Explica que é muito difícil realizar o trabalho de professor e que os professores sofrem muita pressão.</p>
<p>Questão 14. A categoria de professores atualmente sofre com o desprestígio social, baixos salários, entre outras coisas. De acordo com sua experiência, exponha de que fatores resultam a crise da profissão docente. Eu acho que... a crise da profissão docente primeiro, surge da... como é que eu posso dizer? Da não... importância dada pelos governos, porque nesse país, até hoje, a educação nunca foi prioridade. O que existem são fatos pontuais de dar um notebook, de dar um aumento irrisório de salário, não é? É são fatores pontuais, que não vai melhorar em nada, porque educação aqui, ela não é prioridade. Tomara que mude não é?... É por isso que entrei nessa área. Pra ver se a coisa muda, e... isso é o que todo mundo tem que ter como esperança, senão não faz sentido estar aqui.</p>	<p>Questão 14. A categoria de professores atualmente sofre com o desprestígio social, baixos salários, entre outras coisas. De acordo com sua experiência, exponha de que fatores resultam a crise da profissão docente. Da não importância dada pelos governos, porque nesse país, até hoje, a educação nunca foi prioridade. O que existem são fatos pontuais de dar um notebook, de dar um aumento irrisório de salário. É são fatores pontuais, que não vai melhorar em nada, porque educação aqui, ela não é prioridade.</p>	<p>Questão 14. Crise profissional</p>	<p>Questão 14. Descaso governamental Educação não é prioridade no país.</p>	<p>Questão 14. Avalia que a crise da profissão docente vem do descaso governamental com a categoria. Afirma ainda que os governos não consideram a educação como prioridade.</p>

GRADE DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS – ENTREVISTADO 6

Unidade de Registro	Unidade de Significação	Categorias	Subcategorias	Comentários
<p>Questão 1.</p> <p>De que maneira a atual e consumista sociedade, com sua mudança de paradigmas de comportamentos sociais, tão influenciadora do comportamento dos jovens, prejudica/afeta/atinge o seu trabalho? Bom dia, professora. Olhe eu acho que influencia, prejudica e atinge... É influencia positivamente e negativamente. E prejudica de a partir do momento que ... eu sinto dessa forma,né, que alguns valores foram modificados; e pior, alguns foram esquecidos.Então ... eu acho que hoje em dia o jovem, ele tem acesso a uma ... a uma possibilidade tão grande de recursos; uma possibilidade extensa ... tão... tão variada, mas eu acho que não tá sendo feito o ... o devido uso, né.O uso positivo da coisa.Eu percebo que, por exemplo, nessa escola eu trabalho há dez anos; então de dez anos pra cá, eu percebo que há uma modificação de comportamento, de atitude, de visão de mundo Infelizmente eu consigo perceber a falta de perspectiva. Assim, eu não vejo os jovens projetando o futuro. Eu vejo os jovens muito consumistas da roupa, ou do celular, ou do tênis ... ou enfim; mas eu não vejo ele com perspectiva, por exemplo, de planejar o futuro, de aperfeiçoamento profissional ou então de dedicação a , a estudo ou enfim, eu não vejo dessa forma.Eu acho que a escola tem proporcionado, isso se for comparar com a minha época de estudante pra os dias de hoje, como estudante de escola pública, eu não tive acesso ... a nem metade do que os jovens de hoje têm.Isso falando especificamente de escola.Falando de sociedade, eu tô vendo aí uma ausência de valores que eu acho fundamental pra vida</p>	<p>Questão 1.</p> <p>De que maneira a atual e consumista sociedade, com sua mudança de paradigmas de comportamentos sociais, tão influenciadora do comportamento dos jovens, prejudica/afeta/atinge o seu trabalho? Influencia positivamente e negativamente. E prejudica a partir do momento que alguns valores foram modificados; e pior, alguns foram esquecidos. Eu acho que hoje em dia o jovem tem acesso a uma possibilidade tão grande de recursos; uma possibilidade extensa tão variada, mas eu acho que não tá sendo feito o devido uso. O uso positivo da coisa. Percebo que nessa escola de dez anos pra cá, que há uma modificação de comportamento, de atitude, de visão de mundo. Infelizmente eu consigo perceber a falta de perspectiva. Eu vejo os jovens muito consumistas da roupa, ou do celular, ou do tênis; mas eu não vejo ele com perspectiva de planejar o futuro, de aperfeiçoamento profissional ou então de dedicação a estudo. Eu não vejo dessa forma. Eu acho que a gente tá ficando cada vez mais solitário, cada vez mais</p>	<p>Questão 1.</p> <p>Pós-modernidade</p>	<p>Questão 1.</p> <p>Mudança e ausência de valores.</p> <p>Falta de perspectivas.</p> <p>Consumismo e solidão.</p>	<p>Questão 1.</p> <p>A sociedade influencia, prejudica e atinge seu trabalho, porque alguns valores foram modificados ou esquecidos por ela. Porque não está havendo o uso das tecnologias para o bem, uma vez que os jovens estão consumistas e sem perspectivas positivas. Considera que estamos caminhando para o isolamento social.</p>

do ser humano. E os valores relacionados à família, à amizade, ao respeito, à colaboração, à compreensão, à solidariedade... amizade, ao respeito, à colaboração, à compreensão, à solidariedade... enfim, na verdade eu não sei se isso ... se houve essa mudança tão radical ou se é a minha visão pra sociedade que tá modificada. Então eu não sei especificar porque eu tô dizendo isso. Se é ... será que sou eu que também sofri com essas, com essas mudanças agora eu tô enxergando de outra forma ou se, de fato, a sociedade aí tá caminhando pra um ... um futuro que talvez não, não ache ... viável, assim, né? Eu acho que a gente tá ficando cada vez mais solitário, cada vez mais sozinho, menos colaborador. Não sei. É por aí.	sozinho, menos colaborador.			
<p>Questão 2.</p> <p>Explique por que se tornou professor/a. Por acaso. Porquee por acaso, não. Foi meio que por imposição; porque quando eu tava... terminando a oitava série, minha mãe disse você vai fazer magistério; e eu disse que não vou. Eu vou fazer científico, porque eu queria ser engenheira (risos)... Só que aí eu fiz o primeiro ano do magistério. Mas porque ela disse faça, faça, eu fiz; e não sei o quê, enfim, e também visando a questão de empregos, etecetera e tal. Só que quando eu fiz o primeiro ano do magistério, eu amei. Então eu terminei o magistério com a certeza de que, não, eu preciso é estar nessa área. Então eu queria muito dar aula; principalmente de filosofia, de sociologia. Essas disciplinas que eu achava que... eu não sei se porque tive bons professores. Não sei se isso influencia. Pode ser. Certamente... Mas pra eu entrar no magistério foi meio que imposição. Depois que eu entrei foi que eu gostei. Aí estou até hoje (risos). E agora realmente faço meu trabalho, porque eu gosto mesmo.</p>	<p>Questão 2.</p> <p>Explique por que se tornou professor/a. Por acaso. Porquee por acaso, não. Foi meio que po Por acaso. Foi meio que por imposição. Só quando eu fiz o primeiro ano do magistério, eu amei. Então eu terminei o magistério com a certeza de que, preciso é estar nessa área. Então eu queria muito dar aula. Depois que eu entrei foi que eu gostei. Aí estou até hoje. E agora realmente faço meu trabalho, porque eu gosto mesmo.</p>	<p>Questão 2.</p> <p>Motivo da escolha da profissão.</p>	<p>Questão 2.</p> <p>Imposição.</p>	<p>Questão 2.</p> <p>Seu ingresso na profissão; portanto o motivo da escolha da profissão surgiu por imposição, porém agora gosta do seu trabalho.</p>

GRADE DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS – ENTREVISTADO 6

Unidade de Registro	Unidade de Significação	Categorias	Subcategorias	Comentários
<p>Questão 3. Informe quais são as maiores dificuldades que você encontra para ser professor/a. Olha, eu acho que o fator salarial pesa muito. ... Pode contar uma historinha? É que tava pe ... eu peguei um táxi ... da minha casa pra cá ... Aliás, da escola que eu trabalho à tarde, pra minha casa. E a gente tava falando sobre emprego. O taxista muito conversador etcetera e tal; e ele tava me dizendo que tem taxista que consegue, no mês, fazer de sete a oito mil reais... fazendo o horário dele. Aí eu comecei a fazer mil, mil como é que se diz? Conexões, assim, meu Deus, meu salário, quanto eu teria que trabalhar pra chegar talvez até perto disso? Ou então que outra profissão eu poderia exercer para ganhar isso daí? Eu acho que o fator salarial, ele pesa bastante. Você, ou você se dedica muito pra escola e não tem tempo pra... pra se cuidar....não tem tempo pra lazer, não tem tempo pra família. Muitos professores agora tão nessa dos três horários de trabalho, pra poder manter um, um certo padrão de vida, né? Que não é nem é um... um padrão de vida que você gostaria de ter. Claro que você gostaria de ter mais. Mas acho que o fator salarial pra mim pesa muito. E eu acho que igualmente pesa... é a realidade desses meninos assim da escola. Pesa muito em sair da minha casa a e vir para cá; às vezes eu planejo aula à noite, etcetera. Venho pra escola tentar... é ... desenvolver esse planejamento e tal e eu esbarro em mil situações problemáticas na sala. Que vai desde aquele aluno acor ... que veio pra escola porque tinha que vir, que tá sem pique, tá sem disposição, à aqueles que tem problemas em casa, aqueles que têm o comportamento complicado.</p>	<p>Questão 3. Informe quais são as maiores dificuldades que você encontra para ser professor/a. Mas acho que o fator salarial pra mim pesa muito. E eu acho que igualmente pesa é a realidade desses meninos da escola. A falta de respeito na relação professo-aluno.</p>	<p>Questão 3. Desafios da profissão.</p>	<p>Questão 3. Fator salarial. Realidade dos alunos.</p>	<p>Questão 3. Aponta com as maiores dificuldades para o exercício profissional a questão salarial e realidade de vida dos alunos.</p>

GRADE DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS – ENTREVISTADO 6

Unidade de Registro	Unidade de Significação	Categorias	Subcategorias	Comentários
<p>Questão 4.</p> <p>Defina o grau de importância do trabalho/ docência na sua vida.</p> <p>A importância é extrema. É muito importante pra mim. É muito importante é gratificante. Eu acabo me envolvendo pessoalmente também com isso. E isso tem sido um problema pra mim, porque, eu acho que quando você passa, por exemplo, no meu caso, eu passo o ano inteiro acompanhando uma turma: eu conheço pai , eu conheço a mãe; eu conheço às vezes os pais ... é ... eu conheço o histórico da criança. Às vezes sei onde mora. Então, eu acho que eu influencio na vida daquela criança. Pedagogicamente e pessoalmente. E eu fico muito feliz , quando eu acompanho de longe ou de perto, não sei, o resultado desse trabalho, porque você colaborou para a formação dele... Eu tava no shopping uma vez e uma menina chegou perto de mim: Oi, oi . Eu olhei pra cara dela, falei oi sem saber exatamente quem era. Ela fez: a senhora lembra de mim? Eu, não, sinceramente não sei meu Deus, eu não sei. Aí eu me lembrei da coisa mais Fo... a menina super, uma menina super ...dedicada com pra escola, pra estudar, pra aprender. Uma menina é... que na época era criança, mas ... assim ... é é como se ela já tivesse definido assim: Ah eu quero estudar, eu quero isso; enfim você colaborou pra esse processo de crescimento; é isso que eu tô querendo dizer.Aí eu disse, que maravilha, que todo professor quando encontra um aluno faz aquela pergunta: E aí,como é que tá? Tá estudando?Enfim, a gente nem muda o discurso. Ela fez: tô. Aí eu fiz: Ai</p>	<p>Questão 4.</p> <p>Defina o grau de importância do trabalho/ docência na sua vida.</p> <p>A importância é extrema. É muito importante é gratificante. Eu acabo me envolvendo pessoalmente também com isso. Pra mim, ser professor vai muito mais além do que uma relação de emprego. É uma relação mais completa. Apesar de que precisa de fato ser visto como uma profissão de extrema importância que merece o devido respeito e reconhecimento.</p>	<p>Questão 4.</p> <p>Importância do trabalho para o professor.</p>	<p>Questão 4.</p> <p>Grande importância. Gratificante. Merece respeito e reconhecimento.</p>	<p>Questão 4.</p> <p>Informa que a importância do trabalho na sua vida é extrema; que seu trabalho ultrapassa uma relação de emprego. Defende que trabalho docente precisa de respeito e de reconhecimento devido à sua importância.</p>

que bom! Terminou o ensino médio? Ela disse: não eu já tô na faculdade. Que maravilha! Fazendo faculdade de quê? Aí ela disse: Olha, eu passei em jornalismo, passei em direito ainda tô escolhendo o que eu vou ficar. Pra mim isso é... é ... maravilhoso. Mostra que você fez parte; não que você definiu, mas que você fez parte da vida profissional, pessoal de uma pessoa. É muito importante isso. Você foi fundamental em algum momento na vida daquela... Então, assim, pra mim, ser professor, ele vai muito mais além do que uma relação de emprego e tal. É uma relação realmente de, de... É uma relação mais completa, não é? Apesar de que precisa de fato ser visto como uma, como uma profissão de extrema importância que merece o devido respeito e reconhecimento.				
---	--	--	--	--

GRADE DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS- ENTREVISTADO 6

Unidade de Registro	Unidade de Significação	Categorias	Subcategorias	Comentários
<p>Questão 5.</p> <p>Explique o que o/a deixa satisfeito(a) na profissão e o que o/a deixa desmotivado (a) no trabalho como docente.</p> <p>O que me deixa mais satisfeita... é você acompanhar o sucesso do ... dos alunos assim, que você teve contato, né que passou... ou foi seu aluno ou ... estuda na mesma escola onde você trabalha tal. Quando eu vejo esse sucesso, ... é ... eu fico muito feliz.Pra mim é um retorno gratificante.Recentemente receberam um prêmio.Então pra mim isso foi maravilhoso.Ou seja, pra mim essas coisas, elas são pois é essas coisas, elas são importantes; agora o que me deixa triste, insatisfeita ... eu acho que passa muito pela ... assim, eu acho que pela falta de reconhecimento do profissional, sabe? ... E também por essas situações que a gente acaba enfrentando, no dia a dia, né? Eu fico muito triste, quando eu abro o jornal ou vejo a televisão e passa o caso de uma professora, que foi agredida é... enfim mostra que tem alguma coisa errada, que precisa ser consertada.</p>	<p>Questão 5.</p> <p>Explique o que o/a deixa satisfeito(a) na profissão e o que o/a deixa motivado (a) no trabalho como docente.</p> <p>O que me deixa mais satisfeita é você acompanhar o sucesso dos alunos. O que me deixa triste, insatisfeita é pela falta de reconhecimento do profissional. E também por essas situações que a gente acaba enfrentando, no dia a dia. Eu fico muito triste, quando eu abro o jornal ou vejo a televisão e passa o caso de uma professora, que foi agredida. Mostra que tem alguma coisa errada, que precisa ser consertada.</p>	<p>Questão 5.</p> <p>Fatores que motivam e desmotivam o trabalho docente.</p>	<p>Questão 5.</p> <p>Acompanhar sucesso do aluno. Falta de reconhecimento profissional. Agressão a professores.</p>	<p>Questão 5.</p> <p>Seu grau de satisfação profissional resulta do sucesso dos alunos e sua insatisfação vem da falta de reconhecimento profissional e desrespeito, que chega ao cume da agressão física a professores.</p>

GRADE DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS – ENTREVISTADO 6

Unidade de Registro	Unidade de Significação	Categorias	Subcategorias	Comentários
<p>Questão 6.</p> <p>Informe como você avalia a responsabilidade profissional docente perante a sociedade. Ah ela é muito... importante. Pode repetir a pergunta? Fala de avaliação. Eu acho que a gente é profess... eu acho que a educação, ela é ... não o único, mas acho um dos caminhos que melhora uma sociedade. Não é o único. É um dos e a avaliação que eu faço do profissional na sociedade é que ele está é ... da mesma forma que um médico cuida da saúde física, é como se ele cuidasse dessa saúde intelectual ... de certa forma. Não sei se tô me fazendo entender? ...Não tô também comparando uma profissão a outra; mas acho que... é importantíssimo a atuação de um professor...Importante por vários aspectos ...eu acho que o principal dele é que a gente não tá lidando com uma pessoa. A gente tá lidando com o conhecimento e ele o conhecimento é uma chave pra abrir muitas portas... na vida de qualquer ser humano.</p>	<p>Questão 6.</p> <p>Informe como você avalia a responsabilidade profissional docente perante a sociedade. É importantíssimo a atuação de um professor. Importante por vários aspectos: o principal dele é que a gente não tá lidando com uma pessoa. A gente tá lidando com o conhecimento e ele, o conhecimento é uma chave pra abrir muitas portas na vida de qualquer ser humano.</p>	<p>Questão 6.</p> <p>Responsabilidade social dos professores.</p>	<p>Questão 6.</p> <p>Importância do professor.</p> <p>Lidar com o conhecimento.</p>	<p>Questão 6.</p> <p>Classifica como importantíssima a atuação docente, por lidar com pessoas e com o conhecimento. Utiliza com propriedade a metáfora que conhecimento é chave que abre muitas portas.</p>

GRADE DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS – ENTREVISTADO 6

Unidade de Registro	Unidade de Significação	Categorias	Subcategorias	Comentários
<p>Questão 7.</p> <p>Apresente sua opinião/avaliação sobre cursos de formação continuada para professores e explique como pensa que deveria ser a formação docente.</p> <p>Olha, tem curso de formação que você faz e sai extremamente satisfeito. Mas eu acho que boa parte dos cursos de formação que a gente recebe, ele não não atinge o objetivo. ... Eu acho que... o profe e assim, na formação continuada e se a gente pensar mais mais profundamente, você vai achar falhas imensas ... inclusive na formação de professores....Então o erro já começa por aí.As falhas já começam por aí.E eu acho que existe falhas existe ... é como é que eu vou dizer é (dito bem baixinho) nesse caso, simplificando, enfim. Eu já fiz formação continuada que não me acrescentou em absolutamente nada, porque é sempre o mesmo discurso. É repetitivo é... não tá lidando com a minha realidade com o meu espaço.Eu não tô conseguindo nesse momento refletir sobre a minha prática, não é? Então eu acho que existem os bons cursos de formação continuada; mas existem também, acho a maioria, infelizmente, não atinge a o objetivo a que se propõe. Às vezes o tempo é curto ou o espaço... é não é conveniente ou então a própria programação, a própria ... proposta do do curso não é suficiente e às vezes eu tenho impressão de que muitos dos cursos de formação continuada que é passado pra gente ... é mais assim, porque tem obrigação;aspas de fazer.... Não porque de fato foi feita uma análise aprofundada do que as escolas tão precisando. Qual é a carência do professor. Enfim eu acho que muitas vezes é aquela coisa, Ah nós temos que fazer. É uma prestação de contas ao ministério a ao ministério público ou a prefeitura.</p>	<p>Questão 7.</p> <p>Apresente sua opinião/avaliação sobre cursos de formação continuada para professores e explique como pensa que deveria ser a formação docente.</p> <p>Tem curso de formação que você faz e sai extremamente satisfeito. Boa parte dos cursos de formação que a gente recebe, não atinge o objetivo. Existem os bons cursos de formação continuada; mas existem também, acho a maioria, infelizmente, não atinge a o objetivo a que se propõe. Às vezes o tempo é curto ou o espaço não é conveniente ou então a própria programação, a própria proposta do curso não é suficiente e às vezes eu tenho impressão de que muitos dos cursos de formação continuada... é mais porque tem obrigação de fazer. Não porque de fato foi feita uma análise aprofundada do que as escolas tão precisando. Qual é a carência do professor.</p>	<p>Questão 7.</p> <p>Formação continuada.</p>	<p>Questão 7.</p> <p>Bons e maus cursos de formação continuada.</p>	<p>Questão 7.</p> <p>Segundo a entrevistada, existem bons cursos de formação. Tem-se a impressão de que outros são oferecidos por justificativa de uso de verba pública. São completamente ineficientes.</p>

GRADE DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS – ENTREVISTADO 6

Unidade de Registro	Unidade de Significação	Categorias	Subcategorias	Comentários
<p>Questão 8.</p> <p>Explique de que forma você articula os conhecimentos adquiridos durante a sua formação à sua prática.</p> <p>...Bom... Eu acho que se eu me proponho a fazer. Você fala em formação continuada, né é isso? Se eu me proponho a fazer uma formação continuada independente de área seja, suponho que eu gostaria... de me aprimorar nesse sentido, né? Então normalmente quando eu vou pra esses cursos, eu percebo práticas diferenciadas e de sucesso, eu tento trazer pra minha sala de aula, pra minha escola, e é claro fazendo as adequações necessárias, porque o sucesso ele pode ter acontecido em determinada escola, que tem determinada realidade, que é completamente diferente da minha. Então muitas vezes a gente pega uma boa ideia, elementos dessa ideia retrabalha e você consegue, de fato, sucesso. Num... na escola; já teve, claro, na escola situações, claro que eu admirei demais, que eu achei maravilhoso, que vim trazer pra sala, que não deu certo, porque o tempo dos meninos eram outros. Ou não era necessariamente aquilo que é que eles estavam esperando, quando eu lancei a proposta; enfim. Eu sempre busco fazer essa conexão: do que eu tô aprendendo, do que eu tô..., do que eu tô vivenciando, do que eu to trocando com os amigos, com os colegas da escola ou fora. De fato tento que fazer conexão comigo em sala de aula. E às vezes dáaa... sucessos ... isso dá muito sucesso assim. Ocorre um sucesso muito bom, muito grande, porque você traz uma proposta que é diferente do que normalmente você vinha trabalhando. E a novidade, ela por si só já é... um ... um estimulante, vamos dizer assim, pra o, pra o aprendizado. E a novidade, ela por si só já é... um ... um estimulante, vamos dizer assim, pra o, pra o aprendizado. Pra essa relação de aprender e de ensinar. Né? (falando mais baixo do que o tom normal).</p>	<p>Questão 8.</p> <p>Explique de que forma você articula os conhecimentos adquiridos durante a sua formação à sua prática.</p> <p>Então normalmente quando eu vou pra esses cursos, percebo práticas diferenciadas e de sucesso, tento trazer pra minha sala de aula, pra minha escola, e é claro fazendo as adequações necessárias, porque o sucesso pode ter acontecido em determinada escola, que tem determinada realidade, que é completamente diferente da minha. A novidade, ela por si só já é um estimulante pra o aprendizado. Pra essa relação de aprender e de ensinar.</p>	<p>Questão 8.</p> <p>Influência da formação na prática pedagógica.</p>	<p>Questão 8.</p> <p>Práticas diferenciadas.</p> <p>Adaptações necessárias.</p>	<p>Questão 8.</p> <p>Faz a conexão entre os cursos de formação e sua prática, trazendo práticas diferenciadas para seus alunos e adequando-a à sua realidade.</p>

GRADE DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS – ENTREVISTADO 6

Unidade de Registro	Unidade de Significação	Categorias	Subcategorias	Comentários
<p>Questão 9.</p> <p>De acordo com a sua concepção, exponha o que seria necessário para ser professor hoje. ...Rapaz... (risos). O que seria necessário pra ser professor? Eu acho que tem a ver com... sei lá, eu ia dizer ideologia;... mas aí já me passou pela cabeça outras coisas. Eu ia dizer ... é ...eu não vou usar esses clichês, a força de vontade ... a ideologia de um mundo melhor não; acho que tem que ter ... propósito... porque você vai entrar numa categoria que ... tá aí reivindicando um espaço de reconhecimento, então você tem que tá disposto a isso também (falando num tom mais baixo). Você vai lidar com pessoas; então você tem que, que ... buscar ... como é que eu posso dizer (falando quase consigo mesma) a melhor forma de fazer isso. Eu acho que você tem que ter ... não diria vocação. Ah você tem vocação. Vocação não. Vocação não... funciona (falando baixinho) mas eu acho que tem um monte de coisas aí que perpassa por várias ... vários aspectos.... ideologia, é ... disposição realmente de abraçar ... a causa. Não se sacrificar pela causa. Mas de abraçar a causa. De ter um propósito. Qual é o meu propósito em ser professor? ... Não é? E retrabalhar isso. Eu acho professor, que ser professor. É uma profissão... que ser professor (num tom mais baixo) é exercer uma função diferenciada. A gente tem ... é supostamente um poder muito grande, porque a gente lida com o conhecimento. Então... pra você quer direcionar isso pra quê? Esse poder que você tem? Aí eu boto o poder também entre aspas; você quer esse poder, direcionar esse poder pra quê? Não é? Enfim eu acho que essa resposta... num consigo dar com tanta firmeza não. Milhares de de coisas.</p>	<p>Questão 9.</p> <p>De acordo com a sua concepção, exponha o que seria necessário para ser professor hoje. Tem que ter propósito porque você vai entrar numa categoria que tá aí reivindicando um espaço de reconhecimento, então você tem que tá disposto a isso também. Eu acho que você tem que ter ideologia, é disposição realmente de abraçar a causa. Não se sacrificar pela causa. Mas de abraçar a causa. De ter um propósito.</p>	<p>Questão 9.</p> <p>Profissionalidade docente.</p>	<p>Questão 9.</p> <p>Ideologia.</p> <p>Propósito.</p> <p>Disposição para abraçar a causa.</p>	<p>Questão 9.</p> <p>Como atribuição principal para ser professor aponta propósito, ideologia e abraçar a causa da docência. Salienta que não deve-se sacrificar por ela.</p>

GRADE DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS – ENTREVISTADO 6

Unidade de Registro	Unidade de Significação	Categorias	Subcategorias	Comentários
<p>Questão 10.</p> <p>Descreva das atribuições exigidas aos professores, quais você considera como relevantes e justifique os motivos. Das atribuições para os professores? ... Olha... professor hoje em acaba sendo mil coisas.... né? Até muitas vezes, psicólogo, vezes às delegado pra resolver as broncas de...enfermeiro é ... enfim, mas a função pra mim do professor é estabelecer essa relação do aprender, do ensinar, do trocar. E eu acho que essa sem dúvida é a maior... a maior ... atribuição, vamos dizer assim, do educador.É estabelecer agora entenda essa relação, não de forma minimalista,mas sim uma ... relacionada num macro ambiente.Não é? Na relação do aprender, do ensinar, do trocar. Do vivenciar. De forma bem ampla, tá? E não restritiva da... da palavra.</p>	<p>Questão 10.</p> <p>Descreva das atribuições exigidas aos professores, quais você considera como relevantes e justifique os motivos. Professor hoje em acaba sendo mil coisas. Até muitas vezes, psicólogo, vezes as delegado pra resolver as broncas. Mas a função do professor é estabelecer essa relação do aprender, do ensinar, do trocar. E eu acho que essa sem dúvida é a maior atribuição do educador.</p>	<p>Questão 10.</p> <p>Atividades mais importantes dos professores.</p>	<p>Questão 10.</p> <p>Relacionar o aprender, o ensinar o trocar.</p>	<p>Questão 10.</p> <p>Critica as múltiplas atribuições exigidas aos professores e afirma como principal aspecto da responsabilidade do professor o posto de estabelecer a relação entre o aprender e o ensinar.</p>
<p>Questão 11.</p> <p>Qual a sua opinião sobre a possibilidade da criação de um código deontológico (ou código de ética) para a profissão? E quem deveria se responsabilizar por sua elaboração? Olha, eu acho que toda profissão tem, né o seu código de ética? Não? ...Bom aí eu não tô conseguindo opinar não; mas se por um acaso... é ... for estabelecido um código de ética que seja feita ... por quem tem condições de fazer; ou seja, os próprios professores. Não falo professor de gabinete, não. Professor de sala fechada, não. Professor mesmo. Do dia a dia. Professor, que entende a realidade do aluno, que... tá na linha de frente; enfim, agora eu acho que código de ética, eu num ... assim, eu não tenho uma opinião formada a respeito disso.Tipo, se é bom, se é ruim; se é positivo, se é negativo.Então é uma oportunidade pra eu pensar agora.</p>	<p>Questão 11.</p> <p>Qual a sua opinião sobre a possibilidade da criação de um código deontológico (ou código de ética) para a profissão? E quem deveria se responsabilizar por sua elaboração? Olha, eu acho que toda profissão tem, né o seu código de ética?É for estabelecido um código de ética que seja feita por quem tem condições de fazer; ou seja, os próprios professores. Não falo professor de gabinete, não. Professor, que entende a realidade do aluno, que tá na linha de frente.</p>	<p>Questão 11.</p> <p>Código deontológico.</p>	<p>Questão 11.</p> <p>Elaborado por professores práticos.</p>	<p>Questão 11.</p> <p>A entrevistada pensava que toda profissão tinha seu código de ética e afirma não ter uma opinião sobre os aspectos positivos ou negativos de sua existência; entretanto admitindo a possibilidade de sua criação, opinou que deveria ser preparado pelos professores em regência de classe, devido à familiaridade que possuem com a realidade escolar.</p>

GRADE DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS – ENTREVISTADO 6

Unidade de Registro	Unidade de Significação	Categorias	Subcategorias	Comentários
<p>Questão 12.</p> <p>Apresente sua avaliação a respeito da atribuição de responsabilidades aos professores sobre os problemas das escolas, da educação e da sociedade.</p> <p>Eu acho que professor tem uma carga muito grande. E essa carga não é nossa, não. Eu acho que vem pra pra gente...tanto, tanta responsabilidade sobre tantos aspectos que está relacionado a outros fatores, como família, como o próprio estado, que eu acho, que os professores estão, de fato, sobrecarregados. Me incluo nisso aí. A gente se sobrecarrega de ter que administrar questões sociais, que não estão relacionadas à educação, o tempo inteiro nas escolas. E eu acho que isso esgota, assim sobrecarrega, desestimula, não é? Porque eu acho interessante essa coisa de da escola ser responsável por tanta coisa, mas não ter o devido olhar, vamos dizer assim, do poder público e da sociedade pra escola. Não é? Então... Eu acho que o professor está sobrecarregado. Muito do que ele administra, organiza, pensa, refaz, repensa é... muitas vezes é, não é só do seu trabalho. É do seu trabalho, mas... também fazendo referência a outras situações, a outros contextos, que não seria da escola, assim propriamente dito. Mas faz parte, porque você tá tratando do humano como um todo. Mas não necessariamente... que seja de responsabilidade do professor. Não sei se eu tô me fazendo entender? Nesse sentido, né? Porque enfim, eu acho que... a carga é muito pesada (barulho de batidas do alunos vindo da sala do andar de cima) pra uma estrutura que a gente não tem e nem precisa ter. Porque a gente não vê, por exemplo, médico discutindo educação; mas na escola a gente lida com problemas de saúde o tempo inteiro. Assim, só fazendo uma referência, uma alusão.</p>	<p>Questão 12.</p> <p>Apresente sua avaliação a respeito da atribuição de responsabilidades aos professores sobre os problemas das escolas, da educação e da sociedade.</p> <p>Eu acho que professor tem uma carga muito grande. E essa carga não é nossa, não. Vem pra gente tanta responsabilidade sobre tantos aspectos que está relacionado a outros fatores, como família, como o próprio estado, que os professores estão, de fato, sobrecarregados. A gente se sobrecarrega de ter que administrar questões sociais, que não estão relacionadas à educação, o tempo inteiro nas escolas. Isso esgota, assim sobrecarrega, desestimula. Porque eu acho interessante da escola ser responsável por tanta coisa, mas não ter o devido olhar do poder público e da sociedade pra escola.</p>	<p>Questão 12.</p> <p>Culpabilidade e atribuída aos professores.</p>	<p>Questão 12.</p> <p>Professor sobrecarregado. Responsabilidades da família ou estado.</p>	<p>Questão 12</p> <p>Afirma que o professor tem uma carga de responsabilidade muito grande; mas que parte da responsabilidade a ele atribuída, pertence às famílias ou ao estado. Critica este equívoco e reafirma que a responsabilidade principal sobre os problemas é do poder público.</p>

GRADE DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS – ENTREVISTADO 6

Unidade de Registro	Unidade de Significação	Categorias	Subcategorias	Comentários
<p>Questão 13. Relate casos consigo de sentimentos negativos/problemas/doenças relacionados à sua experiência como professor/a. Eu passei muito tempo tomando antidepressivo. Com pouquíssimo tempo de, de educação e depois eu percebi que eu... não era a única pessoa, porque muitas pessoas tomam também o antidepressivo, o ansiolítico. É ... eu acho que é ... acho que o índice, vamos dizer assim, de professores com ... tendinite é um caso absurdo, porque ... a gente tem realmente aquela atividade repetitiva manhã, tarde e noite.... É... eu acho que os casos de doença,...de aspectos negativos envolvendo violência: agressão verbal, agressão física até...acho que são tantas...que eu não sei como é que eu vou listar isso não, Gilcéa, Como é que eu posso listar isso?(riso) É... olha, que eu tenho, que eu tenho consciência de stress, de...depressão, de problemas relacionados à coluna, tendinite é...enfim...é inclusive até essa síndrome é eu conheci a primeira pessoa que conversou comigo sobre essa, “bornô, bornô”, burnout...então, que às vezes você olha e não entende, né? É como funciona, por exemplo, essa síndrome. Como ela mexe com o ser humano. Como a pessoa está diagnosticada com essa síndrome; e de repente você se reconhece em alguns aspectos nela também. (A professora começa a falar rapidamente). Agora aquele caso de falar mal da profissão, de não querer sair de casa para vir pra escola, acha que tá faltando alguma coisa, que tá tudo errado, a sensação de não ter feito nada. Então, sei lá, eu acho que se brincar, enfim, se a gente for fazer uma análise profunda, acho que todo professor vai apresentar um aspecto desse; e o caso é sério.... É muito sério. (Risos)</p>	<p>Questão 13. Relate casos consigo de sentimentos negativos/problemas/doenças relacionados à sua experiência como professor/a. Eu passei muito tempo tomando antidepressivo. Com pouquíssimo tempo de educação e depois eu percebi que não era a única pessoa, porque muitas pessoas tomam também o antidepressivo, o ansiolítico. Acho que o índice de professores com tendinite é um caso absurdo, porque a gente tem realmente aquela atividade repetitiva manhã, tarde e noite. Os casos de doença, de aspectos negativos envolvendo violência: agressão verbal, agressão física até acho que são tantas que eu não sei como é que eu vou listar isso não. Inclusive até essa síndrome é eu conheci a primeira pessoa que conversou comigo sobre essa, “bornô, bornô”, burnout... Como a pessoa está diagnosticada com essa síndrome; e de repente você se reconhece em alguns aspectos nela também.</p>	<p>Questão 13. Crise profissional.</p>	<p>Questão 13. Tomar antidepressivo. Professores com tendinite . Síndrome de Burnout.</p>	<p>Questão 13. Esclarece que tomou antidepressivo por muito tempo. Revelou-se surpresa com o quantitativo de colegas de profissão que desenvolveram problemas de saúde física e mental relacionados ao trabalho.</p>

GRADE DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS – ENTREVISTADO 6

Unidade de Registro	Unidade de Significação	Categorias	Subcategorias	Comentários
<p>Questão 14.</p> <p>A categoria de professores atualmente sofre com o desprestígio social, social, baixo salários, entre outras coisas. De acordo com sua experiência, exponha de que fatores resultam a crise da profissão docente. Aí da vontade de ironizar. Pode também? Eu acho que a gente tem, a gente lida com a massa, a gente lida com o povo. Eu acho que o professor, ele também tem essa... é ... Tem o poder, vamos dizer assim, de disseminar ideias. E eu acho que a nossa profissão é desvalorizada, porque eu acho se ela fosse um pouco mais valorizada, as... essa massa seria mais... Enfim como é que eu posso usar essa palavra? Seria mais intelectualizada. É partir do momento que isso acontece,... eu acho que mexe um pouco com as estruturas políticas frágeis que a gente tem. A partir do momento que a população ela consegue ser facilmente manipulada, manipulada aí eu acho que mexe também com as estruturas. Então pra quê valorizar também esse profissional? Não é? ...Infelizmente. ... Então... a gente sofre muito com o descaso do governo seja ele municipal, estadual, federal, enfim ... Sofre com a falta de reconhecimento da sociedade, de fato, nesse sentido, porque em outro sentido sempre se responsabiliza a escola; sempre se joga pra escola os problemas pra serem resolvidos. Isso causa uma insatisfação muito grande com os profissionais, né? Alguns abandonam. Outros permanecem. Às vezes muitos permanecem; porém não fazendo um trabalho pleno; enfim até porque precisa se dedicar a várias escolas, a vários turnos de de trabalho... e tal.... Então enfim, eu acho que... na ... pode até ser um discurso ideológico clichê, mas eu acho que tem muito a ver</p>	<p>Questão 14.</p> <p>A categoria de professores atualmente sofre com o desprestígio social, social, baixo salários, entre outras coisas. De acordo com sua experiência, exponha de que fatores resultam a crise da profissão docente. A gente lida com a massa, a gente lida com o povo. Eu acho que o professor, também tem o poder de disseminar ideias. A nossa profissão é desvalorizada, porque se ela fosse um pouco mais valorizada, essa massa seria mais intelectualizada. A gente sofre muito com o descaso do governo seja ele municipal, estadual, federal. Sofre com a falta de reconhecimento da sociedade, de fato, nesse sentido, porque em outro sentido sempre se responsabiliza a escola; sempre se joga pra escola os problemas pra serem resolvidos. Isso causa uma insatisfação muito grande com os profissionais. Alguns abandonam. Outros permanecem. Às vezes muitos permanecem; porém não fazendo um trabalho pleno; até porque precisa se dedicar a várias escolas, a vários turnos de trabalho. Pode até ser um discurso ideológico clichê, mas tem</p>	<p>Questão 14.</p> <p>Crise profissional.</p>	<p>Questão 14.</p> <p>Lidar com a massa.</p> <p>Descaso dos governantes municipais, estaduais ou federais.</p>	<p>Questão 14.</p> <p>A crise da profissão, segundo a entrevistada, provém do fato de lidarem com a classe popular e poder disseminar ideias; consequentemente modificar o conceito de mundo. Isso não interessa a quem detém o poder.</p>

<p>com isso. Muito no que faz em prol da categoria... é porque a gente pode realmente assim ajudar, não definir; ajudar a modificar o conceito de mundo, não é? A gente lida com o conhecimento e o conhecimento, ele é muito importante. Ele é muito... o conhecimento, ele é maravilhoso!Você ter é consciência de si e do mundo onde você tá. E eu não falo do conhecimento de português, matemática, to falando somente isso, não... Tô falando do conhecimento de forma ampla. A gente quando trabalha com o outro, eu professora, quando eu trabalho o meu aluno, eu não quero que ele fique... que ele seja apenas contemplado com essas disciplinas, é encaixadinhas dentro de pe de um programa de escola não. Eu quero que ele seja um ser humano melhor. E ser um ser humano melhor, perpassa também por essa relação entre eu e o mundo. Entre a pessoa e o ambiente. Não é? E pronto. Acho que é isso. Não sei se atendeu Gilcéa, o que você precisa, mas você fazer entrevista ,de manhã (risos)... sem esperar (risos) e pronto. Ô Gilcéa,... Desliga aí.</p>	<p>muito a ver com isso.</p>			
---	------------------------------	--	--	--

GRADE DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS – ENTREVISTADO 7

Unidade de Registro	Unidade de Significação	Categorias	Subcategorias	Comentários
<p>Questão 1.</p> <p>De que maneira a atual e consumista sociedade, com sua mudança de paradigmas de comportamentos sociais, tão influenciadora do comportamento dos jovens, prejudica/afeta/atinge o seu trabalho? Então, mesmo trabalhando com a classe menos favorecida economicamente, né de menos acesso aos bens de consumo,... a gente vê esse anseio por roupas de marca ...o uso do celular é constante em sala de aula; que afeta a concentração deles. ... eles, eles... é às vezes não têm computador em casa; mas têm acesso a Lan House, dormem mais tarde e isso afeta na aprendizagem.O próprio relacionamento, a relação professor-aluno, que se deve um pouco a a ... que se deve a essa ordem social nova, né,também ... ele também sofreu muitas alterações, né mesmo nesses.... eu tenho dez anos só de experiência de ensino, então mesmo nesses dez anos eu vejo essa mudança de comportamento do aluno, relação do aluno-professor.</p>	<p>Questão 1.</p> <p>De que maneira a atual e consumista sociedade, com sua mudança de paradigmas de comportamentos sociais, tão influenciadora do comportamento dos jovens, prejudica/afeta/atinge o seu trabalho? A gente vê esse anseio por roupas de marca; o uso do celular é constante em sala de aula; que afeta a concentração deles. O próprio relacionamento, a relação professor-aluno, que se deve um pouco a essa ordem social nova, também sofreu muitas alterações,...</p>	<p>Questão 1.</p> <p>Pós-modernidade</p>	<p>Questão 1.</p> <p>Anseio por bens de consumo. Mudança na relação professor-aluno. Nova ordem social.</p>	<p>Questão 1.</p> <p>Afetam o seu trabalho o consumismo e a relação professor-aluno prejudicada pela nova ordem social estabelecida pela sociedade pós-moderna.</p>
<p>Questão 2.</p> <p>Explique por que se tornou professor/a. ... (Risos) Não sei (risos) Aconteceu. Eu acho que tem a ver. Não, não, nunca me vi em outra situação. Tem a ver com a família, eu sou de uma família de professores de português, né. E... aconteceu.Eu comecei a dar aula ... com com treze anos de idade, dava aula na igreja já assim. E sempre brinquei de dar aula; então foi uma coisa... eu sei que o povo combate muito essa história de dom, né? E eu acredito que a gente tem que estudar muito mesmo, tá, pra ser professor; mas tem alguma coisinha a mais... tem vocação.Tem que ter.E aconteceu.</p>	<p>Questão 2.</p> <p>Explique por que se tornou professor/a. Aconteceu. Tem a ver com a família, eu sou de uma família de professores de português. E eu acredito que a gente tem que estudar muito mesmo, pra ser professor; mas tem alguma coisinha a mais. Tem vocação. Tem que ter.</p>	<p>Questão 2.</p> <p>Motivo de escolha da profissão.</p>	<p>Questão 2.</p> <p>Influência familiar e vocação.</p>	<p>Questão 2.</p> <p>Sua identidade profissional construiu-se a partir da influência familiar e da sua vocação.</p>

GRADE DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS – ENTREVISTADO 7

Unidade de Registro	Unidade de Significação	Categorias	Subcategorias	Comentários
<p>Questão 3.</p> <p>Informe quais são as maiores dificuldades que você encontra para ser professor/a.</p> <p>Eu acho que passa pela formação da gente, né, porque como eu tava dizendo, não adianta só ter vocação. E a formação é... a minha formação foi muito falha. Eu fiz pouquíssimas cadeiras de ... didática, de ensino, de estágio. Então, eu sinto essa lacuna, na minha formação. A gente aprende mais os conteúdos da disciplina que a gente vai ... trabalhar, né? Do que a transposição didática... de como o aluno aprende ... então eu sinto falta disso. A questão salarial que, que a gente sabe, que é gritante, né? Principalmente na na rede pública de ensino. Então pra você ter um salário ou você abre mão de ter um salário decente, até pra pra sua formação, mesmo, pra ter tempo de estudo tá.... ou você trabalha dois, três horários. Que num é legal pra gente... além da questão da disciplina, eu acho tudo isso toca na formação do professor, sabe? Dele, dele não ter uma formação voltada para isso também né pra como agir em sala de aula... a gente vai aprendendo. A gente vai dando aula e vai... aprendendo, né?</p>	<p>Questão 3.</p> <p>Informe quais são as maiores dificuldades que você encontra para ser professor/a.</p> <p>A minha formação foi muito falha. Eu fiz pouquíssimas cadeiras de didática, de ensino, de estágio. Então, eu sinto essa lacuna, na minha formação. A gente aprende mais os conteúdos da disciplina que a gente vai trabalhar do que a transposição didática; de como o aluno aprende. Eu sinto falta disso. A questão salarial que, a gente sabe que é gritante.</p>	<p>Questão 3.</p> <p>Desafios da profissão.</p>	<p>Questão 3.</p> <p>Formação.</p> <p>Questão salarial.</p>	<p>Questão 3</p> <p>.</p> <p>Apresenta como maiores dificuldades para o exercício profissional o fato de ter tido uma formação acadêmica falha, especialmente no que se refere à transposição didática e a questão salarial</p>
<p>Questão 4.</p> <p>Defina o grau de importância do trabalho/docência na sua vida. Fazendo uma comparação com tudo o que eu sou? Eu como mãe, eu como, onde eu colocaria numa escala? Acho que taria em quarto lugar. Preciso explicitar? Eu acho que primeiro eu sou eu, Carol; professor é uma uma parte disso, né? Num consigo é dizer que em primeiro lugar eu sou professora. Porque antes eu sou mulher, eu sou mãe, eu sou amiga. Eu tenho outras coisas muito importantes na minha vida; e depois sou professora. Acho que se fosse qualquer profissão, eu não colocaria em primeiro lugar, não. Eu acho que não é a coisa mais importante da minha vida, não.</p>	<p>Questão 4.</p> <p>Defina o grau de importância do trabalho/docência na sua vida. Eu tenho outras coisas muito importantes na minha vida; e depois sou professora. Acho que se fosse qualquer profissão, eu não colocaria em primeiro lugar, não.</p>	<p>Questão 4.</p> <p>Importância do trabalho para o professor.</p>	<p>Questão 4. Quarto lugar.</p>	<p>Questão 4.</p> <p>Sua identidade profissional não ocupa lugar de destaque na sua vida. Quantificou-a em quarta colocação; depois de mulher, mãe, amiga.</p>

GRADE DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS – ENTREVISTADO 7

Unidade de Registro	Unidade de Significação	Categorias	Subcategorias	Comentários
<p>Questão 5. Explique o que o/a deixa mais satisfeito(a) na profissão e o que o/a deixa mais desmotivado(a) no trabalho como docente. Não tem coisa melhor do que ver o aluno avançar, né, aprender; tomar gosto pela leitura. Analisar um texto de forma crítica. Então, ver o avanço do aluno, ver o sucesso, agente acha, não sei se a gente acha inocentemente isso, mas a gente acha que tem um pouquinho da gente ali, né. Você vê um aluno na faculdade, por exemplo, e encontra com ele lá, você acha que você tem algo de seu ali, né? O que me deixa mais desmotivada é a desmotivação dos alunos. Entrar numa sala de aula e... e qualquer proposta que você lançar pra sala, desde a mais tradicional, a que você acha que é mais inovadora, e receber uma negação... Não tem coisa que desmotive mais do que... a desmotivação do aluno.</p>	<p>Questão 5. Explique o que o/a deixa mais satisfeito(a) na profissão e o que o/a deixa mais desmotivado(a) no trabalho como docente. Não tem coisa melhor do que ver o aluno avançar, aprender; tomar gosto pela leitura. Analisar um texto de forma crítica. Então, ver o avanço do aluno, ver o sucesso. Não tem coisa que desmotive mais do que a desmotivação do aluno.</p>	<p>Questão 5. Fatores que motivam e desmotivam o trabalho docente.</p>	<p>Questão 5. Ver progresso do aluno. Desmotivação do aluno.</p>	<p>Questão 5. Sua satisfação ou insatisfação profissional estão diretamente relacionadas ao fazer pedagógico: reside em constatar o progresso do aluno ou sua desmotivação, respectivamente.</p>

GRADE DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS – ENTREVISTADO 7

Unidade de Registro	Unidade de Significação	Categorias	Subcategorias	Comentários
<p>Questão 6. Informe como você avalia a responsabilidade profissional docente perante a sociedade. Eu acho que própria a sociedade cobra, cobra da gente também nisso, né. Apesar de não dar tanto respaldo, né nem, nem... financeiro, nem de prestígio social, que a gente não tem. A gente perdeu. Mas ainda cobra da gente essa imagem de quase que salvador da pátria, né? O professor como sendo um... um salvador da pátria assim. Eu acho que a gente contribui. Paulo Freire dizia que é... a educação não é responsável por toda a mudança social, mas que não existe mudança social que não passe pela educação. Eu acho que a gente contribui nesse sentido, né, de ... tentar promover uma leitura de mundo mais crítica do aluno ... é de preparar não só para o mercado de trabalho tal qual ele está, mais de olhar pra esse mercado de trabalho com o olhar crítico também. Eu acho que o papel da gente vai por aí. Não só de conformação,... com a realidade, né? ... Mas de ser um discurso meio do contra, da contra ideologia. Eu acredito que o papel do professor é esse, né, apesar de receber crítica até da mídia. Eu tenho lido muita coisa sobre isso assim, que as escolas se tornaram bandeiras ideológicas, esquecem de ensinar os conteúdos....É que eu acho que a gente não tem que ensinar só os conteúdos mesmo não e preparar para os exames não. Acho eu a gente tem esse meio papel mesmo de, de ..., de contra ideologia, né? Principalmente, porque a gente trabalha com uma classe social que é... é historicamente, né? Dominada, não tem voz a esse a acesso à voz, dar esse acesso à fala, dar acesso a esses bens que são simbólicos.</p>	<p>Questão 6. Informe como você avalia a responsabilidade profissional docente perante a sociedade. Eu acho que própria a sociedade cobra, cobra da gente também nisso, apesar de não dar tanto respaldo nem, nem financeiro, nem de prestígio social, que a gente não tem. O papel da gente vai por aí. Não só de conformação com a realidade, mas de ser um discurso meio do contra, da contra ideologia. Eu acredito que o papel do professor é esse, apesar de receber crítica até da mídia. A gente não tem que ensinar só os conteúdos mesmo não e preparar para os exames não. A gente tem esse meio papel mesmo de contra ideologia, principalmente, porque a gente trabalha com uma classe social que é historicamente dominada, não tem voz esse a acesso à voz, dar esse acesso à fala, dar acesso a esses bens que são simbólicos. Não só os bens materiais.</p>	<p>Questão 6. Responsabilidade social do professor.</p>	<p>Questão 6. Promover leitura mais crítica do aluno. Discurso de contra ideologia. Dar acesso à fala, dar acesso a bens simbólicos.</p>	<p>Questão 6. Afirma que o grau de importância do trabalho docente perante a sociedade é de exercer um papel de contraideologia de proporcionar acesso à voz e aos bens simbólicos à classe popular que é historicamente oprimida.</p>

GRADE DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS – ENTREVISTADO 7

Unidade de Registro	Unidade de Significação	Categorias	Subcategorias	Comentários
<p>Questão 7.</p> <p>Apresente sua opinião/avaliação sobre cursos de formação continuada para professores e explique como pensa que deveria ser a formação docente. A gente já passou por tanta coisa na rede que eu ensino, né... já passou ... desde professores universitários que trabalhavam muito teoria e pouco prática. Já passou por uma formação de... preencher folha de papel em branco. Só pra tapar buraco, né; de ficar trabalhando com blog.... o que e agora a gente tá vivendo um outro momento: Eu tenho expectativas boas, porque eu sempre tenho expectativas boas, né. Que é de uma atuação mais próxima à escola, né? Serem com professores da própria rede; que fazem plantões na escola... de saber qual que é a realidade do aluno e trabalhar com sequências didáticas; uma coisa muito prática. Eu acho importante a formação continuada; eu acho que deve ter um foco constante e eu não consigo perceber isso. Tem mudança de gestão aí tem mudança de de perspectiva de formação. Aí você passa por um monte de coisa. Você não consegue perceber ... uma coisa linear, né? Isso prejudica no avanço da própria rede, da escola e da formação da gente. Eu acho que muito também tem que ser da gente, do professor buscar a sua formação continuada, né? Essa autonomia às vezes é difícil, porque como eu estava dizendo, você abre mão de ter um salário mais digno pra estudar... ou ou ... você trabalha muito e não tem tempo pra sua formação.</p>	<p>Questão 7.</p> <p>Apresente sua opinião/avaliação sobre cursos de formação continuada para professores e explique como pensa que deveria ser a formação docente.</p> <p>Que é de uma atuação mais próxima à escola. Serem com professores da própria rede; que fazem plantões na escola de saber qual que é a realidade do aluno e trabalhar com sequências didáticas; uma coisa muito prática. Acho importante a formação continuada; acho que deve ter um foco constante e não consigo perceber isso. Muito também tem que ser da gente, do professor buscar a sua formação continuada. Essa autonomia às vezes é difícil, porque você abre mão de ter um salário mais digno pra estudar ou trabalha muito e não tem tempo pra sua formação.</p>	<p>Questão 7.</p> <p>Formação continuada.</p>	<p>Questão 7.</p> <p>Relevância da formação continuada. Considerar a realidade escolar.</p>	<p>Questão 7.</p> <p>Defende que os cursos de formação continuada devem ter uma atuação mais próxima da escola, ligada à realidade do aluno. Pontua a necessidade de cada professor buscar sua formação individual, embora não seja fácil pôr isso em prática.</p>

GRADE DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS – ENTREVISTADO 7

Unidade de Registro	Unidade de Significação	Categorias	Subcategorias	Comentários
<p>Questão 8. Explique de que forma você articula os conhecimentos adquiridos durante a sua formação docente à sua prática. Acho tão difícil fazer isso, porque eu acho vi isso tão pouco. Eu não tive uma cadeira de avaliação, por exemplo, né. Eu tive uma cadeira de didática tão superficial!... Eu lembro perfeitamente (ênfatizando essa palavra) da professora ... Dela trazendo alguns textos falando de umas coisas e depois ela avaliando a gente com o que ela tinha criticado com questões de a, b, c, d, e, que ela havia criticado antes. Então ...eu tive duas cadeiras que eu achei interessantes, que foram as de prática de ensino, né, a gente desenvolveu um plano, a partir de observação de sala de aula; foi orientado pela professora; acho que devia ter mais disso na formação; muito mais. ... A gente acha que sabe dar aula; mas, de fato, talvez a gente saiba dar aula pro aluno que quer aprender, pro aluno que tem plenas condições, que a gente visualiza como o aluno perfeito.Então pra pra esse aluno, especificamente, é... a gente consegue fazer um link, né? Com o que a gente aprendeu na faculdade. Porque é muito fácil ensinar pra quem quer aprender, pra... quem ... não vem sem muitas lacunas de aprendizagem.Mas pra esse aluno cheio de dificuldades, que é a nossa massa..., consigo fazer não. Se eu conseguisse, eles estavam tudo avançando, aprendendo bem muito. Consigo não (risos).</p>	<p>Questão 8. Explique de que forma você articula os conhecimentos adquiridos durante a sua formação docente à sua prática. Acho tão difícil fazer isso, porque eu acho vi isso tão pouco. Não tive uma cadeira de avaliação, por exemplo. Tive uma cadeira de didática tão superficial! É muito fácil ensinar pra quem quer aprender, pra quem não vem sem muitas lacunas de aprendizagem. Mas pra esse aluno cheio de dificuldades, que é a nossa massa, consigo fazer não. Se eu conseguisse, eles estavam tudo avançando, aprendendo bem muito. Consigo não.</p>	<p>Questão 8. Influência da formação prática pedagógica.</p>	<p>Questão 8. Dificuldade de articulação.</p>	<p>Questão 8. Considera tarefa difícil articular os conhecimentos adquiridos nas formações à prática, porque não teve disciplinas na sua formação, que lhes dessem suporte para isso.</p>

GRADE DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS – ENTREVISTADO 7

Unidade de Registro	Unidade de Significação	Categorias	Subcategorias	Comentários
<p>Questão 9.</p> <p>De acordo com a sua concepção, exponha o que seria necessário para ser professor hoje.</p> <p>Um monte de coisa. O povo fala de horário integral pros alunos, né? A gente precisa de dedicação exclusiva, a gente precisa de aprender a planejar; aprender a avaliar; precisa de uma formação continuada bem decente, nesse aspecto, né? De, de, de intervir mesmo na realidade da gente. A gente precisa de um salário mais digno. Não é não é uma... conversa de sindicato de cansado, não. A gente precisa mesmo. Até pra ter dedicação exclusiva; pra ter uma escola só, né? E por exemplo, dar aula pela manhã e à tarde planejar. Então a gente precisa de melhores condições de ensino; acho que passa por isso tudo. Passa por saber usar... espaços, porque às vezes a escola tem espaços diferentes de aprendizagem, mas a gente não sabe utilizar esses espaços diferentes. Então saber utilizar esses espaços. Acho um monte de coisas (falando baixinho).</p>	<p>Questão 9.</p> <p>De acordo com a sua concepção, exponha o que seria necessário para ser professor hoje.</p> <p>A gente precisa de dedicação exclusiva; precisa aprender a planejar; aprender a avaliar; precisa de uma formação continuada bem decente. A gente precisa de um salário mais digno. A gente precisa mesmo. Até pra ter dedicação exclusiva; Passa por saber usar espaços, porque às vezes a escola tem espaços diferentes de aprendizagem, mas a gente não sabe utilizar esses espaços diferentes.</p>	<p>Questão 9.</p> <p>Profissionalidade docente.</p>	<p>Questão 9.</p> <p>Dedicação exclusiva.</p> <p>Planejar.</p> <p>Avaliar.</p> <p>Boa formação.</p> <p>Salário digno.</p> <p>Explorar espaços oferecidos pela escola.</p>	<p>Questão 9.</p> <p>Avalia como aspectos necessários para ser professor: dedicação exclusiva, aprender a planejar, a avaliar, ter salário mais digno e saber usar diferentes espaços da escola.</p>
<p>Questão 10.</p> <p>Descreva das atribuições exigidas aos professores, quais você considera como relevantes e justifique os motivos.</p> <p>Planejar as aulas, eu acho que é importante. Às vezes a gente leva de bolo, né? (pigarreia). Planejar é importante, porque você tem que pensar a sua aula a partir da realidade da sua turma. E muitas vezes, a gente não planeja a aula, né? Muitas vezes a gente vai pelo que tá lá no livro didático ou pelo que já fez no ano passaaado. Avaliar. Eu acho que avaliar é uma outra coisa muito importante. Avaliar mesmo. Não só examinar; mas avaliar pra tomar decisões, pra rever o que você precisa né? Até a forma como você precisa ensinar (falando baixinho). Acho que essas são duas coisas muito importantes.</p>	<p>Questão 10.</p> <p>Descreva das atribuições exigidas aos professores, quais você considera como relevantes e justifique os motivos.</p> <p>Planejar as aulas, eu acho que é importante. Avaliar. Eu acho que avaliar é uma outra coisa muito importante.</p>	<p>Questão 10.</p> <p>Atividades mais importantes dos professores.</p>	<p>Questão 10.</p> <p>Planejar e avaliar aulas.</p>	<p>Questão 10.</p> <p>Dos aspectos da profissionalidade exigidos aos docentes classifica como importantes planejar aulas e avaliar; portanto atribuições intrinsecamente relacionadas à sala de aula.</p>

GRADE DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS – ENTREVISTADO 7

Unidade de Registro	Unidade de Significação	Categorias	Subcategorias	Comentários
<p>Questão 11.</p> <p>Qual a sua opinião sobre a possibilidade da criação de um código deontológico (ou código de ética) para a profissão? E quem deveria se responsabilizar por sua elaboração?</p> <p>(barulho da filha de dois anos da professora chamando por ela)... É... toda profissão ou muitas profissões têm um código de ética, né (ruídos de criança batendo à porta) eu acho importantíssimo (risos) agora quem vai criar esse código de ética? Acho que devia vir dos próprios profissionais docentes, né? ... Acho que não devia vir de cima, não. De algo, de uma entidade que baixasse, mais uma vez, dissesse o que é pra gente fazer. Acho que deveria vir de uma discussão entre os professores. Entre os sindicatos...; entre vários órgãos que estão envolvidos com a prática docente. Pra fazer esse, esse código de ética. Eu não tinha ouvido falar sobre isso; não.</p>	<p>Questão 11.</p> <p>Qual a sua opinião sobre a possibilidade da criação de um código deontológico (ou código de ética) para a profissão? E quem deveria se responsabilizar por sua elaboração? Acho que devia vir dos próprios profissionais docentes. Acho que deveria vir de uma discussão entre os professores. Entre os sindicatos entre vários órgãos que estão envolvidos com a prática docente.</p>	<p>Questão 11.</p> <p>Código deontológico.</p>	<p>Questão 11.</p> <p>Importantíssimo</p> <p>Profissionais docentes.</p> <p>Sindicatos.</p> <p>Órgãos representativos.</p>	<p>Questão 11.</p> <p>Afirma não ter ouvido falar em código de ética, mas defende que caso venha à prática sua existência, deve decorrer de uma discussão entre professores, sindicatos e órgãos ligados aos docentes.</p>
<p>Questão 12.</p> <p>Apresente sua avaliação a respeito da atribuição de responsabilidades aos professores sobre os problemas das escolas, da educação e da sociedade. Somos os salvadores e os grandes culpados pelo fracasso escolar, né? É esse o discurso da mídia; muito, muito claramente assim, sempre voltado pro professor. Só que a gente ensina dentro de um contexto social; dentro de um contexto político, econômico; né? Como é que a gente vai ser o salvador e o culpado? A gente faz parte do sucesso ou do fracasso, num tem como. Então esse discurso da mídia do professor como um grande ou o único, às vezes, o único... responsável pelo fracasso</p>	<p>Questão 12.</p> <p>Apresente sua avaliação a respeito da atribuição de responsabilidades aos professores sobre os problemas das escolas, da educação e da sociedade. Então esse discurso da mídia do professor como um grande ou o único, às vezes, o único responsável pelo fracasso escolar, acho que ele tá tão defasado já. E as</p>	<p>Questão 12.</p> <p>Culpabilidade atribuída aos professores.</p>	<p>Questão 12.</p> <p>Discurso midiático.</p> <p>Família, ambiente de letramento, contexto social, político, econômico.</p>	<p>Questão 12.</p> <p>Esclarece que é um discurso da mídia atribuir responsabilidades pelo sucesso ou fracasso da educação ao professor. Discorda dele e o considera defasado, defendendo que há outros corresponsáveis pelos problemas educativos.</p>

<p>escolar, acho que ele tá tão defasado já. Tão ... mas tá lá. E as pessoas acreditam. Faz parte do senso comum. Ele é reproduzido; ele é legitimado pelas estatísticas, né? É é tem muita coisa envolvida. A gente sabe disso. Tem a ver com a família. Com o ambiente de letramento, por exemplo. De alfabetização. As pesquisas mostram isso que a criança que tem um ambiente de letramento, ela tem muito mais chances de ser alfabetizada e letrada e de desenvolver esse letramento dela; mas não. O culpado é o professor, que não sabe ou que, que inova e vai inventar de usar uma técnica nova de alfabetização, que não sei o quê, né? Que devia e voltar pras anteriores; então... é ... eu me oponho a esse discurso do professor como o grande responsável ou pelo sucesso ou pelo fracasso escolar. Ele nem é o único responsável nem pelo sucesso nem pelo fracasso; por isso que eu disse que inocentemente a gente acha que tem algo da gente ali, né, quando o aluno tem sucesso. Porque tem algo da gente ; mas não somos os únicos responsáveis. Claro que não. O aluno é sujeito da aprendizagem dele e até para reconhecer e se tomar como sujeito da aprendizagem, tem uma série de fatores pra esse sujeitamento ou assujeitamento do aluno, né? Então.</p>	<p>pessoas acreditam. Faz parte do senso comum. Ele é reproduzido; ele é legitimado pelas estatísticas. Tem a ver com a família. Com o ambiente de letramento, por exemplo. De alfabetização. Ele nem é o único responsável nem pelo sucesso nem pelo fracasso.</p>			
--	---	--	--	--

GRADES DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS - ENTREVISTADO 7

Unidade de Registro	Unidade de Significação	Categorias	Subcategorias	Comentários
<p>Questão 13.</p> <p>Relate casos consigo de sentimentos negativos/problemas/doenças relacionados à sua experiência como professor/a. Nossa voz, por exemplo, né. Eu já tive problema de voz. E reduzi minha carga horária, porque não tava aguentando, né? Já tive dores de cabeça bem, bem fortes assim... Geralmente eu tenho no final de semestre. Antes de recesso, de férias. Já tive de adormecer, quando eu tava grávida dos meninos. De adormecer todo um lado. Então, dores, dores... as dorzinhas, né? Já tive também. De mão, de ombro, de articulação, né... Acho que essas são. Não tive pânico ainda não (risos) graças a Deus(risos).</p>	<p>Questão 13.</p> <p>Relate casos consigo de sentimentos negativos/problemas/doenças relacionados à sua experiência como professor/a. Nossa voz, por exemplo... Eu já tive problema de voz. E reduzi minha carga horária, porque não tava agüentando. Já tive dores de cabeça bem, bem fortes assim... Geralmente eu tenho no final de semestre. As dorzinhas. Já tive também. De mão, de ombro, de articulação. Não tive pânico ainda não.</p>	<p>Questão 13.</p> <p>Crise profissional.</p>	<p>Questão 13.</p> <p>Redução de carga horária.</p> <p>Problemas de saúde relacionados à profissão.</p>	<p>Questão 13.</p> <p>Explica que foi vitimada por problema de voz e teve que reduzir sua carga horária em face disso. Além de ter experimentado dores relacionadas à rotina intensa de trabalho: dores de cabeça (geralmente em final de semestre), de ombro, de articulação.</p>

GRADES DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS – ENTREVISTADO 7

Unidade de Registro	Unidade de Significação	Categorias	Subcategorias	Comentários
<p>Questão 14.</p> <p>A categoria de professores atualmente sofre com o desprestígio social, baixos salários, entre outras coisas. De acordo com sua experiência, exponha de que fatores resultam a crise da profissão docente. Pra que ter uma sociedade transformada? Quem é que quer isso? (barulho de criança gritando) Eu falei que , eu acho que eu já falei isso (choro de criança) eu acho que principal o papel do professor não é só transmitir conteúdo. Eu acho que esse olhar crítico sobre a realidade. Esse tentar uma contraideologia. Então pra quem interessa isso? Pra classe dominante não é, né. Pra quem tá... no no poder não é; então a gente é meio que a a contra-hegemonia. O contrapoder. É muito grande pra quem a gente tem que lutar pra ter valorização social, né? Quando a educação era só pras elites, a gente tinha prestígio social. A gente tinha bons salários. A gente eu digo, eu não vivi isso não. Digo a classe, a categoria. Quando se fala em educação popular, em educação pra todos, no país da gente, a gente pode perceber essa relação, né? A gente começa a sofrer o desprestígio social, o desprestígio é...financeiro, né? Então acho que tem muito, muito a ver com isso .A quem interessa que a classe popular tenha uma educação de qualidade?</p>	<p>Questão 14.</p> <p>A categoria de professores atualmente sofre com o desprestígio social, baixos salários, entre outras coisas. De acordo com sua experiência, exponha de que fatores resultam a crise da profissão docente. Pra que ter uma sociedade transformada? Quem é que quer isso? O papel do professor não é só transmitir conteúdo. Esse olhar crítico sobre a realidade. Esse tentar uma contraideologia. Então pra quem interessa isso? Pra classe dominante não é, né? A gente é meio que a contra-hegemonia. O contrapoder. É muito grande pra quem a gente tem que lutar pra ter valorização social. Quando a educação era só pras elites, a gente tinha prestígio social. Digo a classe, a categoria. Quando se fala em educação popular, em educação pra todos, no país da gente, a gente pode perceber; a gente começa a sofrer o desprestígio social, o desprestígio financeiro. A quem interessa que a classe popular tenha uma educação de qualidade?</p>	<p>Questão 14.</p> <p>Crise profissional.</p>	<p>Questão 14.</p> <p>Olhar crítico sobre a realidade.</p> <p>Contra-hegemonia.</p> <p>Contra poder.</p>	<p>Questão 14.</p> <p>A crise da profissão, segundo a entrevistada, resulta do desinteresse da classe política em valorizar o professor, devido ao poder que ele tem de conscientizar a classe popular. Questiona a quem interessa que a classe popular tenha uma educação de qualidade.</p>

GRADE DE ANÁLISE DA ENTREVISTA – ENTREVISTADO 8

Unidade de Registro	Unidade de Significação	Categorias	Subcategorias	Comentários
<p>Questão 1. De que maneira a tual e consumista sociedade, com sua mudança de paradigmas de comportamentos sociais, tão influenciadora do comportamento dos jovens, prejudica/afeta/atinge o seu trabalho? No sentido de... eles acharem que eles têm muitos direitos; em termos de de nós não podermos trabalhar de exercer, na verdade, o que o ensino prevalece; da liberdade de quê, de digamos assim, eles podem fazer o que quer em sala de aula e não é por aí. Então, a falta de respeito, a falta de... compreensão e a falta até mesmo de interesse dos alunos.</p>	<p>Questão 1. De que maneira a tual e consumista sociedade, com sua mudança de paradigmas de comportamentos sociais, tão influenciadora do comportamento dos jovens, prejudica/afeta/atinge o seu trabalho? Eles podem fazer o que quer em sala de aula e não é por aí. A falta de respeito, a falta de compreensão e a falta até mesmo de interesse dos alunos.</p>	<p>Questão 1. Pós-modernidad e</p>	<p>Questão 1. Excesso de direitos. Falta de interesse dos alunos.</p>	<p>Questão 1. A sociedade pós-moderna afeta seu trabalho devido ao excesso de liberdade existente e ao desrespeito praticado pelos jovens.</p>
<p>Questão 2. Explique por que se tornou professor/a. Não, primeiramente não era nem a questão de de querer ser professora; eu queria mesmo era a área de saúde; mas por adorar biologia, e... me identificar muito com essa disciplina, eu arrisquei em termos de fazer a licenciatura em ciências biológicas; e comecei a fazer, sem ao menos achar que futuramente eu seria uma professora e com o tempo eu fui, me assim, me identificando com com o curso; então foi aí que eu escolhi realmente em ser professora.</p>	<p>Questão 2. Explique por que se tornou professor/a. Não, primeiramente não era nem a questão de querer ser professora; eu queria mesmo era a área de saúde; mas por adorar biologia, comecei a fazer, sem ao menos achar que futuramente eu seria uma professora e com o tempo eu fui me identificando com com o curso; então foi aí que eu escolhi realmente em ser professora.</p>	<p>Questão 2. Motivo de escolha da profissão.</p>	<p>Questão 2. Gostar de biologia.</p>	<p>Questão 2. Sua escolha profissional surgiu por gostar de uma disciplina específica. Antes, entretanto, optara pela área de saúde. Com ao tempo, foi-se identificando com o curso de licenciatura e posteriormente, com a profissão.</p>

GRADE DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS – ENTREVISTADO 8

Unidade de Registro	Unidade de Significação	Categorias	Subcategorias	Cometrários
<p>Questão 3. Informe quais são as maiores dificuldades que você encontra para ser professor/a A dificuldade é... o desinteresse dos alunos. Atualmente o desinteresse dele é muito grande, em termos até da facilidade de aprovação; eles acharem que têm uma grande facilidade de serem aprovado participando ou não, lá na frente eles sabem que um dia vai ser aprovado. A gente não tem aquela coisa de autonomia de reprovação. É lógico que, a gente não vai ensinar para reprovar, mas é justamente isso, neles terem a certeza, que lá na frente, eles vão ser aprovados.</p>	<p>Questão 3. Informe quais são as maiores dificuldades que você encontra para ser professor/a. A dificuldade é o desinteresse dos alunos.</p>	<p>Questão 3. Desafios da profissão.</p>	<p>Questão 3. Desinteresse dos alunos.</p>	<p>Questão 3. Como maior dificuldade para exercer sua profissão, atribui o desinteresse dos jovens.</p>
<p>Questão 4. Defina o grau de importância do trabalho/docência na sua vida. Repete novamente. A importância é total na minha vida; porque eu me dedico literalmente à educação. Tudo que eu fa... tudo que eu faço, está voltado para a educação.</p>	<p>Questão 4. Defina o grau de importância do trabalho/docência na sua vida. A importância é total na minha vida; porque eu me dedico literalmente à educação. Tudo que eu faço, está voltado para a educação.</p>	<p>Questão 4. Importância do trabalho para o professor.</p>	<p>Questão 4. Importância total.</p>	<p>Questão 4. Sua identidade profissional representa grande importância na sua vida e afirma dedicar-se à educação em tudo o que faz.</p>

GRADES DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS – ENTREVISTADO 8

Unidade de Registro	Unidade de Significação	Categorias	Subcategorias	Comentários
<p>Questão 5. Explique o que o/a deixa mais satisfeito(a) na profissão e o que o/a deixa mais desmotivado(a) no trabalho como docente. O que me deixa satisfeita é que existe alunos interessados. E... eu verifico que a gente não deve também só colocar os pontos negativos na educação; deve também verificar os pontos positivos. Então, pra mim o que me deixa satisfeita é justamente o interesse de vários alunos em querer aprender. E isso me deixa satisfeito, quando quando eu obtenho os resultados positivos. E o negativo é justamente a falta de interesse de determinados alunos em achar que a o professor tá ali às vezes até ...achando banal a presença do professor em sala de aula.</p>	<p>Questão 5. Explique o que o/a deixa mais satisfeito(a) na profissão e o que o/a deixa mais desmotivado(a) no trabalho como docente. O que me deixa satisfeita é que existe alunos interessados. E o negativo é justamente a falta de interesse de determinados alunos em achar que o professor tá ali às vezes até achando banal a presença do professor em sala de aula.</p>	<p>Questão 5. Fatores que motivam e desmotivam o trabalho docente.</p>	<p>Questão 5. Existirem alunos interessados. Desinteresse de alguns alunos.</p>	<p>Questão 5. A satisfação profissional ocorre, porque existem alunos interessados; enquanto que a insatisfação existe pelo desinteresse de muitos alunos pelo trabalho realizado pelo professor.</p>
<p>Questão 6. Informe como você avalia a responsabilidade profissional docente perante a sociedade. A responsabilidade do professor ele é total, em termos de ele ser educador, na participação entre a esc a relação entre a escola e a família; então pra mim é fundamental a família tá junto, orientando, verificando; até mesmo o comportamento do aluno, porque às vezes o aluno está na sala de aula, ele reage de uma forma por problemas familiares; então se o aluno ele é rebelde... ele algum problema ele deve ter; então cabe ao professor verificar realmente que problema para justamente tomar as medidas cabíveis.</p>	<p>Questão 6. Informe como você avalia a responsabilidade profissional docente perante a sociedade. A responsabilidade do professor ele é total, em termos de ele ser educador, na participação, a relação entre a escola e a família.</p>	<p>Questão 6. Responsabilidade social do professor.</p>	<p>Questão 6. Total.</p>	<p>Questão 6. Considera a responsabilidade docente perante a comunidade é total, porque ele é educador.</p>

GRADE DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS – ENTREVISTADO 8

Unidade de Registro	Unidade de Significação	Categorias	Subcategorias	Comentários
<p>Questão 7.</p> <p>Apresente sua opinião/avaliação sobre cursos de formação continuada para professores e explique como pensa que deveria ser a formação docente. A formação docente deveria ser em termos de... da participação do professor. Porque quando a gente vai para uma formação, a gente só tá ali como ouvinte; então não é é como se fosse assim a gente tá ali só pra ouvir aquilo e como se fosse engolir aquilo, mastigar aquilo e aceitar aquilo. Então não é por aí é também ouvir o que o professor tem pra falar pra resolver, porque, nas formações que a gente vai , é... ela é muito assim, mastigada e como se colocasse na nossa boca pra gente engolir. Então a gente é obrigado a engolir certas coisas e não é por aí.</p>	<p>Questão 7.</p> <p>Apresente sua opinião/avaliação sobre cursos de formação continuada para professores e explique como pensa que deveria ser a formação docente. Porque quando a gente vai para uma formação, a gente só tá ali como ouvinte. Então é também ouvir o que o professor tem pra falar, pra resolver.</p>	<p>Questão 7.</p> <p>Formação continuada.</p>	<p>Questão 7.</p> <p>Proporcionar maior participação docente.</p>	<p>Questão 7.</p> <p>Crítica os cursos de formação, declarando que os professores participam deles apenas como ouvintes.</p>
<p>Questão 8.</p> <p>Explique de que forma você articula os conhecimentos adquiridos durante a sua formação à sua prática. Como é? Não entendi não. Repete, por favor. Certo. A aos conhecimentos adquiridos, eu coloco para os alunos na forma prática. Em termos deles terem assim, raciocínio lógico. Porque em determinados assuntos, eles não por não terem tido uma base no fundamental I. Então alunos que não sabe até mesmo contas de multiplicar, de subtrair; então eu faço com eles na pratica pra eles entenderem. Então eu faço com eles um raciocínio lógico pra eles observarem como eles devem trabalhar. Então a parti daí, quando eles vão tendo a prática, eu vou evoluindo o meu processo para que eles aprendam.</p>	<p>Questão 8.</p> <p>Explique de que forma você articula os conhecimentos adquiridos durante a sua formação à sua prática. Aos conhecimentos adquiridos, eu coloco para os alunos na forma prática.</p>	<p>Questão 8.</p> <p>Influência da formação na prática pedagógica.</p>	<p>Questão 8.</p> <p>Forma prática.</p>	<p>Questão 8.</p> <p>Estabelece a articulação entre a aprendizagem nas formações e a transposição dos conteúdos de maneira prática com seus alunos.</p>

GRADE DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS – ENTREVISTADO 8

Unidade de Registro	Unidade de Significação	Categorias	Subcategorias	Comentários
<p>Questão 9.</p> <p>De acordo com a sua concepção, exponha o que seria necessário para ser professor hoje.</p> <p>.Vocação, porque salários não é essas coisas... e querer até em termos de um futuro melhor, porque eu acho que pra você ser professor você tem que ter vocação, você tem que amar a profissão. Hoje é necessário amar o que faz, porque a gente vê tanta desmotivação como determinados professores que têm quinze, vinte anos, que eles estão assim... quando a gente entra, a gente já entra um pouco desacreditado. Então quando a gente entra, entra com todo o gás, entra querendo modificar e não é por aí. Mas a gente tem que fazer a nossa parte. Então fazer a nossa parte para um dia melhor.</p>	<p>Questão 9.</p> <p>De acordo com a sua concepção, exponha o que seria necessário para ser professor hoje.</p> <p>Vocação, porque salários, não é essas coisas. Porque a gente vê tanta desmotivação como determinados professores que têm quinze, vinte anos, quando a gente entra a gente já entra um pouco desacreditado.</p>	<p>Questão 9.</p> <p>Profissionalidade docente.</p>	<p>Questão 9.</p> <p>Vocação</p>	<p>Questão 9.</p> <p>Acerca da profissionalidade docente, afirma ser necessária a vocação para ser professor, porque se vê muita desmotivação por parte dos colegas que têm mais tempo de serviço.</p>
<p>Questão 10.</p> <p>Descreva das atribuições exigidas aos professores, quais você considera como relevantes e justifique os motivos. Uma das é o compromisso. O professor, ele tem que ter compromisso com a sua profissão. Ééé... o compromisso no sentido de cumprir com seus deveres, sabendo que tem os seus direitos, mas se conscientizar dos seus deveres como professor. Em que a gente vê muito que se acha assim em termos de muitos direitos, sabe? E se esquece dos seus deveres, das suas obrigações. Porque eu acho que qualquer profissão seja professor, seja... ou médico, seja ela qual for, merece verificar os deveres propriamente.</p>	<p>Questão 10.</p> <p>Descreva das atribuições exigidas aos professores, quais você considera como relevantes e justifique os motivos.</p> <p>Uma das é o compromisso. O professor, ele tem que ter compromisso com sua profissão. É o compromisso no sentido de cumprir com seus deveres como professor.</p>	<p>Questão 10.</p> <p>Atividades mais importantes dos professores</p>	<p>Questão 10.</p> <p>Compromisso. Cumprimento do dever.</p>	<p>Questão 10.</p> <p>Considera como atribuição mais relevante do professor o compromisso e a conscientização de seus deveres.</p>

GRADE DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS – ENTREVISTADO 9

Unidade de Registro	Unidade de Significação	Categorias	Subcategorias	Comentários
<p>Questão 11. Repete, por favor. Eu acho que... a própria secretaria de educação, em termos de ter pessoa responsável para criar esse código de ética. Porque a gente, apesar que a gente sabe das éticas que a gente deve ter, mas não é aquela coisa cobrada. Então eu acho que deveria ser mais rígido, em termos de o professor saber se ele está na profissão, ele tem que seguir a regra e eu acho isso fundamental.</p>	<p>Questão 11. Qual a sua opinião sobre a possibilidade da criação de um código deontológico (ou código de ética) para a profissão? E quem deveria se responsabilizar por sua elaboração? O professor, ele tem que ter compromisso com sua profissão. É o compromisso no sentido de cumprir com seus deveres, sabendo que tem os seus direitos, mas se conscientizar dos seus deveres como professor.</p>	<p>Questão 11. Código deontológico.</p>	<p>Questão 11. Um profissional da secretaria de educação.</p>	<p>Questão 12. Considera como atribuições mais relevantes do professor o compromisso e a conscientização de seus deveres.</p>
<p>Questão 12. Apresente sua avaliação a respeito da atribuição de responsabilidades aos professores sobre os problemas das escolas, da educação e da sociedade. Repete, por favor. Eu acho que o professor tem que atribuir em termos dele ser colaborador... em termos de como já falou, dos deveres das suas..., de você verificar suas atribuições, de... como eu posso falar? (Passa alguns segundos pensando) Hum... De ser uma pessoa assim, colaborador, mas no sentido de ser participativo... na escola. Em termos de não é só, porque a gente vê muito assim críticas, críticas e mais críticas, mas será que a escola ela só tem coisa ruim? Só tem coisas para reclamar? Então o professor Ele... às vezes exige, tem profissionais que criticam, mas também não buscam a solução. Só sabem criticar; então se você critica é porque você tem uma solução. Então por que você não diz as possíveis soluções para melhoria de determinadas escolas? Então eu acho que deve ter, deve ser por aí.</p>	<p>Questão 12. Apresente sua avaliação a respeito da atribuição de responsabilidades aos professores sobre os problemas das escolas, da educação e da sociedade. Ser colaborador. A gente vê muito críticas, críticas e mais críticas, mas será que a escola ela só tem coisa ruim? Só tem coisas para reclamar?</p>	<p>Questão 12. Culpabilidade de atribuída aos professores.</p>	<p>Questão 12. Soluções para as críticas.</p>	<p>Questão 12. Acerca da atribuição de responsabilidades às escolas e aos professores afirma ouvir muitas críticas e questiona se a escola só tem aspectos negativos. Sugere apontarem soluções para os problemas.</p>

GRADE DE ANÁLISE DA DISSERTAÇÃO – ENTREVISTADO 8

Unidade de Registro	Unidade de Significação	Categorias	Subcategorias	Comentários
<p>Questão 13.</p> <p>Relate casos consigo de sentimentos negativos/problemas/doenças relacionados à sua experiência como professor/a.</p> <p>Com. Repete, por favor. Do estresse. Em termos de você se dedicar, em assim, em temos de preparar uma aula, de verificar e não você ver interesse dos alunos em querer aprender. Então eu me sinto assim... stress , stressada ééé...de não ver o resultado e tentar melhorar.Às vezes eu penso que o problema sou eu, mas quando eu vejo que não é por aí, então eu tento melhorar e vou tentar modificar pra ver; então quando eu tento a segunda vez,aí eu já busco já um resultado melhor.</p>	<p>Questão 13</p> <p>Relate casos consigo de sentimentos negativos/problemas/doenças relacionados à sua experiência como professor/a.</p> <p>Do estresse. De você se dedicar, de preparar uma aula, de verificar e não você ver interesse dos alunos em querer aprender. Então eu me sinto assim, estressada de não ver o resultado e tentar melhorar.</p>	<p>Questão 13.</p> <p>Crise profissional.</p>	<p>Questão 13.</p> <p>Stress.</p>	<p>Questão 13.</p> <p>A entrevistada sente-se vítima de stress por investir no seu trabalho e conviver o desinteresse dos alunos.</p>
<p>Questão 14.</p> <p>A categoria de professores atualmente sofre com o desprestígio social, baixos salários, entre outras coisas. De acordo com sua experiência, exponha de que fatores resultam a crise da profissão docente. Pra que ter uma sociedade transformada?</p> <p>A crise está num... eu acho que é num... no salário propriamente, no reconhecimento do professor; porque eu vejo muito assim: toda profissão, ela tem que passar por um professor. Então é uma classe mal remunerada? É. Mas não é por ser mal remunerado, que o professor, ele vai trabalhar é... digamos assim, já que eu ganho pouco, eu vou trabalhar pouco.Não vou me esforçar.Então também não é por aí.Então se o pro... se você escolheu essa profissão, então você tem que abraçar essa profissão.Se quer algo melhor, então saia da profissão e vá buscar algo melhor.Não dizer porque eu ganho pouco, então eu vou trabalhar pouco, eu não vou me esforçar e problemas dos alunos.E eu não vejo</p>	<p>Questão 14.</p> <p>A categoria de professores atualmente sofre com o desprestígio social, baixos salários, entre outras coisas. De acordo com sua experiência, exponha de que fatores resultam a crise da profissão docente.</p> <p>A crise está no salário propriamente, no reconhecimento do professor; porque eu velo toda profissão tem que passar por um professor.</p>	<p>Questão 14.</p> <p>Categoria Crise</p>	<p>Questão 14.</p> <p>Reconhecimento da importância do professor.</p>	<p>Questão 14.</p> <p>Define que a crise está no reconhecimento do professor, embora não aponte de onde ela surgiu.</p>

isso daí e eu acho que aí é que vai ser o quê? Um mau profissional.Então um profissional de verdade, seja ele em qualquer profissão, professor ou outra, então ele tem que ser um bom profissional.Se ele escolheu aquela profissão, aí então ele vai ter que o quê? Se dar ao melhor.Então não é questão de baixos salários, que a gente vê que muita gente quer ser professor, no intuito de quê? De tentar melhorar a educação.				
--	--	--	--	--